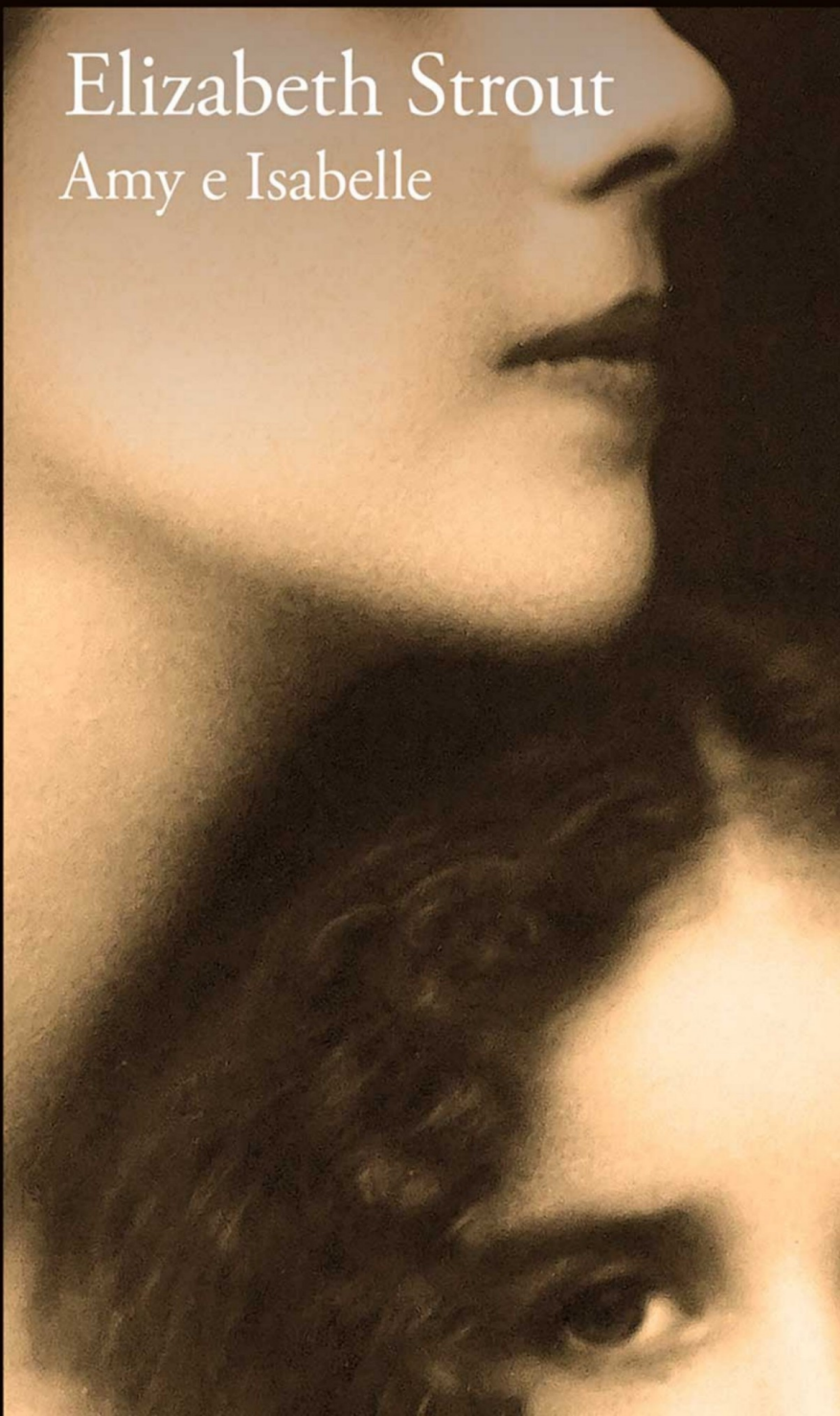


ALFAGUARA

Elizabeth Strout

Amy e Isabelle

Tradução de Eugénia Antunes



VISIT...

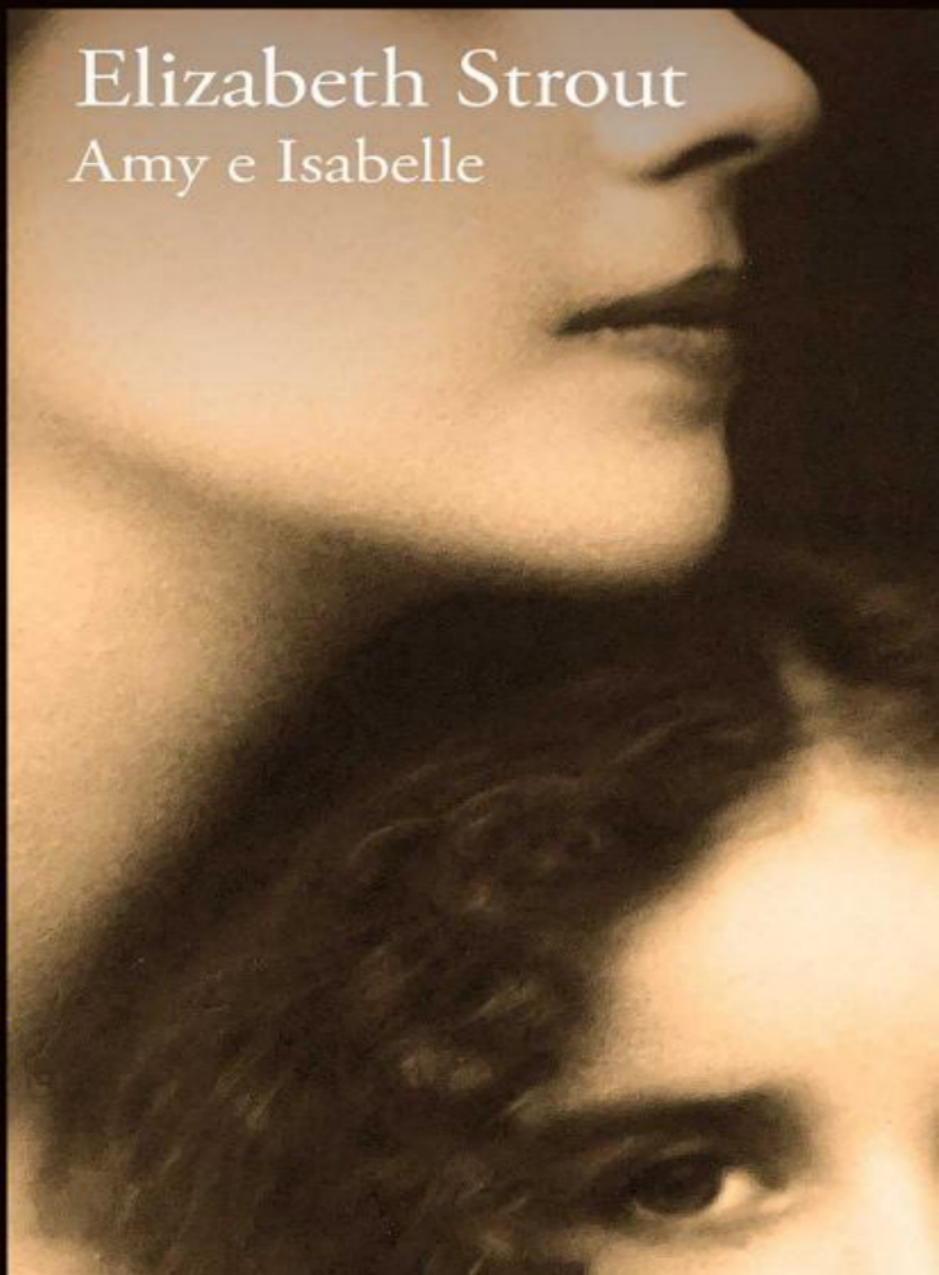
LANZAROTE
Caliente.COM

ALFAGUARA

Elizabeth Strout

Amy e Isabelle

Tradução de Eugénia Antunes



Elizabeth Strout

Amy e Isabelle

Tradução de Eugénia Antunes





Edição em formato digital: maio de 2024

AMY E ISABELLE

Título original: *Amy and Isabelle*

© 1998, Elizabeth Strout

Todos os direitos reservados

© desta edição:

2024, Penguin Random House Grupo Editorial, Unipessoal, Lda.

Esta edição foi publicada por acordo com Random House,

uma chancela e divisão de Penguin Random House LLC

Todos os direitos reservados, incluindo o direito de reproduzir a obra

no todo ou em parte, em qualquer formato

Proibida a venda no Brasil

Alfaguara é uma chancela de

Penguin Random House Grupo Editorial

Rua Alexandre Herculano, 50, 3.º, 1250-011 Lisboa, Portugal

correio@penguinrandomhouse.com

Penguin Random House Grupo Editorial, Unipessoal, Lda. apoia a proteção do *copyright*.
Este livro não pode ser reproduzido, no todo ou em parte, por qualquer processo mecânico,
fotográfico, eletrónico ou por meio de gravação, nem ser introduzido numa base de dados,
difundido ou de qualquer forma copiado para uso público ou privado, além do uso legal como
breve citação em artigos e críticas, sem a prévia autorização por escrito do editor.

Editora: Clara Capitão

Tradução: Eugénia Antunes

Revisão: Rita Almeida Simões

Capa: Duarte Lázaro

Imagem da capa © Suzy Hazelwood

ISBN: 978-989-787-960-9

Composição digital: M. I. Maquetación S.L.

Composição digital PRHGE: Luís Gomes

Site: penguinlivros.pt

Twitter: [@PenguinLivrosPT](https://twitter.com/PenguinLivrosPT)

Facebook: [alfaguaraportugal](https://www.facebook.com/alfaguaraportugal)

Instagram: [penguinlivros](https://www.instagram.com/penguinlivros)

Índice

Amy e Isabelle

Créditos

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Sobre este livro](#)

[Sobre a autora](#)

Marcas

[Capa](#)

[Índice](#)

[Início](#)

Fazia um calor de rachar no verão em que o professor Robertson deixou a cidade, e durante muito tempo o rio pareceu morto. Não mais de uma cobra inanimada e castanha que se espalmava ao comprido pelo centro da cidade, amontoando espuma amarelenta e emporcalhada ao longo das margens. Os estranhos que passavam na autoestrada fechavam os vidros ao cheiro nauseabundo e sulfúreo, espantados que alguém conseguisse viver com o fedor que emanava do rio e da fábrica. Mas as pessoas que residiam em Shirley Falls estavam habituadas a ele, e, apesar do calor intenso, só se notava ao acordar; não, o cheiro não as incomodava particularmente.

O que incomodava as pessoas naquele verão era que o céu nunca estivesse azul, que uma ligadura de gaze suja parecesse envolver a cidade, dispersando os raios de sol que pudessem penetrar, bloqueando o que dava às coisas a sua cor e concedendo a tudo uma presença vaga e insípida: foi isto que aborreceu as pessoas naquele verão, que as inquietou ao fim de um tempo. E houve mais: rio acima, as colheitas não corriam bem; o feijão-verde era pequeno e mirrava na planta, as cenouras não ultrapassavam o tamanho de um dedo de criança e, ao que tudo indicava, tinham sido avistados dois óvnis a norte do estado. Constava até que o governo mandara gente para investigar o sucedido.

No escritório da fábrica, onde um punhado de mulheres passava os dias a separar faturas, a arquivar cópias de documentos, a socar carimbos contra envelopes, houve conversas apreensivas durante uns tempos. Havia quem achasse que o mundo estava para acabar, e mesmo as que não iriam tão longe quanto isso se viram obrigadas a admitir que talvez não tivesse sido boa ideia mandar homens para o espaço, que, a bem dizer, não tínhamos nada que andar a dar passos na Lua.

Em todo o caso, o calor era implacável, as ventoinhas que zuniam nas janelas pareciam não surtir efeito, e, ao fim de um tempo, as mulheres, sentadas às espaçosas secretárias de madeira com as pernas

ligeiramente separadas, afastando o cabelo da nuca, perderam o fôlego. «Dá para acreditar nisto?» era, passado um tempo, a única coisa que diziam.

Um dia, o chefe, Avery Clark, mandara-as para casa mais cedo, mas seguiram-se dias ainda mais quentes sem que tal possibilidade fosse sequer aflorada, portanto, seria de prever que não voltasse a acontecer. Ao que tudo indicava, esperava-se que sofressem ali sentadas, e sofriam mesmo, uma vez que o escritório retinha o calor. Era uma divisão grande, com um pé-direito alto e chão de madeira rangente. As secretárias estavam dispostas aos pares, face a face, a todo o comprimento da divisão. Armários arquivadores de metal cobriam as paredes e sobre um deles havia um filodendro, com as gavinhas recolhidas e enroladas como um púcaro de argila feito por uma criança, se bem que alguns enfiços já se tivessem escapado e pendessem quase até ao chão. Era a única coisa verde no escritório. Uma *tradescantia* e umas poucas begónias abandonadas nos parapeitos das janelas estavam já castanhas e, ocasionalmente, o vento quente soprado por uma das ventoinhas fazia uma folha morta voar e cair ao chão.

No meio desta paisagem de lassidão, uma mulher destacava-se das restantes. Em abono da verdade, ela sentava-se à parte das demais. Chamava-se Isabelle Goodrow e, por ser secretária de Avery Clark, a sua mesa não fazia par com mais nenhuma. Em vez disso, estava de frente para o gabinete do próprio Avery Clark, uma estrutura canhestra de painéis de madeira e vidraças (aparentemente para que pudesse manter as suas trabalhadoras debaixo de olho, embora raras vezes levantasse os olhos da secretária) que era conhecida como «o aquário». Ser secretária do chefe concedia a Isabelle Goodrow um estatuto diferente do das outras mulheres, mas, de qualquer modo, ela era diferente. Por exemplo, vestia-se sempre impecavelmente; não obstante o calor, usava colãs. A um primeiro olhar, parecia bonita, mas, após um exame mais minucioso, percebia-se que não era caso para tanto, que a sua beleza não ia além do comum. O cabelo era decididamente comum: fino e castanho-escuro, apanhado atrás num puxo ou num torcido. O penteado fazia-a parecer mais velha, uma mulher antiquada e rígida, e os olhos escuros e pequenos davam-lhe uma expressão de surpresa constante.

Ao passo que as outras mulheres tendiam a suspirar muito, ou a fazer viagens frequentes à máquina dos refrigerantes, queixando-se de dores nas costas e dos pés inchados, e aconselhando-se a não tirarem os sapatos, pois nem dali a cem anos conseguiriam voltar a calçá-los, Isabelle Goodrow mantinha-se bastante quieta. Sentava-se à secretária

com os joelhos juntos e as costas direitas e datilografava a um ritmo constante. Tinha um pescoço um pouco fora do comum. Para uma mulher baixa, parecia excessivamente comprido, e assemelhava-se ao pescoço do cisne que naquele verão fora visto no rio moribundo, flutuando absolutamente imóvel junto às margens espumosas.

Ou, pelo menos, assim pensava a filha, Amy, rapariga que naquele verão tinha dezasseis anos e que há algum tempo sentia aversão ao pescoço da mãe (à mãe em geral, ponto final) e que nunca quisera saber do cisne para nada. Sob vários aspetos, Amy não se parecia com a mãe. Ao passo que o cabelo desta era baço e fino, o de Amy era espesso e alourado. Mesmo curto, como ela o usava então, por baixo das orelhas, notava-se que era mais saudável e forte. E Amy era alta. Tinha mãos grandes, pés compridos. Mas os olhos, maiores do que os da mãe, espelhavam com frequência a mesma expressão de surpresa, e esse ar de sobressalto tinha o condão de provocar algum desassossego na pessoa sobre a qual os olhos se fixavam. Se bem que Amy fosse tímida, e raras vezes fitasse quem quer que fosse durante muito tempo. Era mais propensa a deitar olhares rápidos às pessoas, antes de virar a cabeça. De qualquer modo, não sabia ao certo que impressão causava nos demais, se é que causava alguma, muito embora no passado se tivesse examinado bastante em qualquer espelho à mão de semear.

Naquele verão, porém, Amy não se olhava ao espelho. Evitava-os, na verdade. Também teria gostado de evitar a mãe, mas era impossível, já que trabalhavam juntas na fábrica. A mãe e Avery Clark tinham feito aquela combinação meses atrás, e ainda que devesse sentir-se grata pelo emprego, ou assim a mãe lhe dissera, isso não acontecia. O trabalho era muito entediante. Tinha de adicionar, numa máquina de somar, a última coluna de números das faturas cor de laranja empilhadas na sua secretária, e a única coisa boa era que, às vezes, a sua mente adormecia.

O verdadeiro problema, claro, era que ela e a mãe passavam o dia todo juntas. Amy tinha a sensação de que as ligava uma linha negra, uma linha não maior do que um risco feito a lápis, talvez, mas, ainda assim, uma linha omnipresente. Ainda que uma delas saísse da divisão, fosse à casa de banho ou ao dispensador de água no corredor, digamos, a linha negra não se quebrava, atravessava simplesmente a parede. Elas faziam o melhor que podiam. Ao menos, as suas secretárias estavam bastante afastadas e não de frente uma para a outra.

A um canto afastado, Amy sentava-se a uma mesa virada para Bev Gorda. Aquele era o lugar habitual de Dottie Brown, mas naquele

verão Dottie estava em casa a recuperar de uma histerectomia. Todas as manhãs, Amy via Bev Gorda deitar uma medida de fibra de psílio para uma embalagem de sumo de laranja e agitá-la com força.

— Sorte a tua — dizia Bev Gorda. — És jovem e saudável e tudo o resto. Aposto que nem sequer pensas nas tripas.

Constrangida, Amy, virava a cabeça.

Bev Gorda acendia sempre um cigarro depois de beber o sumo de laranja. Anos mais tarde, seria aprovada uma lei que a impediria de fazer tal coisa no local de trabalho — e, por essa altura, ela já teria mais cinco quilos e estaria reformada —, mas naquele tempo ainda podia inspirar com força e soprar o fumo com lentidão, até que apagava a beata no cinzeiro de vidro e dizia a Amy:

— Ah, assim sim, resultou. — E, piscando o olho a Amy, levantava-se da cadeira com afã e arrastava a sua corpulência para a casa de banho.

Era interessante, na verdade. Amy não sabia que os cigarros davam vontade de ir à casa de banho. Não acontecia quando ela e Stacy Burrows fumavam no bosque atrás da escola. E também não fazia ideia de que uma mulher adulta pudesse falar abertamente das suas tripas. Este facto em especial fez Amy dar-se conta de que ela e a mãe não viviam como as outras pessoas.

Bev Gorda voltava da casa de banho, acomodava-se na cadeira com um suspiro e depenicava pedaços minúsculos de algodão da enorme blusa sem mangas.

— Bom — dizia ela, e esticava o braço na direção do telefone, revelando a meia-lua de transpiração no tecido azul-bebé debaixo da axila —, é melhor dar uma ligadela à Dottie.

Bev Gorda telefonava a Dottie Brown todas as manhãs. Dessa feita, marcou o número com a ponta do lápis e segurou o auscultador entre o ombro e o pescoço.

— Ainda sangras? — perguntou, tamborilando a secretária com as unhas cor-de-rosa, que mais pareciam discos rosados incrustados na carne. Eram rosa-melancia; Bev mostrara o frasco do verniz a Amy. — Queres estabelecer um recorde ou assim? Não importa, não tenhas pressa em voltar. Ninguém sente minimamente a tua falta. — Bev Gorda pegou numa revista da Avon, abanou-se com ela e recostou-se na cadeira, o que a fez ranger. — A sério, Dot. É bem melhor olhar para a cara bonita da Amy Goodrow do que ouvir-te arengar o dia todo sobre as tuas cólicas. — Piscou o olho a Amy.

Amy desviou os olhos e continuou a inserir números na calculadora. Era simpático da parte de Bev Gorda dizer aquilo, mas claro que não era verdade. Bev Gorda sentia muitas saudades de Dottie. E porque

não havia de sentir? Eram amigas há uma eternidade, sentavam-se naquela sala há mais anos do que Amy tinha de vida, se bem que tal fosse inconcebível para ela. Além do mais, Bev Gorda adorava conversar. Ela mesma o confirmara: «Não consigo estar cinco minutos calada», dissera ela certa vez, e Amy, de olhos no relógio, comprovara que assim era. «Preciso de falar», explicou Bev Gorda. «É uma espécie de coisa física.» Dir-se-ia que tinha razão. Ao que parecia, a sua necessidade de falar era tão persistente como a de consumir rebuçados *Life Savers* e cigarros, e Amy, que adorava Bev Gorda, lamentava que a sua própria tendência para o silêncio se revelasse uma desilusão. Sem formular por completo o pensamento, culpava a mãe, que também não era uma pessoa particularmente faladora. Bastava olhar para ela, sentada a datilografar o dia todo, nunca se abeirando da secretária de ninguém para perguntar como estava ou se queixar do calor. Devia saber que a consideravam uma snobe. E, sendo filha dela, por certo que Amy estava na mesma categoria.

Bev Gorda, contudo, não parecia nem um pouco desiludida por partilhar o seu canto com Amy. Desligou o telefone, inclinou-se para a frente e disse a Amy, num tom confidencial, que a sogra de Dottie Brown era a mulher mais egoísta da cidade. Dottie tinha um desejo de comer salada de batata, o que era muito bom sinal, e quando o mencionara à sogra, que, como toda a gente sabia, fazia a melhor salada de batata das redondezas, Bea Brown sugerira que Dottie se levantasse da cama e fosse ela mesma descascar as batatas.

— Isso é horrível — comentou Amy, com sinceridade.

— Eu também acho. — Bev Gorda endireitou-se na cadeira e bocejou, dando palmadinhas na garganta sapuda enquanto os olhos se lhe enchiam de lágrimas. — Querida — disse ela, enquanto assentia com a cabeça —, casa-te com um homem cuja mãe já tenha morrido.

*

O refeitório da fábrica tinha um aspeto estafado e desleixado. Uma das paredes estava coberta de máquinas de venda automática e na outra havia um espelho rachado a todo o comprimento; o linóleo lascava-se das mesas, que eram afastadas ou juntas ao acaso à medida que as mulheres se acomodavam, dispunham os sacos de papel com o almoço, as latas de refrigerante e cinzeiros, e desembulhavam as sanduíches. Como acontecia todos os dias, Amy sentava-se longe do espelho rachado.

Sentada à mesma mesa, Isabelle abanou a cabeça ao ouvir a história da resposta cruel que Bea Brown dera a Dottie. Arlene Tucker disse que o mais certo era que a culpa fosse das hormonas, que, se olhassem

com atenção para o queixo de Bea Brown, veriam que ela tinha pelos e, na opinião dela, as mulheres assim tendiam a ter mau feitio. Rosie Tanguay alegou que o problema de Bea Brown era nunca ter trabalhado um único dia na vida, e depois disso as conversas dispersaram-se em pequenos grupos, com vozes desconexas que se sobrepunham. Risadas pontuavam uma história, exclamações chocadas acompanhavam outra.

Amy apreciava aquilo. Achava todas as conversas interessantes, inclusivamente a história do frigorífico avariado: dois litros de gelado de chocolate derretido no lava-louça, azedado e a feder na manhã seguinte. As vozes eram agradáveis e reconfortantes; em silêncio, Amy olhava para uma cara e logo para outra. Não era excluída das conversas, mas as mulheres tinham pejo, ou porventura falta de vontade, de a incluir. Amy podia assim distrair-se. Divertir-se-ia mais, claro, se a mãe não estivesse presente, mas o afável alvoroço do refeitório concedia a ambas um certo refrigério uma da outra, ainda que a linha negra continuasse a uni-las.

Bev Gorda pressionou um botão da máquina dos refrigerantes e uma lata de cola *Tab* caiu com estrépito na calha. Inclinou o seu enorme corpo para a recolher.

— Mais três semanas e a Dottie pode fazer sexo — disse ela. A linha negra retesou-se entre Amy e Isabelle. — Ela preferia que fossem mais três meses. — E nesse momento, a lata de cola foi aberta. — Mas imagino que o Wally comece a ficar irritadiço por andar à míngua.

Amy engoliu a côdea da sanduíche.

— Alguém lhe diga que Deus lhe deu duas mãos — comentou alguém, e houve gargalhadas.

O pulso de Amy acelerou, sobre o lábio superior formaram-se gotículas de transpiração.

— Uma pessoa seca depois de uma histerectomia, como sabem — disse Arlene Tucker, e fez um aceno sabichão com a cabeça.

— Eu não sabia.

— Porque não te tiraram os ovários. — Arlene assentiu outra vez. Era uma mulher firme e crente no que dizia. — No caso da Dot, retiraram tudo.

— Oh, a minha mãe deu em doida com os afrontamentos — disse alguém, e, por sorte, Amy sentiu o pulso desacelerar, a cara arrefecer, apesar do calor. A irritabilidade de Wally foi esquecida, a conversa centrou-se nos afrontamentos e nos ataques de choro.

Isabelle embrulhou o que restava da sua sanduíche e devolveu-a ao saco.

— Oh, credo, quem me dera. — Bev deu uma risada e o seu peito

volumoso subiu e desceu. — Para mim, nunca está calor a mais para comer.

Isabelle sorriu e tirou um batom da mala de mão.

Amy bocejou. De repente, sentia-se exausta; podia ter deitado a cabeça na mesa e adormecido.

— Querida, estou curiosa — dizia Bev Gorda. Acabara de acender um cigarro e olhava para Amy através do fumo. Beliscou uma fibra de tabaco do lábio e observou-a antes de a sacudir com um piparote.

— Que te levou a cortar o cabelo?

A linha negra vibrou e zuniu. Sem querer, Amy olhou para a mãe. Isabelle aplicava o batom com a ajuda de um espelho de mão e a cabeça ligeiramente inclinada para trás; a mão que segurava o batom deteve-se.

— Está giro — acrescentou Bev. — Muito giro. É só curiosidade, mais nada. Com um cabelo tão farto como o teu.

Amy virou a cabeça para a janela, tocando o lóbulo da orelha. As mulheres punham-se de pé, deitavam os sacos do almoço ao lixo, sacudiam as migalhas do peito e bocejavam com os punhos cerrados à frente da boca.

— E provavelmente até tens menos calor assim — disse Bev Gorda.

— Sim. Muito menos. — Amy olhou para Bev e depois desviou o olhar.

Bev Gorda suspirou de forma audível.

— Okay, Isabelle — disse ela. — Anda daí. De volta às minas de sal. Isabelle pressionava os lábios e fechava a carteira.

— Isso mesmo — concordou ela, sem olhar para Amy. — O trabalho não dá tréguas.

*

Mas Isabelle tinha a sua história, claro. E anos antes, quando aparecera na cidade e arrendara a velha casa dos Cranes, na Route 22, onde instalara os seus poucos pertences e a filha bebé (uma criança de ar sério e cabelo claro e encaracolado), despertara a curiosidade dos fiéis da igreja congregacional e também das mulheres às quais se juntara no escritório da fábrica.

A jovem Isabelle Goodrow não obsequiara aquela curiosidade, contudo. Disse apenas que o marido morrera, assim como os pais, e que descera o rio e se mudara para Shirley Falls para ter mais hipóteses de ganhar a vida. Ninguém sabia muito mais, na verdade. Umas quantas pessoas, porém, notaram que quando ela chegara à cidade tinha aliança de casamento e que ao fim de um tempo já não a usava.

Não fazia amigos, ao que parecia. Tão-pouco fazia inimigos, embora, sendo uma trabalhadora escrupulosa, tivesse conseguido uma série de promoções. Todas tinham sido acompanhadas de queixas murmuradas no escritório, sobretudo da última vez, em que ela subira muito acima das restantes ao tornar-se secretária pessoal de Avery Clark, mas ninguém lhe desejava mal. Trocavam-se piadas, comentários, atrás das costas dela, ocasionalmente, de que lhe faria bem uma boa cambalhota no feno para descontrair, mas tinham-se tornado mais raros com o passar dos anos. Entretanto, Isabelle já era uma veterana na cidade. O receio de Amy de que a mãe fosse vista como uma snobe não se justificava. Não deixava de ser verdade que as mulheres mexericavam umas sobre as outras, mas Amy era demasiado jovem para compreender que os laços quase familiares que as uniam se estendiam à sua mãe.

Ainda assim, ninguém afiançaria conhecer Isabelle. E é certo que ninguém teria adivinhado que a pobre comia naquela altura o pão que o diabo amassara. Se parecia mais magra do que o habitual, um pouco mais pálida também, era por causa do calor sufocante. Este era tanto que, mesmo naquele momento, estando o dia a acabar, emanava do alcatrão do parque de estacionamento que Amy e Isabelle atravessavam.

— Bom serão para vocês — gritou Bev Gorda, ao afundar-se no banco do seu carro.

No parapeito junto ao lava-louça, os gerânios luziam flores vermelho-vivas do tamanho de bolas de *softball*, mas havia mais duas folhas que tinham amarelado. Ao pousar as chaves na mesa, Isabelle apercebeu-se disso de imediato e foi arrancá-las. Se soubesse que o verão ia ser assim, não se teria maçado a comprar gerânios. Não teria enchido as floreiras das janelas da frente com petúnias lilases ou plantado tomates, calêndulas e balsamina no quintal das traseiras. Encarava o mais ligeiro emurchecimento como uma espécie de fatalidade. Palpou a terra do vaso com a ponta dos dedos e achou-a demasiado húmida, pois os gerânios precisavam de sol direto e não daquele calor húmido. Deitou as folhas no caixote do lixo por baixo do lava-louça e desviou-se para deixar Amy passar.

Era ela quem fazia o jantar, ultimamente. Nos velhos tempos — a expressão que Isabelle usava na sua cabeça para se referir à vida que tinham antes daquele verão — costumavam cozinhar à vez, mas, entretanto, a tarefa estava a cargo de Amy. Uma combinação tácita: o mínimo que Amy podia fazer era abrir uma lata de beterrabas e fritar uns hambúrgueres. Abria naquele momento os armários, sem pressa, e

espetava um dedo ocioso na carne dos hambúrgueres.

— Lava as mãos — instruiu Isabelle, e avançou na direção das escadas.

Mas o telefone, arrumado a um canto da bancada, começou a tocar e tanto Isabelle quanto Amy se alarmaram e encheram de esperança: às vezes, passavam-se dias inteiros sem que o aparelho desse um pio.

— Estou? — atendeu Amy, e Isabelle estacou com um pé no degrau. — Ah, olá. — Cobrindo o bocal com a mão e, sem olhar para a mãe, disse: — É para mim.

Isabelle subiu as escadas com lentidão.

— Sim — ouviu Amy dizer. E depois, mais baixo: — Como está o teu cão?

Isabelle avançou rumo ao quarto. Quem é que Amy conhecia que tivesse um cão? O quarto, encaixado sob o beiral, era sufocante àquela hora do dia, mas Isabelle fechou a porta, e com estrépito, para que Amy ouvisse: *Repara como te dou privacidade.*

E Amy, que enrolava o fio do telefone no braço, ouviu a porta fechar-se e entendeu a mensagem, mas sabia que a mãe só queria ficar bem-vista, marcar um ponto ou dois a seu favor.

— Não posso — disse Amy ao telefone, e pressionou a palma contra a carne dos hambúrgueres. E passado um instante: — Não, ainda não lhe disse.

Isabelle, encostada à porta do quarto, não diria estar a ouvir a conversa às escondidas. Antes que se sentia demasiado agitada para ir lavar a cara ou mudar de roupa enquanto Amy estava ao telefone. Só que Amy parecia não dizer grande coisa, e pouco depois Isabelle ouviu-a desligar. A seguir, o som de tachos e panelas chegou ao piso de cima e Isabelle entrou na casa de banho para tomar um duche, após o qual diria a sua oração e desceria para jantar.

Se bem que, na verdade, Isabelle estivesse a desanimar com aquela história das orações. Tinha perfeita consciência de que, com a mesma idade que ela, Cristo já caminhara bravamente para a cruz e lá permanecera, resignado, com vinagre nos lábios, tendo antes reunido coragem deambulando pelo meio de oliveiras. Ela, contudo, ali em Shirley Falls (se bem que tivesse sofrido uma traição semelhante à de Judas, às mãos da própria filha, pensou, enquanto polvilhava o peito com pó de talco), não tinha nenhum olival por perto, e ainda menos coragem. Talvez nem sequer tivesse fé. Duvidada até que Deus quisesse saber do apuro em que se encontrava. Era um sujeito esquivo, independentemente do que as pessoas dissessem.

A *Reader's Digest* afirmava que, com perseverança, a nossa competência para a oração melhorava, mas Isabelle interrogava-se se

a revista não teria tendência para simplificar as coisas. Gostara de artigos como «Sou o Cérebro do Joe» ou «Sou o Fígado do Joe», mas «Rezar: Prática e Serás Mestre», pensando bem, era um pouco corriqueiro.

Afinal de contas, tentara. Durante anos, tentara rezar, e tentaria uma vez mais naquele momento, deitada sobre a colcha branca, com a pele húmida do duche, os olhos fechados sob o teto baixo e branco, rezaria pelo Seu amor. Pedi, e ser-vos-á dado. Ora ali estava uma coisa complicada. Não queria pedir uma coisa errada, bater à porta errada. Não queria que Deus pensasse que era uma egoísta que pedia *coisas*, como os católicos faziam. O marido de Arlene Tucker tinha ido à missa com o propósito específico de rezar por um carro novo, e para Isabelle isso era escandaloso. Se quisesse ser específica, não pediria uma coisa tão vulgar como um carro, rezaria por um marido ou uma filha melhor. Só que não o faria, é claro. (*Por favor*, meu Deus, mandame um marido ou, ao menos, uma filha que eu consiga aguentar.) Não, em vez disso, deitar-se-ia sobre a colcha e rezaria apenas pelo amor e orientação divinos, e tentaria dar-Lhe a saber que estava disponível para aquelas coisas, caso Ele quisesse enviar-lhe um sinal. Mas, sob o calor do quarto exíguo, não sentiu nada a não ser uma nova camada de suor sobre o lábio e nas axilas. Estava cansada. O mais certo era que Deus também estivesse cansado. Sentou-se, vestiu o roupão de banho e desceu à cozinha para jantar com a filha.

Era difícil.

A maioria das vezes, evitavam olhar-se nos olhos, e Amy parecia não achar necessário assumir a responsabilidade de encetar uma conversa. *Esta desconhecida, minha filha*. Podia muito bem ser o título de um artigo na *Reader's Digest*, se é que não tinha já sido escrito, uma vez que soava conhecido a Isabelle. Bem, não pensaria mais, não *aguentava* pensar mais. Tateou a leiteira de porcelana *Belleek* à sua frente, na mesa, a delicada e reluzente leiteira que pertencera à mãe. Amy enchera-a com natas para o chá de Isabelle; Isabelle gostava de beber chá às refeições quando o tempo aquecia.

Incapaz de conter a sua curiosidade e dizendo a si mesma que, afinal de contas, tinha todo o direito de saber, Isabelle perguntou, por fim:

— Quem era ao telefone?

— A Stacy Burrows. — A resposta foi dada num tom categórico, mesmo antes de Amy ter levado à boca uma garfada de hambúrguer.

Isabelle cortou uma das beterrabas de conserva que tinha no prato, enquanto tentava recordar a cara da tal Stacy.

— Olhos azuis?

— Hã?

— Se é a rapariga dos olhos azuis grandes, ruiva?

— Acho que sim. — Amy franziu ligeiramente as sobrancelhas. Irritava-a a maneira como a cara da mãe se inclinava na extremidade do pescoço comprido, como uma espécie de cobra. E detestava o cheiro a pó de talco.

— Achas?

— Quero dizer, sim, é ela.

Ouvia-se o tilintar suave dos talheres contra os pratos; mãe e filha mastigavam tão silenciosamente que as suas bocas mal se moviam.

— Que faz o pai dela? — perguntou Isabelle, passado um momento.

— Está ligado à universidade, de alguma maneira? — Sabia com toda a certeza que não estava ligado à fábrica.

Com a boca cheia, Amy encolheu os ombros.

— Mmmnn-sei.

— Alguma ideia hás de ter do que o homem faz para ganhar a vida.

Amy bebeu um gole de leite e limpou a boca com as costas da mão.

— Por favor. — Repugnada, Isabelle baixou os olhos e Amy limpou dessa feita os lábios com o guardanapo.

— Ensina lá, acho eu — disse Amy.

— Ensina o quê.

— Psicologia. Acho eu.

Nada mais a dizer, quanto a isso. A ser verdade, significava apenas que o homem era maluco. E, nesse caso, Isabelle não entendia por que razão Amy precisava de escolher como amiga a filha de um homem louco. Imaginou-o de barba, e depois lembrou-se de que o professor Robertson, aquela pessoa horrorosa, também tinha barba, e o seu coração disparou de tal maneira que ficou quase esbaforida. O cheiro a talco chegou-lhe ao nariz.

— Que foi? — indagou Amy, que levantou a cabeça, embora a mantivesse inclinada sobre o prato, com a crosta da torrada, ensopada e ensanguentada, prestes a entrar-lhe na boca.

Isabelle abanou a cabeça e fixou o olhar na cortina branca que ondeava na janela. Era como um acidente de carro, pensou. Depois, uma pessoa não pára de repetir: se ao menos o camião já tivesse passado pelo cruzamento quando eu lá cheguei. Se ao menos o professor Robertson já tivesse passado pela cidade quando Amy entrou no liceu. Mas uma pessoa mete-se no carro, com a cabeça ocupada com outros assuntos, e, entretanto, o camião avança pela faixa de desaceleração, rumo à cidade, e nós rumamos igualmente à cidade. E então acontece e a vida nunca mais é a mesma.

Isabelle sacudiu as migalhas das pontas dos dedos. Já tinha

difficuldade em recordar como era a vida das duas antes daquele verão. Houvera angústias, disso Isabelle lembrava-se, sem dúvida. O dinheiro nunca chegava e os seus colãs pareciam ter sempre uma malha caída (Isabelle jamais usava meias com malhas caídas, exceto quando mentia e dizia que acabara de acontecer), e Amy tinha trabalhos escolares para entregar, um mapa ridículo qualquer em relevo que requeria argila e espuma e poliuretano, um projeto de costura para a aula de Economia Doméstica: essas coisas também custavam dinheiro. Naquele momento, porém, enquanto comia o hambúrguer e a torrada em frente à filha (essa desconhecida), com o nebuloso sol vespertino a bater no fogão e no chão da cozinha, Isabelle sentiu saudades desses tempos, do privilégio de se ralar com coisas mundanas.

Disse, porque o silêncio da refeição era opressivo, e porque, de certa forma, não se atrevia a voltar ao assunto Stacy:

— Aquela Bev. Fuma demasiado. E também come em demasia.

— Eu sei — respondeu Amy.

— Usa o guardanapo, por favor. — Não conseguia evitar: ver Amy lambendo *ketchup* dos dedos deixava-a quase colérica. Num piscar de olhos, a raiva inflamara-se e enchera a voz de Isabelle de frieza. Se bem que, em abono da verdade, talvez fosse mais do que frieza. Com toda a franqueza, na voz dela ressoara ódio. E, por isso, Isabelle odiou-se também. Retiraria o comentário, se pudesse, só que era tarde demais, e enquanto espetava o garfo numa rodela de beterraba, viu Amy alisar o guardanapo de papel com a palma e depositá-lo no prato.

— Mas é simpática — disse Amy. — Acho a Bev Gorda simpática.

— Ninguém disse que não era.

A tarde alongava-se interminavelmente à frente delas; o sol nevoento, esbatido, mal avançara pelo chão. Amy mantinha-se sentada, com as mãos no colo e o pescoço projetado para a frente como um daqueles cães risíveis que às vezes se viam nas chapeleiras dos carros e cujas cabeças balançavam para a frente e para trás quando o carro parava num stop. «Vá, senta-te *direita*», queria Isabelle dizer, mas, em vez disso, o que saiu com lassidão foi:

— Podes levantar-te. Eu lavo a louça hoje.

Amy pareceu hesitar.

Nos velhos tempos, nenhuma se levantaria da mesa até que a outra acabasse. Esse hábito, essa cortesia, remontava à infância de Amy, que desde sempre comera muito devagar, empoleirada numa cadeira sobre dois catálogos da Sears, com as pernas fininhas a pender. «Mamã», dizia ela, ansiosa, ao ver que Isabelle acabara de comer, «ficas sentada comigo?» E Isabelle fazia-lhe sempre a vontade. Muitas noites, Isabelle

estava cansada e agitada, e francamente teria preferido folhear uma revista para descontraír, ou, pelo menos, levantar-se da mesa e começar a tratar da louça. Apesar disso, não se atrevia a apressar a filha, não queria perturbar o seu pequeno trato digestivo. Aquele era o tempo que passavam juntas. Ficava sentada.

Nessa altura, deixava Amy em casa de Esther Hatch para ir trabalhar. Era uma casa pavorosa, a dos Hatches, uma granja degradada nos arrabaldes da cidade, cheia de bebés, gatos e cheiro a chichi de gato. Contudo, Isabelle não podia dar-se ao luxo de outra solução. Que havia de fazer? Detestava deixar Amy naquela casa, detestava que Amy nunca lhe dissesse adeus e entrasse e se dirigisse de imediato para a janela da frente, trepando o sofá para ver a mãe afastar-se no carro. Às vezes, Isabelle acenava-lhe adeus enquanto fazia marcha-atrás, sem olhar para a janela, porque não suportava aquela visão. Era como se tivesse qualquer coisa atravessada na garganta, quando via Amy à janela, com o seu rosto pálido, sem sorrir. Esther Hatch dizia que ela nunca chorava.

Mas houve um período em que Amy ficava simplesmente sentada numa cadeira, e Esther Hatch queixou-se de que isso lhe dava arrepios, que, se Amy não saísse da cadeira e corresse por ali como uma criança normal, não sabia se podia continuar a tomar conta dela. Isso fez Isabelle entrar em pânico. Foi à Woolworth's comprar uma boneca para Amy, uma coisa de plástico com cabelo prateado, áspero e encaracolado. A cabeça caiu-lhe passado pouco tempo, mas Amy pareceu adorá-la. Não tanto a boneca, mas antes a *cabeça* da boneca. Levava a cabeça para todo o lado e pintava-lhe os lábios de encarnado. E aparentemente deixou de cingir-se à cadeira, pois Esther Hatch nunca mais se queixou.

Mas, na altura, era óbvio por que motivo Isabelle ficava sentada à mesa da cozinha com Amy, todas as noites. «Cantamos a canção da aranhinha?», perguntava Amy, com a sua vozinha terna, apertando um feijão entre os dedos. E Isabelle, que horror, dizia que não. Respondia que não, que estava demasiado cansada. E Amy era tão querida, e ficava tão feliz por ter a mãe ali, à distância de um braço, do outro lado da mesa. Abanava as pernas com alegria, a sua boquinha rasgava-se num sorriso, com o qual mostrava os dentes minúsculos, semelhantes a seixos brancos nas gengivas rosadas.

Isabelle fechou os olhos ao sentir os primeiros sintomas de uma dor conhecida no meio do esterno. Mas tinha ficado sentada à mesa, não tinha? Fizera isso.

— Por favor — disse, então, ao abrir os olhos. — Podes-te levantar.

Amy pôs-se de pé e saiu da cozinha.

A cortina moveu-se outra vez. Era um bom sinal, se Isabelle tivesse conseguido vê-lo dessa maneira: o ar vespertino movia-se o suficiente para empurrar a cortina, uma brisa forte o bastante para adejar a cortina, que se projetava para longe do peitoril por um momento, como o vestido de uma mulher grávida, e depois, num ápice, voltava ao lugar, e algumas pregas ficavam a roçar a rede mosquiteira. Mas Isabelle não pensou que, ao menos, corria uma brisa. Pensou, isso sim, que as cortinas precisavam de ser lavadas, que há algum tempo que não lhes dava uma lavadela.

Perscrutando a cozinha, alegrou-a que ao menos as torneiras brilhassem e a bancada não parecesse ter manchas de desengordurante mal enxaguado, como era frequente acontecer. E havia a leiteira de porcelana *Belleek* que pertencera à sua mãe, aquele objeto delicado, fino e cintilante. Fora Amy quem a tirara do armário há uns meses e sugerira que a usassem ao jantar. «Era da tua mãe», dissera Amy, «e tu gostas tanto dela.» Isabelle acedera, mas agora, de repente, parecia-lhe perigoso; um objeto que tão facilmente podia ser derrubado por uma manga, um braço nu, e se estilhaçaria em mil pedaços no chão.

Isabelle levantou-se, embrulhou o que restava do seu hambúrguer em papel encerado e guardou-o no frigorífico. Lavou os pratos e a água manchada de vermelho das beterrabas tingiu o lava-louça branco. Só depois de os pratos estarem lavados, enxutos e arrumados é que lavou a leiteira de porcelana *Belleek*. Lavou-a com cuidado e limpou-a com cuidado, e depois guardou-a no fundo do armário, onde a vista não a alcançava.

OuvIU Amy sair do quarto e deslocar-se para o cimo das escadas. Quando Isabelle se preparava para dizer que já não queria usar a leiteira *Belleek*, objeto demasiado especial e propenso a acidentes, Amy disse, do cimo das escadas:

— Mãe, a Stacy está grávida. Só queria que soubesses.

O rio dividia a cidade em dois. A leste ficava a Main Street, uma rua agradável e espaçosa que descrevia uma curva a seguir à estação dos correios e à câmara municipal e desembocava num lugar onde o rio não chegava ao meio quilómetro de largura. Aí a rua dava lugar a uma ponte com um passeio amplo de cada lado. Quem a atravessasse a pé ou de carro, em direção a leste, e olhasse rio acima, veria as traseiras da fábrica e uma parte do seu ventre escuro, erigido sobre as lajes de granito que a água salpicava de espuma. À saída da ponte, havia um pequeno parque mesmo à beira do rio, e era ali que, no inverno, o Sol se punha com fulgor, produzindo faixas de um dourado rosáceo de um lado ao outro do horizonte e concedendo aos olmos despidos na margem um ar austero e escuro, animado. Mas já quase ninguém frequentava o parque, que, de qualquer maneira, não era nada de especial; tinha pouco mais que um baloiço partido e uns quantos bancos dispersos, vários com ripas em falta no assento. Viam-se por ali adolescentes, sobretudo, sentados muito tensos na beira dos bancos, de ombros curvados para combater o frio e as mãos em concha à volta dos cigarros; às vezes, ao lusco-fusco, um grupinho passava uma ganza de mão em mão, inalava e deitava olhares furtivos na direção de Mill Road.

Mill Road era o nome que a Main Street adquiria depois de atravessada a ponte, e embora Mill Road acabasse por levar à fábrica, primeiro serpeava por um conjunto de lojas que incluía um velho supermercado A&P com o chão coberto de serradura, uma loja de mobiliário com sofás desbotados na montra, uns quantos cafés e lojas de roupa e uma farmácia que durante anos tivera na vitrina uma violeta de plástico cheia de pó dentro de uma arrastadeira.

A fábrica ficava logo a seguir. Muito embora aquele fosse o troço mais desagradável do rio — revoltado, amarelento e espumoso — a fábrica, de tijolo encarnado, construída um século antes, mantinha uma certa elegância complacente no seu porte, como se há muito tivesse aceitado ser o centro daquela cidade. Para os trabalhadores

cujas famílias tinham emigrado do Canadá uma geração atrás, a fábrica era, de facto o centro da cidade e o centro das suas vidas; moravam ali perto, dispersos por bairros que se estendiam por ruas estreitas onde pequenas mercearias tinham nas montras anúncios a cerveja com luzes cintilantes azuis.

Aquela parte da cidade era conhecida como Basin, embora já ninguém se lembrasse porquê, e as casas ali tinham habitualmente um aspeto mais indisciplinado e eram maiores, com três pisos e um apartamento por andar, e um alpendre frontal a adernar. Mas também havia vivendas, pequenas e de ripas, com as portas das garagens sempre abertas a mostrar um aglomerado de pneus, bicicletas e canas de pesca. Várias delas estavam pintadas de turquesa ou lavanda, ou mesmo rosa, e podia até haver uma estátua da Virgem Maria no quintal da frente, ou uma banheira cheia de terra e petúnias, que no inverno se tornava um sereno outeiro nevado. No inverno, algumas pessoas punham renas ou anjos de plástico no meio da neve e decoravam-nos com luzinhas intermitentes. Um cão, acorrentado no quintal, ao frio, ladraria à rena a noite toda, mas não ocorria a ninguém telefonar ao dono do cão ou à polícia, como sem dúvida acontecia do outro lado do rio, onde as pessoas esperavam, ou exigiam, uma boa noite de sono.

Esse outro lado do rio, apelidado Oyster Point, era onde viviam os poucos médicos, dentistas e advogados de Shirley Falls. Ali ficava a escola pública e o instituto politécnico, construído há quinze anos junto à estrada que levava ao campo dos Larkindales, e a igreja congregacional também ali ficava, um edifício branco e simples, com um campanário igualmente branco e simples, muito diferente da enorme igreja católica, com as suas janelas de vitral, que se agigantava no alto da colina, em Basin. Tinha sido naquela margem protestante do rio, em Oyster Point, que Isabelle Goodrow escolhera, de maneira assaz deliberada, viver. Se tivesse sido obrigada, por qualquer motivo, a mudar-se para o piso de cima de uma casa cor de lavanda com uma Virgem Maria de olhar cego no quintal, recusaria. Teria simplesmente subido o rio e voltado para a cidade a que virara as costas. A sorte, que ao início ela tomara às vezes por Deus, encarregara-se, porém, de que a cocheira da antiga propriedade dos Cranes estivesse para arrendar, e havia sido para ali, as imediações de Oyster Point, à sombra das colinas arborizadas e dos campos ao longo da Route 22, que Isabelle levava a filha pequena para viver.

A casa, pequena e mal isolada, revelou-se quente no verão e fria no inverno, mas, tirando isso, satisfazia as necessidades delas. Construída na viragem do século como estábulo para um punhado de cavalos,

fora mais tarde convertida em residência para o caseiro, e depois dera-se o incêndio e a casa principal da propriedade ficara reduzida a escombros. Nunca se determinou com exatidão a causa do incêndio; uma falha elétrica, talvez. Contavam-se histórias de que uma amante do ilustre juiz Crane deitara fogo à casa, certa noite. Outra versão da mesma história afiançava que o próprio juiz o fizera depois de matar a mulher e de ter conduzido estrada afora com o cadáver, engalanado com um chapéu, sentado ao seu lado.

Ou uma coisa parecida, em todo o caso. O incidente dera-se há muito tempo e as pessoas já estavam fartas dele. Um sobrinho-neto (entretanto idoso) acabara por herdar a propriedade — os choupos jovens começavam a despontar — e a residência do caseiro. Arrendara-a a várias pessoas ao longo dos anos: um professor de Boston passou ali um verão a escrever um livro, e uma bibliotecária de cabelo curto partilhou a casa por um tempo com uma educadora de infância (o velho Sr. Crane, que nunca se sentira à vontade com elas, alegrou-se quando se foram embora). Uns quantos canadianos que desciam o rio tinham vivido ali enquanto trabalhavam na fábrica, contudo o Sr. Crane não gostava nada de arrendar a casa a operários da fábrica e, por isso, a casa passava temporadas vazia.

Assim se encontrava quando Isabelle Goodrow fez a sua viagem inaugural e cautelosa a Shirley Falls, para explorar a possibilidade de ali criar a filha, e de encontrar um marido, que era, na verdade, o seu objetivo. De imediato, a casinha branca pareceu-lhe uma «residência temporária» perfeita. Foi esta a expressão exata que usou naquele dia perante o Sr. Crane que, de pé na sala de estar, com as mãos enfiadas nos bolsos, assentira a cabeça calva e manchada da idade. Oferecera-se para pintar as paredes e permitira que ela escolhesse a cor. Ela optou por um bege pálido e acetinado, atraída pelo rótulo da lata na loja de ferragens: Portas do Céu. Ela mesma costurara as cortinas que ainda pendiam das janelas, plantara uma horta no quintal das traseiras e enchera as floreiras das janelas com petúnias violeta e gerânios rosa, para satisfação do velho Sr. Crane. Por várias vezes, ele propusera-lhe que comprasse a casa a bom preço, mas Isabelle, embora tivesse um pequeno pé de meia que a mãe lhe deixara, dissera sempre que não. Era uma residência temporária.

Só que, pelos vistos, não era; já viviam ali há catorze anos. Semelhante pensamento tinha o condão de deixar Isabelle doente, como se tivesse bebido água estagnada de um charco. A sua vida seguia inevitavelmente em frente, contudo sentia-se tão radicada ali como um pássaro pousado numa vedação. E um belo dia talvez se viesse a achar sem a vedação sequer, já que presumivelmente, um dia,

o Sr. Crane iria desta para melhor. Não lhe ocorrera uma maneira cortês de lhe perguntar o que sucederia nesse caso ao contrato de arrendamento. Mas não suportava a ideia de comprar a casa, não suportava parar de pensar que a sua vida real decorreria noutro lugar qualquer.

Entretanto, sem um sótão ou uma cave, a casa era insuportavelmente quente no verão, e aquele verão parecia o pior de todos. Não havia como escapar ao calor ou como escaparem uma à outra. Nem os dois quartos, sob os beirais, proporcionavam grande privacidade, separados como estavam por apenas uma fina parede de pladur. Isabelle, receosa de que uma falha elétrica causasse um incêndio, não queria as ventoinhas ligadas enquanto dormiam, por isso, as noites quentes eram silenciosas e indolentes; através do tabique conseguiam ouvir-se uma à outra às voltas na cama.

Naquela noite, Amy, deitada na cama de *T-shirt* e cuecas, com uma perna nua a pender da cama, ouviu a mãe dar um peido: um ruído breve, seco, como se a mãe tivesse tentado ser educada. Amy passou a mão pela cara e revirou os olhos na escuridão. Ao recolher ao quarto, depois do jantar, tirara um pequeno diário da gaveta da escrivaninha, um presente da mãe no último Natal, e escrevera: «Mais um dia maravilhoso chegou ao fim.» A mãe iria lê-lo, é claro. Desde o início que o fazia. Ao abrir o embrulho, no dia de Natal, Amy soubera de imediato que seria assim.

— Achei que estavas na idade de gostar de uma coisa destas — dissera a mãe. E, no fugaz momento em que evitaram o olhar uma da outra, a verdade transpareceu.

— Adoro — respondera Amy. — Muito obrigada.

Portanto, fora cuidadosa desde esse dia. Escrevia: «Hoje diverti-me com a Stacy», querendo dizer que tinham fumado dois cigarros cada atrás da escola. Naquele verão, porém, ganhara o hábito de rabiscar a mesma linha todas as noites, agarrando a caneta com raiva: «Mais um dia maravilhoso chegou ao fim.» A mesma frase treze vezes, escrita com esmero por baixo da data. Naquela noite, pousou o diário no chão, ao lado da cama, e recostou-se; mas ao ouvir a porta do último armário fechar, sabendo que a mãe iria de seguida para a sala de estar e folhearia a *Reader's Digest* enquanto balouçava o pé, sentindo a linha negra ainda, e sempre, entre elas, estendendo-se da sua cama diretamente até à mãe no piso de baixo, Amy levantara-se de repente e gritara do cimo das escadas: «Mãe, a Stacy está grávida. Só queria que soubesses.»

E pronto. Fizera isso.

E, entretanto, anoitecera e a mãe dera um peido, e nenhuma delas

tinha para onde ir. Restava-lhes dormir e, com aquele calor, isso não aconteceria tão cedo. Amy contemplou o teto. A luz do alpendre, que à noite ficava acesa, entrava pela janela e Amy conseguia entrever a mancha turva por cima dela, do tamanho de um prato. Não era mais do que uma sequela dos nevões que no inverno anterior tinham derretido no telhado (embora, que catástrofe aquilo fora: «Oh, *raios partam*», dissera Isabelle, na soleira do quarto de Amy, nessa noite. «Oh, raios partam, raios partam e *raios partam*», como se aquela visão fosse a sua desgraça).

Para Amy, contudo, a mancha era um lembrete, uma espécie de amiga dolorosa, porque, na memória de Amy, aquela mancha aparecera no inverno passado, em janeiro, a noite antes de ter conhecido o professor Robertson.

Nunca gostara de ir à escola, de tentar posicionar-se no meio do plâncton de corpos que flutuavam em redor. Sabia, porém, que não era uma daquelas aves raras que dão nas vistas, embora, anos antes, quando a puberdade tivera a audácia de a acometer mais cedo do que às amigas, tivesse temido que assim fosse. Em vez disso, passava benignamente despercebida, não fosse a sua insólita amizade com Stacy Burrows, que pertencia ao grupo das raparigas populares e que a apresentara um dia de outono ao seu primeiro cigarro e, pelos vistos, continuava empenhada nas escapadelas de ambas à hora do almoço, que para Amy constituíam, o mais das vezes, o momento mais feliz do dia. Quando se deslocava pelos corredores, escondia a cara atrás da cabeleira comprida, loura e encaracolada, que parecia o seu único ponto forte; até as miúdas populares comentavam às vezes na casa de banho: «Meu Deus, Amy, a inveja que eu tenho desse cabelo.» Levava uma vida apagada, contudo, e experimentava muitas vezes um sentimento de vergonha vago e inexplicável.

Assim, naquele dia de janeiro, enquanto o faz-tudo do velho Sr. Crane tirava à pazada a neve do telhado da antiga cocheira, Amy entrara na aula de Matemática à espera de que nada de interesse acontecesse. Odiava a matemática e odiava a professora Dayble. Toda a gente a detestava. A professora Dayble era velha e vivia com o irmão, igualmente velho, e há anos que os alunos faziam piadas sobre a *Dayble Desbotada* dormir com o irmão, um pensamento espetacularmente horrendo. A mulher sofria de uma caspa terrível e o escalpe rosado, luzente como uma ferida, era visível em alguns pontos da cabeça. Usava blusas de mangas cavas, mesmo no inverno, por isso, de cada vez que levantava o braço para escrever no quadro, exibia um emaranhado de pelos grisalhos dos quais pendiam bolinhas de

desodorizante seco.

Só que a professora Dayble não estava lá. Naquele dia de janeiro, em frente ao quadro estava um homem. Era baixo, tinha cabelo encaracolado da cor do melaço e uma barba farta que lhe tapava a boca por completo. Através dos óculos de armação castanha, puxando ligeiramente a barba, observava os alunos enquanto entravam. A surpresa que a visão daquele homem constituiu fez com que Amy se sentisse, por um momento, parte do grupo, e trocou um olhar com Karen Keane, uma das miúdas populares. Os alunos tomaram os seus lugares com um comedimento invulgar. Sem a presença da professora Dayble, a sala adquirira uma atmosfera diferente; o quadro, verde e amplo, parecia mais austero, o relógio por cima da porta marcava as dez e vinte e dois. Pendia sobre a sala um sentimento coletivo de expectativa. Elsie Baxter tropeçou na cadeira e deu uma risadinha apalermada, mas isso já era de esperar nela, e a expressão do homem não se alterou. Esperou um longo momento antes de dizer:

— Chamo-me Thomas Robertson.

Nunca ninguém o vira.

Inclinando-se ligeiramente para a frente, com as mãos cruzadas atrás das costas, acrescentou, num tom cordial:

— E estarei com vocês até ao fim do ano.

No fundo da mente, Amy pressentiu uma mudança vasta e silenciosa na sua vida; e interrogou-se que idade teria aquele homem. Não se podia dizer que fosse jovem, mas também não era propriamente *velho*. Portanto, uns quarenta anos, talvez.

— Escutem, antes de começarmos — disse o professor Robertson, em voz baixa e grave (tinha uma voz maravilhosa, na verdade, composta por tons diferentes que vibravam em uníssono), caminhando de um lado para o outro em frente ao quadro, de olhos postos no chão e as mãos ainda atrás das costas. — Gostava... — Parou para contemplar a turma. — Gostava de saber de vocês. — A boca rosada assomava por entre os pelos castanhos e encaracolados da barba e, com um sorriso, mostrou por um instante os dentes amarelos e grandes e algumas rugas de expressão no canto dos olhos. — Era isso que eu gostava. De saber de vocês. — Baixou as pálpebras, como que para realçar aquele ponto em especial.

— Saber o quê. — Elsie Baxter nem se deu ao trabalho de levantar a mão.

— Quem vocês são, como se veem. — O professor Robertson dirigiu-se para uma secretária vazia e sentou-se no tampo, com os pés apoiados na cadeira que lhe estava apensa. — Antes de irmos aos números — e pronunciou a palavra «números» com um sotaque do

Massachusetts —, gostava de saber como se veem daqui a dez anos. — Arqueou as sobrançelas com ar caloroso e varreu a turma com os olhos, cruzando os braços e esfregando as mãos nas mangas do casaco. — Portanto, pensem nisso. Como é que se imaginam daqui a uma década?

Nenhum professor alguma vez lhes perguntara tal coisa, e alguns alunos mexeram-se nas cadeiras com um prazer nervoso, ao passo que outros se mantiveram imóveis, a refletir na pergunta. Lá fora, o céu de inverno parecia distante, remoto, e a sala um lugar importante ao qual o chão de madeira encerada concedia substancialidade e o cheiro a giz e a corpos transpirados emprestava um toque de animação, de promessa.

— Que aconteceu à professora Dayble? — perguntou Elsie Baxter, de repente, e uma vez mais sem levantar o braço.

O professor Robertson fez que sim com a cabeça.

— Ah, pois — disse ele. — É claro que querem saber.

Amy, que não se mexera desde que tomara o seu lugar, pousou as mãos no colo e interrogou-se se a idosa falecera; se assim fosse, não sentiria muita pena.

Mas não fora o caso. A professora Dayble tinha caído pela escada da cave e aparentemente partira a cabeça. Encontrava-se no hospital, em situação estável, mas a fratura ia demorar muito tempo a sarar.

— Se alguém lhe quiser enviar um postal, tenho a certeza de que ela ficaria contente — disse o professor.

Ninguém queria. Mas a preocupação implícita na maneira como o professor Robertson arqueou e uniu as sobrançelas ao dizer aquilo fez com que os alunos que facilmente teriam feito um comentário trocista sobre o que gostariam de enviar à professora Dayble se refreassem.

De olhos postos no chão, o professor manteve o silêncio por mais um instante, como se o sucedido à professora Dayble exigisse uma pausa respeitosa, e depois, encarando então a turma, disse:

— Gostava que me falassem de vocês.

Flip Rawley, popular, giro, com ar de bom rapaz, levantou a mão meio a medo. Clareou a garganta e anunciou:

— Gostava de ser jogador profissional de basquetebol.

— Maravilhoso. — O professor Robertson aplaudiu uma vez. — Um jogo lindo. Quase como um bailado, diria eu... como uma dança magnífica.

Amy deitou uma vista de olhos a Flip para ver como ele encarara a ideia do bailado, mas Flip assentia com a cabeça. O professor Robertson saltou da mesa, com leveza, inspirado. Junto ao quadro,

disse:

— Olhem para isto. — E desenhou o diagrama de uma partida de basquetebol. — É qualquer coisa, certo? Um jogo maravilhoso — concluiu, e largou o troço de giz na respetiva bandeja. — Quando é bem jogado, pelo menos. — Limpou as mãos nas calças de bombazina e acenou com a cabeça a Flip. — Desejo-te muita sorte na tua demanda.

A seguir, levantou-se uma série de mãos. Maryanne Barmble queria ser enfermeira. O seu desejo era «ajudar as pessoas», afirmou ela, mas o professor Robertson limitou-se a puxar pela barba e a aquiescer. A expressão de Maryanne espelhou desapontamento; achara que ele ia gostar da sua escolha e que falaria da beleza da *sua* demanda.

— Quem mais? — indagou o professor Robertson.

Espreitando por entre o cabelo, Amy observou o homem com atenção. Era, de facto, baixo, mas o peito volumoso e os ombros largos davam-lhe um ar maciço e encorpado que transmitia uma impressão de vigor e força, não obstante a camisa cor-de-rosa que vestia. O cabelo era mais comprido do que ela esperaria num homem de meia-idade; se fosse mais jovem, passaria perfeitamente por um *hippie* do instituto politécnico. Só que tinha uma gravata castanho-avermelhada por cima da camisa rosa, e um casaco desportivo castanho, da mesma cor das calças de bombazina. Era inegavelmente um adulto, investido de autoridade. A voz dele deixava isso bem claro.

O professor Robertson levantou a mão:

— Deixem-me que vos diga que estão numa altura crucial das vossas vidas. Já não são crianças. — Avançou por entre uma fileira de secretárias; várias cabeças giraram para o seguir. — Deviam questionar tudo — continuou ele, e a intensidade da declaração fê-lo cerrar um dos punhos. Os alunos que ainda tinham as mãos no ar encolheram-nas lentamente, sem perceberem onde ele queria chegar com aquilo. — São jovens adultos — prosseguiu. — Não há ninguém nesta sala... — E, de frente para as janelas, fez uma pausa; encolheu os ombros e, com as mãos nas algibeiras das calças, fez tilintar as moedas que ali trazia. — Que deva ver-se como uma criança.

A turma não estava convencida, apesar da voz maravilhosa do homem. Há algum tempo que não se viam como crianças e interrogaram-se se ele não estaria a ser paternalista, embora não tenha sido essa palavra a passar-lhes pela cabeça.

— Chegaram a um ponto nas vossas vidas — tornou ele — em que precisam de questionar tudo.

Amy pôs-se a pensar se o homem não seria comunista. Com a barba e o cabelo comprido, talvez estivesse a conduzir a conversa para o

tema da marijuana e se preparasse para argumentar que devia ser legalizada.

— Questionem tudo — repetiu ele, e desviou uma cadeira vazia. As suas mãos eram grandes, como se a intenção da natureza fosse torná-lo mais alto, e fez deslocar a cadeira com uma delicadeza extrema. — Nem que seja para exercitarem a mente. Mais nada. Só para a manterem sempre alerta.

Talvez não fosse comunista.

— Esta manhã, era mesmo *Cheerios* que queriam para o pequeno-almoço? — perguntou ele, e olhou para a turma.

Talvez fosse apenas esquisitoide.

— Ou comeram os *Cheerios* apenas por hábito? Porque as vossas mães vos disseram?

Elsie Baxter, sentada atrás de Amy, sussurrou de modo audível que não tinha comido *Cheerios* de manhã, mas Amy ignorou-a, e Flip Rawley carregou o sobrolho e revirou os olhos para que Elsie percebesse que fazia melhor em calar a boca, e assim o professor Robertson ganhou mais uns votos.

— Ora bem — disse ele, num tom diferente, jovial, novamente amistoso, esfregando as mãos. — Onde é que íamos? Ah, estavam a falar-me de vocês. Quero que me falem de vocês.

Kevin Tompkins revelou que talvez viesse a ser advogado. Gaguejando, falou mais do que alguém se lembrava de alguma vez o ter ouvido falar: a prima tinha sido violada ainda em criança e o tipo passara impune. Por isso, queria ser advogado. O professor Robertson fez várias perguntas e ouviu com atenção as respostas de Kevin, que ia gaguejando e humedecendo os lábios com a língua.

— A vida é muito interessante, não é? — concluiu o professor Robertson, por fim. O ponteiro negro do relógio de parede fez um pequeno clique e avançou para o número seguinte.

Apontou então o dedo a Amy.

— Eu?

— Sim, tu. Que gostarias de ser?

Amy ficou quase estonteada.

— Gostava de ser professora — respondeu ela, numa voz tensa, que talvez lhe tenha tremido; um horror, se revelara a comoção que sentia perante toda a gente. À frente dele.

O professor Robertson olhou para ela um longo momento. Amy corou, cravou os olhos no tampo da mesa, mas, quando os levantou e espreitou por entre as madeixas do cabelo, ele continuava a observá-la, impassível.

— A sério? — perguntou ele, finalmente.

Uma onda de calor percorreu-lhe o escalpe. Viu-o cofiar a barba sem pressa, uma zona que era quase ruiva, mesmo por baixo do lábio.

— Interessante — comentou ele, segurando-lhe o olhar com um ar pensativo —, eu diria atriz.

Pelo canto do olho, Amy percebeu que Flip Rawley a examinava com interesse e curiosidade. Podia muito bem ser que toda a turma estivesse a olhá-la dessa maneira. O professor Robertson encostou-se ao parapeito da janela, como se tivesse todo o tempo do mundo para meditar naquilo.

— Ou poeta, talvez.

O coração de Amy bateu mais depressa. Como é que ele sabia dos poemas que ela escondia na caixa de sapatos debaixo da cama? Como podia ele saber que há anos memorizara toda a poesia de Edna St. Vincent Millay, que algumas manhãs de outono rumara à escola cheia de esperança — «Ó, mundo, não consigo abraçar-te de mais perto!» — e depois voltara para casa cansada, desmotivada, arrastando os pés ao ritmo de «Qual chuva incessante, a tristeza martela-me o coração». Como poderia aquele homem saber tais coisas? E, contudo, sabia, uma vez que não presumira que Maryanne Barmble viesse a ser poeta, pois não? Nem Kevin Tompkins, com a sua gaguez.

— Como te chamas?

— Amy.

O homem encaixou a mão em forma de concha atrás da orelha e arqueou as sobrancelhas.

— Amy — repetiu ela, depois de aclarar a voz.

— Amy. Amy quê?

— Goodrow.

— Amy Goodrow. — Virou-se e regressou à dianteira da sala, encostando-se uma vez mais ao quadro, com um pé levantado e apoiado contra a parede. Pela maneira como varria a turma com o olhar, Amy presumiu que o homem passaria a outro, mas, de súbito, ele disse: — Amy, queres *mesmo* ser professora? — E talvez ela tivesse confessado que preferia ser poeta, se ele não tivesse metido os pés pelas mãos naquele momento, se não tivesse inclinado a cabeça e dito: — Ou ser professora é só uma coisa que a tua mãe acha que é boa para ti?

A verdade contida naquela pergunta ofendeu-a. Era, de facto, ideia de Isabelle que Amy viesse a ser professora. A própria Isabelle almejava ser professora. Mas não havia nada de mal em ser professora. Amy imaginara-se nesse papel durante grande parte da sua vida.

— Quero ser professora — afirmou, em voz baixa, e, pela resposta, um «está bem» pouco empenhado, percebeu que ele a descartara.

Sarah Jennings queria ir para o circo e tornar-se palhaça. O professor Robertson inclinou a cabeça num gesto amistoso e declarou que havia nobreza em semelhante ambição.

Começou a odiá-lo. Detestava a maneira como ele se sentava em cima da secretária, com um dos pés apoiados na cadeira, e enrolava as mangas da camisa. Após aquele primeiro dia, nunca mais voltou a usar o casaco. Ao início da aula, afrouxava o nó da gravata, enrolava as mangas da camisa e inclinava a cabeça com arrogância, ou assim parecia. Detestava a forma como ele passava as mãos empoeiradas de giz pelo cabelo encaracolado, como pulava com leveza da secretária a se precipitava para o quadro, onde escrevia números e desenhava triângulos, batendo com tal força com o giz contra a ardósia que este às vezes se partia em dois, e uma das metades caía ao chão, e ali ficava, como se o que ele tinha para dizer fosse demasiado importante, demasiado emocionante, para se maçar com um irrisório pedaço de giz partido.

E detestava o facto de os colegas de turma gostarem dele, de se animarem muito quando, de repente, ele fazia uma pergunta estúpida e pessoal. (Inclinando-se sobre a secretária, olhou fixamente Elsie Baxter um dia e disse: «Às vezes sentes-te *deprimida*?») Detestava que caíssem naquilo como patinhos. «O professor Robertson», ouvia-os dizer, «...iá, é porreirinho, sim.» Amy achava-o um hipócrita.

— Acha-se muito especial — queixou-se a Stacy Burrows, enquanto acendiam os seus cigarros nas traseiras da escola, à hora do almoço.

A Stacy, tanto se lhe dava. Robertson não era seu professor; ela estava na «turma dos burros» da professora Weatherby, mas, de uma maneira ou de outra, para Stacy era igual.

— Os homens são todos uns merdas — respondeu Amy, e o fumo do cigarro saiu-lhe pelo nariz.

Amy disse à mãe que o substituto da professora Dayble era um homem estranho, de barba.

— Baixo? — perguntou a mãe, na casa de banho, a limpar colãs no lavatório.

— Já o viste? — Achou a ideia desconcertante.

— Não. — A mãe sacudiu a cabeça e pendurou os colãs no chuveiro para que secassem. — Mas os homens baixos costumam usar barba. Fá-los sentirem-se mais masculinos. — Amy apreciava o facto de a mãe saber aquele tipo de coisas. — Faz o teu trabalho e pronto — aconselhou-a ela. — É tudo o que importa.

E Amy assim fazia, de cabeça pendida sobre a mesa na sala abafada, com os radiadores a retinirem a um canto, e Flip Rawley ao

seu lado, que já não a olhava como se ela pudesse ser uma futura atriz, mas desviava os olhos para o lado numa tentativa de copiar o exercício, e Amy tentava ignorar tudo isso e escrever com esmero as suas equações e a cara quase toda escondida atrás do cabelo comprido e ondulado.

Até que, um dia, o professor Robertson disse:

— Amy. Porque te escondes atrás do cabelo?

O calor fê-la sentir uma alfinetada na axila.

Ele estava encostado à parede numa pose familiar: os braços cruzados, uma das pernas dobradas para trás, o pé apoiado na parede e o peito cilíndrico projetado para a frente. Um dos radiadores deu um estalido. Alguém deixou cair um lápis.

— Tens um cabelo absolutamente magnífico — disse. — É a primeira coisa em que qualquer pessoa repara ao olhar para ti. Mas tu escondes-te atrás dele. Mal te vemos a cara. Tens consciência disso?

É óbvio que tinha consciência disso.

— És como uma tartaruga, Amy. — O professor Robertson afastava-se da parede. — Tens uma carapaça, uma carapaça de cabelo.

A turma riu-se, como se ele tivesse dito uma coisa obscena.

— Há pouco tempo, vi um *cartoon* numa revista — continuou o professor Robertson, e avançou pelo corredor em direção à sua secretária. — Vi um *cartoon*, Amy, e lembrei-me de ti.

Uma dor surda e nauseante instalou-se na cabeça dela.

— Duas tartarugas. Uma com o pescoço de fora, numa atitude amistosa, a outra enfiada na sua carapaça. A tartaruga amistosa diz: «Oh, sai daí, toda a gente tem perguntado por ti.»

A turma riu-se de novo. O professor Robertson golpeou o tampo da sua secretária com os nós dos dedos.

— Portanto, sai lá daí, Amy Goodrow. Toda a gente tem perguntado por ti.

Amy sentiu um ódio tão puro que foi quase um alívio, como se odiasse uma pessoa assim há anos. Fixou os olhos na mesa, traçando os números escritos no papel, imaginando o pescoço comprido da mãe, e sentiu vontade de chorar ao pensar que era a prole de uma criatura semelhante a uma tartaruga e que o mesmo homem que vira nela a poeta (a atriz), acabara de a comparar a uma tartaruga.

A campainha tocou, vibrando pela sala e ressoando pelo corredor, de par com o som das portas a abrirem e a baterem contra as paredes. As cadeiras arrastavam pelo chão, os livros caíam.

— Amy — disse ele, e chamou-a com um gesto de cabeça —, gostava de falar contigo por um momento.

Ela deteve-se obedientemente, com os livros apertados contra o

peito. Os colegas passavam de raspão por ela, alguns deitando-lhes olhares furtivos, a ela e ao professor Robertson.

Este esperou que a sala se esvaziasse e disse, em voz baixa, e num tom tão sério que se diria que contava um segredo grave:

— Receio ter-te ofendido. Não era minha intenção e peço-te desculpa. Sinto muito.

Amy olhou por cima do ombro dele, com a cabeça inclinada. Eram da mesma altura. Balouçou sobre a lateral do pé para não parecer tão alta, mas era alta, era tão alta quanto ele era baixo, e ali ficaram os dois, cara a cara, separados por poucos centímetros.

— Amigos? — perguntou ele, e inclinou também um pouco a cabeça, como que para igualar o ângulo da de Amy.

Se ao menos ela fosse outra pessoa. Karen Keane, digamos. Se fosse Karen Keane, podia fazer uma careta brincalhona e dizer: «Sim, claro, amigos», e ele voltaria a gostar dela; podiam fazer uma piada. Mas Amy não disse nada. Nem a sua expressão mudou. Manteve a cara imóvel, meio escondida pelo cabelo.

— *Okay* — disse ele —, estou a ver que não somos amigos.

Amy ouviu um eco áspero, metálico, na voz dele. O professor Robertson deu meia-volta e afastou-se.

Na casa de banho das raparigas, Amy escreveu uma obscenidade na parede. Nunca tinha escrito nada numa parede e, quando a caneta desenhava linhas granulosas, oscilantes, sentiu afinidade por quem vandalizara o ginásio no ano anterior, como se também ela fosse capaz de partir janelas, por exemplo ali a da casa de banho, com neve húmida colada à vidraça.

A campanha deu o segundo toque. Estava atrasada para a aula de Economia Doméstica, e nunca chegara tarde a uma aula. Mas escreveu mais uma coisa na parede da casa de banho, porque, pensando bem, o professor de Economia Doméstica era mais um cara de cu.

O professor Robertson deixou-a em paz depois do sucedido, mas a aula de Matemática provocava-lhe ansiedade. Em primeiro lugar, começou a entender a matemática de uma maneira que jamais entendera, e, às vezes, durante aqueles dias sombrios de janeiro, quando o céu do lado de fora da sala era de um cinzento impiedoso e os ramos negros e gelados do lilás tamborilavam a janela, ocorria a Amy levantar o braço para responder a uma ou outra pergunta do professor Robertson, mas nunca o fazia. Ficava ansiosa, no entanto, sobretudo quando os alunos que levantavam o braço davam uma resposta errada e o professor Robertson, junto ao quadro, com um coto de giz na mão, dizia: «Alguém quer tentar?» Os olhos dele

podiam cruzar-se com os dela por um instante, e, nessas alturas, Amy ansiava por levantar a mão, mas temia errar a resposta.

Não teria errado. Depois de se virar de novo para o quadro, o professor Robertson voltava ao problema, uma vez, ou muitas vezes, se preciso fosse, até que, por fim, arrancava a alguém a resposta que Amy teria dado, caso se tivesse atrevido.

E, quando queria, o professor Robertson conseguia ser severo. O pobre Alan Stewart, um rapaz taciturno e borbulhento que se sentava na última fila, teve de ficar na escola depois das aulas só porque fizera estalar a esferográfica retrátil. Elsie Baxter, corpulenta e ruidosa, com o nariz brilhante de gordura, foi ameaçada com o mesmo castigo depois de ter feito balões enormes de pastilha elástica violeta e os ter rebentado contra a cara. Só que pediu desculpa e deitou a pastilha fora, e o professor Robertson, tornando-se amável, fez uma piada. Toda a gente percebeu, pelo modo como ela corou, que tinha uma paixoneta pelo professor. («A família da Elsie não é grande coisa», dissera Isabelle a Amy.)

Ninguém queria irritá-lo. Ele era popular por ser diferente, e ainda que fosse algo caprichoso, valia a pena arriscarem aquele ambiente de incerteza só para estarem numa sala de aulas em que não se sentiam moribundos. Inclusivamente Amy, que continuava a odiá-lo, tinha dificuldade em não sentir o mesmo. Um dia, ao explicar determinado teorema, perto do final da aula, o professor Robertson esmurrou o quadro.

— Não consegues ver a beleza aqui contida? — perguntou ele a Alan Stewart, que bocejava na fila de trás. — Acreditem no que vos digo, minha gente, se tivessem sensibilidade, olhariam para isto e chorariam.

Uns quantos alunos riram-se, mas foi um erro, porque o professor Robertson franziu o sobrolho e disse:

— Falo a sério, pelo amor de Deus. Têm aqui três linhas. Três *meras linhas*. — Sublinhou-as com o giz. — E reparem em toda a beleza que contêm.

Parecia, de repente, desanimado, e os alunos que tinham rido mostraram-se incomodados.

A Amy, contudo, de olhos postos no que ele desenhara no quadro, ocorreu um pensamento, um verso de um poema que lera em tempos: «Só Euclides contemplou a beleza despojada.»

O professor Robertson, relanceando por cima das cabeças, pousou o olhar em Amy por um instante.

— Hã? — perguntou, tendo inclinado o queixo na direção dela; mas estava cansado e a interjeição saiu-lhe com aspereza. Amy baixou os

olhos e abanou a cabeça. — Está bem — suspirou ele. — Podem sair.

A cabeça de Amy latejava por altura dos cigarros pós-prandiais. Os cigarros deixavam-na tonta, por isso, recostou-se contra o tronco caído, a ver Stacy revistar os bolsos em busca de um fósforo.

— Estás bem? — perguntou Stacy, de olhos semicerrados a acender o segundo cigarro.

— Odeio a escola.

Stacy concordou com a cabeça.

— Eu também. Esta manhã vomitei e quis ficar em casa, mas a minha mãe obrigou-me a vir.

— *Vomitaste?*

Stacy tornou a assentir com a cabeça.

— A minha mãe não se ralou nem um bocadinho. Bateu-me no braço com uma escova.

— Estás a gozar?

Stacy encolheu os ombros e puxou a manga do casaco de lã azul-bebé.

— A minha mãe é passada dos cornos. — Falou com o cigarro na boca, de olhos semicerrados e concentrados por um momento no hematoma encarnado que tinha no pulso, antes de largar a manga.

— Bolas, Stacy. — Amy sacudiu a cinza do cigarro para a neve e pisou-a com a bota.

Stacy exalou o fumo.

— Ultimamente, passo o dia com vontade de vomitar.

Mais valia ter dores de cabeça, ainda que durassem o dia todo, como começava a suceder a Amy, de tal modo que ainda as sentia quando, no final das aulas, voltava para casa, fria e vazia, e se sentava à mesa da cozinha a fazer os trabalhos de casa. Ganhara o hábito de fazer os trabalhos de matemática primeiro e, antes de a mãe chegar a casa, subia ao quarto e olhava-se ao espelho. Sentada no banco do toucador (era um barril velho, na verdade, que Isabelle cobrira com um saiote cor-de-rosa pregueado e uma almofada), não conseguia chegar a uma conclusão acerca do seu aspeto.

Tinha os olhos muito afastados e a testa alta, e Isabelle dizia que ambos eram sinal de inteligência, mas isso pouco importava a Amy. Queria ser bonita, e acreditava que ajudaria ser baixa e ter os pés pequenos. E ainda que fosse uma vantagem os olhos serem afastados, nada tinham de especial; não eram de um azul forte ou de um castanho misterioso; eram apenas verde-turvos, e a sua tez era pálida, sobretudo no inverno, altura em que a pele sob os olhos parecia transparente, quase azul.

Salvava-se o cabelo, pelo menos. Sabia-o, em parte, porque toda a

vida as pessoas lho tinham comentado. «De quem é que ela herdou o cabelo?», indagavam os desconhecidos no supermercado, quando Amy ainda era pequena o suficiente para ir sentada no carrinho das compras. «Olhem só aquele *cabelo*», diziam, às vezes, e tocavam-lhe, passando um dedo por um caracol ou dando-lhe um puxão.

Mas Amy sabia, daquela maneira que as crianças têm de saber algumas coisas (de saber tudo, alegaria o professor Robertson mais tarde), que a mãe não gostava que os desconhecidos lhe tocassem ou comentassem o seu cabelo. Talvez fosse a primeira memória de culpa que Amy guardava, porque adorara que lhe tocassem; virava o rosto na direção da mão e inclinava a cabeça para sentir os dedos do desconhecido na sua cabeça enquanto a voz amável dizia: «Que linda menina, onde arranjaste esse cabelo?»

Não o herdara de Isabelle. Até os desconhecidos percebiam isso. Bastava olharem para o cabelo preto e fino de Isabelle, penteado para trás e apanhado num puxo. Era o cabelo do pai. E essa era a causa da desaprovação tácita de Isabelle: há muito que Amy percebera isso. Supunha que adviesse do facto de o pai ter morrido pouco depois do seu nascimento; sofrera um enfarte do miocárdio num campo de golfe, na Califórnia. «Que estava ele a fazer na Califórnia?», perguntara Amy, mas a resposta era sempre: «Negócios», e Amy nunca ficou a saber muito mais. Mas herdara o cabelo dele, quem quer que ele fosse, e sentia-se grata por isso quando o penteava em frente ao espelho naquelas tardes de inverno, e os diferentes tons de amarelo lhe pendiam pelos ombros.

Então, um dia, tendo saído da cantina mais cedo (Stacy faltara às aulas), Amy cruzou-se com o professor Robertson, que saía da sala dos professores.

— Olá — disse Amy, só que a voz não se ouviu, apenas os lábios se entreabriram antes de pender a cabeça.

— Amy Goodrow — disse ele, e avançou pelo corredor, mas às tantas Amy deixou de ouvir-lhe os passos e, olhando por cima do ombro, viu que ele se virara e a contemplava. Abanou a cabeça lentamente e disse: — Só Deus, minha querida, podia amar-te só por ti, e não pelo teu cabelo amarelo.

Meses mais tarde, ao folhear o diário com as mãos a tremer, determinada a descobrir quando tudo aquilo começara, Isabelle não encontrou nada mais do que a inócua entrada do dia 10 de janeiro: «A velha Dayble caiu das escadas e por sorte partiu a cabeça.»

As ventoinhas zuniam nas janelas do escritório. Era cedo, o dia mal começara. Era sempre uma altura de calma, em que as mulheres ainda traziam o aroma dos sabonetes matutinos; em que, quando se cumprimentavam, ainda havia um odor a dentífrico nos hálitos; sentavam-se então às secretárias a trabalhar com mais empenho do que em qualquer outra altura do dia. Ocasionalmente, ouvia-se a gaveta de um armário arquivador metálico a fechar ou uma papaleira a ser arrastada pelo chão. Avery Clark enrolou as mangas da camisa e assomou-se à porta do seu próprio gabinete.

— Isabelle — disse ele —, pode chegar aqui, por favor?

E depois, pobre Isabelle, porque, se soubesse que Avery Clark lhe ia ditar cartas e assim, teria escolhido o vestido de linho. Não era cem por cento linho, mas tinha uma boa percentagem de linho, e era azul-pervinca. («É divertido dizê-lo e é divertido usá-lo», dissera a vendedora entusiasta.) Isabelle tentava não usar o vestido demasiadas vezes. Se parecesse atraente com frequência, as pessoas podiam começar a esperar isso dela sempre e acabariam por notar ainda mais que, na verdade, ela não o era.

É certo que naquele dia não estava atraente, com os olhos inchados e irritados depois de uma noite mal dormida. (Detivera-se, hesitante, à porta do quarto de Amy. «Mas que vai a Stacy fazer com o bebé?», perguntara. E Amy tinha respondido com ligeireza, virando-se na cama: «Oh, dá-lo, suponho.») Não, Isabelle não tinha dormido nada bem, e na sua mente, naquele momento, enquanto procurava o bloco de estenografia, pairava o pensamento de que teria de passar por Avery com aquela saia de xadrez feia; era demasiado comprida e não lhe favorecia em nada a anca.

Não conseguia encontrar o bloco. Em cima da secretária tinha pastas e papéis, inócuos e mortíferos, mas não conseguia encontrar o bloco, um acaso infeliz e inoportuno, tendo em conta que era uma pessoa organizada.

— Só um segundo, por favor — disse ela. — Não sei onde pus... —

Transpirava, mas Avery limitou-se a anuir com a cabeça, indiferente, contemplando a divisão cheia de mulheres, com as costas das mãos apoiadas nas ancas.

— Que pateta que eu sou — disse Isabelle, e deu uma palmada no bloco, que estava mesmo à sua frente, estivera ali o tempo todo, em cima da secretária. — Que pateta — tornou, mas Avery pareceu nem reparar. Afastou-se distraidamente para lhe franquear a entrada.

As duas paredes exteriores do gabinete eram quase inteiramente de vidro, e isso fazia Isabelle sentir-se ainda mais exposta quando estava ali com Avery. Ao fim e ao cabo, todo aquele vidro era inútil: servia, supostamente, para ele manter debaixo de olho as mulheres que supervisionava, mas a verdade era que Avery Clark não tinha grande mão nelas. Nas raras ocasiões em que se vira obrigado a falar com alguma funcionária recalcitrante sobre a má qualidade do seu trabalho (anos atrás, houvera um terrível incidente com uma mulher que cheirava tão mal que as outras mulheres o infernizaram para que a convocasse e falasse com ela: uma contrariedade, confessou ele a Isabelle, que jamais esqueceria), a reunião era vista com interesse pelas outras mulheres sentadas às suas secretárias. «Que se passará no aquário?», murmuravam.

Só que Isabelle era a secretária dele e a sua presença no aquário não atraía atenções. Ninguém, disse ela com os seus botões naquele momento, era testemunha do seu desconforto a não ser o próprio Avery. E ele não parecia interessado. Atarefado a folhear uns papéis que tinha na mesa, disse apenas, sem olhar para ela:

— Ora bem, começamos?

— Quando quiser.

Nos últimos anos, muitas noites houvera em que, incapaz de conciliar o sono, Isabelle se imaginara deitada numa cama de hospital, e Avery Clark sentado a seu lado, preocupado. Uma vez, ela estava hospitalizada por exaustão, outras porque um carro a atropelara ao atravessar a rua e, ocasionalmente, acabava por perder um membro. A noite passada, tinha sido assaltada, o ladrão disparara sobre ela e o tiro não lhe acertara no coração por um triz; e Avery ali a seu lado, pálido e consumido de preocupação enquanto o monitor ao qual ela estava ligada emitia um bip regular.

Sentiu-se constrangida ao pensar nisso naquele momento, quase aturdida de vergonha, ali sentada em frente à secretária dele com o bloco no colo da saia escocesa. Sob a luz branca do gabinete, o rosto de Avery tinha um ar apreensivo, alheado — um pontinho encarnado no queixo, resultado do barbeado daquela manhã —, separava-a do vasto território de detalhes que compunham a vida dele. (Não sabia

sequer qual era a sua comida preferida. Ou se ele tinha um piano em casa. E de que cor, interrogou-se naquele momento, era o papel higiénico com que ele absorvera a hemorragia no queixo ao fazer a barba naquela manhã?)

— Muito bem — disse ele, com secura. — Para a Heathwell Lentex Corporation. Três cópias. Caro senhor. Senhor, não. Veja no arquivo a quem costume dirigir estas cartas.

— Com certeza — respondeu ela, e riscou as abreviaturas. A seguir, bateu com a esferográfica no joelho. — Assim farei.

Com o passar do tempo, tentara imaginar tudo, a confusa compilação de pormenores que compunham aquele homem. Imaginara até o aspeto dele em criança. (Isso comovera-a bastante, porque Avery havia de ter sido alto e desastrado.) Imaginara-o no dia do casamento, hirto e formal no seu fato completo, com o cabelo muito penteado. (Teria com certeza os seus medos secretos, todos os homens os tinham.) E como era, entretanto, a vida dele? Tentara visualizar o roupeiro dele, as camisas penduradas em fila, a cómoda, com uma gaveta para os pijamas...

— O contrato estabelecia explicitamente que o risco seria assumido pelo comprador. Ver cláusula quatro, terceira linha. — Nesse momento, Avery Clark fez uma pausa e examinou um papel que tinha na secretária.

Isabelle pressionou os lábios. O batom pareceu-lhe pegajoso.

— Leia-me o que ditei, Isabelle, se faz favor.

Ela assim fez.

— Espere um pouco, enquanto eu verifico isto.

Isabelle manteve-se sentada enquanto ele folheava uns papéis. Só que estava profundamente magoada, porque costumavam fazer pausas para o café juntos. Ela sentava-se ali e contava-lhe que a neve se infiltrara pelo beirado do telhado, que o frigorífico às vezes formava gelo no leite, e ele respondia quase sempre, fosse qual fosse o problema: «Bem, acho que lidou bem com a situação, Isabelle.»

Disse então:

— Novo parágrafo — tendo-se limitado a olhar de relance para ela. — Queira notar, por favor, que na última semana de junho do ano transato...

Santo Deus.

A última semana de junho, há menos de um mês, havia sido quando a vida dela se desmoronara. Se desintegrara. Como se as suas mãos, os pés, as pernas, cuidadosamente contidas todos aqueles anos nos colãs, mais não fossem do que areia. E Avery Clark presenciara-o, e isso era o mais horrível de tudo. Quando, na manhã seguinte, entrara no

gabinete dele, tão confrangida que os olhos se lhe encheram de lágrimas, e lhe disse: «Por favor, Avery, diga-me. A Amy sempre pode começar na segunda-feira?», ele respondera sem levantar os olhos: «É claro.» Porque, supusera Isabelle, que mais podia ele fazer?

Desde então, porém, não tinham voltado a partilhar as pausas para o café. Desde esse dia que não partilhavam uma conversa, salvo acerca dos mais irrelevantes aspetos do trabalho.

A cadeira estalou quando Avery se inclinou para a frente.

— Três semanas para a notificação em caso de mercadoria não recebida.

Mas se ao menos ele lhe dissesse qualquer coisa. Um simples: «Como está, Isabelle?»

— Segue em anexo o documento-padrão de limitação de responsabilidade. Por favor, assine-o.

Isabelle fechou o bloco, pensando no dia, tinha sido no outono do ano anterior, em que lhe contara que Barbara Rawley, a mulher do diácono, a magoara *profundamente* ao dizer que não ficava bem decorar o altar com uvas-de-cão e folhas outonais, depois de Isabelle, que ficara encarregada das flores no mês de outubro, o ter feito.

— Mas as folhas eram lindíssimas — garantira-lhe Avery. — Tanto a Emma como eu o comentámos.

Bastara aquilo, aquele gesto de assentimento. (Se bem que tivesse preferido não ter ouvido o nome de Emma, a antipática Emma Clark, que no final da missa se detinha na porta da igreja, exibindo a sua roupa cara, e uma expressão como se lhe tivesse chegado um mau cheiro ao nariz.)

— Se pudesse enviá-la esta manhã ainda... — pediu Avery.

— Sim, claro. — Isabelle levantou-se.

Ele cobrira uma das faces com a mão aberta e inclinava-se para trás na cadeira, observando as idas e vindas desmotivadas das mulheres do outro lado do vidro. Isabelle levantou-se e pôs-se rapidamente em marcha para que o seu traseiro disforme naquela pavorosa saia escocesa não ficasse exposto durante muito tempo.

— Isabelle. — A palavra saiu como um sussurro. Ela estava quase do outro lado da porta. Podia não ter ouvido, aquela serena invocação do seu nome.

— Sim — respondeu, fazendo coincidir o seu tom com o dele, e virou-se. Mas ele olhava para a gaveta de cima da secretária, com a cabeça ligeiramente inclinada, mostrando o cocuruto grisalho da cabeça.

— Eu disse três cópias? — Abriu mais a gaveta. — É melhor fazer quatro.

Depois de deitar o pacote de sumo de laranja na papelreira de metal, onde aterrou com um baque surdo, Bev Gorda limpou a boca com as costas da mão e olhou para Amy Goodrow, sentada à frente dela. Sentia pena da rapariga. Bev criara três filhas e achava Amy estranha: havia falta de *alvoroço* na cara dela. Claro que devia ser um tédio de morte trabalhar naquela sala quente com um bando de mulheres de meia-idade. (Abanou-se com a revista que Rosie Tanguay lhe deixara na mesa naquela manhã, dizendo como quem não queria a coisa: «Traz um artigo sobre múltiplos vícios.» A estúpida da Rosie, que almoçava cenouras.) Mas aquela Amy tinha qualquer coisa, pensou Bev, fitando-a com discrição enquanto se abanava, qualquer coisa que não batia certo e que ia além de um emprego aborrecido numa sala quente.

Para começo, Amy não mascava pastilhas. As filhas de Bev mastigavam pastilhas a toda a hora, com as bocas cheias, inflando-as, rebentando-as e dando com toda a gente em doida. Roxanne, a mais nova, entretanto com vinte e um anos, ainda mascava pastilhas. Bev nunca a via sem uma pastilha na boca quando ia lá a casa ao sábado para usar a máquina de lavar a roupa, com a maquilhagem esborratada e os olhos ramelentos de uma qualquer festa na noite anterior.

Havia outra coisa, pensando bem. Amy Goodrow não usava maquilhagem. Devia. Talvez fizesse girar umas quantas cabeças, se pusesse um pouco de sombra e escurecesse as pestanas. O mais certo era que não quisesse fazer girar cabeças, pensou Bev, em busca dos cigarros; a miúda era terrivelmente envergonhada, estava sempre a baixar a cabeça como um cachorro prestes a levar um tabefe no focinho. Uma pena. Mas nunca a vira interessada em vernizes de unhas ou perfumes, e que adolescente não gostava daquelas coisas? Nunca folheava revistas, nunca falava de roupa, jamais usara o telefone para ligar a uma amiga. «Liga a alguém», sugerira-lhe Bev num dia especialmente quente em que era notório que a miúda estava entediada, mas Amy abanou a cabeça. «Não é preciso», dissera ela.

Pois, não era natural.

E só podia haver ali gato com a questão do cabelo. Quem é que no seu perfeito juízo cortaria um cabelo tão bonito e ondulado? Oh, as miúdas passavam pelas suas fases, Bev sabia disso. A sua mais velha pintara o cabelo de vermelho e fizera figura de parva por um tempo, e Roxanne não parava de fazer permanentes e depois queixava-se delas durante semanas. Mas cortar aquele cabelo. E parecia mal cortado,

nem sequer tinha forma em redor da cara. Honestamente, às vezes Bev estremecia ao olhar para aquele cabelo cheio de pontas, semelhante ao de alguém que fizera quimioterapia ou radioterapia ou assim. O cabelo de Clara Swan ficara da mesma maneira depois de ela ter ido a Hanover fazer aqueles tratamentos. Não era bem verdade. Amy não tinha peladas. Era apenas um mau corte de cabelo. Um terrível exemplo de falta de noção.

Bev acendeu um cigarro, nervosa com a ideia de um cancro. Clara Swan tinha apenas quarenta e três anos; mas o dela era um tumor no cérebro, não um cancro no pulmão. Um tumor cerebral podia acontecer a qualquer pessoa, era uma lotaria. Se Bev ia a caminho de um tumor na cabeça, mais valia divertir-se enquanto era tempo. Exalou e abanou a mão gorda no meio do fumo. Rosie Tanguay dissera no refeitório: «Não entendo porque é que as pessoas fumam, com todos os estudos que se fizeram.»

Estudos. Rosie Tanguay podia pegar nos estudos e enfiá-los pelo traseiro escanzelado acima. Bev sabia porque fumava. Fumava pelo mesmo motivo por que comia: era algo por que podia ansiar. Tão simples quanto isso. A vida conseguia ser aborrecida, e era preciso ansiarmos com prazer por qualquer coisa. Quando era casada, ansiara por ir para a cama com o marido, Bill, todas as noites, naquele pequeno e calorento apartamento em Gangover Street. Divertiam-se à grande, caramba. Compensava tudo o resto, as discussões por causa de dinheiro, as meias sujas espalhadas, as pingas de chichi em redor da sanita: todas as coisas a que uma pessoa tem de se acostumar quando se casa com alguém; nada disso importava quando se metiam na cama.

Curioso como uma coisa tão boa podia perder o interesse com o passar do tempo. Mas foi o que aconteceu. Bev havia perdido mais ou menos o interesse depois do nascimento da primeira filha. Começou a irritá-la que Bill, noite após noite, tivesse vontade, e aquela coisa rígida sempre ali. Era por estar exausta e porque a bebé chorava muito. Os seios também já não eram os mesmos depois de a bebé recém-nascida mamar neles furiosamente, até os mamilos racharem; e nunca perdeu o peso da gravidez. O seu corpo mantivera-se inchado, e a seguir, caramba, engravidou outra vez. Portanto, numa altura em que a sua casa, a sua vida, se ampliavam, ela experimentara um sentimento de perda irreprimível. Oh, talvez já não importasse. Ainda o faziam de vez em quando, em silêncio, e sempre às escuras. (No início do casamento, às vezes passavam fins de semana inteiros na cama, com o sol assomando-se por entre os cortinados.)

Apagou o cigarro. Não ia queixar-se, já não era uma criança. Mas

dentro dela mantivera-se uma dor. E o ténue zunido de algo que se assemelhava a felicidade reverberava na orla da sua memória, uma espécie de anseio que obtivera resposta uma vez e depois simplesmente não mais fora respondido. Bev não entendia isso. Era casada com um bom homem, e tantas mulheres não tinham essa sorte; tivera os filhos que quisera e estavam vivos e de saúde. Que dor então era aquela? Um buraco vermelho e profundo para o qual ela lançava *Life Savers* e batatas fritas e hambúrgueres e bolos de chocolate, e tudo o mais. As pessoas achavam que ela *gostava* de ser gorda? Bev Divertida. Bev Gorda. Não gostava de ser gorda. Mas aquela dor, escura e vermelha, lá estava, como um sorvedouro no vácuo, um buraco terrível.

Amy Goodrow espirrou.

— Saúde — disse Bev, contente por poder falar. Quando ficava calada demasiado tempo, uma pessoa caía no pessimismo. Bev estava sempre a dizer às filhas: arranjem alguém com quem falar quando se sentirem tristes.

— Obrigada — disse Amy, com um sorriso hesitante.

— Estás a constipar-te? Com este tempo que não se entende, sabe-se lá que micróbios andam por aí.

A pobre da rapariga era demasiado tímida para responder.

Verdade fosse dita (Bev bocejou e olhou para o relógio), viver com Isabelle não havia de ser lá muito divertido. Quem sai aos seus não degenera, costumava Dottie dizer, e Bev concordava. Isabelle Goodrow era uma mulher estranha. Uma virginiana típica, sem dúvida. Não uma pessoa desagradável, mas decididamente muito ativa e tensa. E era uma pena, pensou Bev Gorda, afastando o telefone para ver se os seus *Life Savers* tinham reboado para ali, mas a verdade é que ninguém conseguia entender Isabelle. Bev Gorda sentiu uma cólica familiar na barriga e levantou-se da cadeira com uma expectativa quase sensual, já que, como Deus bem sabia, um dos prazeres da sua vida era desfrutar de um trânsito intestinal regular.

Relanceando o olhar por cima da pilha cor de laranja de faturas, Amy vira a mãe no gabinete de Avery Clark; os pequenos movimentos do braço da mãe, os olhos baixos, indicavam que estava a tomar nota do que Avery ditava. Não se passava ali nada de amistoso. Amy pousou os dedos sobre as teclas da máquina de somar e sentiu uma náusea no fundo do estômago a que nem se atrevia a dar nome: a mãe sentia-se *atraída* por aquele homem.

— Tens sorte por a tua mãe não ser casada — dissera-lhe Stacy, um dia, no bosque, quando o tempo começara a arrefecer. — Não tens de

imaginá-la a fazer aquilo.

— Oh, por favor — reagiu Amy, e até se engasgou com o cigarro.

Stacy revirou os olhos e o *eyeliner* descreveu uma curva nas pálpebras grossas e pálidas quando estas se semicerraram por um instante.

— Contei-te que uma vez vi os meus pais nus?

— Não — respondeu Amy. — Que nojo.

— Meteu nojo, sim. Um sábado, passo em frente ao quarto deles, com a porta entreaberta, e eles estavam a dormir na cama, nus. — Stacy apagou o cigarro na casca da árvore. — O meu pai tem um rabo branco, gordo e ridículo.

— Jesus — reagiu Amy.

— Pois, portanto, dá graças por não teres pai. Não tens de imaginá-lo a fazer aquilo.

Diga-se que, naquela altura da sua vida, Amy não era capaz de imaginar ninguém a fazer aquilo. Carecia de uma noção clara do que «aquilo» era. Sob a asa de Isabelle, sempre vigilante, Amy nunca entrara à socapa num filme para adultos, como conseguiam muitos dos seus colegas. (Stacy, por exemplo, conseguira tal proeza e relatara a Amy uma cena em que um homem branco e uma mulher negra o faziam numa banheira.) E, não tendo nenhum irmão mais velho que porventura escondesse revistas pornográficas debaixo da cama, Amy pouco ou nada sabia.

Sabia da sua menstruação, é claro. Sabia que era normal tê-la, mas não conhecia bem os seus meandros; uns anos antes, Isabelle falara sucintamente sobre óvulos e bastante acerca do cheiro. («Mantém-te afastada de cães», alertara ela. «Eles percebem sempre.») E dera-lhe um folheto cor-de-rosa com um diagrama. Amy achava que tinha entendido.

E depois, na parede da casa de banho das raparigas, um dia, deu com as seguintes palavras escritas a marcador grosso e preto: «A pila de um homem dentro do buraco de uma mulher durante cinco minutos engravida-a», e isso fez sentido para Amy. Mas a professora de Ginástica disse às raparigas reunidas no balneário que a informação rabiscada na parede da casa de banho estava incorreta e que, portanto, a escola decidira dar início a um programa de educação sexual que seria ministrado na aula de Economia Doméstica. Amy não conseguiu entender que parte do que tinha sido escrito na casa de banho estava incorreta, e a aula de Economia Doméstica não se revelara de grande ajuda.

A professora da disciplina era uma mulher nervosa — só se aguentou na escola um ano — cujos pés compridos e Joelhos, que

protuberavam como duas laranjas, tinham sido alvo das piadas da turma. «Muito bem, meninas», disse ela, «pensei começarmos a nossa educação sexual com uma sessão sobre bons cuidados pessoais.» Vasculhou o interior da mala. «A qualidade da vossa escova de cabelo», afirmou, «impacta a qualidade do vosso cabelo.» Isto alongou-se por semanas. A professora descreveu diferentes maneiras de limar as unhas, como limpar os dedos dos pés e, um dia, apontou no quadro uma receita de desodorizante para as axilas. «Em caso de emergência, meninas, caso vejam que já não têm.» Copiaram a receita: uma mistura de pó de talco, bicarbonato de sódio e um pouco de água salgada. Mais tarde, passou-lhes uma receita de dentífrico que era quase igual (à exceção do pó de talco) e aconselhou-as a usarem a palavra «transpiração» em vez de «suor», um termo mais grosseiro, menos delicado. As raparigas coçavam os tornozelos e olhavam para o relógio, e Elsie Baxter foi mandada ao gabinete do diretor por dizer em voz alta que aquilo tudo era aborrecido como a merda.

Fosse como fosse, isso passara-se há muito tempo, ou assim parecia. Amy não se sentia a mesma pessoa de então, e, entretanto, não podia suprimir a ideia de que, embora a mãe não andasse certamente a «fazê-lo», sentia-se ou sentira-se *atraída* pelo seu chefe, aquele homem horrível e ressequido. Era dessa maneira que o nome dele costumava vir à baila lá em casa, no tempo em que Amy e Isabelle se falavam. «O Avery disse-me que eu devia trocar de carro e que conhece um vendedor ao qual vai falar de mim.» Era a maneira como a mãe punha o batom de manhã, pressionava os lábios e dizia: «O pobre do Avery está tão sobrecarregado de trabalho, ultimamente.»

Mas Avery Clark era velho e mal-ajambrado: como era possível que alguém se sentisse atraído por uma pessoa assim? Ele e a mulher pareciam dois galhos mortos sentados no banco da igreja todos os domingos. *Eles* é que não faziam aquilo há mais de cem anos, isso era mais do que certo.

Amy espirrou («Saúde», disse Bev Gorda) e deitou de novo uma vista de olhos ao aquário. A mãe levantava-se; com uma das mãos segurava o bloco e com a outra alisava a parte de trás da saia. Avery Clark acenava que sim com a cabeça, aquela cabeça estúpida e calva que ele tentava disfarçar, penteando o pouco cabelo oleoso e ralo que tinha, como se ninguém fosse perceber. Amy pressionou uma tecla da máquina de somar e imaginou a boca grande e babosa de Avery Clark, os dentes manchados, o hálito áspero que sentira quando ele passara o cesto da coleta, na missa. E aqueles sapatos ridículos de velho que ele usava, com furinhos decorativos. Avery Clark enojava Amy.

Era provável que ele tivesse dito o nome da sua mãe, porque

Isabelle deteve-se no limiar da porta; Amy, olhando outra vez, apercebeu-se da esperança submissa que iluminou o rosto pálido da mãe, e depois viu-a extinguir-se. No estômago de Amy abriu-se um buraco: o que acabara de ver era terrível, a nudez da cara da mãe. Amava-a. Através da linha negra que as unia, uma bola furiosa de amor avançou em direção à mãe, mas esta regressara à sua secretária e estava a inserir uma folha de papel na máquina de escrever. De imediato, Amy sentiu a habitual aversão ao pescoço comprido e desajeitado da mãe, com as madeixas húmidas de cabelo que lhe se colavam. Aquela aversão, contudo, pareceu intensificar um qualquer amor desesperado, e o seu peso fez tremer a linha negra.

— Escuta lá — disse Bev Gorda, e enfiou outro *Life Saver* na boca. — Que andam as tuas amigas a fazer este verão? Não é a Karen Keane que está na caixa registadora da MacDonald's?

Amy anuiu com a cabeça.

— Não é uma das tuas amigas?

Amy tornou a anuir e pressionou o botão de «total» na máquina de somar. Atrás dos seus olhos remoinhavam as lágrimas cinzentas de uma ansiedade e tristeza inexplicáveis. Olhou uma vez mais para a mãe, que datilografava, e a begónia que resgatara do parapeito da janela agitava-se em cima da secretária. Amy viu um rebento pálido cair para o meio das folhas.

— Acho bem que os miúdos tenham empregos no verão — dizia Bev Gorda, e o rebuçado tilintou-lhe contra os dentes. — As minhas filhas tiveram todas empregos desde os doze anos, se não me engano.

Amy voltou a acenar que sim, sem grande empenho. Queria que Bev Gorda continuasse a falar, porque gostava do som da voz dela, porém não queria responder a perguntas. Não lhe apetecia, sobretudo, responder a perguntas sobre Karen Keane. Pensar em Karen Keane aumentava a ansiedade atrás dos seus olhos. Tinham sido amigas, na infância. Tinham jogado à macaca no parque infantil e fugido das vespas que enxameavam o caixote do lixo. Certa vez, Amy dormira em casa de Karen, uma casa grande e branca na Valentine Drive, com bordos na parte da frente. A casa era soalheira, alegre e ruidosa; os rapazes brincavam nas traseiras e a irmã de Karen falava ao telefone enquanto secava o cabelo com uma toalha. Amy, contudo, sentira saudades de casa e metera-se na casa de banho a chorar, durante o jantar, porque pensara na mãe a jantar sozinha na cozinha. Também houvera bons tempos, como quando Karen foi a casa dela e Isabelle as deixou fazer biscoitos. Sentaram-se nos degraus das traseiras a comê-los enquanto Isabelle mondava a horta; Amy ainda se lembrava disso.

— Tudo muda quando entramos para o liceu — disse Amy, de

repente, a Bev Gorda, mas os *Life Savers* tinham caído para baixo da mesa e Bev estava dobrada a apanhá-los.

— Diz lá, querida? — perguntou Bev, com a cara vermelha do esforço, mas o telefone desatou a tocar e, segurando um dedo no ar apontado a Amy, Bev disse ao auricular: — Que fez agora a bruxa da tua sogra?

Mas que teria Amy dito, em todo o caso? Não ia propriamente contar a Bev Gorda de que maneira o liceu mudara tudo, que o seu peito crescera muito antes do das outras raparigas, que costumava dormir de barriga para baixo para impedir que assim fosse, mas que de nada lhe servira, que a mãe, fingindo que não era nada de invulgar, passara uma fita métrica em redor do seu peito e encomendara um sutiã da Sears. E, com o sutiã, o peito parecia ainda maior, as mamas de uma mulher adulta. Na escola, os rapazes inventaram uma espécie de jogo em que espirravam quando passavam por ela. «Alguém tem um lenço?», diziam.

— Ora, não liges — aconselhou-a a mãe. — Ignora-os, que importa?

Mas ela importava-se.

E depois, a assustadora manhã em que acordara e encontrara uma mancha escura do tamanho de uma moeda nas cuecas. Foi mostrar as cuecas à mãe, que estava na cozinha.

— Amy! — exclamou a mãe. — Oh, Amy, querida, ena.

— Que foi?

— Oh, Amy — tornou a mãe, com tristeza. — Hoje é um dia muito emocionante.

A caminho da escola, sentiu-se repugnante e assustada, com a barriga pesada, dores estranhas nas coxas e um penso extra num saco de papel pardo, igual aos que usava para o almoço. (Nenhuma das raparigas levava ainda malas de ombro para a escola.) E tivera de ir ao quadro decompor uma frase. Achou que ia desmaiar de vergonha, como se toda a turma pudesse ver através da sua saia de bombazina aquela coisa grossa e monstruosa apertada entre as suas pernas.

Por sugestão da mãe, assentara o sucedido num bloco de notas; Isabelle achava boa ideia manter registo das datas, para que o período não a apanhasse de surpresa (só que o período de Amy tinha vontade própria e, desde então, nunca deixara de a surpreender). E quando, um sábado, Karen Keane fora a casa dela, Amy, de regresso da casa de banho, entrara no quarto e apanhara Karen sentada na sua cama a fechar o bloco à pressa. «Desculpa», disse Karen, enquanto torcia uma madeixa de cabelo à volta do indicador. «Não conto a ninguém. Juro.»

Mas foi uma jura falsa. Contou. E houve sussurros e bilhetinhos

passados de mão em mão, e Elsie Baxter chegara a dizer: «Conta lá o que trazes hoje no saco do almoço, Amy!» Como se ela fosse uma aberração. E mais tarde, quando o peito começou a crescer às outras raparigas e lhes veio também o período, Amy teve dificuldade em não pensar que era mesmo uma aberração, uma espécie de bicho excêntrico.

— Perguntei à minha cunhada — dizia Bev Gorda ao telefone, com a maior das tranquilidades — e ela diz que sangrou durante seis semanas inteiras. Não era de esguicho nem nada, claro. Era tipo gota a gota. — Cruzou o olhar com o de Amy e estendeu-lhe o cilindro de *Life Savers*.

Amy sorriu e abanou a cabeça. Podia muito bem ser que nunca tivesse gostado de ninguém como naquele momento gostava de Bev Gorda. A gorda da Bev, capaz de falar sobre tripas e sangue menstrual sem pestanejar, como se fossem as coisas mais corriqueiras do mundo. E Bev, ouvindo Dottie Brown queixar-se, surpreendeu-se ao ver um tremor atravessar o rosto magro de Amy, o tremor momentâneo de um anseio.

Mas o professor Robertson ensinara-lhe uma coisa ou outra sobre o orgulho, sobre a dignidade e sobre a afabilidade. A sério que sim, de verdade. Um dia (corria então o mês de fevereiro e a luz começava a mudar, enchia-se de mais tons de amarelo e insinuava uma promessa), disse-lhe, ao passar por entre uma fila de mesas:

— Bonito vestido.

Amy, curvada sobre a mesa, com o cabelo à frente da cara, nem se dera conta de que ele se dirigia a ela.

— Amy — tornou ele. — Bonito vestido.

Amy levantou a cabeça.

— Muito bonito — continuou, e avançou na direção dela, acenando a cabeça e com as sobranceiras arruivadas arqueadas num gesto de aprovação.

— Foi ela que o fez — revelou Elsie Baxter, ansiosa por ter cabidela naquilo. — Foi a Amy que o fez todo, sozinha.

E era verdade; tinha sido um projeto para a aula de Economia Doméstica. Amy fora à loja de tecidos com Isabelle e folhearam a revista *Simplicity* até encontrarem os moldes do vestido. «Cose o fecho à mão», alertou-a Isabelle. «Cose sempre o fecho à mão, e assim nunca vai parecer malpronto.»

A professora de Economia Doméstica, contudo, a dos joelhos tronchudos, disse a Amy que tinha de coser o fecho à máquina, e, sentada a uma máquina de costura em frente à janela, Amy travara

uma dura batalha. O pano franzia, o fecho escorregava. As outras raparigas, sentadas às respetivas máquinas, riam e conversavam e murmuravam palavras quando cometiam erros, mas Amy trabalhava em silêncio, corada por causa do esforço, ripando uma e outra vez com os dedos transpirados a linha da costura torta. Mas conseguira, por fim. E quando o vestido ficou pronto, estava ótimo, e não faria má figura com ele. Algumas das outras raparigas não podiam dizer o mesmo.

— Foste tu que o fizeste? — perguntou o professor Robertson, que, entretanto, alcançara a mesa dela; Amy conseguia ver a bombazina castanha das calças dele pelo canto do olho. E na sua voz grave, baixa: — É muito bonito, mesmo.

Amy curvou-se sobre a mesa, com a cara escondida atrás do cabelo. Não sabia se ele estava a ser sincero ou não. Podia dar-se o caso de estar a troçar dela, de uma forma impercetível e adulta. Ou talvez estivesse a ser simpático. Amy não sabia, na verdade. E, por isso, manteve a cabeça baixa.

Por fim, o professor Robertson disse:

— Muito bem, malta. Comecem a resolver o segundo problema, e depois alguém que vá ao quadro. — Mas não se afastou. Amy ouviu-o sentar-se na mesa vazia ao lado dela e afastou o cabelo, à cautela. O professor Robertson observava-a, recostado na cadeira e com os braços cruzados à frente do peito. Tinha uma expressão séria e amável no rosto, e Amy percebeu que não estava a troçar dela. Baixinho, com a cabeça inclinada para a frente, como que preocupado, disse: — Uma mulher deve aprender a aceitar um elogio com graciosidade.

O toque estrepitoso de uma campainha fez-se ouvir no escritório. Soava por toda a fábrica oito vezes por dia, e naquele momento assinalava a pausa matinal; dali a quinze minutos, a campainha tocaria novamente, indicando às mulheres que deviam voltar às suas mesas, mas, de momento, podiam deambular pelo corredor, ir à casa de banho, ao refeitório, caso quisessem comprar umas bolachas ou biscoitos da máquina de venda automática e abrir latas de refrigerantes ou *iced tea*. Rosie Tanguay comeria os palitos de cenoura que trazia num saco de papel encerado e Arlene Tucker tinha levado metade de um bolo de chocolate cuja cobertura, com o calor que fazia, derreteria contra as paredes do recipiente em que o levava, donde seria retirado pelos dedos de Bev Gorda, que entretanto punha Arlene a par das hemorragias contínuas de Dottie Brown.

Amy ficou onde estava, sentada à secretária, contemplando com um olhar ausente as ventoinhas que zuniam no parapeito das janelas e

pensando no professor Robertson. Isabelle, quase nauseada por não ter dormido, estava na casa de banho a pressionar um toalhete de papel húmido contra a cara, e não conseguia pensar em mais nada a não ser nas palavras que a filha dissera na noite passada quando ela perguntara o que ia Stacy fazer ao bebé: «Oh, vai dá-lo, suponho.»

Mas naquele ano acontecera outra coisa. Em fevereiro, uma rapariga de doze anos tinha sido raptada de sua casa. O caso sucedera em Hennecock, duas cidades mais à frente, e intrigara Amy e Isabelle de tal maneira que, durante dois ou três dias, tinham jantado em frente ao televisor. «Chiu», diziam uma à outra, assim que o noticiário começava.

«Continuam as buscas por Debby Kay Dorne.» A expressão do pivô era solene; talvez tivesse filhos. «A polícia afirma não ter feito mais descobertas no caso da menina de doze anos que desapareceu de sua casa, entre as catorze e as dezassete horas de terça-feira.» Amy e Isabelle inclinaram-se para a frente no sofá.

— Tão querida — murmurou Isabelle, quando uma fotografia da rapariga apareceu no ecrã. A mesma que fora mostrada na noite anterior e no jornal daquela manhã: a cara larga da menina, com o cabelo encaracolado preso atrás das orelhas, os olhos semicerrados, como se a máquina fotográfica a tivesse surpreendido prestes a dar uma risadinha. — Muito querida — disse Isabelle, e depois, mais lentamente: — Muito, muito querida... — E Amy abeirou-se da mãe no sofá. — Chiu — fez Isabelle —, quero ouvir o que ele tem para dizer.

Apenas o que tinham ouvido antes. Ao sair para a escola, na manhã de 10 de fevereiro, Debby Kay escorregara em gelo à porta de casa. A queda não tinha sido grave, mas ainda assim a menina não fora à escola e, visto que ambos os pais trabalhavam, ficou em casa sozinha. Às duas da tarde, a mãe telefonara e falara com ela, mas, ao chegar a casa às cinco da tarde, a menina tinha desaparecido. O casaco também desaparecera e a porta estava trancada. Não havia nada em falta em casa e o cão da família parecia calmo.

Foram estes factos que levaram a polícia a acreditar que, quem quer que tivesse levado Debby Dorne, era alguém que ela conhecia.

— Oh, meu Deus — comentara Isabelle com um suspiro, ao levantar-se para desligar o televisor. — Quando é assim, não há nada

que se possa fazer. — Mas durante várias noites pôs uma cadeira a travar a porta.

E Amy não conseguia parar de pensar no sucedido. Estendida na cama, à espera do sono, com o luar a iluminar a geada na janela, imaginou a cena repetidas vezes: a menina com um casaco de inverno verde a cair na entrada, o caderno e o saco com o almoço voando pelo ar, deslizando no gelo; a mãe a sair de casa num ápice. «Querida, estás bem?» A mãe seria bonita, apesar do ar cansado, pensou Amy, e ajudaria a menina a entrar em casa, a despir o casaco verde, pendurá-lo-ia no cabide junto à porta. Amy imaginou Debby deitada no sofá enquanto a mãe ia buscar a colcha da cama, beijava a testa larga da filha, empurrando para trás o cabelo encaracolado. Talvez tenha dito: «Não abras a porta a ninguém.»

O cão que Amy imaginou era pequeno, o tipo de cão que, quando chega um desconhecido, fica muito animado, corre por todo o lado, desarruma os tapetes, porventura derruba uma planta ou outra, mas que se mantém calmo em sabendo que está tudo bem. E talvez naquela manhã estivesse deitado no sofá com Debby enquanto ela lhe afagava a cabeça e via um concurso na televisão. Mas Debby às tantas terá sentido fome, pensou Amy — afinal de contas, não tinha ficado em casa *doente* — e, assim, viu Debby levantar-se do sofá, ir à cozinha e vasculhar os armários, tendo encontrado umas bolachas de água e sal e batatas fritas e regressado ao sofá para as comer enquanto o sol matutino de inverno entrava pela janela e se refletia no ecrã do televisor.

Provavelmente, já estava morta.

Arlene Tucker tinha um cunhado que trabalhara para a polícia e, segundo ela, a maioria dos raptos matava as suas vítimas nas primeiras vinte e quatro horas. Isabelle informara Amy disso assim que chegara a casa, vinda da fábrica.

Portanto, o mais certo era que Debby Kay Dorne estivesse morta. Amy não conseguia deixar de pensar nisso. Não conhecia a menina nem ninguém que a conhecesse, mas não era capaz de ultrapassar o facto de a menina poder estar morta. De se ter vestido para ir à escola naquela manhã, ter saído de casa com os cadernos apertados contra o peito (provavelmente decorados com desenhos a lápis de flores e corações, e números de telefone, imaginou Amy, virando-se uma vez mais na cama), pensando que era mais uma aborrecida terça-feira de inverno, sem fazer a mais pequena ideia, é claro, de que ia ser raptada naquele dia. Uma rapariga comum numa cidade pequena, com o cabelo encaracolado e batatas fritas no saco do almoço, não era levada de casa enquanto via televisão na companhia do seu cachorro. Só que

era, pois isso acabara de acontecer em Hennecock, a duas cidades de distância.

— Organizaram uma equipa de busca — disse Amy a Stacy, no bosque, no dia seguinte. Estava um frio de rachar e ambas viam a dança das respetivas respirações, corcovadas nos seus casacos, com as mãos afundadas nos bolsos. — Organizaram uma equipa de busca formada por voluntários. A minha mãe disse que o raptor podia muito bem fazer parte da equipa. Um bocado estranho, não achas?

Mas Stacy não estava interessada em Debby Dorne. Os seus lábios grossos tremiam de frio enquanto contemplava os pinheiros, cujas agulhas estavam geladas e rígidas.

— Quem me dera a mim ser raptada — devaneou ela.

— Mas talvez ela esteja morta — fez notar Amy.

— Se calhar, fartou-se de tudo e fugiu. — Stacy pontapeou ao de leve o tronco de uma árvore.

— Acham que não — respondeu Amy, num tom sério. — As crianças de doze anos não costumam fugir.

— Fogem, sim. Podia apanhar boleia para Boston.

— E faria o quê em Boston? — Amy tinha ido a Boston numa excursão da escola, no sétimo ano. Pela janela do autocarro, vira homens deitados nos degraus de edifícios, a dormir em bancos nos parques, homens imundos com o cabelo duro e os pés embrulhados em jornais. Quando chegara a casa à noite, Isabelle dissera: «Estou tão contente de te ver! Temia que tivesses levado um tiro.»

— Podia prostituir-se. Dormir no terminal dos autocarros, sei lá. O que fazem as pessoas que fogem de casa. — Stacy sentou-se com cuidado na ponta do tronco coberto de neve e afastou o cabelo ruivo e liso da cara. — Se fosse eu, continuaria a fugir. — Olhou para Amy e franziu o sobrolho. — Não consigo perceber se tenho fome ou não.

Amy tirou o pacote de bolachas do bolso. Era o almoço delas; bolachas salgadas com manteiga de amendoim e doce cor-de-rosa. O frio fez-lhe doer os dedos ao abrir o pacote.

Stacy largou o cigarro e pisou-o, depois comeu a bolacha com dentadas pequenas, como era seu costume, os lábios grossos tocando ao de leve um no outro.

— Bem, seja como for — continuou Amy, incapaz de parar de pensar em Debby Dorne —, falaram com todos os familiares e assim, e todos têm a certeza de que ela não fugiu de casa. A polícia também descartou logo essa hipótese. Suspeitam de um crime. Que ela foi raptada. Não tinha problemas na escola nem nada, era uma miúda feliz.

— Tretas. — Stacy segurava a gola do casaco de lã azul-marinho à

volta do pescoço e comia a bolacha com a outra mão. — Nenhuma criança de doze anos é feliz.

Amy pensou nisso enquanto comia uma das bolachas, doce e ácida por causa da compota; a primeira bolacha deixava-a sempre esganada. Quando fumasse o segundo cigarro, deixaria de ter fome.

— Eu não era, isso é certo. Tu eras? — Stacy inclinou a cabeça em direção ao céu no momento em que um corvo se precipitou de um espruce cujos ramos estavam carregados de neve gelada.

— Não.

De repente, Stacy puxou o braço de Amy.

— Um carro. Agacha-te.

As duas amigas encolheram-se junto ao chão. O som do carro a avançar na estrada de cascalho gelado aumentou conforme se aproximava. Amy olhou para a beata de cigarro espalmada no meio da neve e esperou. Naquele momento, só podiam contar com os ramos congelados dos pinheiros e espruces como esconderijo, não estavam tão resguardadas da estrada como era costume. Qualquer pessoa que passasse de carro na estrada podia vê-las, se calhasse a olhar para ali. No outono, quando as duas raparigas tinham descoberto aquele lugar, a folhagem que o vento agitava era espessa e oferecia privacidade; o tronco caído dava-lhes pela cintura e era um banco perfeito.

O carro era azul.

— Merda, é capaz de ser o Bexigoso — disse Stacy, depois de olhar de soslaio e referindo-se ao diretor da escola. — Tudo bem, ele não olhou.

Sentaram-se, encostadas ao tronco.

— Era o Bexigoso? — perguntou Amy.

Se fossem apanhadas a fumar, seriam suspensas; era inconcebível pensar em Isabelle, sentada em frente à sua máquina de escrever, na fábrica, a receber uma tal chamada.

Stacy abanou a cabeça.

— Não consegui ver bem. Seja como for, ele não te vai reconhecer. Ninguém suspeitaria que Amy Goodrow se fosse meter em merdas. Ainda assim, põe o capuz — aconselhou Stacy, que olhava para Amy com ar crítico. — Tens esse cabelo todo. — Mas fê-lo ela mesma; puxou o capuz e cobriu-lhe a cabeça enquanto segurava a bolacha entre os dentes. Amy sentiu as pontas dos dedos frios de Stacy na face.

— Aposto que a Karen Keane era feliz quando tinha doze anos — disse Amy, recordando a casa branca em Valentine Drive.

Stacy tirou um cigarro da caixa de plástico de tampões onde costumava escondê-los.

— A Karen Keane era capaz de foder uma pedra se soubesse que por

baixo havia uma cobra. Incrível que esteja a fumar apesar de não me sentir bem. É de loucos. — Abanou a cabeça e pendeu as pálpebras grossas e pálidas numa demonstração indiferente de autoaversão, e com o *eyeliner* esborratado no canto de um dos olhos. — As duas aqui fora com este gelo... somos mesmo uma desgraça.

Amy disse bruscamente:

— As pessoas acham que és esquisita por passares a hora do almoço comigo? — A pergunta, que Amy não planeava fazer, foi acompanhada de um baque ansioso no peito.

Depois de sacudir uma fibra de tabaco do braço, Stacy levantou a cabeça, surpreendida.

— Que pessoas?

— Tipo, os teus amigos. A Karen Keane e essa gente.

Stacy olhou para ela com os olhos semicerrados.

— Não — respondeu. — Nem um pouco.

Um pedaço de neve gelada caiu de um ramo e aterrou no chão com um baque. Observaram por um momento o corvo voar para outra árvore.

— Ninguém acha que sou estranha por passar a hora de almoço contigo — afirmou Stacy. — Tens mesmo muito má imagem de ti, Amy.

— Capaz.

Com a bota, Amy derrubou a neve acumulada em cima de uma pedra de granito. As botas eram de um plástico que devia imitar pele. Odiava-as; detestava a maneira como nunca ficavam arranhadas nem quando as raspava contra uma pedra, detestava a forma como não se ajustavam ao seu pé — ao contrário das de Stacy, de couro verdadeiro —, a maneira como permaneciam sempre deselegantes e rígidas, indestrutíveis.

— Há gente que paga fortunas ao meu pai porque têm uma péssima imagem delas mesmas. — Stacy começou a pôr ambos os cigarros na boca e depois riu-se. — Imaginas-te a ir falar com o *meu pai* para te sentires melhor contigo mesma? Convenhamos, tem muita graça. — Abanou a cabeça, acendeu os dois cigarros e deu um a Amy. — Grande treta. Não passa tudo de uma grande treta. — Stacy soprou o fumo pelo nariz. — Queres saber uma coisa sobre essas pessoas?

— Que pessoas? — perguntou Amy. Sentia os dedos arderem com o frio.

— A Karen Keane e os outros todos. São uns idiotas. — Stacy fechou um dos olhos para o proteger do fumo que lhe passava à frente da cara e olhou para Amy com o outro. — São uns idiotas. Atrasados mentais. E tu não és. És a única pessoa que conheço que não é a

merda de uma atrasada mental.

E assim continuou o mês de fevereiro. Houve muitos dias monótonos e brancos e frios. Com frequência, o céu tinha a mesma cor dos campos cobertos de neve lassa em redor da cidade, de tal maneira que o mundo parecia estender-se, interminável e pálido, interrompido apenas pelas árvores escuras e congeladas que se alinhavam contra o horizonte, ou pelo telhado descaído de um celeiro velho e encarnado. E depois viria um degelo súbito; um dia de esplendor: céu azul e raios de sol que se refletiam nas árvores gotejantes, um mundo resplandecente no qual os tacões dos sapatos ressoavam na Main Street e a neve derretida formava riachos que corriam paralelos à estrada.

— O tipo de dia em que uma alma atormentada se suicida — disse Isabelle, com alguma certeza, sentada muito direita na cadeira e fazendo a colher tinir contra o pires. Era sábado, depois do almoço, e estavam no café Leo's, junto ao pilar da ponte. O sol entrava pela janela, descrevia um ângulo sobre o linóleo azul do tampo da mesa e refletia-se na leiteira metálica que Isabelle segurava. — As estatísticas indicam — continuou ela, no seguimento de uma pausa para deitar mais leite no café — que a maioria dos suicídios ocorrem após uma vaga de frio. No primeiro dia de sol que há depois.

Amy queria outro dónute. Comia o que tinha devagarinho, para o caso de a mãe dizer que não.

— Quando era miúda, conheci um homem — disse Isabelle, com um pensativo aceno de cabeça. — Um homem muito calado. A mulher dele era professora. Um dia, chegou a casa e encontrou-o morto no vestíbulo. Matou-se com um tiro, coitado.

Amy levantou os olhos do dónute e fixou-os na mãe.

— A sério?

— Sim. Muito triste.

— Mas porquê?

— Não faço ideia, querida. — Isabelle mexeu o café. — Mas sujou o vestíbulo todo... foi o que ouvi dizer. Tiveram de pintar uma das paredes.

Amy sugou as migalhas dos dedos.

— Nunca vi uma pessoa morta — disse ela.

No prato de Isabelle estava um dónute castanho que ela cortou com uma faca; depois, pegou num pedaço delicadamente, com a ponta dos dedos.

— Os mortos parecem só que estão a dormir? — quis saber Amy.

Isabelle abanou a cabeça, porque mastigava. Encostou um

guardanapo de papel aos lábios.

— Não. Os mortos parecem mortos.

— Mas como é isso diferente de parecer adormecido? O avô da Stacy Burrows morreu na cama e a avó deixou-o lá a manhã toda, porque achou que ele estava a dormir.

— A avó da Stacy precisa de uns óculos novos, diria eu — respondeu Isabelle. — Uma pessoa morta tem um ar de quem «partiu», e não adormecido. Tira o dedo da boca, se faz favor. Em público, não devemos meter os dedos em orifícios.

Mas Amy estava contente com o inverno, com o sabor do seu dónute, com o vapor na janela e o cheiro a café no ar. Achava que talvez a mãe também estivesse contente: o vinco perpétuo que tinha entre as sobrancelhas, semelhante ao desenho de uma gaivota em voo, aplanara-se, e quando Amy pediu outro dónute a mãe disse que sim.

— Mas bebe um copo de leite, também — aconselhou Isabelle. — Dois dónutes é gordura a mais.

Ficaram em silêncio, a comer e a olhar em redor do café e pela enorme montra, para as pessoas que deambulavam na Main Street. Amy gostava do Leo's, porque ali se sentia normal. Ambas pareciam normais: uma mãe e uma filha em passeio num sábado à tarde. Amy sentia-se uma das raparigas do catálogo da Sears. E a primavera já estava no ar. Os pára-choques dos carros estacionados junto ao café refletiam o sol e a neve estava molhada e meio derretida. Isabelle encostou-se ao espaldar da cadeira, enquanto limpava a ponta dos dedos com o guardanapo.

— Porque havia ela de abrir a porta? — perguntou Amy, finalmente, depois de acabar o segundo dónute e de empurrar o prato para o lado. — Se a mãe lhe pediu que não o fizesse.

Isabelle assentiu com a cabeça.

— Pois, aí está o busílis. Eu disse-te para não abrires a porta, mas digamos que estavas em casa sozinha e o Avery Clark telefonava e dizia que eu tinha sofrido um acidente e que ia passar lá por casa para te levar ao hospital. Uma coisa assim. Tu abrias a porta e ias com ele, certo?

— Suponho que sim.

— O Avery nunca te faria mal — afirmou Isabelle. — O Avery não seria capaz de fazer mal a uma mosca. Era só um exemplo. — Pôs umas moedas por baixo da aba do pires; não gostava de deixar gorjetas à vista de toda a gente. — Pronta?

Desceram a rua lentamente (tão normal!), uma mãe e uma filha a verem as montras, as cabeças inclinadas uma para a outra, um dedo apontado a um par de sapatos, uma mala, um vestido que

concordaram que jamais vestiriam. Oh, aqueles momentos eram divinais para Amy.

E raros.

Chegadas ao parque de estacionamento do A&P, o bom estado de espírito desvanecera-se, o momento esfumara-se. Amy sentia-o. Talvez fosse apenas os dois dónutes a expandirem-se no seu estômago cheio de leite; em todo o caso, Amy sentia o despontar de um abatimento, a familiar mudança de uma maré interior. Ao atravessarem a ponte, o sol amarelo, diurno e animado ganhou um tom dourado e vespertino; dolorosa, a maneira como a luz áurea golpeava as margens do rio, despertando em Amy um anseio, um desejo de alegria.

— Lembra-me de lavar uns colãs — pediu Isabelle.

O A&P tinha serradura no chão da entrada, molhada e suja dos pés dos clientes. Amy empurrou um carrinho de compras e uma das rodas dianteiras entortou e fez o carrinho tremer em cima da serradura.

— Vamos lá despachar isto — suspirou Isabelle, de olhos semicerrados e concentrados na lista.

O humor da mãe também tinha mudado, e Amy sentia-se responsável, como se aquela queda no ânimo fosse, de alguma maneira, culpa sua. Como se ter comido dois dónutes tivesse sido a desgraça de ambas.

O supermercado deu-lhe vontade de chorar; colidiam ali uma esperança e um desespero estranhos: a esperança contida em todas as cozinhas bem iluminadas, com telefones de parede a tocarem, talheres a tilintarem nas mesas, o vapor que se elevava das panelas no fogão, e depois o desespero daquelas filas intermináveis de beterrabas e milho enlatados. As pessoas cansadas e circunspetas que empurravam os carrinhos.

— Oh, bolas — disse Isabelle, entre dentes, de olhos pregados na lata de atum que tinha na mão. — É aquela mulher detestável.

E ali estava Barbara Rawley, com o seu casaco comprido de inverno que a fazia ainda mais alta, e um dedo enluvado encostado ao queixo, a examinar os molhos para salada. A Isabelle, a mulher lembrava uma cobra erguida sobre a cauda; Amy achava-a bonita. Ao virar-se, observou-as com os seus olhos grandes e castanhos, o cabelo brilhante como num anúncio a champô. Usava brincos de pérola nos lóbulos rosados e o batom castanho-avermelhado realçou a brancura dos seus dentes quando abriu a boca num sorriso.

Não era um sorriso sincero, contudo. Tanto Isabelle como Amy perceberam isso. Era o sorriso da mulher de um diácono que encontra membros da congregação, apenas isso; e alguma curiosidade refreada, talvez.

— Ah, olá — disse ela, sem pressa.

— Olá, Barbara. Como estás? — perguntou Isabelle, com um notório tom contrariado.

— Estou ótima, obrigada. — Barbara Rawley respondeu devagar, como se falasse de algo particularmente significativo. Olhou então para Amy. — Desculpa. Como é o teu nome?

— Amy.

— É claro. Amy. — O sorriso continuava a mostrar os dentes brancos.

— Não andas na escola com o meu filho Flip?

— Está na minha turma de Matemática. — Amy olhou para o frasco de azeitonas que Barbara Rawley segurava na mão enluvada.

— Então, e que planearam vocês as duas para esta noite?

Barbara Rawley arqueou as sobrancelhas de maneira bastante extravagante ao fazer aquela pergunta.

Amy e Isabelle sentiram-se censuradas, quase esbofeteadas por aquela indagação acerca dos seus planos, e olharam uma para a outra, desamparadas. Porque tinha de ser algum tipo de bofetada: como poderia ser outra coisa, vinda daquela mulher com lábios perfeitos que segurava um frasco de azeitonas como que para trocar delas?

— Bem — disse Isabelle —, nada de especial... o do costume.

Seguiu-se uma pausa. Incómoda, mesmo muito incómoda. E por culpa delas. Amy tinha a certeza de que Barbara Rawley teria falado mais à vontade com qualquer outra pessoa.

— Bem — tornou Isabelle —, desejo-te uma boa noite. — E tirou o carrinho das mãos de Amy e avançou pelo corredor.

— Ela é mesmo bonita — comentou Amy, no encalço da mãe, enquanto tirava de uma prateleira o pacote de bolachas de manteiga de amendoim e doce que ela e Stacy comeriam ao almoço.

Isabelle não respondeu.

— Não a achas bonita? — insistiu Amy.

Isabelle pôs no carrinho um pacote de carne ensanguentada para hambúrgueres. Virou para outro corredor.

— Talvez seja — respondeu então, sem grande empenho —, para quem goste de um ar falso e muito maquilhado. Eu cá não gosto.

Constrangida, Amy ficou a ver a mãe juntar uma lata de beterrabas fatiadas ao carrinho. Gostava de maquilhagem. Queria usá-la, muita. E perfume, também; queria ser uma daquelas mulheres que deixavam rastos de perfume.

— Eu quis dizer que ela *podia* ser bonita, se não usasse tanta maquilhagem — corrigiu-se Amy, ansiosa ao ver Isabelle de sobrolho franzido a olhar para os cereais *Raisin Bran*.

— O mais certo é que vá dar uma festa esta noite — disse Isabelle, mirando a caixa dos cereais. — Vai servir aquelas azeitonas num pratinho de prata. Pode dizer aos convidados que esta tarde se cruzou com Isabelle Goodrow e podem rir-se em conjunto por eu ter decorado a igreja com folhas outonais e não com crisântemos.

Amy tinha-se esquecido. A mãe ficara muito magoada com os comentários de Barbara Rawley naquele dia, depois da missa, em que, na sala de atividades, durante a pausa para o café, a vira com duas manchas rosadas e brilhantes nas faces. A mãe tinha manchas iguais na cara, naquele momento, em que se esticava para alcançar um frasco de compota de maçã.

— Endireita-te — ordenou Isabelle, ainda a fuzilar com os olhos o rótulo da compota de maçã. — É horrível, essa postura. E vai lá à frente buscar outro carrinho. Esta roda oscilante está a enervar-me.

Já tinha escurecido, e as janelas do supermercado estavam negras, à exceção dos quadrados de papel branco que anunciavam produtos e preços, e as portas automáticas zuniam quando as pessoas entravam ou saíam; os rapazes com os casacos encarnados do A&P empurravam carrinhos de compras cheios por cima dos tapetes de borracha. Amy tirou um carrinho vazio cuja pega de plástico conservava ainda o calor das mãos de quem o empurrara antes, e viu Barbara Rawley na fila da caixa registadora, com um ar amável e tranquilo e segurando o frasco de azeitonas contra o peito como que absorta numa oração feliz.

Iria mesmo dar uma festa naquela noite? Amy supunha que assim fosse. A sua mãe nunca dava festas; e, nesse momento, cravou-se-lhe no estômago um pensamento, como um anzol: a mãe raras vezes era convidada para o que fosse. *Que planearam vocês as duas para esta noite?* Nada. Outras pessoas em Shirley Falls teriam planos; Barbara Rawley exibiria uma mesa com porcelana cintilante, Stacy sairia com um namorado, talvez fosse a uma festa, algures. (Às vezes, à segunda-feira de manhã, na escola, havia alusões a elas; um rapaz dava uma palmada no ombro de outro e, no seguimento de uma gargalhada, dizia: «Adivinha quem me vomitou o carro todo.»)

Aquele pensamento entristeceu Amy. A mãe quase não tinha vida social. Os factos, puros e duros: a mãe, sozinha e solitária, com o seu rosto franco e pálido, o casaco de inverno disforme, inclinada sobre o leite a verificar as datas de validade dos pacotes.

— Mãe — disse Amy, aproximando-se dela com o carrinho novo —, tu também és bonita. — E foi a coisa mais idiota que podia ter feito, porque as palavras, torpes e artificiais, ecoaram no silêncio.

Isabelle, ocupada a verificar a lista das compras, disse, por fim:

— Vai ver se encontras o papel higiénico, sim?

O carro estava frio quando regressaram a casa pelas ruas secundárias. À medida que se afastavam da cidade, as casas iam ficando mais pequenas e espaçadas, e algumas não tinham luz. Passaram por uma casa cuja lâmpada acesa por cima da porta da garagem desenhava um arco de luz sobre os pedaços de neve no caminho da entrada, e Amy pensou em Debby Dorne. Imaginou a menina a cair à porta de casa, deitada no sofá a ver televisão, porque não fora à escola. A mãe a telefonar-lhe às duas da tarde, Debby levantando-se para ir à cozinha atender.

Amy mexeu os pés no espaço sob o porta-luvas; o aquecimento começava finalmente a produzir efeito. Ocorreu-lhe que talvez Debby tivesse dado já meia-volta para regressar à sala de estar quando ouviu um carro parar à porta; porventura tivesse ido à janela espreitar, com o coração a bater mais depressa, até que reconheceu o carro, ou a pessoa que dele se apeou. Talvez tenha pensado: «Ah, que alívio, é só ele», e tenha aberto a porta.

Amy fitou a escuridão através do pára-brisas. Um carro avançava na direção contrária, os faróis cada vez maiores; passou por elas e desapareceu. Já seria de dia quando Debby saiu para a escola, mas a luz não teria durado muito tempo. Quem a raptara levava-a num carro, por certo; teria conduzido a coberto da noite? Havia tantas estradas secundárias que uma pessoa podia conduzir durante quilómetros sem ver uma única casa. Amy mordeu uma unha. Debby ter-se-ia dado conta de que alguma coisa não estava bem, de que não iam aonde a pessoa dissera que iam. Que não voltaria para casa. Amy estremeceu, apesar do ar quente que o aquecimento lhe soprava para as pernas. Talvez Debby fosse no banco da frente a chorar. Porque, mais cedo ou mais tarde, começara a chorar, pensou Amy. Teria finalmente tapado os olhos com as mãos e suplicado, em pranto: «Oh, por favor, quero a minha mãe.»

Amy tamborilou os dentes com a unha. Não importava que fosse sábado à noite e Barbara Rawley fosse dar uma festa. Importava tão-só que ela estava com a sua mãe. Era a única coisa que importava no mundo inteiro: o facto de estarem juntas e em segurança.

— Pára de roer as unhas — ordenou Isabelle.

— Estava a pensar na Debby Kay Dorne — confessou Amy, tirando obediamente o dedo da boca e pousando a mão no colo. — Que estará ela a pensar agora?

— Em nada — disse Isabelle, e ligou o pisca para virar para a entrada da casa.

A casa estava fria. Amy atravessou a cozinha com um saco de papel cheio de compras empoleirado na anca, como as pessoas costumam às

vezes carregar uma criança. No passado, houvera ocasiões em que fizera de conta de que o saco era de facto uma criança, um filho seu, e sacudira-o gentilmente contra a anca; mas daquela feita limitou-se a pousá-lo na bancada da cozinha. Estava cansada, um pouco atordoada, até.

Isabelle olhou para ela enquanto vestia uma camisola.

— Precisas de comida — disse.

*

Mas, na segunda-feira, o professor Robertson disse que gostava do seu vestido, e como as coisas tinham mudado depois disso! Nada a fazer em relação a Debby Dorne (e talvez nem estivesse morta; Isabelle e Arlene Tucker não sabiam tudo), e que maravilhoso era o sol dourado de fevereiro que entrava pela janela quando Amy se sentou à mesa a fazer os trabalhos de casa, naquela tarde! A voz maravilhosa dele, o seu tom íntimo: «Uma mulher deve aprender a aceitar um elogio com graciosidade.» Do outro lado da janela, Amy viu um chapim pular ao longo do ramo de um pinheiro. Uma mulher. Essa tinha sido a melhor parte, a adorável *feminidade* implícita na maneira como o professor Robertson dissera a palavra; uma mulher era uma coisa maravilhosa, e isso incluía-a.

Mudou tudo, de certa forma. Percorreu a beira da mesa com o dedo. O seu sutiã não era uma coisa ridícula da Sears. Era lingerie, uma peça bonita. E o seu período talvez não fosse uma coisa assim *tão* nojenta. Todas as mulheres o tinham. (A bonita Barbara Rawley.) Ser mulher era uma coisa bonita. O professor Robertson, com a sua voz gentil e sábia, estava a ensiná-la. Achava que valia a pena ensiná-la.

«Uma mulher deve aprender a aceitar um elogio com graciosidade.» Abandonou os cadernos e subiu ao quarto para praticar em frente ao espelho.

— Obrigada — disse ela (com graciosidade). — Muito obrigada.

Penteou o cabelo ondulado e comprido para trás, virando o rosto para um lado e depois para o outro.

— Obrigada — repetiu ela. — É muito amável.

Uma pancada na porta do quarto.

— Estás bem? — perguntou Isabelle. — Estás a falar com quem?

— Com ninguém — respondeu Amy. — Não te ouvi chegar a casa.

— Vou tomar um duche — disse Isabelle, do outro lado da porta. — Depois faço o jantar.

Amy esperou até ouvir a mãe entrar na casa de banho. Só que dessa vez foi cuidadosa e murmurou apenas as palavras. Pela janela entreaberta ouviu o canto de um cardeal. Um feixe de sol vespertino

cruzou a sua cama. Sorriu com graciosidade ao espelho. «Obrigada, sim. É muito amável.» E baixando lentamente as pálpebras: «É muito amável, o que acabou de dizer.»

Cruzar-se com Barbara Rawley no supermercado perturbara consideravelmente Isabelle, que passara a noite daquele sábado a imaginar com irritação um jantar em casa de Barbara Rawley: copos de vinho cintilando à luz de velas, o suave burburinho de risadas; e o terrível pensamento de que o seu nome viesse à baila. («Hoje vi a Isabelle Goodrow no A&P. Acho-a tão estranha.» E alguém que picava uma azeitona com um palito responderia: «Que ideia, decorar o altar daquela maneira, com folhas outonais.» Gargalhadas, o tilintar de copos. «A igreja parecia mesmo um *celeiro*.»)

Horrível.

Ainda por cima, no dia seguinte, domingo, Avery Clark não foi à missa, coisa invulgar: a maioria dos domingos, Avery sentava-se com Emma, a sua mulher, na terceira fila de bancos. Isabelle, a quem a mãe ensinara, anos atrás, que quem se sentava no banco da frente ia à missa apenas para ser visto, sentou-se discretamente nas filas de trás, espreitando por entre cabeças e ombros polvilhados de caspa, para ver se conseguia encontrar Avery; mas nada.

A caminho de casa, começou a nevar. Os pequenos flocos cinzentos sarapintavam o pára-brisas e faziam o dia parecer interminável, monótono como a estrada à frente dela. Talvez os Clarks também tivessem ido a uma festa, e tal fora a diversão que acharam que não merecia a pena sair da cama. Isabelle pensou nisso o dia todo, enquanto deambulava pela casa. Ao meio-dia, as divisões estavam tão escuras como ao entardecer, por causa do céu carregado e plúmbeo, e em determinada altura a neve misturou-se com a chuva, uma humidade pastosa que escorria pelas vidraças.

Quando, nessa tarde, Isabelle se pôs a engomar uma fronha na cozinha, a chuva convertera-se num chuvisco gelado que produzia pequenos ruídos trémulos contra a janela, e ela acalentava já outra ideia: Avery Clark ausentara-se da cidade. Engomando a extremidade de renda da fronha com cuidado, interrogou-se se Avery e a mulher tinham ido a Boston. Havia pessoas em Shirley Falls que às vezes iam

a Boston assistir a um bailado ou visitar um museu. Havia pessoas que iam a Boston simplesmente para fazer compras. Barbara Rawley, por exemplo. E algumas das esposas dos outros diáconos. Faziam essa excursão algumas vezes por ano, dormiam uma noite num hotel e voltavam no dia seguinte com blusas novas e saias e colares. Para usarem nas festas a que iam, sem dúvida.

Pois se a mulher do dentista ia a Boston arranjar o cabelo! A recordação veio-lhe à cabeça enquanto dobrava a fronha e começava a engomar outra. Ficara a saber disso um dia, na sala de espera do dentista, e a notícia tornara a desvitalização ainda mais insuportável: ali deitada de boca aberta na cadeira de vinil, com aquela mangueirinha a aspirar-lhe a saliva e o estômago do dentista a roncar ao lado da sua cabeça, sofrer tamanha afronta, para depois, no final, com o lábio dormiente e inchado (e uma pessoa nunca sabe se está a babar-se ou não), encarar a rececionista e passar um cheque de uma soma astronómica, sabendo que, pelo menos, uma parte daquilo ia pagar a ida seguinte da Sr.^a Errin a Boston. Só para arranjar o cabelo. Irritou Isabelle, e entristeceu-a também, ao desligar o ferro da corrente e esvaziar-lhe o tanque no lava-loiça, pensar em Emma Clark e Avery parando naquele momento o carro em frente à entrada e descarregando-o: ele levaria as malas e Emma seguiu-lo com um saco cheio de roupa nova, um perfume caro e um par de sapatos elegantes.

Mas tudo não passou de conjecturas estéreis, horas de pensamentos desperdiçados, porque quando, na manhã seguinte, chegada ao trabalho, entrou no gabinete de Avery e perguntou, num tom animado: «O fim de semana foi bom, Avery?», a resposta foi que não, não fora.

Tinha sido acometido por um «bicharoco» qualquer, confidenciou ele a Isabelle, abanando a cabeça, e explicou que acordara no sábado de manhã com dores de estômago atrozes.

— Muito desagradável — disse ele, e recostou-se na cadeira com as mãos entrelaçadas atrás da cabeça e, naquele momento, um ar perfeitamente normal.

— Lamento muito ouvir isso — respondeu Isabelle, aliviadíssima por saber que Avery Clark não andara na gandaia em Boston nem estivera numa festa ali na cidade, mas antes enfiado em casa, dobrado sobre a sanita, com um copo de *ginger ale* tépido na mesa de cabeceira. — Espero que se sinta melhor — acrescentou ela. — Está com *muito* bom aspeto.

Ainda que não fosse verdade, o mais certo é que o tivesse dito à mesma. Acreditava que os homens eram mais suscetíveis à lisonja do

que as mulheres, sobretudo à medida que envelheciam; lera artigos em revistas sobre as dificuldades íntimas que os homens, mais entrados na idade, às vezes tinham. Duvidava que Emma Clark fosse sensível a isso. Emma parecia demasiado interessada em Emma, e o mais certo era que Avery sofresse, em resultado disso.

— Sim, podem ser muito desagradáveis, não é — disse Isabelle —, esses bicharocos. Podem deixar uma pessoa inerte. Um pouco deprimida.

— Sim — respondeu Avery, como se aquele efeito do seu bicharoco estomacal nunca lhe tivesse ocorrido. — Estou contente por já estar recuperado. — Sorriu, e bateu ao de leve com as mãos na secretária. — Contente por estar são e salvo.

— É bom saber que já se sente melhor — disse Isabelle —, e agora vou dar início ao meu dia. — Regressou à sua secretária, onde se sentou a bater com uns papéis contra o tampo para os alinhar, duvidando seriamente que ele fosse muito feliz com a mulher.

Já se *ela* fosse casada com Avery (inserindo uma folha de papel na máquina de escrever e livrando-se de Emma Clark com um ataque cardíaco que acarretaria apenas uns momentos de pânico e dor), Avery diria a alguém que lhe fizesse a mesma pergunta que ela: «Um bicharoco tramado, mas a Isabelle tomou muito bem conta de mim.» Porque ela cuidaria muito bem dele, far-lhe-ia gelatina e segurar-lhe-ia a testa, levar-lhe-ia revistas à cama. (Neste momento, fez uma gralha e procurou com os olhos o líquido corretor.) Sentar-se-ia à cabeceira dele e falaria acerca dos bolbos de jacintos que era preciso encomendar, da cortina da banheira que tinha de ser substituída, que vira uma em saldos e o que achava ele... E ele pousaria a mão sobre as dela e diria: «Acho que sou um sortudo por ser casado contigo.» Sim, pensou Isabelle, que encontrara o corretor e estava a destapá-lo, era capaz de fazê-lo feliz.

Amy estava também de bom humor; Isabelle reparou nisso assim que chegou a casa. O rosto juvenil da filha estava corado e sorridente enquanto ela se deslocava pela cozinha a ajudar Isabelle com o jantar. Ocasionalmente, a beleza de Amy conseguia ser surpreendente, como naquele momento, em que resplandecia, ocupada a levar um prato para a mesa com um gesto gracioso e ligeiro.

— Hoje usei o vestido que fiz na aula de Economia Doméstica — contou Amy, ao sentarem-se para comer — e recebi um elogio.

— Que bom — respondeu Isabelle. — E de quem é que recebeste esse elogio? (Agradava-lhe conhecer as regras da gramática.)

— Ah, tipo, das pessoas — disse Amy. — Levou uma garfada de rolo de carne à boca e mastigou com a cara radiante, sorrindo aos últimos

raios de sol vespertino de fevereiro, do outro lado da janela. — Toda a gente gostou do vestido — acrescentou. — Toda a gente.

Ainda assim, o temperamento daquela rapariga. Porque, umas noites mais tarde, quando Isabelle chegou a casa, ela estava impertinente e foi desagradável.

— Como foi o teu dia? — perguntou Isabelle, depois de largar as chaves na mesa e de despir o casaco.

— Tudo bem — respondeu Amy, num tom insípido, enquanto fechava os cadernos, empurrava a cadeira e se preparava para sair da cozinha.

— Tudo bem? — Isabelle sentiu uma pontada de medo. — Que se passa? — Era-lhe impossível ficar minimamente em paz quando alguma coisa se passava com a filha; e o dia de Isabelle também tinha sido apenas mediano, uma vez que Avery Clark estivera ocupado e alheado o dia todo.

Amy fez um grunhido e dirigiu-se para as escadas. Isabelle seguiu-a até à porta.

— Que se passa? — insistiu, vendo as pernas magras e compridas, nos colãs pretos, subirem os degraus.

— Não se passa nada — respondeu Amy, tensa, com segura.

— Amy Goodrow, pára já onde estás.

Amy virou-se e olhou para a mãe desde o patamar, impassível, inexpressiva, meio escondida pelo cabelo volumoso.

— Sou tua mãe — começou Isabelle, com um súbito desespero — e não vejo razão nenhuma para me falares dessa maneira. Gostes ou não, partilhamos a mesma casa, e passo o dia todo num emprego *estúpido*, para o qual tenho qualificações a mais, só para te pôr comida na mesa. — Odiou-se ao dizer aquilo. Afirmar que estava sobrequalificada para o trabalho que fazia era uma patetice, e ambas sabiam disso. Isabelle não tinha terminado a faculdade. Dificilmente podia esperar um emprego melhor do que aquele que tinha. Ainda assim, não terminara o curso universitário, porque a mãe morrera e não havia ninguém para tomar conta da bebé. Portanto, na verdade, tinha sido culpa de Amy, a mesma pessoa que a olhava com desdém do patamar da escada. — E pára de fazer essa cara — ordenou Isabelle. — Agradecia que fosses amável comigo. Agradecia um pouco de cortesia na maneira como olhas para mim e falas comigo.

Silêncio.

— Entendeste?

— Sim. — Dito com esmero, com frieza suficiente para que não restassem dúvidas de que achava a mãe detestável, mas não demasiada, a ponto de arriscar-se a que a mãe continuasse a acusá-la

de insolência. Isabelle virou-se para arrumar o casaco no armário da entrada e ouviu a porta do quarto de Amy fechar-se.

Momentos como aquele alarmavam Isabelle. Alarmava-a que a ira pudesse irromper nela com tamanha facilidade, provocada por um simples olhar da filha adolescente. Afinal de contas, os adolescentes eram temperamentais; o crescimento e as hormonas contribuía para isso.

Isabelle sentou-se à mesa da cozinha com a cara nas mãos; que maneira tão desagradável de dar início ao serão. Não devia ter perdido as estribeiras. Devia ter sido paciente, como a *Reader's Digest* sugeria nos ocasionais artigos que publicava sobre adolescentes. E, desse modo, talvez Amy lhe tivesse contado o que se passava. É claro que queria ser uma mãe paciente, mas irritava-a trabalhar o dia todo e chegar a casa cansada e deparar com os maus-humores de Amy. Não deixava de a irritar, às vezes, pensar nos enormes sacrifícios que fizera (realmente *enormes*) por aquela rapariga, e é claro que a irava ver Amy fechar os livros e sair da cozinha só porque ela chegara a casa. Era uma megera só por querer que a filha a cumprimentasse com amabilidade? Era assim tão detestável só porque ansiava por um simpático «Olá, mãe, como foi o teu dia?» da boca de uma rapariga que lhe comandava a vida? E, a seguir, Isabelle ouviu a porta do quarto da filha abrir-se e respirou com maior facilidade, sabendo que dali a pouco ouviria um pedido de desculpa, e grata porque não tardara muito.

É que Amy não suportava que a mãe estivesse zangada com ela. Assustava-a profundamente; era como se perdesse o pé, como se balouçasse suspensa na escuridão. Desceu as escadas sem fazer barulho, de colãs.

— Desculpa — disse Amy. — Peço desculpa.

Às vezes, a mãe dizia: «Não basta pedires desculpa.»

Naquela noite, porém, limitou-se a dizer:

— Está bem. Muito obrigada.

Mas não voltou a perguntar o que se passava com a filha e, se o tivesse feito, Amy não lhe teria respondido.

Tinha sido o professor Robertson. Elogiara-lhe o vestido, mas depois disso... nada. E, entretanto, era como um vírus, como uma infeção, aquela terrível ânsia de que ele reparasse nela. Amy penteava o cabelo todos os dias antes da aula, beliscava as maçãs do rosto antes de entrar na sala. Sentava-se todos os dias com desvelo e o coração a bater, esperançosa. E todos os dias, quando a campainha soava e os olhos dele não se tinham cruzado com os dela nem uma só vez,

abandonava a sala com uma desilusão maior do que qualquer outra de que se recordasse.

— Odeio a escola — queixou-se a Stacy, no bosque. — Odeio a minha vida, odeio tudo.

E Stacy, puxando baforadas de um cigarro, semicerrava os olhos contra o fumo e anuí-a com acenos de cabeça.

— Também odeio tudo — secundou.

— Mas porquê? — perguntou-lhe Amy, por fim. O mês de fevereiro acabava; o dia estava incolor, mas cálido; a crosta de neve amolecera e as botas de couro de Stacy tinham manchas de água. — Porque é que *tu* odeias tudo? — quis saber Amy. — Quer dizer, és bonita e tens montes de amigos, e tens namorado. Como é que podes ser infeliz como eu?

Stacy examinou a ponta do seu cigarro.

— Porque os meus pais são uns merdas e os meus amigos são uns atrasados mentais. À exceção de ti.

— Pois, mas mesmo assim.

Amy encostou-se ao tronco e cruzou os braços. Que importava que os nossos pais fossem uns idiotas e os nossos amigos uns atrasados mentais, desde que tivéssemos namorado? E Stacy tinha um namorado fantástico. Não era muito mencionado ali no bosque, mas Amy sabia quem Paul Bellows era, que ele vivia no seu próprio apartamento, por cima de uma padaria na Main Street, e que quando estava no liceu tinha sido campeão de futebol. As chefes de claque tinham um cântico especial para ele. Uma ocasião, partira a perna durante um jogo e algumas pessoas choraram quando ele foi tirado do campo numa maca. Era alto e encorpado e tinha olhos castanhos.

— É um estúpido — disse Stacy, depois de refletir no assunto por um momento.

— Tem uns olhos bonitos.

Stacy ignorou esta afirmação. Lançou a beata para o bosque e ficou a olhar para ela com um ar inexpressivo.

— É uma seca — acrescentou ela. — A única coisa que ele quer é ir para a cama.

Isto fez Amy sentir-se esquisita. Deu uma passa longa no cigarro.

— Mas até é porreiro — decidiu Stacy. — É simpático comigo. No outro dia comprou-me uma sombra. — A sua expressão animou-se ao pensar nisso. — Era de um turquesa muito bonito.

— Isso é bom — disse Amy. Levantou-se; tinha as costas do casaco molhadas. Na neve, junto ao tronco, ficou uma amolgadela de onde estivera sentada.

— E não é das baratas — acrescentou Stacy. — Não empapa.

Amanhã trago-a para tu veres. Aposto que te ficaria bem.

Amy pisou o cigarro.

— A minha mãe matava-me se eu usasse maquilhagem.

— Pois... bem, os pais são todos uns merdas — disse Stacy, mostrando-se compassiva, e a campainha da escola começou a tocar.

Na sexta-feira, o professor Robertson disse que queria falar com ela no final das aulas. Amy conseguira isto a poder de manipulação. Tornara-se outra pessoa, desesperada, louca. À medida que os dias passavam, começara a interrogar-se por que motivo Alan Stewart tivera o magnífico privilégio de se sentar na companhia do professor Robertson durante uma hora, a seguir às aulas, simplesmente por ter tamborilado a esferográfica depois de o professor Robertson lhe pedir que parasse. Porque não ela? O mesmo sucedera a Terrence Landry, por ter inflado o saco do almoço e o ter rebentado à saída da aula. Amy não se imaginava a encher o saco do almoço com ar e a estourá-lo (um *pum* abafado, como se alguém embrulhado num edredão tivesse levado um tiro), nem se achava capaz de continuar a tamborilar uma esferográfica, mas Maryanne Barmble havia sido ameaçada com um castigo por ter sussurrado ao ouvido da colega do lado.

— Maryanne — ralhara o professor Robertson —, se tiver de te mandar calar mais uma vez, ficas cá depois das aulas.

Assim, Amy começou a sussurrar a Elsie Baxter, sentada atrás dela. Foi preciso coragem, porque não era o seu estilo. Elsie, tão ruidosa e incontida, cooperava. Amy bichanou que os trabalhos de casa da véspera tinham sido uma grande seca, uma verdadeira merda. Elsie disse que eram pior do que chichi da cor de pus. O professor Robertson disse:

— Meninas, silêncio, por favor.

A tensão tornou-se extenuante. Amy tinha a cara húmida, picadas nos sovacos. Virou-se de novo para Elsie.

— Ao menos não estamos na aula de Economia Doméstica — murmurou ela —, com aquela imbecil das pernas tortas.

Elsie deixou escapar uma risadinha gutural. O professor Robertson parou a aula e fitou ambas, sem falar. Amy corou até à raiz dos cabelos e cravou os olhos na mesa.

Quando se tornou claro que a coisa ia ficar por ali, quando o professor Robertson continuou a escrever números no quadro, o desapontamento levou Amy de novo à loucura. Virou-se e revirou os olhos a Elsie.

— Amy — ouviu-se a voz grave do professor Robertson —, mais

uma e ficas cá depois das aulas.

Os riscos que corria! E o menor deles nem era que também Elsie acabasse retida. Contudo, a promessa de «mais uma vez» era demasiado grande para a deixar passar. Amy olhou de relance para o relógio: faltavam vinte minutos. O coração pulava-lhe dentro do peito; os números no caderno eram quase um borrão. Ao lado dela, Flip Rawley batia com a borracha na bochecha, abstraído. O relógio fez um clique. Amy sentiu qualquer coisa dentro dela colapsar de desespero, e talvez tivesse abandonado por completo o seu plano se o professor Robertson não tivesse acabado de elogiar Julie LaGuinn, sentada na fila da frente, por ter respondido a uma pergunta que ele fizera.

— *Muito* bem — disse ele a Julie, e bateu com o giz na mesa dela.
— Muito, muito bem. Lancei uma coisa nova e tu apanhaste-a.

Foi o suficiente para Amy perder o juízo. Tantas vezes que, sabendo a resposta certa, se encolhera de levantar o braço por vergonha, e ali estava Julie LaGuinn com aquele sorriso de satisfação que metia nojo a refastelar-se com os elogios daquele idiota. Amy virou-se para Elsie:

— Nós devemos ser burros.

E aconteceu, então. A voz dele:

— Muito bem, Amy. Vemo-nos depois das aulas.

Triunfante, bem-sucedida, estava consumida de vergonha. Pareceu-lhe que Flip Rawley a olhou de esguelha. Amy Goodrow, de castigo? Quando a campainha tocou, manteve a cabeça baixa ao sair da sala.

Aulas insuportáveis: História, entediante como tudo; Espanhol, insípido e interminável. Nada tinha significado, tirando que depois das aulas se sentaria na sala do professor Robertson. E quando a última campainha tocou estava exausta, como se tivesse passado muito tempo sem comer. Na casa de banho das raparigas, examinou-se ao espelho, por cima da fila de lavatórios. Aquilo era ela? Era aquilo que as pessoas viam quando olhavam para ela? O cabelo era bonito, mas a cara parecia não exprimir nada, e como haveria de exprimir quando tanto se passava no seu interior? Saiu da casa de banho e a porta fechou-se atrás dela com um baque fatigado.

O corredor estava vazio. Nunca tivera de ficar de castigo depois das aulas e a escola era um lugar diferente àquela hora do dia. O sol que incidia no chão das salas de aulas parecia de um tom de amarelo mais escuro; os parapeitos largos das janelas e os quadros empoeirados tinham um ar mais amistoso e gasto, como acontece com a roupa, às vezes, ao final do dia. O silêncio de um corredor vazio rodeava-a, se bem que, à distância, pudesse ouvir os cânticos das chefes de claqué a treinarem no ginásio.

O professor Robertson estava sentado à sua secretária, ao fundo da sala, a escrever, quando ela entrou.

— Senta-te — disse ele, sem levantar os olhos.

Amy escolheu uma mesa perto do quadro, em vez do seu lugar habitual, e sentou-se sem fazer barulho, insegura quanto ao que havia de fazer. Olhou na direção da janela; um raio de luz iluminava os grãos de poeira suspensos no ar. Algures no corredor o som metálico de um cacifo a ser fechado com estrépito e, mais perto, a vassoura do auxiliar a bater contra a escada.

Ouviu o professor Robertson largar um lápis sobre a secretária.

— Começa a fazer os trabalhos de casa — disse, num tom amável —, se quiseres.

— Não quero — respondeu ela, e abanou a cabeça; de repente tinha lágrimas nos olhos. Que tristeza terrível! Que colapso tão súbito; estava exausta, no final de uma tarde de antecipação. Ficou sentada, com as mãos no colo, de costas para ele, com o cabelo a pender de ambos os lados da cara, e ao fechar os olhos com força sentiu cair lágrimas quentes nas mãos.

— Amy. — Ele levantara-se da secretária e caminhava para ela. — Amy — tornou, já ao lado dela. Pronunciou o nome com delicadeza, a voz um suave dedilhar, tão grave, tão sério. Alguma vez alguém falara tão seriamente com ela? — Eu compreendo, Amy — disse. — Não faz mal.

Alguma coisa ele terá compreendido, já que as lágrimas não pareceram alarmá-lo, ou sequer confundi-lo. Sentou-se ao lado dela e estendeu-lhe o seu lenço de assoar. Era uma bandana vermelha, tão grande como um individual, e ela aceitou-a, enxugou os olhos e assoou o nariz. Deveria ser atroz chorar à frente dele, mas não foi. E talvez isso se devesse ao facto de ele não estar surpreendido, à amável lassitude que viu nos olhos dele. Devolveu-lhe o lenço.

— Sei um poema — disse Amy, por fim, e sorriu da maneira como pronunciou a palavra «poema», de como ali estava sentada, à semelhança de uma criança, com os olhos ainda molhados e ligeiramente encarnados. Devia parecer-lhe totalmente inocente e magoada. — É um poema da Edna St. Vincent Millay — explicou ela, depois de prender o cabelo atrás das orelhas —, e uma vez durante a aula lembrei-me dele. O primeiro verso é... hum... é «Só Euclides contemplou a beleza despojada», acho que é isso.

Ele fez que sim com a cabeça, devagar, com as sobrancelhas ruivas arqueadas.

— «Que todos os que papeiam sobre a beleza guardem silêncio.»

— Conhece o poema — espantou-se Amy.

Ele tornou a acenar com a cabeça, juntando então pensativamente as sobrancelhas, como se ponderasse algo que não lhe ocorrera que tivesse de considerar.

— Conhece o poema — repetiu Amy. — Nem acredito que conhece este poema. — Era como se um pássaro acabasse de esvoaçar livre, depois de ter estado preso numa caixa de cartão. — Sabe mais algum? — Virou-se na cadeira para ficar de frente para ele, os joelhos de ambos não muito afastados. — Da Millay, quero dizer. Conhece mais algum?

O professor Robertson cobriu a boca com os dedos da mão abertos, contemplando-a. Depois respondeu:

— Sim, sei outros. Os sonetos. «O tempo não traz refrigério; mentiram todos...»

— «Os que me disseram que o tempo mitigaria a dor» — completou Amy, com um pequeno salto na cadeira, e o cabelo, preso atrás das orelhas, libertou-se e cruzou-se com a faixa de sol que entrava pela janela, e por isso Amy viu-o através de uma bruma dourada; viu a surpresa e o interesse no rosto dele, e viu outra coisa, algo que recordaria por muito tempo: um movimento no fundo dos seus olhos, como se alguma coisa se tivesse deslocado no seu interior.

Ele levantou-se e dirigiu-se para a janela com as mãos nos bolsos das calças de bombazina.

— Anda ver o céu — desafiou ele, e apontou com o queixo para a janela. — Aposto que esta noite vai nevar. — Virou-se para ela e depois novamente para a janela. — Anda ver — insistiu.

Obediente, ela assim fez. O céu adquirira um tom feroz e comovente; nuvens negras abeiravam-se e o sol áspero de inverno, dourado àquela hora do dia, como se tivesse estado a reunir forças desde a manhã, iluminava então um aglomerado de nuvens negras a oeste, orlando-as de uma luz quase elétrica.

— Oh, adoro quando fica assim — disse Amy. — Olhe. — Apontou para os raios afunilados que se esparramavam na rua coberta de neve. — Adoro. Na vida real, quero dizer. Em imagens, não gosto tanto.

Ele observava-a, mordendo o lábio sob o bigode.

— Quando eu andava no sétimo ano, costumava ir limpar a casa de uma velhinha... era uma senhora da igreja — explicou Amy. — Tinha uns quadros antigos e muito feios na sala. Num deles havia uma rapariga que parecia embalsamada. Tipo uma almofada para alfinetes. Sabe a que tipo de quadros me refiro?

Ele continuava a observá-la com atenção.

— Talvez. Continua.

— Era arrepiante — disse Amy. — Limpar o pó às cadeiras com

aquele rapariga a olhar fixamente para mim.

O professor Robertson deu um passo em frente e apoiou-se no parapeito da janela, de frente para ela, com as pernas cruzadas ao nível dos tornozelos. Passou dois dedos ao de leve pelo bigode.

— Não fazia ideia de que eras capaz de falar tanto — refletiu ele.

— Eu também não. — A resposta de Amy foi sincera. Olhou por cima do ombro dele, para o horizonte. As nuvens faziam-se mais negras, competindo ainda com o sol; luz e escuridão no vasto céu invernal. — Mas pronto — continuou ela (que montão confuso de palavras se atropelavam no seu interior) —, havia outra pintura na casa dessa velhinha, igualmente antiga, e tinha um céu escuro e atravessado por raios de sol. E por baixo tinha uma batalha com cavalos e assim... umas figurinhas pequenas. Já está a ver que tipo de pintura é.

O professor Robertson fez que sim com a cabeça. Amy dissera «pintura», em vez de «quadro», e ele esforçara-se por não sorrir. E o «mas pronto».

— Sim?

— Bem, não gosto desse tipo de pinturas.

— Compreendo.

— O céu tem um ar tão falso e dramático. Mas na vida real — Amy apontou com a mão para o céu do outro lado da janela —, é outra coisa. Adoro quando está assim.

O professor Robertson acenou de novo a cabeça.

— *Chiaroscuro* — disse ele, num tom professoral.

Amy olhou de relance para ele e desviou o olhar, desapontada que ele tivesse de repente usado uma palavra estrangeira. Confundia-a, fazia-a sentir-se simplória e estúpida.

— *Chiaroscuro* — repetiu ele. — É italiano. Luz e escuridão. Claro e escuro. — Virou-se para contemplar o céu. — Assim.

Se antes ocorrera a Amy a imagem de um pássaro libertado de uma caixa, o pássaro começava a vacilar. Mas o professor Robertson olhou para ela com amabilidade.

— Então, já não limpas a casa dessa senhora?

— Não — respondeu Amy. — Adoeceu e está num lar, algures.

— *Okay*. — O professor Robertson sentou-se no parapeito largo da janela, com uma mão de cada lado do tronco inclinado para a frente. — Não gostavas de limpar a casa dela porquê? — A maneira como fez a pergunta fê-la sentir que ele queria mesmo saber.

Amy pensou um pouco.

— Porque era um trabalho solitário — disse ela.

Ele semicerrou os olhos, pensativo.

— Conta-me.

— A casa era um lugar estéril e desagradável. Como um museu. Não sei por que me fazia ir uma vez por semana, porque nunca havia nada sujo.

— É porque fazias um bom trabalho — realçou ele, com um sorriso, mas ela já estava a interrompê-lo.

— Como a lareira. Nunca era usada. Ela tinha uns troncos de bétula empilhados na lareira e pedia-me todas as semanas que lavasse os troncos com um tira-nódoas e água quente. Lavar aqueles troncos... — Amy abanou a cabeça. — Era estranho.

— Soa deprimente. — O professor Robertson acenou que sim com a cabeça.

— Era deprimente. Era isso exatamente. — Amy imitou-lhe o gesto. (Ele compreendia *mesmo*.)

— E como é que arranjaste esse trabalho? — Ele inclinou a cabeça com curiosidade.

— Um anúncio no boletim da igreja. — Amy tinha as mãos entrelaçadas atrás das costas e balouçava ligeiramente enquanto falava. Poder falar assim era como beber água pura. — A dizer que ela precisava de alguém que a ajudasse, e a minha mãe achou que era boa ideia eu aceitar. A minha mãe gosta de fazer boa figura na igreja.

— Deixa-me adivinhar. — Ele inclinou a cabeça, examinando-a, considerando aquele último acrescento ao quadro. (É que o professor Robertson, verdade fosse dita, era um homem que apreciava contemplar coisas; era um «observador da vida», como ele mesmo gostava de dizer, e naquele momento observava os braços tão magros de Amy Goodrow, com as mãos entrelaçadas atrás das costas.) — Não imagino que sejas católica. Eu diria... congregacionista.

Amy fez um sorriso radiante; dir-se-ia que ele lia os pensamentos.

— Como é que sabia?

— Tens ar disso — respondeu ele, simplesmente. — Desceu do parapeito com um salto e dirigiu-se para a frente da sala, onde começou a apagar o quadro. — Sabias que parecias congregacionista? — O braço movimentava-se com vigor.

Amy avançou pelo meio da fila e sentou-se no lugar habitual de Flip Rawley.

— Não — respondeu ela, com sinceridade —, porque não sei o que pareço. — Pegou numa madeixa de cabelo que lhe pendia pelo ombro e examinou-a em busca de pontas partidas.

— Uma corça. — Largou o apagador no tabuleiro do giz e sacudiu as mãos. — Uma corça no bosque. — (Era por causa das pernas e braços magrinhos.) — Mas depois, claro, há esse teu cabelo —

acrescentou ele.

Amy corou e, com a cabeça baixa, espreitou-o meio à cautela.

— Não, a sério. É interessante. — Passou a perna por cima da cadeira onde Elsie Baxter se costumava sentar, e sentou-se escarrachado de frente para o encosto. — Dei o sexto ano durante um tempo, no Massachusetts, e três anos depois dei o nono ano, por isso voltei a ter muitos dos mesmos alunos. E é interessante, as raparigas daquela idade. Muitas, da noite para o dia, tornam-se bovinas.

— O que é bovinas? — Amy continuava a examinar o cabelo; as observações dele sobre desenvolvimento das raparigas constrangiam-na.

— Como as vacas. Bovinas. — Soletrou a palavra. — E depois há outras que se mantêm magras e pernudas. Como as corças jovens.

— Uma corça congregacionista — disse Amy, que se pronunciou apenas para encobrir o embaraço. Empurrou o cabelo para trás do ombro e inspirou profundamente, como se precisasse de ar. Entrelaçou as mãos no colo.

— Isso mesmo. Uma corça congregacionista.

O tom brincalhão e afável com que ele disse aquilo fê-la sorrir para ele.

— Diz-me de que mais é que não gostas, Amy — pediu ele, e apoiou os braços nas costas da cadeira de Elsie Baxter. — Não gostas de limpar a casa de velhinhas. Que mais?

— Não gosto de cobras. De tal maneira que nem sequer suporto pensar nelas. — Era verdade. Ao pensar numa cobra, não era capaz de manter os pés no chão, longe da vista, por isso levantou-se e caminhou ansiosamente até ao fundo da sala e depois em direção às janelas. O céu toldara-se quase por completo; via-se apenas um fragmento de sol-poente num canto afastado do horizonte. Alguns dos carros que passavam tinham os faróis acesos.

— Okay — disse o professor Robertson. Virara a cadeira para ficar de frente para ela. — Vamos então esquecer as cobras. Do que é que gostas?

De estar aqui consigo, quis ela dizer. Passou a mão pela madeira envernizada do parapeito da janela. Em algumas partes, a madeira empolara e rachara; noutras era lisa e brilhante, em resultado das camadas de verniz aplicadas ao longo dos anos.

— De poemas, suponho — respondeu ela, depois de um momento. — Os que entendo, pelo menos. Muitos não entendo, e depois sinto-me estúpida.

— Não és estúpida — afirmou ele, sentado na mesma posição, na cadeira de Elsie Baxter. — Não devias preocupar-te com isso.

— Obrigada — agradeceu ela, com sinceridade. — Mas aquele poema que falava de Euclides, por exemplo, nunca entendi o que queria dizer até o professor ter falado de triângulos, no outro dia... sobre a beleza de um triângulo, ou assim. Provavelmente, continuo sem saber o que o poema quer dizer. Tipo, que quer dizer «papear»? Todos os que *papeiam* sobre a beleza.

O professor Robertson levantou-se e foi para a secretária.

— Chega aqui — chamou. Tinha na mão um dicionário encadernado a couro verde-escuro; era do tamanho de um catálogo da Sears.

— É bonito — disse Amy, ao lado dele.

— Gosto de palavras — foi a resposta. — Como *chiaroscuro*. — Olhou para a janela. — Nada de *chiaro* agora — constatou ele, na brincadeira —, só *scuro*, suponho. Senta-te.

Amy sentou-se na cadeira ao lado da secretária e, quando ele lhe deu o dicionário, com a indicação de que procurasse a palavra «papear», as pontas dos seus dedos roçaram na lateral da mão dela e, por um momento, Amy sentiu uma rápida sucção afunilada percorrer-lhe o interior, e depois sentaram-se juntos, com as cabeças curvadas sobre o dicionário enquanto os últimos raios de sol de fevereiro desapareciam atrás do horizonte e os cantos dos olhos do professor Robertson se enrugavam ao ouvir Amy murmurar rápida e furtivamente o alfabeto para descobrir que o P vinha depois do O, e depois houve mais palavras para procurar e, ao fim de um tempo, as pancadas da vassoura do auxiliar deixaram de se ouvir e as chefes de claqué que pulavam e aplaudiam no ginásio foram para casa.

Isabelle ligou o rádio do carro. As nuvens escuras preocupavam-na; pareciam escuras demais para resultarem em neve, no entanto, que outro tipo de tempestade poderia haver naquela altura do ano? Muito raramente, ouvia-se falar da passagem de um tornado, mas, embora os conhecimentos de Isabelle acerca de tornados fossem limitados, não lhe parecia que escurecessem o céu todo; a única história que recordava, dos tempos de juventude, era a de um homem que conduzia pela autoestrada quando um tornado lhe levantara completamente o carro, e não muito longe dali o céu manteve-se azul. Não se lembrava do que sucedera ao homem e, entretanto, duvidava que a história fosse verdadeira. Rodou o botão para sintonizar o boletim meteorológico. O mais certo era que houvesse uma tempestade de neve, e isso talvez levasse o telhado a pingar novamente. Tal pensamento deprimiu-a. Teria de ligar ao Sr. Crane, se assim fosse.

«... a família oferece uma recompensa a quem quer que tenha informação que conduza a uma detenção no caso de Deborah Kay Dorne, a menina que desapareceu de casa no dia 10 de fevereiro. Até agora, não foram identificados nenhuns suspeitos.»

Pobre família. Isabelle abanou ligeiramente a cabeça. Pobre *mãe*. Desligou o rádio quando estacionou o carro. Seguiu-se um silêncio gélido: a casa estava às escuras.

— Amy? — chamou ela, enquanto abria a porta. — Amy? Onde estás? — Largou as chaves na mesa da cozinha e o som pareceu-lhe breve, imenso.

Acendeu a luz.

— Amy?

Avançou para a sala de estar; acendeu a luz.

— Amy?

Percorreu uma divisão a seguir a outra; acionou um interruptor a seguir a outro, subiu as escadas.

— Amy.

O quarto estava vazio. A casa de banho: vazia. O seu próprio quarto: vazio. Abriu o roupeiro que havia no corredor do piso de cima. As toalhas continuavam dobradas, sossegadas; três rolos de papel higiénico contemplaram-na, impávidos.

E entrou em pânico. Era como se alguém lhe vertesse água fria pelos braços e pelas pernas. Desceu as escadas, tropeçou no último degrau, equilibrou-se contra a parede. Isto não está a acontecer, pensou. Isto não está a acontecer. Porque era óbvio que quem levava a pobre da Debby Dorne levava Amy também.

— Amy! — chamou.

Começou outra vez. Cada divisão, cada armário, cada lâmpada. Esticou o braço para o telefone. A quem havia de ligar? A polícia. A escola. Avery Clark. O mais provável é que todos lhe dissessem para ligar às amigas de Amy. Diriam todos: «Oh, dá-lhe tempo, não tarda ela já está em casa.» «Mas ela está *sempre* em casa quando eu venho do trabalho», lamentou-se Isabelle, mentalmente. «Conheço a minha filha, e passa-se alguma coisa.»

Sentou-se numa cadeira e começou a chorar. Sons imensos, medonhos brotavam da sua garganta. Amy, Amy, chorava ela.

E eis que ela apareceu. Primeiro o som das suas botas nos degraus do alpendre e depois a porta abrindo-se de rompante.

— Mãe, estás bem?

Ali estava ela, aquela filha. Aquela rapariga, sem a qual Isabelle sentira nas entranhas a água profunda e negra do terror, estava então na cozinha, com as faces coradas, os olhos arregalados.

— Estás bem? — voltou ela a perguntar, olhando para Isabelle como se fosse um fantasma.

— Onde é que estavas? — perguntou Isabelle. — Meu Deus, Amy, mataste-me de susto!

— Fiquei na escola depois das aulas — disse Amy. — Para umas explicações de matemática. — Virou-se de costas para a mãe enquanto desabotoava o casaco. — Uns quantos de nós. Ficámos depois das aulas.

E Isabelle, ainda com lágrimas nas faces, ficou com a ideia de que acabara de fazer figura de parva.

Os dias tornaram-se maiores. E mais quentes, também; pouco a pouco, a neve amoleceu, deixando uma lama aquosa em degraus e passeios, e na beira das estradas. Nos dias em que Amy regressava a casa a pé depois de conversar com o professor Robertson — tinha, entretanto, o cuidado de sair a tempo de chegar a casa antes da mãe —, o calor do dia já se esvanecera, e embora o Sol ainda brilhasse, como uma hóstia branca e luminescente no céu leitoso, sentia enquanto caminhava, com o casaco desapertado e os livros contra o peito, o frio húmido que se lhe colava ao pescoço desnudo, às mãos e aos pulsos. O céu vespertino sobre o campo dos Larkindales, o muro de pedra que desaparecia atrás da colina branca, os troncos das árvores escurecidos pela neve a derreter: tudo isto lhe parecia anunciar a primavera. Até um pequeno bando de pássaros no céu, ao longe, prometia qualquer coisa, no silêncio absoluto com que batiam as asas.

Amy tinha a sensação de que um teto tinha sido levantado, que o céu estava mais alto que antes e, às vezes, se não estivesse a passar nenhum carro, levantava um braço e agitava-o no ar. Os olhos semicerrados e risonhos do professor Robertson enchiam-na de alegria e todas as coisas que quisera dizer-lhe e se esquecera de dizer deixavam-na com uma sensação de atabalhoação e precipitação. Mas também havia dentro dela pequenos retalhos de tristeza, como se algo escuro e periclitante ocupasse o fundo do seu peito, e, às vezes, Amy parava no viaduto para contemplar os carros que passavam na autoestrada, desconcertada por um sentimento de perda e vagamente consciente de que teria que ver com a mãe. E depois Amy acelerava o passo, ansiosa por ver na casa vazia sinais da mãe: os colâs pendurados na cabeça do chuveiro, o pó de talco na cómoda da mãe; tranquilizavam-na essas coisas, assim como o barulho do carro a moer a gravilha da entrada. Estava tudo bem. A mãe chegara a casa.

Porém, a presença física da mãe desapontava-a; os seus olhos pequenos e ansiosos quando entrava, a mão pálida que revolteava

para prender as madeixas de cabelo que haviam escapado ao puxo fatigado. Amy tinha dificuldade em fazer corresponder a essa mulher a mãe cuja falta acabara de sentir. Culpada, corria por vezes o risco de se mostrar demasiado solícita. «Essa blusa fica-te mesmo bem, mãe», diria, porventura, e estremecia por dentro ante a desconfiança fugaz que vislumbrava nos olhos da mãe, uma desconfiança tão passageira que nem Isabelle se apercebia dela; passar-se-iam meses até que Isabelle se recordasse daquelas primeiras centelhas de alerta que cintilaram por um instante na orla da sua mente.

— Gosto mesmo de poesia — anunciou Amy a Isabelle algumas semanas depois da dramática noite em que Isabelle ao chegar a casa a encontrara vazia e pensara que a filha tinha sido levada como a pobre Debby Kay Dorne. — Gosto mesmo muito de poesia.

— Acho isso muito bonito — respondeu Isabelle, distraída pela malha que acabara de descobrir nos colãs.

— Arranjei este livro. — Amy estava de pé no umbral da sala, segurando um livro com desvelo em ambas as mãos, e contemplava-o com a cara escondida pelo cabelo.

Isabelle pendurou o casaco no roupeiro da entrada e virou-se para examinar novamente a perna.

— Não faço ideia como é que isto aconteceu — cogitou ela. — O mais certo é que tenha andado metade do dia nesta figura.

Passou por Amy para subir as escadas.

— Que livro é esse, querida? — perguntou ela.

Amy mostrou o livro a Isabelle, segurando-o ainda com ambas as mãos, e Isabelle espreitou-o de passagem.

— Ah, Yeats — disse, pronunciando o nome como «iits». — Sim, claro. Sei quem é. Escreveu coisas lindas, do que sei.

Ia a meio das escadas quando, nas suas costas, Amy disse, sem grande alardo:

— É Yeats, mãe. Não Yits.

Isabelle virou-se.

— Hã? — perguntou, e a vergonha espalhava-se já pela garganta e pelo peito.

— Yeats — respondeu Amy, pronunciando «ieits». — Se calhar, estás a confundir com Keats, que se escreve da mesma maneira.

Se a filha tivesse dito aquilo num tom sardónico, com o desdém próprio dos adolescentes, teria sido mais fácil de suportar. Só que o dissera com gentileza, com uma cortesia hesitante, e isso magoou Isabelle, de esguelha a meio das escadas, com uma malha nas meias, constrangida.

— Keats era inglês — continuou Amy, como se tentasse ajudar — e

Yeats era irlandês. Keats morreu ainda muito jovem, de tuberculose.

— Ah, sim. Pois, claro.

A vergonha era como uma camisola demasiado apertada; transpirou do rosto e das axilas. Eis uma coisa nova a temer: a compaixão da filha pela sua ignorância.

— É muito interessante, Amy — disse ela, e subiu as escadas. — Gostaria de saber mais sobre isso.

Nessa noite, deitada na cama, Isabelle tardou em adormecer. Durante anos imaginara a seguinte cena: Amy na universidade. Não o instituto politécnico ali em Shirley Falls, mas uma universidade verdadeira, algures. Imaginara Amy num dia de outono, segurando os cadernos contra a camisola azul-marinho e com a saia de xadrez a roçar-lhe os joelhos enquanto caminhava. Não importava que tantas raparigas andassem tão mal-arranjadas, com os seios à solta debaixo de uma *T-shirt* qualquer e de um par de calças de ganga sebatas. Ainda se viam raparigas bonitas nos *campus* das universidades, Isabelle tinha a certeza disso; raparigas sérias, inteligentes, que liam Platão, Shakespeare e Yeats. Ou Keats. Sentou-se na cama, compôs a almofada e deitou-se outra vez.

Sempre que imaginara Amy na universidade, jamais previra o que via naquele momento: que a filha se envergonharia dela. Amy atravessando um relvado frondoso, a rir com os seus novos amigos inteligentes, não diria: «A minha mãe trabalha numa fábrica.» Não convidaria aquelas raparigas para irem passar fins de semana ou férias ali em casa, e também não partilharia com Isabelle as coisas maravilhosas que estava a aprender, porque, aos olhos dela, Isabelle era uma pacóvia de uma cidade pequena que trabalhava numa fábrica. Uma pessoa com a qual era preciso ser cuidadosa, como Amy havia sido naquela noite. Isabelle tardou algum tempo a adormecer.

No dia seguinte, na fábrica, quando as mulheres rumaram ao refeitório, Isabelle sussurrou ao ouvido de Arlene Tucker que ia num pulo ao banco fazer um recado, mas, em vez disso, abotoando sem demora o casaco para se proteger do vento de março, atravessou o parque de estacionamento, meteu-se no carro e cruzou a ponte em direção à única livraria de Shirley Falls. Naquela manhã, enquanto via Amy reunir os livros escolares, ocorrera-lhe a ideia de que podia instruir-se. Afinal de contas, sabia ler. Podia ler e estudar como se estivesse a tirar um curso. Porque não? Recordou-se de uma prima do seu pai, uma mulher afável, de cara rosada, que era uma cozinheira maravilhosa. «Ser um bom cozinheiro não tem nada de especial», confidenciara a mulher a Isabelle, um dia. «Arranje um livro de culinária. Se sabe ler, sabe cozinhar.»

Não obstante, ao entrar na livraria, Isabelle olhou em redor, constrangida, receando que alguém da igreja (Emma Clark ou Barbara Rawley) a visse e, surpreendida, dissesse: «Isabelle Goodrow. Que faz você aqui?» Mas a livraria estava vazia, à exceção de um homem com uma pasta na mão e óculos de armação de arame que lhe escorregavam pela cana do nariz. Havia muitos livros, facto que a impressionou enquanto avançava à cautela pelo chão alcatifado. Não era que nunca tivesse estado numa livraria, por amor de Deus, mas parecia de facto haver muitos livros. Inclinou a cabeça para um lado para ler os títulos. Não fazia ideia de que era possível comprar as obras de Shakespeare em pequenos livros de capa mole. Pegou num, agradada por lhe parecer tão acessível: um livro fininho com um bonito desenho e o título primorosamente impresso: *Hamlet*.

Hamlet. Isabelle anuiu enquanto arrepiava caminho. Ouvira falar de *Hamlet*, é claro; havia uma mãe e uma namorada que ficava louca. Se bem que talvez estivesse a fazer confusão com outra coisa. Uma história qualquer grega. Na caixa registadora, foi assaltada pela ansiedade perante a enormidade da tarefa que pretendia levar a cabo. Mas o jovem vendedor, cujo queixo exibía um punhado mal semeado de pelos louros, registou a compra com indiferença, o que agradou a Isabelle. Não havia nada na sua aparência, evidentemente, que o levasse a achar invulgar que ela comprasse o *Hamlet* de Shakespeare. Desempenhara bem o papel. (Sorriu ao dar-se conta de que fizera uma piada.) Meteu o livro na mala, atravessou a rua ventosa para se meter no carro e cruzou a ponte, de regresso à fábrica.

Passou a tarde toda bem-humorada, porque ia ser uma pessoa instruída. Enquanto datilografava uma carta para a Beltco Suppliers, Incorporated, Isabelle pensava que ia poder dizer, como quem não queria a coisa: «Isso faz-me lembrar aquela cena no *Hamlet* em que...» Não às colegas da fábrica, é claro (sorriu a Bev Gorda, que voltava pesadamente do dispensador de água, enxugando a boca com as costas da mão); não, a elas não falaria de Shakespeare. Mas a filha, um dia, apreciaria isso: as duas sentadas num café a conversarem sobre as peças de Shakespeare. E, entretanto, as mulheres da igreja (aquelas mulheres de diáconos que a intimidavam e ostentavam os seus cursos universitários com a mesma subtilidade com que alardeavam os seus perfumes caros, e também com a mesma autoconfiança) dar-se-iam enfim conta de que Isabelle não era o que elas imaginavam. Não era apenas uma mãe solteira que trabalhava na fábrica, mas antes uma mulher inteligente e forte, capaz de citar Shakespeare por dá cá aquela palha.

Durante o intervalo da tarde, aceitou o pedaço de chocolate que

Arlene lhe ofereceu e chegou a acenar solidariamente com a cabeça a Lenora quando esta revirou os olhos ao traseiro escanzelado de Rosie Tanguay, que ia a sair da sala. Rosie e Lenora tinham há muito uma contenda. Isabelle não se recordava do ror de pormenores que compunham o litígio, mas lembrava-se de que tudo começara quando Lenora tivera um sonho no qual Rosie, que era abstémia, estava bêbada e a fazer um *striptease* no vestíbulo da estação dos correios. Lenora cometera o infeliz erro de relatar o sonho no refeitório, acompanhado de grandes gargalhadas, e Rosie não lhe dirigia a palavra desde então.

Isabelle, que em todos os anos na fábrica tivera o cuidado de nunca tomar partido nas frequentes disputas que surgiam inevitavelmente, sentiu-se naquele momento, com *Hamlet* na carteira, superior o bastante para brindar Lenora Snibbens com um sorriso compreensivo.

Lenora, afinal de contas, era boa rapariga. Tinha dentes de coelho e uma tez pavorosa, dos quais troçava com desembaraço, e embora contar o sonho com Rosie não tivesse sido o mais avisado, não deixava de ser aborrecido que Rosie continuasse ofendida por causa disso. Se bem que, pensou Isabelle, depois de agradecer o pedaço de chocolate a Arlene e de regressar à sua secretária enquanto pressionava um guardanapo de papel contra os lábios, Rosie Tanguay também lhe desse pena. (Rosie acabara de vir da casa de banho das senhoras, com a testa franzida como de costume.) Isabelle sentou-se à sua mesa a afiar um lápis antes de rever a carta para a Beltco Suppliers. Realmente, havia que ter pena daquelas mulheres cujos dias entediantes eram passados com tarefas fastidiosas, piadas na casa de banho e contendas que ferviam em lume brando. Era triste, na verdade. Passou a língua pela parte de trás dos dentes, em busca dos últimos resquícios do chocolate. Ao de leve, soprou o bico afiado do lápis.

Ela era diferente. Ela era Isabelle Goodrow, e ia ler.

*

Stacy tinha os olhos encarnados. Era quase abril, mas o dia estava frio e ambas as raparigas, com os casacos desabotoados, tiritavam. Stacy pescou a caixinha dos tampões do bolso e tirou os cigarros.

— Acabei tudo com o Paul — disse ela.

Amy esperou, e depois disse:

— Estás a gozar! — Crente de que Stacy não falava a sério, uma vez que dera a notícia num tom tão indiferente.

E Amy tinha a cabeça às voltas. No final da aula, naquela manhã, o professor Robertson dissera-lhe: «Vem ter comigo ao fim do dia. Tenho

um livro de que és capaz de gostar.» Depois daquilo, já não conseguira concentrar-se em mais nada.

Stacy pôs dois cigarros entre os lábios papudos e acendeu-os sob o olhar de Amy. O fósforo apagou-se.

— Foda-se — reclamou Stacy, pelo canto da boca, e prendeu o cabelo atrás da orelha antes de riscar outro. — Não estou a gozar. — O segundo fósforo funcionou. Stacy deu uma passa e as pontas de ambos os cigarros incandesceram. — Disse-lhe para dar de frosques da minha vida. — Deu um cigarro a Amy e puxou uma passa longa no seu.

Amy não sabia o que dizer. Que Stacy, benzida com um namorado da categoria de Paul Bellows, tivesse dito ao rapaz que desse de frosques da sua vida, conferia-lhe, aos olhos de Amy, um esplendor e uma magnificência, uma coragem e uma independência, que Amy jamais imaginara.

— Mas porquê? — quis saber Amy.

— A merda da mãe dele acusou-me de estar grávida. — Os olhos de Stacy humedeceram-se, avermelhando-se de novo em redor. — Vaca de merda.

Que novidade para Amy! Namorados com os seus próprios apartamentos, e depois as mães desses namorados... e aquelas palavras.

— Acusou-te de estares grávida? — perguntou Amy. — Queres dizer que ela disse isso? A ti? — Não lhe parecia cortês dar uma passa no cigarro perante semelhante enormidade. Segurou-o ao lado do corpo, e o fumo trepava-lhe em espiral pelo braço.

— Ao Paul... disse isso ao Paul. — Stacy fungou e limpou o nariz nas costas da mão que segurava o cigarro. — Que eu estava a ficar gorda.

— Uau — reagiu Amy. — Grande cabra. — Mas não pôde impedir que os seus olhos deslizassem até à barriga de Stacy, e os olhos de Stacy seguiram-lhe o exemplo. Por um momento, no meio do silêncio do bosque, ficaram a olhar para a parte da camisola preta de Stacy que assomava do casaco aberto.

— Não estás gorda — disse Amy, achando que estava, sim, embora só um pouco. É que Stacy nunca tinha sido magra, portanto, era difícil saber.

— Acho que tenho um tumor — respondeu Stacy, sorumbática. Relanceou o olhar por entre as árvores. — Um daqueles tumores de merda que as mulheres têm.

— Então, devias ir ao médico — disse Amy, a sério.

— O Paul ontem à noite passou lá em casa — continuou Stacy — e

eu disse-lhe que estava tudo acabado. Que se pusesse a mexer.

— Que disse ele?

O barulho de um carro fê-las virarem-se e agacharem-se, e assim ficaram, de frente uma para a outra, até o carro ter passado. Amy levantou-se e estendeu o braço a Stacy, que o aceitou e fez uma careta enquanto se deixava içar.

— Estás a ver como estou pesada? — disse ela, e olhou de través para o cigarro antes de lhe dar uma passa.

— Estás ótima — elogiou-a Amy, e era verdade, com a saia de pele, os colâs pretos e as botas pretas. Amy daria qualquer coisa para ter aquele aspeto; para ter uma saia curta, de pele. A sua era de bombazina verde, feita pela mãe, e era demasiado comprida, quase pelos joelhos. — Então, e que disse o Paul? — perguntou, de novo.

Stacy soltou um grande suspiro e abanou a cabeça, com os olhos quase fechados, recordando o sucedido.

— Queres saber o que ele fez? — Tornou a abanar a cabeça. — Nem vais acreditar. Chorou. — Olhou para Amy com desânimo e depois rodou o cigarro pensativo contra o tronco da árvore até este parecer um lápis afiado. — Chorou, pelo amor de Deus. — Inspirou e deu um piparote ao cigarro, que aterrou silenciosamente na neve, da qual se desprende uma fina espiral cinzenta de fumo que mal se distinguia da cor da neve.

— Caramba — comentou Amy. — Ele gosta mesmo de ti.

Stacy fez um barulho, um grunhido gutural, e Amy reparou que ela tinha os olhos cheios de lágrimas.

— A porcaria destas botas deixam entrar água — disse Stacy, e curvou-se para apertar a biqueira em redor do dedo grande.

— Eu tenho a porcaria de um buraco no forro do casaco — disse Amy; abriu o casaco e inclinou a cabeça para examinar o rasgão no forro junto à axila, que não lhe interessava nem um pouco, mas era uma boa desculpa para dar um momento de privacidade à amiga. — Este casaco é tão velho. Seja como for, nunca gostei dele. O xadrez parece de homem. Tipo, é coisa que um homem usaria. — Queria fazer barulho para que Stacy não se sentisse observada. — Detesto a porcaria da minha roupa toda.

Stacy continuava curvada sobre as botas e Amy, olhando rapidamente de relance, viu que ela estava a limpar o nariz. Um instante depois, contudo, Stacy endireitou-se e disse:

— O casaco é porreiro. O forro não se vê.

— Detesto os meus casacos de inverno e pronto — disse Amy. — E odeio sobretudo ter de usar um casaco de inverno nesta altura do ano.

— Pois é. Eu também. — Stacy passou a mão pelo nariz.

— O açafrão junto à nossa casa já despontou — referiu Amy, e aceitou o segundo cigarro que Stacy lhe ofereceu.

— Fixe — respondeu Stacy. Acendeu o cigarro dela e estendeu o fósforo aceso a Amy. — Não queimes o cabelo — alertou ela. — Alguma vez cheiraste cabelo queimado? Cheira mesmo mal. E arde num instantinho. — Stacy soprou a chama do fósforo e deixou-o cair na neve. Fez estalar os dedos. — Num ápice. O teu cabelo todo podia arder num piscar de olhos.

— Fantástico — disse Amy. — É uma ideia que dá que pensar. — Aconchegou-se melhor no casaco e voltou a encostar-se ao tronco caído.

— Bem, não penses nisso — disse Stacy, acomodando-se também no tronco, junto a Amy, ombro a ombro, a tiritarem enquanto fumavam.

— Não fiz os trabalhos de casa de Espanhol — mencionou Stacy, ao fim de um tempo, e com isso Amy percebeu que não iam voltar a falar de Paul Bellows.

— Copias os meus. — Amy apontou para um espruce onde estava um cardeal. — No estudo acompanhado.

— Sim, mas a professora Lanier vai perceber. — Stacy olhou para o cardeal com pouco interesse. — As respostas estarão certas e ela vai perceber que não fui eu.

— Erra umas quantas — sugeriu Amy, e Stacy concordou com um aceno de cabeça. — Mas ela é boa pessoa, não dirá nada. — E Stacy voltou a anuir com a cabeça.

Amy tentou soprar anéis de fumo, franzindo os lábios como se fosse um peixe e precipitando a língua como Stacy tentara ensinar-lhe, mas não foi bem-sucedida. O fumo saiu-lhe da boca em baforadas cilíndricas. A ansiedade provocada pelo facto de ir ver o professor Robertson após as aulas estava a deixá-la vagamente maldisposta. (A semana anterior, durante a conversa, ele passara a seu lado para fechar a janela e, ao de leve, por um instante, tocara-lhe no ombro.) Queria perguntar a Stacy mais sobre Paul, mas seria indelicado pressioná-la. Queria também olhar de novo para a barriga de Stacy, e receava que os seus olhos vagueassem para lá involuntariamente, por isso concentrou-se nos aros de fumo. Havia muita coisa que não entendia. Stacy achava que estava grávida ou era só a mãe de Paul que estava a ser maldosa? Havia maneira de uma pessoa saber se estava grávida. Até ela sabia isso.

— É só uma questão de prática — disse Stacy, depois de soprar uma sucessão de anéis de fumo perfeitos. Ficaram ambas a vê-los flutuar, ficarem maiores e ondulantes até que, finalmente, perdiam a forma antes de chegarem ao espruce. O cardeal levantou voo do ramo e

adentrou-se no bosque.

— Pobre professora Lanier — disse Stacy.

Amy concordou. Gostavam da professora de Espanhol. Usava uns vestidos muito curtos, lamentavelmente, porque não tinha pernas bonitas; eram mais ou menos até aos joelhos, mas depois estes uniam-se e as coxas erguiam-se logo acima deles como troncos. Além do mais, usava muitos vestidos de nylon sem combinação e eles colavam-se-lhe ao corpo. Viam os contornos da roupa interior e dos colãs. A teoria de Stacy era que a professora Lanier tinha uma paixoneta pelo diretor da escola, o homem a que elas chamavam Bexigoso: um homem de meia-idade, macilento, caseiro.

— Mas ele é tão tímido — disse Stacy. — Aposto que nunca saiu com ninguém. Ainda vive com a mãe.

Amy desistiu dos anéis de fumo e largou o cigarro na neve.

— Os filhos deles seriam feios e amáveis.

Mas estava a ficar com um nó no estômago. Pensou no professor Robertson a dizer: «Vem ter comigo no final das aulas. Tenho um livro de que és capaz de gostar.» Tudo o resto — os olhos vermelhos de Stacy, as lamentáveis coxas da professora Lanier —, o mundo inteiro, se desvanecia perante a iminência daquele encontro. Ultimamente, vivia num mundo tão estranho, ansioso e privado; o *prazer* que retirava das palavras: «Vem ter comigo depois das aulas.» Mas sempre, como naquele momento, a ansiedade torrencial. Mirou o cigarro que deitara ao chão.

— Coitadinha — devaneou Stacy, e a campainha da escola tocou e elas levantaram-se. — Alguém lhe devia dizer que a estática cola o nylon ao corpo.

Deitada na cama, à noite, sob a poça de luz amarela que o candeeiro projetava na colcha e com o *Hamlet* em capa mole à frente dela, Isabelle debatia-se com Shakespeare. A contenda era sobretudo física, porque as pálpebras pareciam grudadas; mal conseguia mantê-las abertas, na verdade. Experimentou sentar-se na cama, e mesmo assim não foi capaz de passar da segunda página. Era extraordinária a maneira como os seus olhos se fechavam, como que de moto próprio. Quando percebeu que Amy já dormia, levantou-se da cama e desceu à cozinha, onde se sentou à mesa com uma chávena de chá, envolta no roupão e balouçando um dos pés enfiado no chinelo de veludo, enquanto lia os versos uma e outra vez.

Era difícil. Uma leitura muito, muito árdua. Não contara que fosse tão difícil, e teve de combater uma sensação de pânico. «De que era suserano em benefício do seu competidor;/Contra cujo montante

equivalente despojo/Fora apostado pelo nosso rei, que revertido houvera/A favor da herança de Fortimbrás,/Fora este o vencedor...» Que haveria de pensar daquilo? A cozinha estava muito silenciosa.

Bebeu um gole de chá e olhou pela janela. Pela frincha entre as cortinas via a negrura do vidro, e levantou-se para as unir. Não estava habituada a estar ali sozinha àquela hora. Sentou-se de novo à mesa, deu mais um gole no chá e passou os olhos pelas frases do livro. «Que cansados, cediços, triviais e inúteis/Me parecem todos os usos deste mundo!»

Ora ali estava uma coisa que ela entendia. Isabelle pressionou um dedo contra a página; era o próprio Hamlet que falava. «Que cansados, cediços, triviais e inúteis... parecem todos os usos deste mundo.» Deus sabia que havia alturas em que sentia que o mundo era cediço e cansativo, e a maneira como Hamlet o dissera... era muito bem-apanhada. Sentiu um deleite genuíno, como se, de repente, Hamlet e ela fossem amigos.

Desperta, entretanto, sussurrou as palavras que davam início à fala de Hamlet. «Ah, que esta carne tão, tão sólida se fundisse...» (Por um instante, imaginou um bife da alcatra que não foi tirado do congelador a tempo do jantar de domingo.) Franziu os lábios, sorveu o chá e recomeçou. «Ah, que esta carne tão, tão sólida se fundisse...» (Hamlet era, sem dúvida, um homem forte, musculado. Dali a pouco, verificaria o retrato dele na capa do livro.) «Liquefizesse e transformasse em orvalho.»

Até ali tudo bem; Isabelle fez que sim com a cabeça. Ela mesma experimentara sem dúvida o desejo de se liquefazer, de desaparecer. Nunca ansiara transformar-se em *orvalho*, mas, pensando bem, era uma ideia bem bonita, e, afinal de contas, era precisamente por isso que estava a ler Shakespeare. Porque ele era um gênio e sabia dizer as coisas de uma maneira que jamais teria ocorrido ao resto do mundo. Tudo aquilo lhe agradava enormemente, e sentou-se mais direita na cadeira. «Ou que o Eterno não houvesse fixado/Um cânone contra matarmo-nos! Oh, Deus! Oh, Deus!»

Leu aquele verso várias vezes. Uma vez que eterno estava escrito com maiúscula, partiu do pressuposto de que Shakespeare se referia a Deus, e a questão do cânone era uma referência ao suicídio: Hamlet queria cometer suicídio, mas sabia que Deus tinha uma regra contra isso.

Ora bem. Isabelle levantou os olhos. Contemplando o frigorífico, interrogou-se se Hamlet não estaria a ser um pouco melodramático. Estava, é certo, destroçado, e claro que tinha motivos para isso. Mas Deus sabia que ela mesma se sentira destroçada, mais de uma vez, e

nunca lhe apetecera matar-se. Olhou de novo para o livro. O chá começava a pesar-lhe na bexiga, mas tentaria chegar ao fim da cena. Pelos vistos, Hamlet estava muito triste com a morte do pai. Os pais amavam-se muito... contudo, no espaço de um mês, a mãe fizera o luto e casara com o tio de Hamlet.

Isabelle levou os dedos aos lábios; entendia que aquilo fosse um choque. Porém, aquela frase: «Inconstância, o teu nome é mulher!» Não gostava lá muito dela; e Hamlet estava a falar com a mãe. Por amor de Deus. Que sabia Hamlet acerca de ser uma mãe solteira, de perder o homem que se amava? Isabelle franziu o sobrolho e mordeu a cutícula do polegar. Sinceramente, Hamlet tinha sido bastante ofensivo. De certeza que aquelas mulheres de Boston que tinham queimado a roupa interior na escadaria de um tribunal (Isabelle vira o caso nas notícias) não veriam aquela frase com bons olhos: Inconstância, o teu nome é mulher! Isabelle aconchegou-se no roupão. Em abono da verdade, aquilo bulia-lhe um pouco com os nervos. Os homens tinham muito que aprender. As mulheres não tinham nada inconstante. Desde o início dos tempos que as mulheres mantinham o mundo em funcionamento, por amor de Deus. E *ela* própria nada tinha de inconstante. Criara a filha sozinha, nos lúgubres invernos de Nova Inglaterra, com o telhado a verter água e o carro a precisar de óleo.

Isabelle teve de fechar os olhos por um momento; estava muito cansada. E, de facto, sentia-se inconstante, frágil. Era essa a verdade, se a alguém interessava. Manteve-se sentada um momento, percorrendo o rebordo do livro com um dedo, e depois levantou-se, lavou a caneca no lava-loiça, contente por se ir deitar.

Mas uns dias depois estava de volta à livraria. Não era de desistir, só que Shakespeare não era a melhor maneira de começar. Encontraria outros livros para ler na secção dos clássicos. Dessa vez, a livraria pareceu-lhe familiar. O jovem livreiro com os pelos faciais pareceu cumprimentá-la com um aceno de cabeça. Examinou as prateleiras durante bastante tempo antes de se decidir por *Madame Bovary*, atraída pela capa. Observou a imagem da mulher de olhos escuros, com o cabelo apanhado num belíssimo puxo e cujo rosto revelava uma íntima sabedoria, decidiu Isabelle finalmente, sobre os pesares secretos da vida feminina.

Naquela derradeira semana de março, ocorreu uma série de assaltos em Shirley Falls. Eram arrombamentos diurnos, todos na zona de Oyster Point. Uma coleção de moedas antigas desapareceu da casa de

um professor de História. A Sr.^a Errin, a mulher do dentista, descobriu que umas joias tinham sido levadas do seu toucador e, noutro caso, ocorrido numa casa muito bonita à beira do rio, desapareceram várias peças em prata, candelabros e açucareiros; um pé de cabra fora usado para arrombar a porta das traseiras. Não havia testemunhas, nem pistas, salvo um rasto de pegadas na neve desvanecidas pela chuva antes que a polícia conseguisse determinar alguma coisa, tirando que pertenciam porventura a um homem de estatura e peso médios; nem uma só pista, na realidade, nenhum relato de indivíduos suspeitos na zona, nenhum indício de que o perpetrador seria um profissional, como sucedera anos antes, quando dois homens, vindos de Boston, tinham esvaziado duas casas para carrinhas de mudanças antes de serem por fim apanhados, uma semana depois, ao voltarem para um terceiro roubo. Não, aqueles furtos tinham um toque mais leve, e antes que a polícia pudesse fazer muito mais do que coçar a cabeça, os assaltos acabaram.

No entanto, Emma Clark, ao chegar do trabalho uma tarde, exausta porque acabara de ter uma altercação com o estofador por causa da porcaria de trabalho feita no seu sofá, encontrou a porta da garagem parcialmente aberta e, tendo sabido pela boca de conhecidos do roubo de umas pratas numa casa na margem do rio, não saiu do carro, rumou de imediato à cidade e pediu a Avery que fosse com ela para casa de imediato.

Tinham desaparecido todas as suas ferramentas, assim como um pneu sobresselente que estava na garagem, mas a casa fora aparentemente poupada. Ainda assim, Avery tirou o resto do dia e mandou um serralheiro instalar fechaduras novas e mais seguras. «Devia contar isto à Isabelle», disse Avery à mulher, irritada por o serralheiro lhe estar a sujar o chão da cozinha com lama, e Emma concordou com um aceno de cabeça. Era verdade; Isabelle Goodrow vivia mais abaixo na estrada, a um quilómetro e meio, e devia saber que andava alguém por ali a meter o nariz e a roubar pneus e ferramentas.

Mas Emma e Avery tinham mais que fazer naquele momento, por isso, Isabelle, sentada no refeitório durante a pausa da tarde, absorta em *Madame Bovary*, permaneceu alheia ao que se passava não muito longe. Nem tão-pouco tinha ideia, enquanto virava a página, que do outro lado da cidade, na escola, o toque de saída acabara de se fazer ouvir e a sua filha Amy, avançando pelos corredores apinhados, rumava à casa de banho das raparigas no primeiro andar para se preparar para o professor Robertson.

Que emoção! Estar sozinha na casa de banho das raparigas, sob a luz leitosa que entrava pela janela de vidro fosco e se refletia nas paredes verdes... Não importava que os lavatórios estivessem manchados e uma das torneiras pingasse, porque, para Amy, aquelas tardes reservavam um silêncio exótico, um estremecimento. E receio, também; extraordinária, a maneira como aquele temor a comprimia ao fundo do tronco, apertando-lhe o cóccix e provocando-lhe uma espécie de formigueiro nas nádegas; e ficava com as mãos tão frias que era como se as tivesse tirado do frigorífico. Imaginava-se uma princesa a ser preparada para se apresentar como futura noiva de um rei.

E era sobretudo o cabelo que parecia próprio de uma princesa, tombado sobre os ombros em madeixas onduladas de vários tons de amarelo, castanho-claro e uma pequena meada, tão loura que quase parecia branca, emoldurando-lhe o rosto. Olhando-se ao espelho com os lábios entreabertos, achou-se quase bela. Depois um espasmo no abdómen, veio um aperto junto ao cóccix (teve de entrar num dos cubículos e usar a sanita e, quando saiu e se olhou novamente ao espelho, desanimou ao deparar com uma rapariga corriqueira de lábios pálidos e secos). Mordeu-os, beliscou as faces e finalmente empurrou a pesada porta, onde alguém escrevera a tinta vermelha: «A minha irmã gosta que lhe chupem a mama esquerda.»

O corredor estava vazio. As salas de aulas por que passou, desertas, pareciam bocas abertas em silêncio, à espera de que as suas cadeiras se enchessem novamente no dia seguinte. Chegou-lhe o som ténue e distante de uma trombeta na sala de música; ao descer as escadas, ouviu o eco das chefes de claqué a treinarem no ginásio.

E ei-la, à porta da sala dele. Um estranho encolhimento fez com que visse a cena descorada e diminuta, como um esboço a lápis (as suas mãos, grandes húmidas, agarradas ao caderno, deixavam marcas na capa), mas quando o professor Robertson levantou os olhos da secretária, as suas sobranceiras arquearam-se e o rosto animou-se, e, de súbito, grande parte da ansiedade que Amy sentia dissipou-se.

Ninguém, dir-se-ia, ficara alguma vez tão feliz por vê-la, tirando quando era miúda e a mãe a levava à fábrica; nessas ocasiões, as mulheres rodeavam-na e Bev Gorda ou alguém dizia: «Como está a minha menina querida?»

O professor Robertson não disse nada, limitou-se a olhar para ela, contornada pelo sol vespertino que incidia no chão.

— Olá — disse Amy, e esboçou um aceno com a mão, enquanto inclinava a cabeça após um sorriso rápido e constrangido.

— Olá. — Ele acenou de volta e imitou tão perfeitamente o gesto dela que dir-se-ia sofrer da mesma timidez. — Entra — convidou. — Faz favor de entrar.

Amy avançou pela sala ensolarada em direção a ele. Ser observada deixava-a inquieta, como se tivesse de competir com todas as outras pessoas para as quais ele pudesse olhar, e Amy sabia há algum tempo que competir não era o seu forte. Já em criança isso era verdade; o jogo das cadeiras enchia-a de pânico: aquela certeza terrível, gélida, de que quando a música parasse alguém ficaria «de fora». A coisa corria melhor quando não se esforçava. É que um jovem tinha de suportar tantas coisas: concursos de soletrar, jogos infundáveis na aula de Desporto; em todas essas coisas ela parara de se esforçar ou, se o fizesse, era com tão poucas expectativas que nem ficou desapontada quando, num concurso de soletrar no quarto ano, soletrou mal «glaciar» ou ficou de fora num jogo de *softball*, porque não manejava o bastão. Tornou-se um hábito, não tentar, não se esforçar, e, nos primeiros anos do liceu, quando, obviamente, o melhor de tudo era ser popular e ter os amigos certos, Amy descobriu uma vez mais que lhe faltava a força moral para entrar no jogo e manejar o bastão. Chegada ao ponto em que quase se sentia invisível, tomou consciência de que aquela solidão era porventura obra sua.

Mas ali estava o professor Robertson, e não era invisível para ele. Não podia ser, não quando ele a olhava daquela maneira. (Ainda assim, mantinha-se a sua tendência interior para fugir, a recrudescência da falta de autoconfiança.) A mão dele, porém, abeirou-se e tocou-lhe no cotovelo.

— Tenho uma coisa para ti — disse ele, e acenou com a cabeça para a cadeira ao lado da sua secretária.

Amy sentou-se e escondeu os seus pés grandes debaixo da cadeira, até onde as pernas lhe permitiam chegar. Ele copiara um poema para ela, de Yeats, intitulado «To a Young Girl», e ela leu-o, aturdida. Nunca vira tantas palavras escritas com a letra dele.

Sei o que faz latir assim teu coração...

Sentiu que ele lhe escrevera uma carta.

— Adoro — disse ela. — A sério, adoro. — Desviou os olhos do papel para ele. — Posso ficar com ele?

— Claro. É para ti.

Teve de desviar o olhar, porque sabia, entretanto, que o amava, e isso mudava as coisas.

Até então, sentira-se atraída para ele, como se o professor Robertson fosse um íman grande e escuro que a puxava lentamente, como um prego, ao longo de uma vasta divisão. E ali chegara ela, com um clique suave e impercetível; sem mais para onde ir; chegara, e amava-o.

Guardou o poema no caderno.

— Então, obrigada — disse ela.

Levantou-se, dirigiu-se para a janela e reparou que o passeio estava seco e desnudo, sob o sol. Pela janela entreaberta ouviu o ruído do último autocarro escolar a arrancar, o gemido fatigado do moroso veículo à medida que virava para entrar na estrada. Mais além, viu uma mancha amarela no relvado da escola, salpicado de dentes-de-leão que cresciam com tenacidade e perto do chão. O ar que entrava pela janela era doce e parecia causar-lhe uma dor física e, ao olhar de novo para as partes secas do passeio, nas quais o sol fazia cintilar pontinhos de jaspe, recordou sem esforço a emoção que, em criança, sentira em dias como aquele. Porque, é claro, havia outras coisas além do terror do jogo das cadeiras; houvera dias como aquele, em que o inverno terminava enfim e, ao caminhar com os seus ténis por um passeio seco, se sentia jubilosamente livre. Recordou a sensação de leveza, a primavera nas pernas enquanto avançava por um passeio seco, e pareceu-lhe, ao recordar esses momentos, que a felicidade estivera ao seu alcance, afinal de contas, nos ténis novos, nos dentes-de-leão que colhia (tivera de acautelá-los, porém, porque Isabelle detestava as manchas que eles deixavam na roupa), com uma camisola de lã, em lugar de um casaco grosso; tudo isso a fizera feliz em criança, a enchera de esperança.

— Em que estás a pensar? — perguntou o professor Robertson, e Amy deu as costas à janela.

— Não sei — foi a resposta dela, porque não sabia explicar o passeio seco e cintilante, ou o cheiro do ar. — Estou contente que seja finalmente primavera e assim. — Encolheu os ombros e virou-se de novo para a janela. — Mas faz-me sentir estranha.

— Já sabes o que se costuma dizer.

Ouviu-o aproximar-se.

— O quê?

Virou-se. Ele estava quase colado a ela e isso deixou-a nervosa,

receosa de que ele a achasse feia. As pessoas eram diferentes, de perto: às vezes tinham remelas nos olhos ou pontos negros no queixo. E também tinham um cheiro diferente. A sua mãe, por exemplo, às vezes exalava um odor ténue a tijolo húmido quando se abeirava de Amy para lhe endireitar o colarinho ou para tirar qualquer coisa presa no seu cabelo.

— Que abril é o mês mais cruel. — O professor Robertson enfiou as mãos nos bolsos e apoiou o peso nos calcanhares. Fez tilintar umas moedas no bolso.

— Quem é que diz isso? — indagou Amy.

— T.S. Eliot.

— Quem é ele? — Achou o professor Robertson um bocado exibicionista. Fez uma careta e sentou-se no parapeito da janela.

— Outro poeta.

— Nunca ouvi falar dele. — Bateu com a perna na grade do radiador e ficou contrariada com a sonora ressonância metálica que o movimento provocou. Pressionou ambas as pernas contra a grade para a silenciar.

— Abril é dos meses o mais cruel — recitou o professor Robertson —, mesclando memória e desejo. Ou qualquer coisa assim. Não me lembro de mais a partir daqui. — Regressou à secretária.

Volta, queria ela dizer. Afastou-se do parapeito da janela e seguiu-o.

— Repita lá isso — pediu. — Isso do mês de abril.

O olhar dele tinha um ar cansado, amável.

— Abril é dos meses o mais cruel, mesclando memória e desejo.

Amy ergueu os ombros e deixou-os pender com um suspiro.

— Que foi? — perguntou o professor Robertson, em voz baixa.

O Sol tinha já avançado no céu; a luz na sala de aulas dissipara-se, à exceção de uma secção do parapeito da janela, ainda banhada por um tom ambarino de amarelo, mas o ar primaveril que entrava pela janela continuava cálido.

Amy abanou a cabeça e encolheu os ombros.

— Diz-me o que estás a pensar.

— Oh, nada de especial. — Relanceou o olhar pela sala, sem se prender em nada. — Isso de abril ser cruel. É bom. Quero dizer, gostei.

— E que mais?

Mas não pensava em mais nada, na verdade. Doía-lhe qualquer coisa, era mais isso. Uma dor interior que tinha que ver com os dentes-de-leão e o gemido do autocarro escolar e o cheiro do ar e tantas coisas que não sabia nomear. E com ele, é claro.

— Fico contente por tê-lo conhecido — respondeu, por fim, sem

olhar para ele.

— Eu também estou contente por te conhecer.

Amy procurou com os olhos os cadernos e o casaco, que pousara numa cadeira.

— Posso levar-te a casa hoje? — perguntou, de repente, o professor Robertson.

— Acho que sim. — Amy estava surpreendida.

— Achas que alguém se importava?

Ela enfiou o braço na manga do casaco e olhou-o com perplexidade enquanto puxava o cabelo de dentro do casaco.

— Por exemplo — continuou ele —, a tua mãe importava-se que o teu professor de Matemática te desse boleia para casa?

— Claro que não. — Mas não planeava dizer nada à mãe.

— Então, vou buscar o meu casaco — disse o professor Robertson, e dirigiu-se para um armário atrás da secretária. Saíram da sala em silêncio.

Uma vez dentro do carro, surpreendeu-a ver-se tão perto do professor Robertson; o carro era mais pequeno do que ela pensara. Quando meteu a marcha-atrás para sair do parque de estacionamento dos professores, ele tocou-lhe no joelho por um instante.

— Desculpa — disse, e olhou de relance para ela.

Amy acenou com a cabeça e depois virou-a para a janela. Levava o cotovelo pressionado contra a porta e o polegar contra a boca.

— Vire à esquerda no semáforo — instruiu ela —, depois à direita.

Seguiram viagem em silêncio. Quando passaram a ponte de madeira, o ruído sacolejante fez-se ouvir repentinamente sob os pneus, e com a mesma rapidez aquietou-se. Os salgueiros apareciam e desapareciam conforme o carro fazia as curvas junto ao brejo que ladeava a Route 22. Passaram por uma velha granja onde um arbusto de forsítia começava a florescer, exibindo uma dispersão de pontinhos amarelos. Deixaram para trás o campo dos Larkindales, onde as parcelas castanhas e beges se mesclavam com a rudeza do que restava do inverno. O muro de pedra erguia-se num campo mais acima e serpeava até um bosque de espruces à distância, escuros como as tendas de lona do exército e com os ramos inclinados para baixo, como que ainda sobrecarregados por meses de neve. Mas pouca neve restava, na verdade, apenas uns pequenos aglomerados, sujos e endurecidos, junto à berma da estrada, e havia trechos compridos de alcatrão secos: a luz do Sol, resplandecente, mas já a desvanecer-se, evidenciava o pó sobre o painel de instrumentos.

Amy pensou que devia usar perfume para o caso de exalar o mesmo

cheiro a tijolo húmido que a mãe por vezes tinha.

— Aqui à esquerda — disse, em voz baixa, e o professor Robertson apontou o carro à estreita entrada e desligou o motor, que deu uma série de estalidos como se no interior houvesse uma pedrinha aos pulos.

Observando com os olhos semicerrados a casa onde vivia, Amy tentou imaginar a maneira como o professor Robertson a via, e achou que a casa se parecia com a mãe, pequena e descorada, a cortina branca na janela da cozinha com um ar clemente, como se tivesse fracassado no seu propósito de parecer animada, acolhedora, limpa. Amy fechou os olhos.

Durante anos, fora esse o seu segredo: queria ter uma mãe diferente. Queria uma mãe bonita, que cumprimentasse as pessoas de modo caloroso. Queria uma mãe que se assemelhasse às mães nos anúncios de televisão, que limpavam com esfregona o chão de cozinhas amplas, beijavam os maridos que voltavam do trabalho, viviam em casas com outras casas por perto e vizinhos que entravam e saíam: não queria aquela mãe ali encurralada no bosque, naquela casa pequena.

— Fui criado numa casa branca pouco maior que esta — disse o professor Robertson, e Amy, sobressaltada, abriu os olhos. Ele estava recostado no banco, com uma das mãos pousadas sem esforço no volante e a outra a segurar o queixo. — Havia um terreno baldio muito perto. — Fez que sim com a cabeça. — Onde os miúdos jogavam basebol.

Aquela parte pareceu a Amy um anúncio televisivo. Imaginou a mãe dele, bonita, de avental, a fazer biscoitos na cozinha.

— Mas eu não me costumava juntar a eles.

Amy pressionou o polegar contra o tabliê.

— Porquê?

— Não me integrava muito bem com os outros miúdos. — Ele lançou-lhe um olhar fugaz. — A minha mãe bebia. Era alcoólica. Eu costumava dar grandes passeios de bicicleta para me afastar de casa.

Alcoólica. Amy afastou o polegar do tabliê. A mãe dele não fizera biscoitos. O mais certo era que estivesse no piso de cima a beber gin de uma garrafa escondida debaixo da cama. Amy não sabia muito bem como seria uma mulher alcoólica (uma mãe alcoólica), mas a sua mãe dissera-lhe uma vez que essas mulheres se tornavam bastante dissimuladas e escondiam as garrafas debaixo da cama.

— Bolas — comentou Amy. — Que pena.

— Pois. É assim. — O professor Robertson suspirou, chegou-se um nadinha à frente no assento e espalmou a mão sobre o joelho.

Olhando de soslaio por entre o cabelo, Amy examinou com atenção

a mão dele: uma mão grande, de adulto, com duas veias do tamanho de minhocas que corriam pelo dorso. As unhas eram largas, planas e limpas. Incomodava-a a ideia de que o passado dele incluía uma mãe que escondia garrafas de bebida debaixo da cama. Contudo, tranquilizava-a ver a mão dele. O asseio daquelas unhas fê-la admirá-lo, porque em criança o mais certo era que tivesse as unhas sujas. Seria assim, sem dúvida, para quem tinha uma mãe alcoólica, pensou Amy. Mas quem o visse agora: tão inteligente, citando poetas e filósofos, com a cabeça cheia de teoremas matemáticos e as unhas asseadas e bem cuidadas.

— Conte-me mais — pediu ela, meio encostada à porta do carro para poder ficar de frente para ele.

O professor Robertson arqueou uma sobrancelha.

— Mais episódios da vida e atribulações de Thomas Robertson?

Ela respondeu que sim com a cabeça.

— Abandonei a universidade.

De novo aquele resquício de asco por ele, e talvez um vestígio de medo.

— A sério? — Também sentiu vergonha alheia, pelo facto de ele ter admitido tal coisa.

— No primeiro ano. — Projetou o lábio inferior para fora e puxou pelo tufo de barba arruivada que tinha mesmo por baixo do lábio. — Tinha demasiadas coisas na cabeça. Depois, trabalhei com miúdos deficientes durante um tempo e mais tarde fui para a Costa Oeste e terminei a faculdade lá. — Arqueou as sobrancelhas. — E com distinção.

E assim foi reintegrado. Miúdos com deficiências; era ainda melhor pessoa do que ela imaginara. Encarou-o com admiração e, quando ele olhou para ela, Amy sorriu.

— Queria fazer um mestrado em Psicologia... Que sorriso tão bonito, tu tens... — Ela corou. — Mas tinha um amigo que era um matemático brilhante e foi por influência dele que me interessei pela matemática.

— Então, na universidade estudou Psicologia?

Ele anuiu com a cabeça.

— Fiz algumas cadeiras na área da economia, por isso, tinha conhecimentos de matemática.

— A minha mãe diz que as pessoas da psicologia são doidas. — Comentou aquilo sem pensar e corou quando ele se desatou a rir. Foi uma gargalhada sincera, com a cabeça inclinada para trás; Amy conseguiu ver-lhe o chumbo escuro nos molares. Sentiu uma vez mais que talvez viesse a não gostar dele como em tempos gostara, mas,

quando ele parou de rir e disse, com franqueza:

— Queres saber uma coisa, Amy? A tua mãe não é nada palerma.

Depois disso, o carro tornou-se acolhedor. Ele fechou o vidro e ela sentiu-se no interior de uma bolha na companhia dele. A conversa era descontraída e amistosa e, por fim, vendo no relógio dele que a mãe chegaria a casa dali a vinte minutos, agarrou nos livros com um braço e, preparando-se para abrir a porta do carro com o outro, inclinou-se de repente para ele e deu-lhe um beijo rápido na face barbada.

O filho da prima de Arlene Tucker foi detido por vender marijuana.

— Quinze anos, e encontraram-no com droga no valor de trezentos dólares. — Arlene falou com a sua habitual potestade, arqueando uma das suas sobranceiras delineadas e deixando-a assim enquanto a notícia produzia efeito.

— Não me digas — disse Lenora Snibbens. — Quinze anos. Meu Deus.

— Mas trezentos dólares em marijuana — referiu Bev Gorda. — Onde é que ele foi arranjar os trezentos dólares para comprar a droga?

Arlene ia acenando com a cabeça, qual professora contente com a turma.

— Tem andado a vendê-la. A traficá-la. Ao que parece, a coisa já durava há vários meses.

Isabelle levantou os olhos do seu livro.

— Onde é que eles vivem, os teus primos?

Arlene mirou a capa de *Madame Bovary*.

— Em Kingswood. A cerca de uma hora daqui.

Isabelle anuiu com a cabeça. Dir-se-ia que, nos tempos que corriam, havia marijuana por todo o lado. Com o instituto politécnico ali em Shirley Falls, Isabelle tinha noção de que a cidade não estava a salvo disso. Mas Kingswood era um lugarejo, praticamente, e um jovem de quinze anos a vendê-la... Fechou o livro, incapaz de se concentrar.

— E podem acreditar — dizia Arlene, enquanto tirava qualquer coisa do olho e pestanejava furiosamente — que é o rapaz mais doce que alguma vez viram.

— Pois olha que eu nisso não acredito — respondeu Bev Gorda. Abanou a cabeça, devagar, e extraiu uma sanduíche de um embrulho enorme de papel encerado. — Quando um miúdo de quinze anos anda a vender drogas, alguma coisa não está bem.

— Ora, é claro que se passa alguma coisa — respondeu Arlene. — Não estou a dizer que está tudo bem. Não estou a dizer que tem a cabeça no sítio. O que eu estou a dizer é que nunca se sabe. Que as

aparências enganam.

— Isso é verdade — concordou Rosie Tanguay. — Li no outro dia a história de um rapaz, no Texas. Bem-parecido, excelente aluno, popular, inteligente... Um rapaz exemplar. Uma noite, depois de um jogo de basquetebol, entrou em casa e apunhalou a mãe com um garfo.

Lenora Snibbens olhou-a de soslaio.

— Um garfo? — disse, com secura.

Rosie não fez caso dela, mas Bev Gorda, sentada mais à frente na mesa, deu uma gargalhada.

— Sinceramente, Rosie. Que grande estrago é que um garfo consegue fazer?

Rosie fez um ar ofendido.

— Do que li, a mãe ficou em estado crítico.

Lenora virou a cara.

— Os garfos no Texas devem ser bem afiados — comentou, em voz baixa.

— Está visto que sim — respondeu Bev Gorda, enquanto inclinava a cabeça para a frente e dava uma dentada na sanduíche. Um pedaço de alface com maionese caiu-lhe no peito avantajado; pegou nele e comeu-o, e depois, com a testa franzida, esfregou a blusa com um guardanapo.

Isabelle encolheu-se. Esteve prestes a dizer: água quente, Bev, depressa. Mas Arlene pronunciou-se para dizer que entendia o ponto de vista de Rosie, de que nunca sabemos quem é que se vai passar da cabeça.

— É o que torna este mundo tão assustador — referiu ela, dirigindo-se, por algum motivo, a Isabelle.

— Isso mesmo. — Isabelle concordou com um aceno de cabeça.

Vira os olhares desconfiados que Arlene deitara a *Madame Bovary* e sabia que, por levar um livro assim para o trabalho, se arriscava a que pensassem que era uma snobe. Não queria ser vista como uma snobe. Queria dar-se bem com toda a gente e evitar envolver-se em qualquer tipo de quezília, por isso disse a Arlene:

— Muito assustador, este mundo em que vivemos. — Afinal de contas, acreditava nisso.

Mas Isabelle não acreditava que tais incidentes aconteciam só porque sim. Não acreditava que a mãe daquele traficante de droga de Kingswood não tivesse percebido que o filho se estava a transformar num criminoso. E, quanto ao rapaz perfeito do Texas, Isabelle tinha a certeza de que o caso envolvia mais factos do que os que Rosie relatara. «Excelente aluno», por exemplo. Que significava isso? Talvez

quisesse dizer que fazia os trabalhos de casa com grande esmero. Isabelle tivera uma colega de liceu assim, chamada Abbie Mattison, que todas as noites copiava os trabalhos de casa três ou quatro vezes até a letra e as margens ficarem perfeitas. Tudo em Abbie Mattison tinha de ser perfeito: o cabelo, a roupa, o sorriso. Depois casou-se e teve um menino, e o marido de Abbie chegou a casa um dia e encontrou-a nua, em pelota, a cantar e a estender roupa no quintal das traseiras. Levaram-na para Augusta por um tempo, mas, segundo as últimas notícias (Cindy Rae, a prima de Isabelle, rabiscara umas linhas na margem inferior do seu postal de Natal), Abbie era negligente com a toma da medicação e ora ia bem ora tinha recaídas.

Fosse como fosse, Isabelle nunca esquecerá a maneira como Abbie copiava várias vezes os trabalhos de casa. Já na altura não era propriamente sã.

— Não sei muito bem se estas coisas são tão surpreendentes quanto as anunciam — disse Isabelle a Arlene, crente de que, por ter passado a semana toda a ler *Madame Bovary*, fora longe demais e devia, entretanto, mostrar alguma benevolência.

Arlene arqueou os lábios para baixo e levantou as sobrancelhas, revelando indiferença à opinião de Isabelle, e esta pensou em partilhar a história de Abbie Mattison para dar força ao seu ponto de vista, mas conteve-se, por uma questão de discrição. Não parecia justo para com Abbie, onde quer que ela estivesse, dentro ou fora de um manicómio, que a sua história andasse de boca em boca só para que Isabelle pudesse captar as boas graças das colegas de trabalho.

— Concorde — disse Bev Gorda. — Qualquer pai que ande atento sabe se o seu filho fuma marijuana ou não. Tem um cheiro característico. E eles ficam com os olhos encarnados, e têm fome de cavalo.

Isabelle, que obviamente sabia que Amy jamais fumaria marijuana, ficou ainda assim satisfeita ao dar-se conta de que a filha não tinha nenhum cheiro esquisito, nem os olhos encarnados, nem um apetite de cavalo.

— Sempre que as minhas filhas iam a uma festa — contou Bev —, o Bill e eu ficávamos acordados até elas chegarem. Lembro-me que uma noite a Roxanne saiu com uns amigos e, mal chegou a casa, foi direitinha para a casa de banho e mijou como um touro.

Isabelle tentou fazer um sorriso afável.

— Cheirei-lhe o hálito e lá estava. Ficou um mês de castigo.

Lenora Snibbens levantou-se e dirigiu-se para a máquina de venda automática.

— Acho que fizeste bem, Bev — comentou ela, tendo pressionado o

botão de uma tablete de chocolate. — As tuas miúdas saíram muito bem.

— Colhemos o que semeamos — disse Isabelle. — Sempre acreditei nisso.

— É provável. — Bev acenou a cabeça, meio distraída a ver Lenora desembulhar o seu chocolate.

— Não é assim tão simples — declarou Arlene. — A minha prima não fazia ideia do que o filho andava a fazer. Ele nunca teve os olhos encarnados nem um cheiro esquisito. Nunca fumou aquilo.

— Ora, é óbvio que fumava. — Com a unha do indicador pintada de rosa, Bev Gorda martelou a mesa junto a Lenora. — Esse tipo de chocolate contém sessenta por cento de parafina. Li isso algures.

— Não — contradisse Arlene —, ele *vendia* aquilo. Nunca a fumou. Só a vendia.

— De loucos — opinou Rosie. — Completamente.

— Que lhe vai acontecer agora? — quis Lenora saber. — Mandam um miúdo assim para a prisão?

— O juiz aplicou-lhe uma pena suspensa de três anos. Tem de andar na linha durante três anos. — Arlene olhou para o relógio e começou a reunir o que restava do seu almoço. Fechou o *tupperware* em cujo fundo se viam os contornos leitosos da uma salada de macarrão. — E tem de ir à terapia. O juiz disse que queria que ele conversasse com um mentor ou assim, por isso, todas as semanas, o miúdo vai falar com um padre.

Isabelle olhou para a capa do seu livro, da qual Madame Bovary a fitava com os seus impassíveis olhos negros. Morria de curiosidade de saber se a gananciosa Emma ia ser rejeitada pelo amante. (Isabelle esperava que sim.)

— Depois, o padre liga aos pais e conta-lhes o que o miúdo disse. Que se sente posto de parte na escola, que a mãe grita com ele. — Arlene encolheu os ombros.

— Como se essa treta toda o fosse impedir de sair para vender marijuana — fez notar Rosie.

Lenora franzia o sobrolho.

— Isso não me parece bem — comentou ela, e fez deslizar o chocolate na direção de Bev Gorda.

— Claro que não está certo — concordou Arlene. — E que tal alguma responsabilidade? A tua mãe grita contigo e tu vais cometer um crime? Que mãe é que não grita com os filhos?

— Bem — opinou Isabelle, desviando a atenção do livro e tomando em consideração o ponto de vista de Arlene —, duvido que seja porque a mãe grita com ele, se bem que seja uma desculpa

conveniente para dar ao padre. Mas há de haver mais qualquer coisa. Eu acho que crianças aprendem coisas, vocês não? Ele deve ter aprendido qualquer coisa que o levou a pensar que era aceitável seguir aquele caminho. Vender drogas, quero eu dizer.

Arlene parou de arrumar as suas coisas e olhou para Isabelle.

— Estás a insinuar o quê, Madame Bovário? Que a minha prima *ensinou* o filho a ir para a rua vender marijuana?

— Oh, não, céus, claro que não. — Isabelle pôs-se vermelha como um tomate. — Quero apenas dizer que, hoje em dia, parece que os nossos valores se estão a desintegrar. E que... bem, quando os filhos veem os pais a aldrabar as suas declarações de rendimentos e assim...

— A minha prima não faz batota na declaração de rendimentos.

— Não, não, é claro que não. — Isabelle começou a transpirar do lábio superior ao mesmo tempo que a campainha do refeitório soava.

— O que *eu* estava a dizer — começou Lenora Snibbens, e levantou-se da mesa — é que não me parece correto que o padre vá repetir o que o miúdo lhe diz. Essas conversas não deviam ser privadas? Não tenho muita vontade de me confessar, assim sendo. Bev, acho que tens razão, há muito pouco chocolate nisso — disse, de dedo apontado ao chocolate.

— Não foi minha intenção ofender a tua prima — disse Isabelle em voz baixa a Arlene.

— Oh, não tem importância. — Arlene agitou faticamente a mão ao abandonar o refeitório.

Isabelle, ainda um pouco perturbada por se ter visto, de repente, à beira de uma altercação, disse a Bev:

— Só acho que colhemos o que semeamos, tal como disse.

— Ah, claro. Penso o mesmo.

— Logo, quando chegares a casa, tenta embeber essa nódoa em água quente — aconselhou Isabelle.

*

Novou naquela manhã de abril, bem cedo. Uma súbita tempestade que cobriu tudo com cinco centímetros de neve alva e imaculada; carros, passeios, árvores e degraus, parecia tudo branco e arredondado e sem contornos. De repente também, o céu ficou azul, de uma ponta à outra, e o Sol brilhou com tal intensidade que, à hora do almoço, quando Stacy e Amy saíram pela porta das traseiras, a luminosidade era ofuscante e ambas semicerraram os olhos, baixaram a cabeça e taparam o Sol com as mãos, como se estivessem a proteger-se de golpes.

A neve derretia depressa, dificultando o progresso pelo trilho que

levava ao bosque. Nenhuma das raparigas calçara botas, por isso tinham de avançar com cuidado por entre os riachos de neve derretida e lama, ao passo que, por cima delas, a água caía com tanta insistência dos ramos das árvores que, não fora a luz deslumbrante, e mais parecia que estava a chover.

— O meu pai anda a dormir com alguém — disse Stacy, mal chegaram ao sítio do costume. Meteu um *marshmallow* com cobertura de chocolate na boca e os seus maxilares trabalharam com vigor. — Merda — acrescentou, de olhos nos sapatos —, tenho os pés encharcados.

E também enlameados, os de ambas, uma camada escura em redor dos sapatos.

— Deixa-os secar antes de tentares limpá-los — disse Amy, mas estava preocupada. Os seus sapatos eram de camurça e Isabelle fizera grande alarde do quanto pagara por eles.

— Pois — respondeu Stacy, e sacou dos cigarros. — Estou-me borrifando, na verdade.

Amy viu a neve derretida escorrer pela casca escura de um tronco e perguntou:

— Porque achas isso do teu pai? — E virou-se para Stacy.

— Ah... — Stacy parecia ter-se esquecido de que falara sequer do pai. — Posso estar enganada. Não sei. É só um pressentimento. E também sonhei com isso. Sim, isso. — Acendeu ambos os cigarros e estendeu um a Amy. — Já me tinha esquecido, mas sonhei com isso. Sim. — Mastigou o lábio, de olhos postos no cigarro.

Amy inspirou profundamente.

— Estranho.

— Eu estava dentro de água ou assim e o meu pai estava na margem com uma mulher. — Stacy deu uma passa no seu cigarro. — Sabe-se lá. — Encolheu os ombros. — Que se foda.

— São espetaculares. — Com o cigarro apontou para a embalagem meio vazia de *marshmallows* cobertos de chocolate pousada no tronco caído. A mãe de Stacy comprara-os para a festa de aniversário dos irmãozinhos gémeos de Stacy, mas ela roubara-os e levara-os para a escola.

— Serve-te à vontade — ofereceu Stacy. — O meu pai ganha rios de dinheiro a analisar sonhos, mas sempre que eu tenho um sonho está-se pouco marimbando.

— Não lhe contaste este, pois não?

— Não. Mas, caramba, que grande ideia. Vou esperar até estarmos todos sentados a jantar e depois digo: «Pai, sonhei que andavas a foder uma mulher que não era a mãe. Podes dizer-me o que isso significa?»

Amy serviu-se de outro *marshmallow*. Estava distraída e apenas parcialmente interessada no sonho de Stacy. O que lhe ocupava a mente, é claro, era a recordação do dia anterior, terrivelmente embaraçosa, em que beijara o professor Robertson na face. Que coisa tão *estúpida*. E ele era casado, usava uma aliança, portanto, o mais provável era que, chegado a casa, tivesse contado o sucedido à mulher e se tivessem ambos rido. «É normal para as raparigas terem paixonetas pelos professores», diria a mulher. O estômago de Amy contraiu-se em reação ao prazer que o *marshmallow* lhe concedeu. Não achava que o que sentia pelo professor Robertson fosse uma coisa «normal», nem por sombras. Engoliu o resto do *marshmallow*, crente de que a única razão por que ele sorrisse para ela naquela manhã, na aula, fora por estar envergonhado com o facto de ela se ter comportado como uma idiota.

Uma gota de água tombou de um ramo sobre a cabeça de Amy e escorreu-lhe pela testa. Enxugou-a com a manga do casaco.

— Achas que vais para que universidade? — perguntou a Stacy.

O professor Robertson falara com Amy acerca das boas universidades quando estavam sentados no carro, à porta da casa dela.

— Para nenhuma. Sou demasiado burra. Vou para Nova Iorque ser cantora. — Stacy observou os *marshmallows* e escolheu um que parecia ter mais chocolate. — O problema de ser adotada — explicou Stacy, segurando o cigarro com uma das mãos e o *marshmallow* coberto de chocolate com a outra — é que os teus pais podem ser inteligentes, e esperam que tu venhas a ser como eles, mas depois afinal és burra. É claro que os desilude. Como não podem dizer-te isso, passam o tempo a insinuar que devias estar grata por te terem acolhido. Devias estar mesmo muito agradecida por não te terem abandonado numa sarjeta.

— Não ias ser abandonada numa sarjeta, pois não? — Tal possibilidade era interessante para Amy.

— Claro que não. — Stacy dava dentadinhas minúsculas no chocolate. — A questão é essa mesma. Eu não estava em parte nenhuma a não ser num hospital limpo, a acabar de nascer, e depois os meus pais apareceram e adotaram-me e levaram-me para casa, e eu tenho de agir como se me tivessem salvado a merda da vida.

Amy pensou nisso enquanto fumava o seu cigarro.

— Outro casal teria ficado contigo, se eles não te adotassem — referiu ela, por fim. — Aposto que muita gente o teria feito. Tenho a certeza de que eras um bebé mesmo muito bonito.

Stacy lançou o *marshmallow* meio comido para o bosque, largou o cigarro no chão e ficou a olhar para ele durante bastante tempo, como se tivesse adormecido com os olhos abertos.

— As rosas têm picos — disse ela, por fim, ainda de olhos fixos no cigarro —, os catos amém, eu sou esquizofrénica e eu também. — Olhou para Amy. — O meu pai acha que isto tem graça — referiu. — Acha que é de mijar a rir.

A primavera chegou. Os arbustos de forsítia transbordavam de amarelo junto a portas e ao longo de muros; depois floresceram os narcisos e os jacintos. Pendidos sobre os caules, os narcisos batiam ao de leve e ao sabor da brisa contra os sarrafos inferiores das casas. Dia após dia, o céu era azul; o sol incidia contra as paredes de tijolo dos edifícios e aquecia-os. Nas margens do rio, as bétulas erguiam-se à cautela, esguias, e o verde tenro dos seus novos rebentos dava-lhes um ar hesitante, colegial. O sol dançava na água e as brisas cálidas sopravam nas margens e as pessoas almoçavam nos bancos dos parques e davam corridinhas apressadas atrás dos pacotes vazios de batatas fritas que se escapuliam com o vento.

As tardes tornavam-se mais longas; as janelas das cozinhas mantinham-se abertas depois do jantar e as relas cantavam no brejo. Isabelle varria os degraus do alpendre convencida de que ia ocorrer uma mudança maravilhosa na sua vida. A intensidade desta crença era desconcertante; o que sentia, concluiu ela, era, na verdade, a presença de Deus. Deus estava ali nos degraus das traseiras, no derradeiro trecho de sol no canteiro das tulipas, no persistente gorjeio que vinha do brejo, na terra olorosa e húmida que cercava naquele momento as raízes delicadas das hepáticas e de umas flores brancas e estreladas. Entrou em casa, fechou a porta mosquiteira e sentiu de novo aquela certeza, de que a sua vida, por causa do amor Dele, se abeirava finalmente de qualquer coisa nova e vasta.

E Amy, graças a Deus (verdadeiramente, graças a Ele), estava mais faladora do que o costume, mais interessada na escola. Juntara-se ao Clube de Inglês e à Associação de Estudantes e muitas vezes ficava depois das aulas para uma ou outra reunião. Tinha o cuidado de ligar a Isabelle, para o trabalho, quando assim era. Também acontecia, explicava Amy, ficar a seguir às aulas para ajudar os colegas da aula de Espanhol. Fora a professora Lanier que lhe pedira que o fizesse. Stacy Burrows, por exemplo («Ela é muito simpática, somos amigas, mais ou menos», disse Amy), que pelos vistos tinha dificuldade em

entender a conjugação dos verbos, ficava na escola depois das aulas, alguns dias, para que Amy a ajudasse com isso. Só que acabavam por passar bastante tempo a coscuvilhar acerca da professora Lanier e do diretor, o Bexigoso.

— Achamos que têm uma paixoneta um pelo outro — contou Amy, enquanto deitava uma colherada de manteiga no meio de uma batata assada. — No outro dia, o Bexigoso entrou na sala com um bilhete para a professora Lanier, e ela corou e depois ele corou também.

Isabelle achou tudo isso normal: duas raparigas a especular acerca das inclinações românticas dos seus professores. E ficou aliviada, porque se ralava que Amy se sentisse sozinha na escola.

Era agradável, nessas maravilhosas tardes de primavera, ouvir a tagarelice daquela rapariga feliz e em crescimento.

— É simpático, o diretor? — perguntou Isabelle. — Acho que nunca ouvi falar muito dele.

— Sim, é muito simpático — respondeu Amy, e com o garfo esmagou a batata com a manteiga. — Não é nada severo. Dá para perceber que detesta gritar com as pessoas. — Amy enfiou uma garfada enorme de batata na boca. — Se bem que tenha suspendido o Alan Stewart por três dias, por vandalizar a casa de banho dos rapazes.

— Céus, acho que fez muito bem — reagiu Isabelle. — E, por favor, não fales com a boca cheia.

Amy espetou o indicador em jeito de pedido de desculpa e engoliu à pressa, o que fez os tendões do pescoço sobressaírem.

— A Stacy acha — continuou ela, logo a seguir — que o senhor Mandel, o Bexigoso, ainda vive com a mãe e que é demasiado tímido para convidar a professora Lanier para sair.

— Mandel — cogitou Isabelle. — Não é um nome judeu? Que idade dirias tu que ele tem?

Amy encolheu os ombros.

— Uns quarenta, talvez. Cinquenta. Como é que se percebe que é judeu? — Amy tinha a cabeça inclinada sobre o prato e alçou os olhos para a mãe.

— O nome é uma indicação. Tem o nariz grande? Por amor de Deus, querida, senta-se *direita*.

— Sim, o nariz dele é assim um bocado para o grande.

Isabelle anuiu com a cabeça.

— Tende a ser assim. E pés chatos, também, e talvez a Stacy tenha razão quando diz que ele vive com a mãe. As mães judias são muito agarradas aos filhos. Sobretudo aos rapazes, acho eu.

Amy arrotou e arregalou os olhos, arrependida.

— Desculpa. Desculpa, desculpa — pediu, mas Isabelle estava a desfrutar da companhia dela, por isso, deixou passar o gesto.

— E como é a professora Lanier?

— Não tem grande beleza, mas é muito simpática. — Amy não mencionou que usava saias demasiado curtas, mas falou do problema que ela tinha com o nylon e a eletricidade estática.

— Oh, que pena — disse Isabelle, e acrescentou um pouco de sal refinado à coxa de frango no prato. — Se calhar não tem um espelho de corpo inteiro, caso contrário, dava-se conta. Todas as mulheres deviam ter um espelho de corpo inteiro.

Isabelle e Amy concordaram com um aceno de cabeça. A brisa que entrava pela janela por cima do lava-louça trazia consigo o cheiro a terra húmida que se misturava com o do frango.

— Mas, sabes — referiu Isabelle, apontando o garfo a Amy e chuçando com ele o ar um par de vezes —, Lanier. Acho que é um nome francês. O que significa que ela provavelmente é católica. O que significa que a mãe do senhor Mandel não vai gostar *disso*.

— Porque não?

— Oh, querida. — Isabelle continuou a comer.

— Importavas-te que eu me casasse com alguém que não fosse protestante? — indagou Amy. Era uma pergunta inócua, só para fazer conversa.

— Não, é claro que não — respondeu Isabelle, mas ao dizê-lo sentiu um aperto por dentro. — Podes casar com quem quiseses.

— Tipo, se eu casasse com um judeu — continuou Amy, e espalhou manteiga sobre a casca da batata.

— Ora, não teria importância nenhuma — disse Isabelle, aliviada. — Os judeus são muito inteligentes. São pessoas que *pensam*. Usam a cabeça. Valorizam a educação.

— E se casasse com um católico?

Isabelle cortou um pedaço de frango em dois.

— Não seria assunto meu.

— O mais certo é que não me case com um católico — afirmou Amy, num tom conciliador. — Acho palerma a maneira como se ajoelham. Ia sentir-me tão esquisita por me ajoelhar na igreja.

— Bom — disse Isabelle —, nisso concordo contigo. Se bem que devamos respeitar as diferenças dos outros.

E houve isso, portanto: a agradável cavaqueira entre mãe e filha. Isabelle sentiu-se redimida. Tanto trabalho para criar aquela miúda sozinha, e eis que correra tudo bem.

— Ah, é verdade — disse ela, recordando-se de repente, enquanto levantava a louça da mesa, que tinha uma coisa para perguntar a Amy

—, aquele professor de Matemática que veio substituir a professora Dayble. Como se chama?

— Robertson. — Amy dobrou-se como se procurasse uma coisa que caíra ao chão. — Que tem? — perguntou, ainda com a cabeça inclinada e soltando o cabelo de trás da orelha para que lhe caísse para a cara.

— A mulher deixou-o. — Isabelle tinha ido ao lava-louça buscar o esfregão e limpava a mesa a fundo.

— A sério? — Amy levantou-se, mas teve o cuidado de se manter de costas para a mãe. — Fiquei com a ideia de que havia uma ervilha no chão, mas parece que não. — Mas a mãe não estava a olhar; regressara ao lava-louça. — Como é que sabes que a mulher o deixou?

— A Becky Tucker andou com ela na universidade, pelos vistos. Querida, se achas que pode haver uma ervilha no chão, procura com cuidado. Não quero ratos cá em casa.

— Andou na universidade com a senhora Robertson?

— É o que a Arlene diz. Toma, mete isto no frigorífico, se não encontras a ervilha. — Isabelle estendeu-lhe as sobras do frango, cuidadosamente embaladas em folha de alumínio.

Amy esperou até abrir a porta do frigorífico para perguntar:

— E ela deixou-o porquê?

— Não sei. Se calhar, abriu os olhos.

Amy empurrou as embalagens de maionese e *pickles* e *ketchup*, mudou uma caixa de ovos de lugar.

— Como assim?

— Amy, fecha a porta do frigorífico, caramba. Guarda o frango e fecha a porta. — Enquanto enchia a tina do lava-louça com água quente, Isabelle atava o avental atrás da cintura.

Amy fechou a porta do frigorífico.

— Que queres dizer com isso de ter aberto os olhos?

— Na verdade, não sei se foi isso que aconteceu. Mas parece que, hoje em dia, todo o tipo de mulheres se junta em grupos.

— Que grupos? — Amy sentou-se à mesa e abriu o livro de Biologia. Ainda tinha trabalhos de casa para fazer.

— Tanto quanto sei — respondeu Isabelle, ocupada a esfregar um prato com vigor —, as mulheres juntam-se e queixam-se dos maridos e encorajam-se umas às outras a divorciarem-se.

— A senhora Robertson estava num desses grupos?

— Oh, Amy, na verdade, não sei. Sei só que a Arlene disse que ela tinha ido viver com os pais.

— Mas porquê?

— Caramba, Amy. Eu sei lá. — Isabelle enxaguou os pratos e limpou

as torneiras.

Amy não fez mais perguntas.

— Em todo o caso, pobre homem. — Isabelle suspirou e secou as mãos num pano. — Abandonado pela esposa.

(Lembrar-se-ia disso, mais tarde; que, enquanto secava as mãos, dissera «pobre homem».)

— Se calhar, ele não se importa — opinou Amy, enquanto folheava o livro de Biologia. — Talvez estivesse farto dela.

— Quem sabe — comentou Isabelle, com despreocupação. — Da maneira como as coisas estão hoje em dia. Mas parece-me que estar farto da nossa mulher ou marido não é motivo para nos divorciarmos.

Dirigiu-se para a sala de estar e foi buscar o cesto da costura para compor a bainha de uma das suas saias. Irritava-a um pouco, na verdade, que as pessoas fossem tão negligentes com os respetivos casamentos.

— Se as pessoas continuarem a ser amáveis e atenciosas, não se fartam umas das outras — disse ela, a ninguém em particular, enquanto media um pedaço de linha do tamanho de um braço.

Sentada à mesa da cozinha, Amy olhava fixamente para o livro de Biologia. O trabalho de casa continuava por fazer. No dia anterior recebera uma má classificação num questionário de Biologia, acompanhado de uma nota da professora, escrita na margem superior: «A tua cabeça não está no trabalho.»

Isabelle achara-se tão absorta no mundo de Madame Bovary que há muito deixara de se congratular por estar a ler o livro. Quando as colegas de trabalho começaram a chamar-lhe Madame Bovário («Aqui vem a Madame Bovário», dizia alguém, quando Isabelle entrava no refeitório), ficou aborrecida, não tanto por troçarem dela, mas por já não se sentir à vontade para ler o livro no trabalho e ter de adiar esse prazer até chegar a casa. Contudo, trazia sempre o livro na mala e, estando o tempo novamente quente e límpido, escapuliu-se um dia, à hora do almoço, e foi sentar-se no carro, estacionado no parque, onde mordeu a cutícula do polegar até sangrar enquanto a pobre Emma Bovary morria horivelmente na sua cama.

Isabelle chorou. Procurou no porta-luvas um guardanapo para enxugar os olhos e pensou na trapalhada que Emma Bovary fizera da sua vida. Disse-o em voz alta: «Que *trapalhada*», e assoou o nariz. Alegrava-se que tivesse sido Emma quem passara por tudo aquilo, e não ela. Alegrava-se muito. Isabelle respirou fundo e contemplou o parque de estacionamento pelo pára-brisas, as pedrinhas que cintilavam ao sol. Embora não deixasse de ser um alívio, era também

um pouco aborrecido achar-se no parque de estacionamento de uma fábrica de sapatos, em Shirley Falls, no século xx, quando a maior parte da sua mente retinha ainda a lamentosa confusão que acabara de ocorrer numa aldeia francesa um século antes: imaginou o quartinho, as abelhas à janela, os últimos estertores de Emma, provocados pelo veneno... Que horror, que horror, que horror. Tinha pena de Emma. Os olhos de Isabelle encheram-se novamente de lágrimas.

Ainda assim. Apesar de tudo. (Isabelle deitou um derradeiro olhar a Emma Bovary e guardou-a no porta-luvas.) Fizera por merecê-lo. Fizera, de facto, a sério que sim. Charles era um marido menos mau para Emma. Se ela tivesse sido carinhosa com ele, descobriria que ele podia transformar-se num homem forte e interessante. Isabelle acreditava nisso. Em abono da verdade, Isabelle não conseguira tirar da ideia que ela mesma ficaria satisfeita com um marido como Charles, por isso tivera alguma dificuldade, é claro, em ver as coisas do ponto de vista de Emma.

Mas era complicado. Porque, no fundo do coração, Isabelle compreendia os terríveis anseios de Emma. Em Shirley Falls, nunca alguém acreditaria que Isabelle fosse pessoa disso, mas guardava a recordação de um devastador amor carnal com um homem, e essas memórias agitavam-se dentro dela, por vezes, como um ser vivo. Fora um amor errado, contudo, do mais errado que podia haver, e o coração palpitou-lhe furiosamente no peito; sentiu-se sufocar dentro do carro.

Acalmou-se com um passeio pela orla do parque de estacionamento, contemplando o par de falcões que planavam no céu azul, bem alto, e depois o rio e a água espumosa e revoltosa que a parte de baixo da fábrica cuspiam por cima das pedras de granito. Emma Bovary fora egoísta, disse Isabelle a si mesma, egoísta e malvada, e a prova disso era não só a indiferença que sentia para com o marido, mas também a maneira horrível como negligenciara a filha. Não, Emma Bovary era muito mais malvada do que Isabelle Goodrow alguma vez fora ou poderia ser, e se no final padecera uma morte atroz, só podia culpar-se a si mesma.

Isabelle abriu a pesada porta das traseiras da fábrica, grata pelo familiar cheiro a couro e cola, pelo ruído seco e metálico da sala das máquinas e pelo zunido do elevador que a depositou no corredor silencioso que dava acesso ao escritório.

Fez uma paragem na casa de banho das senhoras para passar batom nos lábios e pentear o cabelo, pensando, ocupada com essas tarefas, que talvez entretanto não voltasse a ler outro livro, pois a vida já era

difícil o suficiente sem acrescentarmos as aflições de outras pessoas às nossas.

«Esta tarde, vens visitar-me?», sussurrava o professor Robertson a Amy, quando ela saía da aula, ou se a encontrasse no corredor durante o dia, e então Amy dirigia-se para a sala dele depois das aulas e ficavam à conversa em frente à janela, ou então sentavam-se em cima das mesas. «Deixas-me levar-te a casa outra vez?», perguntava ele, e acabou por se tornar uma rotina: a caminhada até ao parque de estacionamento dos professores, o percurso ao longo da Route 22, o pedaço que passavam sentados dentro do carro dele.

Não tencionara beijá-lo de novo, mas na vez seguinte que ele a levou a casa, quando Amy se preparava para se apear, ele meteu-se com ela, dizendo: «Então, hoje não há beijo?», e inclinou-se para oferecer a face. E isso tornou-se parte da rotina também, encostar os lábios à bochecha barbada dele.

Um dia, ele virou a cara e beijou-a na boca.

— Tem uma boa noite — disse ele depois, com um aceno breve da cabeça.

Nessa noite, Amy voltou a não fazer os trabalhos de casa. Não fez quase nada, tirando cirandar inquieta pela casa, a pensar naquele beijo deliberado que ele lhe dera na boca. Isabelle palpou-lhe a testa, a ver se ela tinha febre.

— Estou bem — afirmou Amy. — A sério.

Mas aquilo de mentir à mãe era difícil. Sentada na beira do sofá, com o cabelo à frente da cara como se procurasse pontas partidas, disse:

— Amanhã, se calhar vou ter de ficar outra vez na escola depois das aulas.

— O Clube de Inglês?

— Matemática — respondeu Amy. (Não havia nenhum Clube de Inglês. Inventara-o um dia, por impulso.) — Explicações de matemática. Não é bem *explicações*, na verdade. Uns quantos de nós são bastante bons a matemática e o professor tem-nos dado exercícios de trigonometria. Quase ao nível de uma universidade. Disse que nos dará umas aulas extra.

— Ah, sim? — reagiu Isabelle, que engolira completamente a patranha. — Que bom. E interessante, também.

— Interessante porquê? — Amy continuava de olhos fixos, e quase entortados, no cabelo à frente da cara.

— Porque o meu pai tinha muito jeito para números. Talvez tenhas herdado isso dele.

Amy não era boa a matemática. Quando se encontrava com o professor Robertson depois das aulas, nunca falavam de matemática.

— Gosto mais de inglês — disse ela, e largou o cabelo, de novo a pensar na mulher dele e no motivo por que ela o deixara. Teria por certo sido ele que lhe pedira que se fosse embora.

— Acabei aquele livro que andava a ler — contou Isabelle. — *Madame Bovary*, daquele escritor francês. — Receava pronunciar mal o nome dele. — Muito bom, mesmo. Um clássico.

— Então — continuou Amy —, se tiver de ficar depois das aulas, ligo-te para não te preocupares se eu não estiver em casa quando chegares.

— Faz isso, sim, por favor — disse Isabelle. — Sabes que me aflijo muito.

O professor Robertson, entretanto, parecia igual a si mesmo, com ou sem mulher. Continuava a dar-lhe boleia. Continuavam a conversar dentro do carro. Ao lado da casa, o canteiro das tulipas resplandecia, eram vermelhas e amarelas. Ele ganhara o hábito de lhe dar um beijo todos os dias, um beijo confortável, breve, na boca. Um dia quente de maio, contudo, muito embora ele tivesse acabado de dizer: «Bem, minha querida, é melhor ires andando», Amy ficou com a impressão de ter visto uma diferença fugaz nos olhos dele e na maneira como se inclinou para ela enquanto lhe olhava para a boca.

O Dr. Gerald Burrows acariciou um botão do casaco e contemplou o seu doente, um homem quase da sua idade que, ao relatar um episódio da infância, uma ida à pesca com um pai obstinado, rasgava o lenço de papel que tinha nas mãos. Quando o homem, num momento de distração, virou a cara para a janela, o Dr. Burrows permitiu que os seus olhos deslizassem na direção do relógio, um objeto pequeno, cinzento e discreto, situado à esquerda, numa mesinha atrás da cadeira do doente.

O Dr. Burrows, que se orgulhava da atenção meticulosa que prestava aos seus doentes, tinha dificuldade em concentrar-se na história da lamentável pescaria ocorrida há uma trintena de anos. Embora acreditasse estar razoavelmente habituado aos períodos de desencorajamento que o seu trabalho acarretava, nos últimos tempos o Dr. Burrows via-se acometido por uma constante sensação de inutilidade. Ninguém melhorava, ou quase ninguém, pelo menos. As incapacidades das pessoas que o consultavam surgiam tão cedo na vida, numa idade tão tenra e delicada que, quando chegavam ao seu consultório, já se tinham condensado e convertido num conjunto desnorteado de expressões, evasões e manipulações astutas. Não, não se curavam. Acorriam a ele porque se sentiam sozinhas e porque a dor que sentiam as confundia genuinamente. Na melhor das hipóteses, pensou ele, manipulando ainda o botão do casaco, proporcionava-lhes um refúgio onde não eram alvo de julgamentos, um momento de recolhimento, de repouso.

Não conseguia providenciá-lo a si mesmo, contudo. A expressão impassível que o seu rosto evidenciava naquele momento era acossada por um pensamento impenitente de que a filha, Stacy, o odiava. Era perceptível no silêncio dela, nos olhares desdenhosos, na maneira arrogante como se afundava na cadeira ao pequeno-almoço, todas as manhãs. No olhar momentâneo e insolente que lhe deitava antes de se levantar da mesa, ele via, ou acreditava ver, uma qualquer certeza inveterada.

De onde provinha aquele azedume, não sabia muito bem. Mas sugeria (tinha de sugerir, não era?) que ela não havia sido criada com suficiente empenho. Ele mostrara-se firme em adotar um recém-nascido, em vez de uma criança mais velha, precisamente para evitar a marca de danos anteriores: como se *ele* pudesse criar aquela bebé chorona de cara vermelha sem lhe causar danos! Já na altura, ela estava zangada. Com semanas de idade, deitava-lhes olhares furiosos entre um choro e outro; nos momentos de repouso, contemplava-os com ar ameaçador. O parto fora difícil, descobriram mais tarde; o bebé ficara entalado no canal de parto com o cordão umbilical em redor do pescoço. Acaso seria contra isso, contra os vestígios desse trauma, que a rapariga se rebelava?

Não acreditava nisso. Sabia que, se algum dos seus doentes tentasse atribuir a raiva de um filho a um parto difícil, não engoliria a desculpa. Pelo contrário, interrogar-se-ia acerca do que se passava em casa, de como era o dia a dia da família.

O Dr. Burrows moveu-se ligeiramente na cadeira. Não ia fazer de conta de que tudo corria às mil maravilhas na sua vida familiar, mas os outros filhos, os gémeos, iam muito bem; eram dois rapazinhos saudáveis que corriam pela casa e ficavam sempre felizes por vê-lo. (Alguém que me explique isto, pensou ele, numa atitude beligerante, sem se dirigir a ninguém em especial.) Olhou para o homem que tinha à frente e anuiu para compensar a falta de atenção. O homem terminara a sua história e presenteava então o Dr. Burrows com um ar ao mesmo tempo indulgente e suplicante.

— Muito bem — disse o Dr. Burrows. — Isso já nos dá muito que pensar. Voltaremos a isto na próxima sessão.

A cara do homem, genuína na sua ânsia por um sorriso de aprovação, permaneceu na cabeça do Dr. Burrows muito depois de ele ter saído e fechado a porta. Incomodava-o pensar que também ele, lamentosamente, queria mais.

Os humores de Isabelle começaram a alterar-se com uma rapidez alarmante. Interrogava-se se tinha sido sempre assim e apenas nunca se dera conta disso. Não. Céus, não havia como não reparar numa coisa assim: ia no carro ao A&P a sentir-se calma e aconchegada, como se a roupa lhe servisse na perfeição, e no regresso a casa estava completamente desaustinada, porque, ao atravessar o parque de estacionamento, o cheiro do saco das compras que carregava nos braços se misturara com a fragrância da primavera e desencadeara um qualquer anseio no seu coração. Sinceramente, era extenuante. Porque, não obstante todos aqueles momentos de esperança em que

parecia que Deus estava perto, em que o seu coração parecia prestes a abrir-se e expandir-se e, Isabelle tinha outros momentos em que o que sentia só podia ser descrito como raiva.

Ver a pilha de roupa suja de Amy, por exemplo, tinha o condão de a deixar em fúria, porque, de repente, a mera tarefa de cuidar dela parecia estar além das suas forças, e Isabelle não compreendia isso, porque, afinal de contas, os anos realmente difíceis de criar aquela rapariga já tinham ficado para trás, ou não? Porque lhe parecia às vezes que perdia o equilíbrio naquela corda bamba que era *cuidar* de alguém?

Ralações, ralações e mais ralações. Era o que dizia a Avery Clark, uma manhã, sentada à frente da secretária dele e ligeiramente inclinada para a frente com um copo de esferovite com café pousado no joelho.

— Com os filhos — disse ela —, é ralações atrás de ralações.

Mas disse-o com ligeireza, realçando o seu ponto de vista com um sorriso meio trocista com o qual curvou os cantos da boca para baixo.

— Sem dúvida — concordou Avery, com uma risada.

Recostou-se na sua cadeira giratória e contou uma história desconexa acerca de o filho ter ido andar de barco com um amigo um dia e só ter regressado a casa depois de anoitecer. Avery demorou tanto tempo a relatá-la (incluindo a breve interrupção de um telefonema) que Isabelle começou a interrogar-se que cara devia fazer; o ar de plácida expectativa começava a provocar-lhe espasmos nas faces, mas Avery lá chegou ao fim do relato.

— E quando ele finalmente entrou em casa, eu não sabia se havia de o matar ou de o abraçar. — Avery riu-se alto e abanou a cabeça. — Ai, ai — rematou ele —, como eu estava ralado.

— Com certeza — exclamou Isabelle. — Não há nada pior no mundo.

Mas Avery não a ouvia. Ria-se uma vez mais e sacudia a cabeça.

— Ai, ai — tornou —, como eu estava ralado.

Amy não conseguia pensar em mais nada a não ser na boca aberta do professor Robertson: no choque que constituíra a sua língua quente e escorregadia em cima da sua, o ténue gemido que se desprendera da sua garganta ao pressionar a nuca dela com a mão, o estalido dos seus maxilares quando a boca se abria ainda mais e a língua se projetara contra o interior da sua bochecha, uma coisa viva e quente à solta dentro da sua boca. Fora um alívio, em parte, quando ele dissera, em voz baixa: «É melhor ires andando, Amy.»

Manteve-se bastante tempo sentada, imóvel, no sofá da sala, até a

mãe chegar a casa. Era absolutamente incrível: o professor Robertson dera-lhe um beijo com língua. Completamente incrível. Acontecera mesmo. Significava isso que a amava? O beijo não parecera amoroso. De certa forma, parecera ter pouco que ver com ela. Mas isso era estúpido, porque uma pessoa só beijava assim alguém de quem gostava muito. Ainda assim, no meio do silêncio da sala, sentia-se apreensiva, quase triste.

Pela manhã já não se sentia assim. Acordou com um sentimento de eficácia serena, como se tivesse resolvido qualquer coisa crucial para a sua vida.

Lavou o cabelo, escovou-o ainda molhado, algo que Isabelle lhe dissera que jamais fizesse, e, uma vez seco, ficou brilhante, sedoso e ondulado, perfeito com a camisola cor-de-rosa que vestiu por cima do vestido azul-claro.

— Ena, estás tão bonita — elogiou Isabelle, que despejava *Rice Krispies* para uma tigela.

A meio da manhã, porém, já não se achava bonita; ao espelho da casa de banho das raparigas, a sua cara estava pálida. O cabelo, tão meticulosamente escovado de manhã, parecia então não ter peso e flutuava em todas as direcções, como o cabelo de uma criança acabada de acordar de uma sesta. A este desalinho juntava-se o facto desnorteante de o professor Robertson não ter olhado para ela nem uma vez sequer durante a aula.

Não esperara tal coisa. Um olhar fugaz e cúmplice, um sorriso fugidio e caloroso, um piscar de olhos sub-reptício? Nada. Não olhou sequer para ela. Elogiou Julie LaGuinn, a rapariga insípida e calada da primeira fila.

— Muito bem — disse ele, ao assomar-se por cima do ombro dela, enquanto Amy trabalhava. — Excelente. Eis uma rapariga que sabe pensar.

E quando a campainha tocou, o professor Robertson limitou-se a rumar à sua secretária. Amy, aturdida, saiu para o corredor, onde levou um encontrão de um grupo de rapazes a caminho do ginásio.

Stacy não tinha ido à escola. Não estava na sala de estudo nem à espera de Amy, junto ao seu cacifo, à hora do almoço. Certa vez, quando Amy ficara em casa com a garganta inflamada, Stacy ligara-lhe à hora do almoço para se queixar das «merdas das atrasadas mentais» com as quais se vira obrigada a almoçar, por isso, Amy, tendo encontrado uma moeda no fundo da carteira, dirigiu-se para a entrada, onde estava a cabina telefónica.

Stacy atendeu ao quinto toque.

— Estou — disse ela, num tom rabugento.

— Sou eu — devolveu Amy. Viu Karen Keane a deambular de um lado para o outro do vestíbulo, com as mãos cruzadas atrás das costas e a cara inclinada para o teto, como aquelas raparigas, nos anúncios das revistas, que acabam de sair de uma piscina.

— Olá — cumprimentou-a Stacy, sem emoção.

— Estás doente? — perguntou Amy, sem tirar os olhos de Karen Keane, que olhou na direção de Amy e, com um aceno de cabeça, deu a entender que queria usar o telefone.

Seguiu-se uma pausa, um espaço vazio no telefone, e a seguir Stacy disse:

— Tenho de ir ao médico. — Fungou e acrescentou, com apatia: — Merda.

— Estás bem? — Amy virou-se para a parede e segurou o auscultador com ambas as mãos. — A Karen Keane está ali à espera para usar o telefone — relatou, baixinho.

— A minha mãe vai-me levar ao médico — disse Stacy.

— Estás doente? — tornou Amy a perguntar.

— Tenho só de ir ao médico — repetiu Stacy. — Diz à Karen Keane que se vá foder. Diz à escola toda que coma merda e morra.

Tendo acabado o seu café, Isabelle inclinou-se para descartar o copo de esferovite no cesto dos papéis do gabinete de Avery Clark, deslizando a outra mão ao de leve pela anca, quando Avery disse:

— Ah, é verdade, Isabelle...

Ela virou-se para ele; sentia-se feminina e bonita (a conversa sobre as ralações da parentalidade tinha sido, na opinião dela, agradável), e arqueou as sobrancelhas num gesto inquisitivo, pressionando os lábios para o caso de o batom ter esborratado.

— Estava aqui a pensar. Ocorreu-me uma ideia.

Avery inclinara-se por cima da secretária e Isabelle compreendeu que o que ele se preparava para dizer não era para chegar aos ouvidos de outras pessoas ali no escritório.

— Sim? — Voltou a sentar-se na beira da cadeira, inclinada para a frente para que ele percebesse pela sua expressão que, obviamente, guardaria qualquer segredo.

— Bem, é só uma ideia — disse Avery —, mas talvez me venha a dar jeito ter aqui a Amy, este verão.

As sobrancelhas de Isabelle voltaram a arquear-se; inclinou a cabeça para o incentivar a continuar.

— Não é uma coisa que a Dottie Brown queira que se saiba, por agora — continuou Avery, em voz baixa, ainda inclinado para a frente, e deitou um olhar breve através da parede envidraçada às

mulheres sentadas às suas mesas —, mas parece que ela vai precisar de um tempo de baixa. Vai fazer uma operação, pelos vistos. — E com a boca apenas, sem produzir som, disse: — Coisas de mulher.

— Ah, compreendo. Meu Deus, espero que esteja tudo bem com ela. Avery fez que sim com a cabeça.

— Julgo que não é nada de grave, mas é capaz de ter de ficar de baixa durante o verão. O médico, ao que parece, recomendou-lhe que tirasse umas quantas semanas para recuperar. Eu disse-lhe que não tivesse pressa em voltar.

— É muito simpático da sua parte.

— E ocorreu-me que seria bom ter mais alguém para ajudar. Tarefas simples, é claro. Arquivar. Registrar faturas. Coisas muito simples. Diga-me lá, que idade tem a Amy? Se vier a tempo inteiro, terá de ter dezasseis anos.

— Faz dezasseis daqui a três semanas — respondeu Isabelle. — Se bem que, meu Deus, mal dá para acreditar.

— Pronto — disse Avery, e sentou-se com um ar satisfeito. — Pense nisso. Mas acho que, se a ela lhe agradar um emprego de verão aqui, eu posso tratar disso.

— É muito, muito amável da sua parte — agradeceu Isabelle. — É quase bom demais para ser verdade. O ano passado, ela tomou conta de crianças na igreja, algumas manhãs por semana, mas é claro que já tem idade suficiente para assumir outras tarefas. E seria ótimo para ela começar a juntar dinheiro para a faculdade.

— Ótimo. — Avery anuiu com a cabeça. — Depois logo me dirá. E, entretanto, se puder manter isto em segredo, por favor. Julgo que a Dottie planeia anunciá-lo em breve.

— Claro. — Isabelle levantou-se e, com a mão, fez um gesto a corroborar a sua resposta. — Mais uma vez, obrigada — disse, em voz baixa.

Por dentro, sentiu um calor especial e pensou que, se no dia seguinte o tempo estivesse bom, podia usar o vestido de linho azul.

A casa estava tranquila e em silêncio. Sentada no sofá, Amy não sabia o que fazer. Não obstante o radiante sol vespertino, que em certos sítios fizera a estrada exalar um cheiro quente a alcatrão e sob o qual caminhara, a casa parecia-lhe fria e algo sombria, talvez por ter sido construída virada a norte e sob árvores de folha perene.

Amy percorrera as divisões escurcidas; a silenciosa cozinha com as cadeiras encostadas à mesa, como se tivessem passado o dia todo em sentido, a sala de estar que parecia condoer-se da sua própria solidão, com a manta castanha dobrada e estendida com esmero sobre as

costas do sofá, o feto no seu pedestal negro e delgado: tudo contribuía para agravar o desânimo que sentia. Ficou sentada no sofá durante bastante tempo, sem saber o que fazer. O estofado do sofá picava-lhe a perna. Não conseguia perceber como é que, durante tantos anos, regressara a casa todos os dias para deparar com aquele vazio. Como conseguira atravessar a soleira da porta da cozinha, abrir os armários, preparar um chá e sentar-se à mesa para fazer os trabalhos de casa. Se a sua vida era regressar àquilo — e aparentemente era, uma vez que o professor Robertson a ignorara por completo o dia todo —, não imaginava o que ia fazer.

No meio do silêncio, o telefone tocou.

Amy levantou-se do sofá. Devia ser a mãe, e não lhe apetecia falar com ela, mas apressou o passo, entrou na cozinha e atendeu a meio do toque.

Nada. Uma pausa. Silêncio.

— Estou? — repetiu Amy.

— Olá — sussurrou uma voz masculina.

O coração de Amy desatou a bater tão depressa que conseguia ouvi-lo dentro do peito.

— Quem é? — E depois: — Quem fala, por favor?

— Olá — murmurou o homem, de novo. — Gostas de gelado de baunilha? — A voz era grave e muito rouca, com um sotaque tenuemente sulista.

— Por favor — disse Amy, quase a chorar. — Quem fala?

O homem sussurrou sem pressa, com uma docilidade obscena.

— Quero lamber gelado de baunilha da tua rata.

Amy desligou o telefone como se o auscultador se tivesse transformado numa serpente.

— Oh, meu Deus — choramingou ela. — Oh, por favor, meu Deus.

Arrastou uma das cadeiras da cozinha até à porta e entalou o espaldar sob a maçaneta, como vira a mãe fazer em fevereiro, depois do desaparecimento de Debby Kay Dorne.

Os braços de Amy, as pernas nuas por baixo do vestido, encheram-se de pele de galinha, e os lábios e a boca secaram de imediato. Levantou o auscultador e começou a ligar para a mãe, porque a única coisa que queria era a mãe. Porém, no último momento, na fração de segundo antes de o telefone da mãe, no escritório, começar a tocar, Amy desligou. Através do medo, como um fio argênteo muito ténue, chegou-lhe a certeza de que, se lhe ligasse naquele momento, a mãe entraria em pânico. (Ela mesma estava em pânico. O braço que apoiara na bancada da cozinha tremia.) E a partir daquele momento a mãe passaria a querer saber onde ela estava a cada segundo, mais

ainda do que já queria, e se o professor Robertson voltasse a ser simpático?

Não ligou à mãe.

Mas tinha medo. Obrigou-se a subir ao piso de cima, a espreitar para baixo das camas e a abrir os roupeiros. Os cabides de metal no roupeiro da mãe oscilaram ligeiramente com o movimento da porta, tilintando uns contra os outros como um espanta-espíritos sinistro.

Oh, estava apavorada! A casa escura e silenciosa metia medo. Correu para o piso térreo e abriu os armários da cozinha e até o frigorífico. Receava assomar-se à janela e deparar com um homem na entrada ou no alpendre. E depois, a ideia de que pudesse haver um homem do outro lado da janela, à espreita, tentando encontrá-la por entre as sombras das divisões.

A chorar baixinho, esgueirou-se para dentro do roupeiro da entrada, sentando-se em cima de botas, atrás da bainha do casaco acolchoado que a mãe usava no inverno. Pensou em Debby Dorne; vieram-lhe à memória todos os pormenores que ouvira ou lera. A pequena Debby, de doze anos, com uma camisola e meias douradas até ao joelho, à espera de que a mãe chegasse a casa. Desaparecera entre as duas e as cinco da tarde, enquanto esperava que a mãe voltasse para casa.

Amy estava demasiado assustada para ficar dentro do armário. Atropelou as botas e saiu, tendo esquadrinhado o corredor com o olhar. Uma vez mais, vasculhou a casa de cima a baixo, e no final sentou-se à mesa da cozinha, à espera. Não sabia se esperava o seu raptor ou a mãe, ou qual deles chegaria primeiro. Ou sequer se havia de sair de casa. Estaria mais segura na rua, ocorreu-lhe. Mas a estrada vazia, o troço ermo da Route 22... Portanto, manteve-se sentada, e as suas palmas húmidas deixavam marcas no tampo da mesa.

O telefone tocou outra vez.

Amy olhou para o aparelho, em cima da bancada da cozinha: uma serpente negra uma vez mais, enroscada, a levantar o guizo. Chorava quando o atendeu.

— Adivinha — disse Stacy, num tom animado, rebentando um balão de pastilha elástica. — Estou a chegar aos sete meses. Acreditas que estou grávida?

Os pais de Stacy foram à escola sem ela e passaram a manhã em reuniões com o diretor, o vice-diretor e a orientadora escolar, assim como um dos professores. O seu estado seria tratado abertamente. Amy, tendo sabido disso através do telefonema de Stacy, viu o professor e a Sr.^a Burrows no gabinete da orientadora quando ia a caminho da sala de estudo, e ficou surpreendida com o sorriso animado na cara da Sr.^a Burrows, com os enérgicos acenos de cabeça daqueles adultos, como se tivessem motivos para celebrar. Mais tarde, pela janela da sala de inglês, viu os Burrows abandonarem a escola: a Sr.^a Burrows, muito magra, ainda sorria e assentia com a cabeça enquanto atravessava o parque de estacionamento, e o Sr. Burrows, de ombros curvados, abriu a porta do carro à esposa, tocou-lhe ao de leve nas costas antes de ela entrar. («Os meus pais têm sido tão queridos», dissera Stacy ao telefone. «Meu Deus, estão a ser bestiais.»)

Uma vespa percorria o parapeito ensolarado da janela enquanto a velha professora Wheelwright, com as rugas da cara pintadas de *rouge*, escrevia no quadro: *Wordsworth, a beleza do mundo natural*. Depois, a vespa precipitou-se para o interior da sala, elevou-se no ar e chocou contra o teto com um estalido ténue, e ao descer, numa espiral mais lenta, encontrou a janela e voou para a rua.

— Não é maravilhoso — disse a professora Wheelwright (ninguém a ouvia: era a última aula antes do almoço e a sala, no piso de cima, estava muito quente) — imaginar os narcisos amarelos a encostarem as cabecinhas às rochas para descansarem?

Amy, que olhava para a professora Wheelwright, teve de desviar o olhar. Ocorreram-lhe dois pensamentos ao mesmo tempo: jamais seria professora, por mais que a mãe quisesse que o fosse, e, no final das aulas, ia falar com o professor Robertson e suplicar-lhe que voltassem a ser amigos, pois na aula daquela manhã ele tornara a ignorá-la. Amy entrara em pânico, e naquele momento os detalhes usuais do seu dia pareciam alterados: a professora Wheelwright era um cadáver ressuscitado de entre os mortos; os seus colegas (Maryanne Barmble

sentada ao lado dela a escrever em letras gordas na mesa WORDSWORTH FODIA A IRMÃ) pertenciam a uma espécie totalmente diferente. A Amy parecia restar pouco mais do que um terror devorador.

No entanto, havia gente na cidade de Shirley Falls perfeitamente feliz naquele dia. Por exemplo, a professora Lanier, de Espanhol, sorria de orelha a orelha na sala dos professores, mesmo por baixo dos pés de Amy, enquanto enchia a sua caneca de café: o diretor, Lenny Mandel, convidara-a para jantar com a mãe dele naquela noite. «São ambas boas pessoas», dissera ele. «Tenho a certeza de que se vão dar bem.» E a mulher de Avery Clark, Emma, tendo recebido naquela manhã a notícia de que o filho mais velho entrara em Harvard, estava então, depois de feitos os telefonemas da praxe, estendida na cama com os braços esticados, movendo os dedos dos pés dentro dos colãs. A Sr.^a Errin, mulher do dentista, estava contente porque encontrara uns sapatos em saldo e porque o marido, depois de uma reunião com o contabilista, estava de bom humor.

Uma variedade de acontecimentos felizes, pequenos e grandes, ocorria por toda a cidade, e nela incluía-se uma gargalhada calorosa entre Dottie Brown e Bev Gorda, sentadas às suas mesas no escritório, o tipo de gargalhada (naquele caso relacionada com a sogra de Dottie Brown) partilhada por duas mulheres que se conhecem há muitos anos, que apreciam as familiares expressões uma da outra, veem nisso um conforto e uma alegria, e que sabem que, finda a gargalhada — entre as ocasionais risadinhas que ainda ocorrem e os lenços levados aos olhos para os enxugar —, resta um afeto que as une, a crença de que, afinal de contas, não estamos assim tão sozinhos.

Ela foi à sala dele no final das aulas e encontrou Julie LaGuinn em frente ao quadro.

— Amy? — disse o professor Robertson. — Querias falar comigo? — Ela não respondeu, e ele continuou: — Senta-te. Estamos quase a acabar.

Quando Julie LaGuinn se foi embora, tendo lançado um olhar impassível na direção de Amy, o professor Robertson suspirou e sentou-se numa cadeira perto de Amy.

— Ora então — começou, depois de cruzar os braços e se encostar ao espaldar —, como estás, Amy Goodrow?

— Bem.

Ficaram sentados em silêncio, sem olharem um para o outro. Na parede, o relógio deu um estalido. Pela janela aberta entrou o gemido de um autocarro escolar e a brisa trouxe o aroma dos lilases que floresciam imponentemente junto à entrada da escola. Por fim, o

professor Robertson disse, em voz baixa:

— Vá, eu levo-te a casa.

E quando parecia que, de facto, estava tudo perdido, que o que mudara entre eles ia ficar assim, o professor Robertson saiu da estrada e estacionou sob umas árvores.

— Vamos dar um passeio — disse ele.

Adentraram-se pelo que restava de um caminho de lenhadores, ambos de olhos no sulco deixado por um pneu e, entretanto, coberto de ervas daninhas, até que o professor Robertson disse:

— Beijar-te daquela maneira não foi uma boa ideia, Amy.

— Porque o senhor é casado?

Amy já ali tinha estado com a mãe. Quando era miúda, todas as primaveras iam apanhar flores silvestres. Uma vez, encontraram umas orquídeas chamadas sapatos-de-vénus, e Isabelle recomendou a Amy que mantivesse segredo, para que ninguém fosse apanhá-las, uma vez que eram raras.

O professor Robertson abanou a cabeça e chuçou uma pedra com a biqueira do sapato.

— Não, separámo-nos. A minha mulher foi viver com os pais.

Amy alisou o vestido; não pretendia dizer que já sabia aquela informação.

— Não. — O professor Robertson pôs-se de novo em marcha, e ela seguiu-o. — É porque, se as pessoas descobrissem que nos beijávamos, não iam entender.

— E porque é que haviam de descobrir?

Ele virou a cabeça e olhou para ela, com cuidado, por um instante.

— Como é que podiam descobrir? — tornou a perguntar, olhando-o por entre as madeixas compridas do cabelo. — Eu nunca contaria a ninguém.

— Não sei — disse ele. — Podias fazê-lo.

Pararam novamente. Amy manteve-se calada enquanto um noitibó cantava. O professor Robertson cruzou os braços e semicerrou os olhos para observar a sua jovem discípula.

Depois, choveu durante três dias. Uma chuva constante e desagradável que tamborilava telhados, carros e passeios; nos parques de estacionamento formavam-se charcos cuja superfície era constantemente crivada pelos pingos, de tal modo que pareciam pequenos lagos cheios de piranhas num frenesim alimentar. Uma torrente de água tombava da beira do edifício da escola, onde um cano da caleira estava partido, e no chão já não havia erva ou lama; a cor desvanecera-se do solo, batido pela água, e restava apenas uma

humidade empapada onde estivera aquele pedaço do relvado.

Stacy saiu a correr do edifício e depois estacou.

— Merda — disse ela, e tocou no braço de Amy. — Corre.

Com ela à frente, atravessaram o relvado a correr e depois o parque de estacionamento. Encharcaram os sapatos, a parte da frente das coxas e os ombros, até que alcançaram o carro para o qual se dirigiam e se sentaram no banco de trás, no meio de gargalhadas e impropérios: «Oh, merda, caramba, meu Deus, estou encharcada!»

O carro, um *Volkswagen* amolgado e amarelo, pertencia a uma finalista, chamada Jane Monroe, que o emprestara para elas fumarem naqueles dias chuvosos. Amy e Stacy chegaram-se para o meio do banco para evitar a água que o carro deixava entrar e acenderam os cigarros. Os pais de Stacy tinham-lhe dado dinheiro para que comprasse uns «mimos»: maquilhagem, bijuteria, o que quer que, disseram eles, a fizesse sentir-se melhor. Ela comprara dois pacotes de cigarros, um para ter na escola e o outro escondido debaixo da cama, assim como um saco enorme de barras de chocolate. As raparigas fumavam então com uma das mãos e comiam chocolates com a outra enquanto a chuva golpeava o pára-brisas.

— Estou contente — disse Amy, e sorriram uma para a outra.

— Sim — concordou Stacy —, isto é ótimo. Se o carro tivesse casa de banho, seria cinco estrelas.

— De certeza que a Jane não se importa de ficar com o carro todo molhado e cheio de fumo? — Amy espreitou para dentro do saco e enfiou lá a mão.

— Está-se marimbando — respondeu Stacy. — Deve estar numa carrinha qualquer a apanhar uma moca com o namorado.

Stacy tornara-se uma celebridade. A escola, tendo sido confrontada com a situação de uma maneira tão franca, ansiava por mostrar-se uma instituição moderna, iluminada, acomodaticia. Até os professores, indiferentes àquelas qualidades, mostravam compaixão para com uma rapariga tão nova (só tinha quinze anos!) da qual alguém se tinha aproveitado. Na sala dos professores, comentava-se, entre os mais velhos (a amável professora Wheelwright), que aquelas coisas aconteciam sempre às «boas meninas», o que dava a entender que qualquer rapariga capaz de desalmadamente tomar precauções só podia ser uma puta.

Mas havia ali mais qualquer coisa, um elemento da situação que não era mencionado, mas que desempenhara um papel importante na atitude transigente da escola. E era o facto de Stacy Burrows viver na zona da cidade chamada Oyster Point. Stacy não vivia na zona de Basin, os pais não trabalhavam na fábrica nem geriam uma bomba de

gasolina ou viviam numa quinta. O pai de Stacy era professor universitário, psicólogo; os pais dela eram «intelectuais», como ficava provado pela casa onde viviam, uma daquelas vivendas novas com telhado de mansarda. Não deixava de ser verdade que em algumas partes da cidade se arquearam sobranceiras, contudo, contra factos não havia argumentos: o pai de Stacy detinha um certo estatuto, e se ele e a mulher pretendiam ser francos e descontraídos em relação à gravidez da filha, ninguém queria ser surpreendido a olhá-los com desprezo.

Este sentimento estendia-se aos colegas dela. Longe de ter de suportar sussurros ou chacota, Stacy era tratada como uma heroína. Os miúdos olhavam-na com benevolência no corredor, afastavam-se quando ela se abeirava do cacifo e diziam coisas como: «Olá, Stacy, como é que vai isso?» Algumas das raparigas mais velhas tornaram-se amigas dela, como Jane Monroe, tão generosa com o seu carro. E uma das finalistas mais snobes, cujo pai era arcediogo da igreja congregacional, conversou com Stacy durante bastante tempo, uma manhã, na casa de banho das raparigas, confessando que ela mesma fizera, não um mas dois abortos, em Nova Iorque, e que ainda estava a pagá-los.

No meio disto tudo, Stacy brilhava como uma madona. De repente, estava também absolutamente grávida, como se, ciente do seu estado, o corpo se tivesse por fim libertado; a coluna arqueava para trás para acomodar a protuberância, redonda como uma bola de basquetebol, que exibia os seus contornos por baixo das camisolas largueironas.

As camisolas eram do pai. Nos dias quentes, Stacy vestia as camisas do pai, que lhe davam quase pelos joelhos, por isso, às vezes, parecia uma inocente leiteira ruiva vestida com uma bata de algodão. Sob aquelas roupas espaçosas, contudo, vestia o mesmo par de calças de ganga velhas todos os dias e deixava simplesmente a braguilha aberta; os pais, não obstante o dinheiro que lhe davam para pequenos caprichos, tinham decidido não comprar roupa de grávida para a filha. Stacy não achou isso estranho e passou alegremente aqueles dias de chuva com as bainhas das calças de ganga encharcadas; eram à boca de sino e descosidas, e roçavam pelo chão molhado.

No carro, com a perna de Stacy sobre as suas, Amy puxava os fios molhados enquanto Stacy fazia o relatório das pessoas que a haviam tratado com amabilidade naquele dia.

— O Bexigoso Mandel espalhou-se ao comprido quando me abriu a porta do ginásio. Cora de cada vez que me vê. — Stacy fez uma pausa para dar uma baforada no cigarro. — A história da Sally é de partir a rir, não é? — (Sally era a filha do arcediogo, a que já fizera dois

abortos.) Stacy inclinou-se para a frente para lançar o cigarro pela janela do carro e depois abriu o pacote de leite, que passara a beber todos os dias, ao almoço. — Porta-se como uma escuteira e anda para aí a abrir as pernas a qualquer um. — Stacy inclinou a cabeça para trás, bebendo e rindo, e o leite escorreu-lhe pelo queixo abaixo.

— Não te rias quando bebes, pode-te sair pelo nariz.

Stacy anuiu com a cabeça.

— Uma vez, estava deitada a chupar um caramelo... — Amy agitou os dedos para indicar a Stacy que já lhe tinha contado aquela história, e Stacy engoliu o leite e disse: — Doeu como a merda. Um dos tipos que emprenhou a Sally era um negro que ela conheceu na faculdade. Conte-te, não foi?

Amy respondeu que sim com a cabeça. Era fantástico, na verdade, o submundo secreto e agitado da escola. Teria ficado deprimida, se a sua vida não incluísse o professor Robertson, mas incluía e, se bem que não o tivesse confidenciado a Stacy, esse facto era como uma almofada mesmo ao seu lado ali no carro e cuja fronha era macia e quente e cheirava à pele dele.

— O tipo negro levou-a de autocarro para Nova Iorque. Ela disse aos pais que estava em casa da Denise, e depois teve cólicas no caminho todo de volta. Há pastilha elástica aí?

Amy espreitou para dentro do saco e abanou a cabeça.

Stacy acendeu outro cigarro e lançou o fósforo pela janela.

— Que faria a tua mãe se tu engravidasses?

Amy olhou para ela.

— A *minha* mãe?

— Não vais ficar grávida, mas vamos supor que engravidavas. A tua mãe faria o quê? — Stacy pousou os dedos abertos em cima da barriga e franziu os lábios para soprar o fumo.

— Punha-me fora de casa.

— A sério? — Stacy arqueou uma sobrancelha.

— Punha-me fora de casa. — Amy assentiu com a cabeça. Não saberia explicar a certeza que sentia em relação a isso, mas tinha consciência de que tal crime podia condená-la ao desterro.

— Não acho que a tua mãe te expulsasse de casa — disse Stacy, num tom depreciativo, evidentemente já entediada com a questão que levantara, e com a gigantesca improbabilidade de Amy Goodrow vir a engravidar. — Tenho sono — acrescentou, e fechou os olhos reconfortada, encostando a cabeça ao banco.

— Também eu.

Mas, através do som da chuva que martelava o carro, ouviu-se o estridor resolutivo da campainha da escola.

— Merda. — Stacy abriu os olhos e inspirou duas vezes, intensamente, antes de lançar o cigarro pela frincha no vidro. Recompuseram-se, fecharam os vidros e atravessaram a correr o parque de estacionamento coberto de água.

— Falei-te das vitaminas que tenho de tomar? — gritou Stacy, que tentava proteger-se da rabanada de vento que soprava a chuva diretamente contra a cara delas. Amy abanou a cabeça. — São enormes — tornou Stacy a gritar. — Grandes como a merda de bolas de futebol. — Fez tenção de pular por cima de uma poça, pensou duas vezes e atravessou-a simplesmente, arrastando as bainhas molhadas das calças de ganga.

Nessa tarde, Amy estava outra vez num carro estacionado à chuva, vendo, através da água que escorria pelo pára-brisas, o arbusto de lilás que abanava e ressaltava sob a persistente carga de água junto ao alpendre de casa. As petúnias nas floreiras das janelas pareciam irremediavelmente sovadas, com os seus rebentos cor de alfazema, semelhantes a papel crepe, amarfanhados. Só os cravos-de-defunto se mantinham imperturbáveis e resilientes, emoldurando o caminho até à porta com os seus discos amarelos.

— «Como chuva incessante, a dor percute o meu coração» — recitou Amy.

— A sério? — O professor Robertson virara as costas à porta do carro para ficar de frente para ela.

— Nem por isso — respondeu Amy, com um sorriso, e ele observou-a com o seu olhar demorado, as pálpebras meio tombadas, pois é claro que sabia que ela não estava triste. O primeiro beijo da tarde terminara há pouco, e começara assim que o professor Robertson desligara o motor do carro.

— Não queria ver-te triste — disse o professor Robertson, num tom sonolento, com as pálpebras ainda meio pendidas, naquela sua maneira cúmplice e íntima.

Amy voltou a prestar atenção à chuva e interrogou-se como é que as pessoas viviam sem aquele tipo de amor. No dia anterior, ele tinha examinado cada uma das pontas dos seus dedos enquanto ela lhe falava do homem que telefonara e dissera que queria lambar gelado do «corpo» dela — foi como contou, porque não ia dizer a outra palavra —, e o professor Robertson pedira-lhe que lhe dissesse, caso voltasse a acontecer.

Desviou a cara do pára-brisas chuvoso, desejosa que ele a beijasse outra vez, lhe acariciasse de novo o cabelo, mas ele ficou onde estava, com o seu ar ensonado, encostado à porta do carro, a fazer deslizar o

dedo com indolência pela orla do volante.

— Fala-me da tua amiga Stacy — pediu ele.

— Que quer saber?

O professor Robertson observou o próprio dedo e disse, tranquila e ociosamente:

— Ela gosta de ação, não é?

Amy encolheu os ombros.

— Quem é o namorado? — indagou o professor Robertson.

Amy contou-lhe que Paul Bellows tinha sido uma estrela do futebol e que agora trabalhava numa bomba de gasolina na Mill Road.

— Chorou quando a Stacy rompeu com ele — acrescentou, e desejou de imediato não o ter dito, porque só fazia Stacy parecer mais atraente.

— Perdeu o seu tesouro. — Sem sorrir, o professor Robertson, acariciou o cabelo de Amy ao de leve, contemplando-o com os seus olhos semifechados.

— Não devia ter contado esta última parte — comentou Amy. — Não é que a Stacy me tenha pedido segredo...

Ele interrompeu-a, pegando-lhe no pulso.

— Podes confiar-me os teus segredos. — disse ele.

Meteu na boca o dedo de Amy e ela não pensou mais em Stacy nem em Paul.

Davinia Dayble, a professora de Matemática cuja queda nas escadas da cave havia precipitado a contratação do professor Robertson, recuperara da fratura no crânio e, tendo passado a primavera enfiada em casa, rabugenta e entediada, ansiava pelo seu regresso à escola, planeado para o outono. Aquele tal de Robertson teria de se fazer à vida.

No entanto, num dia ventoso na primeira semana de junho, o dia do seu aniversário, Davinia Dayble desceu o caminho de casa numa engenhoca que basicamente equivalia a um grande triciclo e virou-se no asfalto, fraturando a anca. O irmão dela, um homem de sessenta e três anos, pálido e de ar assustado, ficou horrorizado; a bicicleta, ou triciclo, na verdade, já que tinha uma roda grande à frente e duas mais pequenas atrás, tinha sido um presente dele; ocorrera-lhe que no verão ela poderia pedalar até à cidade e usar o cesto de vime suspenso do guiador para carregar pequenas coisas: livros da biblioteca, talvez, ou pão. Mas ali estava ela, estatelada no passeio, com os sapatos no canteiro de jacintos-uva.

Emma Clark, a mulher de Avery, foi visitá-la ao hospital. Emma pertencia à Comissão Sunshine da igreja congregacional e fazia parte das suas funções visitar os doentes. E ali estava ela, com uma benevolência entediada, aos pés da cama do hospital, a fazer comentários sobre as flores e a comida, enquanto um cheiro desagradável ia enchendo o quarto.

Davinia Dayble parecia afogueada; a sua testa brilhava e tinha as faces vermelhas. Contudo, falava sem parar sobre as saudades que tivera da escola naquele ano, e Emma Clark aproveitou o ensejo para contar que havia uma rapariga na escola que frequentava as aulas já bastante adiantada na gravidez, a filha do psicólogo, ao que Emma sabia, e que a escola não parecia minimamente preocupada com a situação.

Davinia abanou a cabeça. Já tinha ouvido falar do assunto, e que inacreditável que tudo aquilo era. Mas que interessante que fosse a

filha do psicólogo, não achava Emma? Ela fez que sim com a cabeça. Achava, sim. Extraordinário, comentou Davinia, o quanto os tempos tinham mudado; achava tudo aquilo desgostante.

Cansada de fazer que sim com a cabeça, Emma Clark despediu-se de Davinia.

Já que estava de saída, pediu Davinia, importar-se-ia de chamar uma enfermeira? Fez um aceno triunfante de cabeça a Emma.

— É para levar a arrastadeira — disse.

No regresso a casa, Emma Clark não conseguiu impedir que determinadas imagens desagradáveis se formassem na sua cabeça relacionadas com o facto, entretanto óbvio, de que Davinia Dayble estivera a usar sem comedimento a arrastadeira durante toda a conversa. Emma franziu o sobrolho sob a luz clara de junho; irritava-a participar naquelas coisas de igreja para agradar a Avery. Quando chegasse a casa pretendia comunicar-lhe, sem margem para dúvida, que estava *fartinha* da Comissão Sunshine.

*

Mas o tempo estava perfeito. «Um tempo perfeito», comentavam as pessoas, anuindo com a cabeça. O céu era vasto e azul, os relvados vibravam com os seus tenros rebentos. Os grelhadores eram tirados das garagens e as pessoas jantavam nos alpendres; ouviam-se os sons típicos do verão: portas mosquiteiras a baterem, cubos de gelo a tilintarem e gritos de crianças que andavam aos ziguezagues pela rua nas suas bicicletas.

Isabelle, na sua casinha sob os pinheiros, ouvia as relas no brejo ali perto e adorava o longo entardecer. Enquanto esgaravatava nas floreiras das janelas ou se agachava pensativamente para cuidar dos cravos-de-defunto que ladeavam o caminho, surpreendia-se com frequência a pensar na boca grande e ligeiramente torta de Avery Clark e como seria pressionar os lábios, com grande ternura, contra os dele. Tinha a certeza de que há anos que Emma Clark não beijava o marido com ternura. (As pessoas mais velhas tendiam a não o fazer, pensou ela, no preciso momento em que Amy gritou pela janela: «Mãe, viste a minha blusa amarela? A que aperta atrás?») Talvez, pensou Isabelle, com pouca compaixão, Emma usasse uma dentadura postiça que lhe provocava um hálito pavoroso. Já para não esquecer, é claro, que era uma mulher fria. («No cesto da roupa para passar», respondeu Isabelle. «E, por amor de Deus, não é preciso gritar.») Endireitou-se e afastou algumas madeixas de cabelo da cara enquanto ouvia as relas e cheirava os cravos-de-defunto nos dedos. Dádivas de Deus, pensou, e imaginou de novo os lábios ternos de Avery, tantas dádivas de Deus.

No entanto, naquela noite teve um pesadelo. Sonhou que Amy se despia num campo cheio de *hippies* e se dirigia para um charco lamacento onde um homem de cabelo comprido e imundo a abraçava, rindo. No sonho, Isabelle atravessava o campo a correr, em pânico, a chamar pela filha.

Acordou a chamá-la, e deparou com ela junto à sua cama, de camisa de noite.

— Oh, querida — exclamou Isabelle, baralhada, envergonhada e ainda perturbada.

— Estavas a sonhar — disse-lhe Amy, e, graças à luz do corredor, Isabelle viu o rosto da filha, o seu corpo comprido na camisa de dormir descorada, inclinada sobre a cama. — Assustaste-me, mãe.

Isabelle sentou-se.

— Tive um sonho horrível.

Amy foi simpática; foi à casa de banho e encheu um copo com água para a mãe.

Isabelle aconchegou-se no lençol e pensou que era bom saber que tinha uma filha amável como Amy e não a *hippie* badalhocada do sonho. E que, a um quilómetro e meio dali, Avery Clark estava deitado a dormir. Ainda assim, demorou a adormecer. Ficara com uma sensação estranha e desagradável, como se tivesse qualquer coisa por digerir logo abaixo das costelas.

Amy tardou a adormecer, igualmente, mas não se importou com isso, porque sorria no meio do escuro, a pensar no professor Robertson. Iam para o bosque todos os dias, entretanto, depois de deixarem o carro estacionado sob as árvores no velho trilho dos lenhadores. A seguir à parte em que percorriam o caminho, às vezes de mãos dadas, e a seguir à parte em que o professor Robertson falava, sentavam-se de costas apoiadas num pedregulho cinzento e ele beijava-lhe o rosto ou, às vezes, depois de lhe examinar os lábios, beijava-a com força na boca, e depois, bastante depressa, porque nunca chegavam a despir-se, deitavam-se no chão, ele movendo-se em cima dela, com a roupa amarrotada, e ela, sentindo que uma canção interior a preenchia, húmida no meio das pernas e nas raízes do cabelo comprido, olhava para o céu sulcado de azul por cima dos ramos dos pinheiros; ou, se tivesse a cabeça virada, para os aglomerados amarelos e balouçantes de ranúnculos.

Tudo aquilo era felicidade: deslizar a boca aberta pela cara dele, ter o cabelo dele, escuro e encaracolado, misturado com o seu, enfiar às vezes os dedos esguios na boca dele e pressioná-los contra as gengivas; oh, era o céu ter aquele homem *tão perto*.

Um das noites mais tarde, o tempo ficou mormacento, e um dia amanheceu muito quente. O dia seguinte nasceu ainda mais quente e húmido. O dia depois desse foi ainda pior. Em poucos dias, o rio começou a feder. O céu empalideceu, branco e indiferente. As vespas ficavam suspensas sobre os caixotes do lixo no ar brumoso, como se estivessem demasiado aturdidadas para pousarem. Era o início do que seria um dos verões mais quentes da história de Shirley Falls, mas ninguém sabia disso na altura. Ninguém pensava muito nisso, tirando quando puxavam pelas camisas e diziam: «O pior é a humidade, para mim.» A estação tinha começado há pouco; as pessoas estavam preocupadas com outras coisas.

Dottie Brown, por exemplo, deitada na cama do hospital (um piso acima da professora Dayble), contemplando com olhar vazio o televisor que pendia do teto, tinha sobrevivido à histerectomia e sentia-se grata por isso; secretamente, receara morrer. Mas sentia-se estranha. Num tabuleiro ao lado dela estava o seu jantar: uma lata morna de *7-Up*, uma bola derretida de gelado de limão e uma tigela de esferovite com caldo de carne que parecia água de lavar pratos e cujo cheiro lhe dava vômitos. Interrogava-se onde estava o marido. O médico dissera-lhe que dali a uns dias já podia ir para casa, assim que o seu intestino começasse a funcionar.

E Barbara Rawley, a mulher do diácono que ofendera Isabelle na igreja, e mais tarde no A&P, estava igualmente ofendida. A sua melhor amiga, também mulher de um diácono, chamada Peg Dunlap, andava a ter um repugnante caso amoroso com o psicólogo Gerald Burrows, e Barbara via-se forçada a ouvir cada vez mais pormenores. Ao telefone, naquela tarde, Peg chegara ao extremo de insinuar que os encontros adúlteros eram ainda melhores com o calor.

— Quando a filha dele engravidou, receei que acabasse tudo comigo. Mas não — suspirou ela, feliz. — *Muito* pelo contrário, se é que me entendes.

Barbara disse que tinha de descongelar um frango e desligou o telefone. Sentia-se profundamente ofendida. Sabia que o casamento não era perfeito; a vida não era perfeita. Mas ela queria que fosse.

O dia 25 de junho foi o último dia de aulas. Uma vez que iam sair mais cedo e fazia um calor de rachar, os alunos tiveram permissão para vestir calções, se quisessem. Reinava na escola um ambiente expectante e festivo, os adolescentes andavam pelos corredores de *T-shirts* compridas e jardineiras com as pernas cortadas, muitos usavam bonés ou chapéus de ganga a pender sobre os olhos. O efeito era estranho; parecia que era sábado e que a escola abria as portas para

acolher a exuberante juventude da cidade. Alguns alunos abandonaram o edifício e acomodaram-se nos degraus da entrada ou estenderam-se no relvado, apoiados nos cotovelos e com a cara virada para o sol, que brilhava escaldante no céu branco.

Amy não estava de calções, porque naquela manhã Isabelle não a deixara sair de casa com umas calças de ganga cortadas. Só um par de calções azul-marinho da Sears mereceram a sua aprovação, e Amy recusara-se a vesti-los. Escolhera uma blusa branca simples e uma saia cor de alfazema e sentia-se uma palerma, ao passo que os colegas tinham um ar mais seguro do que nunca, insolente inclusivamente. Quando a velha professora Wheelwright desejou à turma um excelente verão, poucos se deram ao trabalho de lhe responder. Os alunos rebentavam balões de pastilha elástica com descontração e conversavam aos gritos. Amy ficou com a ideia de que iam todos a uma festa qualquer assim que as aulas acabassem, por isso, foi um alívio quando, no final da aula, o professor Robertson lhe murmurou: «Vemo-nos depois?»

À hora do almoço foi com Stacy para o lugar do costume, no bosque. Enquanto procurava o maço de tabaco na mala, Stacy disse:

— Foda-se, ainda bem que este ano já terminou. Que merda de escola, esta.

Amy segurou o cigarro entre os lábios e apanhou o cabelo por cima da nuca encalorada.

— Há de ser melhor do que trabalhar o dia todo na fábrica com aquelas velhas peidorreiras — disse ela. — Começo já na segunda-feira.

— Ah, pois é — respondeu Stacy. — Grande seca. — Mas Stacy não parecia muito preocupada com as perspectivas de Amy para aquele verão. Inclinou a cabeça para trás, soprou uma torrente de fumo e disse: — O meu pai anda outra vez armado em filho da mãe. Foi simpático durante um tempo, mas agora voltou a ser um filho da mãe.

— Porquê?

O ar não bulia, quente como um forno.

Stacy encolheu os ombros.

— Acho que não é defeito, é feitio. Sabe-se lá. — Tentou arrefecer o pescoço abanando o maço de tabaco. — Quando estás grávida, a temperatura corporal sobe um grau. — Com a outra mão enxugou a cara. — Passa a vida a escrever artigos para porcarias de revistas e assim.

Amy fez que sim com a cabeça, embora não soubesse de que revistas ou artigos Stacy falava.

— Devia escrever um artigo chamado «Porque Sou Um Filho da

Mãe: Um Estudo Psicológico por Dr. Gerald Burrows, Otário». — Stacy afastou o cabelo do pescoço. — Está uma brasa da merda. Que sorte a tua, o teu cabelo ter um ar bonito com este calor. O meu parece a cauda de um cavalo de circo.

Amy gostava de poder convidar Stacy a ir a sua casa um sábado, durante o verão, mas que haviam elas de fazer naquela casa, pequena e estúpida? Contemplar os cravos-de-defunto da mãe?

Stacy abriu o pacote de leite e inclinou a cabeça para trás. Bebeu uns quantos tragos e depois disse:

— No outro dia encontrei a Maryanne Barmble no supermercado, com a mãe dela. Alguma vez viste a mãe dela?

Amy abanou a cabeça.

— É *tal e qual* a Maryanne. Aluada, simpática. Acenou a mão à frente da cara exatamente como a Maryanne faz.

— Estranho.

— Podes crer. Este leite está quente. — Stacy fez uma careta.

Amy continuou a fumar e viu Stacy despejar o leite no chão, onde formou uma poça que deu origem a riachos minúsculos sobre a terra e as folhas; escureciam à medida que se entranhavam no solo. Já tinha saudades de Stacy. Era como se ela já tivesse desaparecido.

— Será que sou parecida com a minha mãe verdadeira? — Stacy deu uma baforada pensativa no cigarro. — Porque, se toda a gente acaba igual à mãe, de que serve esta merda toda?

Assim que Amy se viu no carro do professor Robertson, as coisas pareceram-lhe um pouco mais normais, embora fosse mais cedo do que o habitual, uma vez que o dia de aulas fora encurtado. O sol ia alto e abrasador no céu branco.

— Vamos ver-nos este verão? — deixou ela escapar, pouco depois de terem saído do parque de estacionamento da escola.

O professor Robertson olhou de relance para ela, com um ar ligeiramente surpreendido.

— Espero bem que sim — respondeu.

— É que na segunda-feira começa a porcaria do meu trabalho na fábrica.

Ele anuiu com a cabeça e parou num sinal de stop.

— Arranjaremos uma solução — afirmou ele, e tocou-lhe no braço, ao de leve.

Amy virou a cara para deixar o ar que entrava pela janela aberta acariciar-lhe o pescoço; segurou o cabelo num punho fechado, com as pontas a roçarem na moldura da janela. Pela primeira vez, sentia-se à beira de uma discussão com ele. Tal coisa não lhe parecera possível

até então.

Nem era possível naquele momento, pois não encontrava as palavras, sentia apenas uma impertinência taciturna enquanto olhava pela janela do carro em movimento e pensava que, passadas tantas semanas de beijos no bosque, ele não lhe contara mais nada sobre a mulher, nem sobre ele mesmo, em abono da verdade (tirando histórias do passado, pensou ela, com raiva), nem lhe dissera nada acerca do que pensava sobre as coisas, sobre os seus planos ou desejos para o futuro.

— Estás bem? — perguntou ela, por fim, quando saíram da Route 22 e ele estacionou o carro debaixo de umas árvores a meio do velho trilho dos lenhadores.

— Estou ótimo — respondeu ele, e tocou-lhe na mão ao tirar a chave da ignição.

Mas a verdade é que estava alheado e calado, e as coisas não correram como era habitual. Quando ele a beijou, Amy sentiu com algum entorpecimento apenas as agulhas dos pinheiros sob as pernas desnudas e a respiração arquejante daquele homem que se empurrava ritmicamente contra ela. Ela estava cheia de calor, e ele igualmente, e ao agarrar-se às costas dele sentiu a humidade da sua camisa amarrotada.

Por fim, ele rebolou para o lado e, contemplando o céu, comentou:

— Acho que ambos sabíamos que hoje não seria um bom dia.

Ela não disse nada. Algum tempo depois, ele estendeu-lhe a mão e ajudou-a a levantar-se. Regressaram ao carro.

— Devias ir para a universidade em Boston — disse ele, de repente.

Amy sacudiu as agulhas de pinheiro das pernas e meteu-se no carro sem responder.

Ele examinou um risco na porta do seu lado e entrou no carro também, encostado à janela aberta do carro com um cotovelo apoiado no volante. Com a outra mão, acariciou-lhe a parte interna do braço e sorriu ao ver que lhe provocara pele de galinha.

— Estás a tremer — disse ele —, com o calor que faz.

Amy deu-se conta de que quase não gostava dele. Baixou os olhos e encolheu os ombros sem grande empenho. A luz leitosa deixava à mostra o pó no tabliê. Sentia a pele oleosa, pouco limpa.

— Amy — disse-lhe ele. — Sabes que serás sempre amada?

Ela olhou para ele. Durante um longo momento, não reagiu, mas depois, ao ver a expressão triste e bondosa nos olhos dele, disse:

— Grande merda, isso soa a despedida.

— Não, não, não — murmurou ele, tendo-a puxado para si. — Havemos de encontrar uma solução, pequena Amy Goodrow.

Ela endireitou-se, disposta a beijá-lo, mas ele parecia satisfeito em contemplá-la apenas, por isso Amy manteve-se timidamente sentada, de olhos postos nas mãos pousadas no colo.

— Amy — disse ele, num murmúrio —, despe a blusa.

Ela levantou os olhos, surpreendida.

Ele fitava-a, impassível, com os olhos semicerrados.

Sem pressa, ela desabotoou os botões planos, brilhantes; um deles cintilou sob o sol pardo.

— Despe-a — pediu ele, porque Amy hesitara, depois de ter desabotoado a blusa toda.

Inclinou-se para a frente, alçando primeiro um dos ombros, depois o outro, e despiu a blusa amarrotada, com duas agulhas de pinheiro presas nas costas. Ele pegou na blusa, livrou-a das agulhas e, com esmero, dobrou-a e virou-se para a pousar no banco de trás.

Ela ficou sentada com o seu sutiã da Sears, um sutiã simples e branco com um aplique com a forma de um malmequer minúsculo no meio das copas. Transpirava, e quando ele olhou para ela, Amy passou a mão pela boca e desviou o olhar.

— Tira isso também — pediu ele, muito baixinho, na sua voz grave e ribombante.

Amy corou no meio do calor que fazia dentro do carro. Era como se as suas pálpebras transpirassem; sentia os olhos quase inchados. Hesitou, e depois inclinou-se para a frente e desapertou o sutiã; tinha as pontas dos dedos frias. Ele estendeu a mão e ela deu-lhe o sutiã. Sem tirar os olhos do rosto dela, pôs o sutiã no banco de trás.

Ela desviou o olhar na direção da alavanca das mudanças que assomava no meio deles com a sua protuberância de couro negro. Sem dúvida que ele estaria a contemplá-la naquele momento. Pestanejou para a alavanca das mudanças e fez tenção de levantar a mão para levar um dedo à boca, mas deteve-se e, em vez disso, pressionou os lábios. Inclinou a cabeça para a frente para que o cabelo lhe escondesse a cara e, por entre a redondez dos seus seios, os mamilos rosados e pálidos penosamente expostos como algo recém-nascido, viu uma gota de suor deslizar-lhe pela barriga até ao cós da saia cor de alfazema.

— És tão bonita — afirmou o professor Robertson, em tom de conversa, mas baixinho. — A sério, Amy, és mesmo muito bonita.

E depois disso ela ficou bem-disposta. O assomo de um sorriso atravessou-lhe o rosto e Amy olhou para ele, mas o professor Robertson fitava o peito dela.

— Importavas-te de fazer certas coisas? — perguntou ele.

Ela respondeu que não, sem saber ao que ele se referia.

Por exemplo, importar-se-ia de segurar uma das mamas com a mão e levantá-la na direção dele? Ela corou e deu uma risadinha, baixou os olhos envergonhada, mas fez o que ele pediu, e ele ficou tão agradado que ela nem se importou de o fazer. Não se incomodou de fazer mais coisas; como segurar ambas as mamas juntas e depois fazer cair o cabelo sobre elas com os mamilos a assomarem entre as madeixas. Ele pediu-lhe que humedecesse os dedos e depois tocasse nos mamilos, e ela ficou surpreendida, mas fê-lo à mesma.

Pediu-lhe que se virasse para um dos lados e depois para o outro. Pediu-lhe que levantasse o braço, segurasse o cabelo e inclinasse a cabeça. Quanto mais ele olhava para ela, mais ela gostava de ser vista. Desejava que ele lhe tivesse pedido para fazer aquelas coisas antes. Com o braço levantado, sentiu o cheiro da sua transpiração, o aroma a lilás do desodorizante misturado com o do seu corpo. Sentiu comichão no nariz e, ao coçá-lo com o braço, sentiu também o cheiro do seu braço.

— Toca-lhes outra vez — instruiu ele, e ela assim fez.

Depois disso, fê-la reclinar o encosto, e ela ficou deitada, com os seios achatados, esparramando-se em direção aos braços. Estava muito calor dentro do carro.

— Fecha os olhos — disse ele.

Amy sentiu uma pequena e inesperada brisa entrar pela janela e abriu os olhos.

— Estás com medo? — perguntou ele, num tom gentil. — Não te vou magoar.

Ela abanou a cabeça.

— Não quero que estejas assustada.

— Não estou assustada. Os meus olhos não se querem fechar, é só isso.

— Não faz mal. Levanta a saia, querida. Até à cintura.

Ela ficou novamente constrangida e fez um pequeno sorriso, corada, e depois, obedientemente, puxou a saia cor de alfazema até ficar amarfanhada à volta da cintura, mostrando as cuecas de algodão branco e a pequena protuberância da púbis.

— Não quero que tires as cuecas — disse ele —, entendido?

Ela respondeu que sim com a cabeça, olhando para ele, e os lábios entreabriram-se-lhe com a profunda emoção de ter ouvido a voz rouca e suave dele pronunciar a palavra «cuecas». A pele da cara dele parecia pendida; contemplava-a lá em baixo.

— Vamos ficar assim um bocadinho — decidiu ele. — Desfrutemos deste dia quente de verão. — Uma gota de suor escorreu-lhe pela face, desaparecendo no meio da barba; seguiu-se outra. — Recosta-te —

pediu ele. — Tenta fechar os olhos outra vez. Desfrutava do dia de verão.

Sorriu para ela, encostou a cabeça à moldura da janela e fechou os olhos. Amy seguiu-lhe o exemplo.

— Uma rapariga muito bonita — ouviu-o dizer, baixinho, e ela fez um pequeno sorriso, com os olhos fechados.

E depois sentiu a boca dele no peito, sugando-o, e, ao abrir os olhos, deparou, assombrada, com aquela boca peluda em ação, sorvendo devagar, ao início, e a seguir com maior urgência, de tal maneira que, ao fim de um momento, ele não só movia o mamilo ereto pela boca, como lhe dava pequenas dentadas e o puxava com os dentes. Ela deixou escapar um gemido e depois foi como se chorasse, porque o som que emitia era constante, mas não eram soluços, era um estranho pranto de súplica, e quanto mais ela gemia, com maior fervor ele sugava o mamilo duro, e aquela coisa afunilada no seu interior espiralava, puxava-a para baixo, cada chupadela provocava-lhe um anseio doloroso lá em baixo que a fez mover as ancas e arquear o ventre para cima e o som da súplica encheu o ar.

E, então, ele parou e voltou a sentar-se. Tinha a testa encarnada, as maçãs do rosto coradas, de um vermelho escuro. Tirou os óculos, quase com severidade, e lançou-os para cima do tabliê. Amy achou que ele estava zangado, mas ele disse:

— Meu Deus, és magnífica.

E ela fechou os olhos e voltou à dor que sentia lá em baixo e sentiu a boca seca de arquejar entre um gemido e outro.

— Baixa as cuecas — pediu ele, quase num sussurro. — Baixa as cuecas até aos joelhos. — Ela hesitou. — Baixa-as — tornou ele.

E ela assim fez, e sentiu os mamilos doridos e rígidos sob o ar quente, e a saia amarfanhada em redor da cintura.

— Estão molhadas — murmurou ela, e corou até à raiz dos cabelos, quase à beira de chorar de vergonha.

— É de esperar que estejas molhada — disse-lhe ele, com ternura, e inclinou-se para sentir com os dedos a humidade nas cuecas. — Porque és maravilhosa. O sonho de qualquer homem. Uma rapariga excitada — dizia ele, enquanto passava os dedos por aquela humidade pegajosa nas cuecas dela, e depois, para surpresa de Amy, meteu-lhe de repente os mesmos dedos na boca, e ela provou o sabor estranho e salgado do interior do seu corpo. — Estás tão excitada — repetiu ele, murmurando, e sussurrou: — Quero-te ainda mais excitada.

E, uma vez mais, quando um terrível embaraço a podia ter assoberbado, sentiu, em vez disso, a emoção de lhe agradecer, de ser encorajada, quase comandada a ir mais longe: era aquilo que ele

queria, que ela fosse assim. Voltou a sugar-lhe os mamilos, com força, e com a sua nudez exposta ali no meio, os pelos encaracolados em evidência, as pernas nuas, unidas e brilhantes, a humidade das cuecas roçando-lhe os joelhos, murmurou com uma voz entrecortada:

— Não quero ficar grávida.

— Não ficarás — disse ele, sem descolar os lábios do peito dela, e Amy, de repente, sentiu a mão dele acariciar-lhe a perna, muito ao de leve, e depois a mão dele lá em baixo, e, ao princípio, a palma cobriu-lhe a púbis, roçando-a apenas, de tal maneira que parecia uma brisa suave, e depois, com uma lentidão deliberada, suave, tocou-lhe com as pontas dos dedos, que escorregaram uns milímetros apenas para dentro dela, e, oh, tão bom que aquilo era, tão *bom* da parte dele, que gentileza tão boa!

Parou de lhe chupar o peito e sorriu para ela. Amy enfiou os dedos na boca dele e depois acariciou-lhe a orelha com os dedos molhados.

— Não te preocupes — murmurou ele, com as pálpebras caídas, as pontas dos dedos movendo-se ainda devagar e com delicadeza, e depois um dos dedos, mais do que os outros, avançou com uma audácia gentil, com perícia. Ele inclinou então a cabeça para observar o que lhe estava a fazer ali em baixo e Amy teve um vislumbre do seu próprio corpo em desalinho: os seios nus e molhados, ainda a brilharem de saliva, o ventre desnudo, e ali, a mão dele, tão grande: oh, era terrível o quanto ele era maravilhoso, aquele homem magnífico, magnífico!

À volta do dentista, Avery Clark foi a casa buscar uns papéis de que precisava para uma reunião no final daquela tarde e calhou a virar a cabeça e a avistar, ao percorrer o trecho arborizado da Route 22, o fulgor de um pára-choques estacionado sob umas árvores no velho trilho dos lenhadores. Inquietou-o, porque o fez recordar-se dos assaltos ocorridos no inverno.

Emma não estava em casa, mas ele não estranhou esse facto. De manhã, ela avisara-o de que ia às compras com uma amiga. Encontrou os papéis que procurava e rabiscou um bilhete, que deixou na cozinha, a contar-lhe que o dentista lhe dissera que precisava de fazer uma ponte (que aborrecido!) e que voltaria às cinco da tarde. (Era hábito deixar-lhe um bilhete sempre que ia a casa a uma hora invulgar.) Uma vez mais, pensou no carro estacionado no bosque. Podia muito bem pertencer a Hiram Crane; corriam rumores de que ele planeava vender uma parte das suas terras. Os impostos estavam a aumentar demasiado. Porém, se na ida para a fábrica o carro ainda ali estivesse, telefonaria a Hiram só para ter a certeza.

O carro lá continuava. Avery Clark parou um pouco mais à frente, apeou-se e arrepiou caminho a pé. O mais certo era que fosse Hiram com um topógrafo. Caso contrário, apontaria pelo menos a matrícula do carro e ligaria a Hiram a informá-lo do que vira. Era boa política os vizinhos manterem as coisas uns dos outros debaixo de olho. Deu alguns passos cautelosos pelo trilho. Parecia não haver ninguém dentro do carro. Enxugou a testa com o lenço e os seus grandes sapatos avançaram por entre os ranúnculos cintilantes, pisando as florinhas azuis que se amontoavam entre as lâminas de ervas.

Isabelle, sentada à sua secretária, cansada e esfomeada àquela hora do dia, acabara de ordenar os seus clipes e de dar um longo suspiro, quando, ao olhar para o relógio, viu Avery Clark entrar no escritório com grandes passadas e pensou: «Morreu alguém importante.»

Ao longo das estradas secundárias de Shirley Falls cresciam margaridas e trevos-rosados. Havia também ervilhacas enredadas entre os tremoceiros e os rabos-de-gato, as amoras silvestres e os arbustos de framboesa, assim como salsaparrilha que se enleava nos muros de pedra e, nos campos, cenoura-das-arribas. Naquele verão, contudo, parecia tudo desbotado, deslavado, como costuma suceder às flores silvestres quando crescem junto a uma estrada de terra batida e ficam cobertas por uma camada de poeira; se bem que a culpa, naquele caso, fosse do tempo, daquele calor sufocante e húmido, do impiedoso e imenso céu branco que parecia determinado, de alguma maneira, a negar ao mundo as suas cores habituais.

Era junho, e nesse mês era de esperar que tudo estivesse verdejante e viçoso, porém, naquele junho faltava qualquer coisa, como se (pensou um dia a mulher do leiteiro, a Sr.^a Edna Thompson, enquanto estendia a roupa no quintal das traseiras) Deus naquele ano se tivesse esquecido de fertilizar o grande canteiro de janela que era a Nova Inglaterra; as margaridas tinham o tamanho habitual, mas as suas cabeças não tinham muito de que se gabar; as pétalas soltavam-se facilmente quando as crianças as arrancavam, entoando, «mal me quer, bem me quer». Os rabos-de-gato erguiam-se sobre os seus caules verde-pálidos, mas depois pendiam com lassidão, castanhos nas pontas. E os aglomerados de cenouras-da-arribas que proliferavam nos pastos eram cinzentos e mais pareciam teias de aranha, ou então nem se distinguiam, porque se misturavam com o céu leitoso.

Os agricultores que trabalhavam a terra há muitos anos, que tinham na massa do sangue uma capacidade para suportar com estoicismo e em todas as estações os caprichos da mãe natureza, detinham-se agora nos campos a palpar o feijão-verde, mirrado nas gavinhas, e a olhar com inquietação o milho, uns bons trinta centímetros mais baixo do que o normal; a forragem para as vacas estava enfezada e, para os agricultores, isso era o mais preocupante: que o crescimento espontâneo e sem esforço parecesse ausente, ou atrofiado, pelo menos.

Em apuros. A terra parecia em apuros.

Mas atrás destes receios dos agricultores havia gerações inteiras de tribulações e sobrevivência. Disso davam testemunho as velhas lápides junto ao rio, algumas do século XVII: mães que tinham perdido um bebê a seguir ao outro, e enterravam alguns sem lhes darem sequer um nome, mas outros sobreviviam e carregavam ao longo da vida nomes como Confiança, Experiência, Paciência. Havia famílias em Shirley Falls cujos antepassados tinham sido escalpados pelos índios. (A Sr.^a Edna Thompson, por exemplo, tinha uma tetra-avó, de seu nome Molly, raptada pelos índios em 1756 e levada a pé para o Canadá, onde fora vendida a um francês antes de o irmão a ter ido salvar.) Casas e colheitas tinham sido incendiadas repetidas vezes nos primeiros anos da colonização. Tal resistência — uma lápide exibia o nome Resistência Tibbetts — gerara homens e mulheres cujas feições conservavam traços puritanos e olhos azul-claros; não eram alarmistas.

Não obstante, naquele verão as pessoas estavam preocupadas e, quando começaram a correr rumores de que tinham sido avistados óvnis no Norte do estado — que o governo inclusivamente enviara agentes para investigar o sucedido —, houve na cidade quem se recusasse a discutir o assunto, quem franzisse ainda mais o sobrolho e prosseguisse o seu trabalho. A afluência à igreja aumentou; sem grande consciência disso, as pessoas rezavam pela conciliação divina. Bastava observar o rio para lá ver uma prova do desagrado de Deus, já que se estendia pelo meio da cidade como uma coisa morta, acumulando espuma amarela e pútrida junto às margens, qual serpente achatada na estrada com as entranhas derramadas, infecta e repugnante sob o sol pálido. Só as açucenas pareciam indiferentes. Floresciam na margem do rio como sempre; erguiam-se junto a casas e celeiros e ao longo dos muros de pedra, com as suas pétalas laranja-acastanhadas abertas como bocas, sarapintadas e altivas em comparação com tudo o resto.

Assim, as pessoas esperaram. Apesar dos seus receios, os agricultores sabiam o que era a paciência, e tinham antepassados com esse nome. Também os trabalhadores da fábrica tinham há muito aprendido a tolerar os períodos menos toleráveis da vida. Era no instituto politécnico, na verdade, que se levantavam mais vozes de descontentamento. Muitos dos professores — a maioria deles — não tinham crescido em Shirley Falls; muitos não eram sequer de Nova Inglaterra. O que, sob a capa das suaves neves de inverno e da suculência da primavera, parecera um lugar pitoresco e provinciano, no meio do calor sufocante daquele verão assemelhava-se apenas a

uma cidade pobre de Nova Inglaterra com uma fábrica, edifícios de tijolo vermelho desbotados e um rio que fedia. Assim, em algumas partes de Oyster Point, começou a ganhar raízes uma certa impaciência. Noutras áreas, porém — os arrabaldes de Shirley Falls, bem como Basin —, instalou-se uma apatia inquieta. Os escritórios da fábrica espelhavam certamente essa lassidão. As ventoinhas zuniam nos parapeitos das janelas; separavam-se faturas vagarosamente, e vagarosamente se endereçavam envelopes. O ar era espesso e as faturas, com as suas quatro folhas de papel semelhante a seda, pareciam quase húmidas em cima das mesas. As cadeiras eram arrastadas com enfado pelo chão de madeira, uma caixa de cliques foi entornada para dentro da gaveta metálica de um armário arquivador. Bev Gorda, sentada à sua mesa com as pernas afastadas, afiou um lápis, soprou-lhe o bico, cruzou os braços e adormeceu.

Um momento depois, despertou com os próprios roncos e um sacão da cabeça.

— Caramba — disse ela, estremunhada e sobressaltada. — Uma pessoa a trabalhar aqui ainda se habilita a um golpe de chicote.

Mas a rapariga sentada à frente dela no lugar de Dottie Brown limitou-se a deitar-lhe um olhar de relance antes de inserir mais um número na máquina de somar. Bev Gorda (obstipada há nada menos do que setenta e duas horas) pensou nisso e decidiu que era uma falta de educação. A rapariga trabalhava ali há três dias e não lhe ouvira uma única palavra.

— O gato comeu-te a língua? — perguntou Bev, em voz alta, e a rapariga corou tanto que os olhos se lhe encheram de lágrimas.

— Desculpe — respondeu a rapariga, quase num sussurro. — Nunca sei o que dizer a ninguém. — Olhou para Bev com um ar dorido e lágrimas prestes a transbordarem dos olhos de bordas vermelhas, e Bev ficou alarmada.

— Não tem importância. Deixa lá. — Bev meteu um cigarro na boca e riscou um fósforo. — Não tens nada para dizer e não há nada de mal nisso. — O cigarro balouçava entre os lábios dela. — Eu mesma seria mais simpática — acrescentou — se conseguisse cagar.

A rapariga corou de novo e Bev Gorda observou-a à cautela. Que pescoço tão escanzelado e que olhos grandes ela tinha, ali sentada como uma ave rara, com o cabelo cortado pelas orelhas e madeixas espetadas para um lado e para o outro.

— Desde que não te importes que eu fale pelos cotovelos — disse-lhe Bev Gorda. — Não consigo ficar cinco minutos calada, a não ser que esteja a dormir.

— Mas eu *gosto* disso — respondeu a rapariga, com uma sinceridade

tão espontânea que pareceu ficar surpreendida consigo mesma e, como tal, corou outra vez.

— Ótimo, então. Nesse caso, estamos combinadas.

E ficou assim subentendido que eram amigas.

De regresso do armário arquivador, Isabelle olhou para a filha e testemunhou o sorriso entre Amy e Bev Gorda. Tratou de desviar o olhar, mas não o fez com rapidez suficiente; Amy, ainda a sorrir, cruzou o olhar com Isabelle e o brilho nos seus olhos apagou-se.

À hora do almoço, Rosie Tanguay mencionou que devia ir ao oculista com a receita dos óculos para engomar que o médico lhe passara, mas que estava demasiado calor para se mexer.

Bev Gorda deu um soluço e empurrou para o lado os talos de aipo que trouxera embrulhados em papel encerado, na esperança de que ninguém se maçasse a responder ao comentário de Rosie, feito naquele seu costumeiro tom presumido. Bev estava-se pouco marimbando se o médico de Rosie lhe receitara comprimidos para cavalos ou óculos, mas Arlene Tucker disse:

— Óculos para engomar? Como assim, Rosie?

Assim, Rosie explicou que, cada vez que engomava roupa durante mais de cinco minutos, ficava com uma dor de cabeça terrível e que, quando se queixara disso ao médico, ele dissera que conhecia outros casos e que, embora fosse uma coisa rara, a doença tinha nome. Aquilo de que ela sofria, referiu Rosie, acenando com a cabeça e arqueando as sobrancelhas num gesto de resignação, chamava-se «espasmo de acomodação».

Bev Gorda resmungou ao mesmo tempo que Arlene Tucker dizia:

— Hã?

— Espasmo de acomodação. Uma perturbação por meio da qual os olhos de uma pessoa passam da hipermetropia à miopia a cada três segundos.

Algumas mulheres trocaram olhares intrigados (Lenora Snibbens revirou os olhos e não olhou para ninguém), e Arlene disse:

— Porque haviam de querer fazer tal coisa?

— Não *querem* propriamente — respondeu Rosie. — Fazem-no porque sim, passam de uma anomalia para a outra, sem quererem.

O interesse das mulheres ficou por ali. Isabelle Goodrow sorria daquela sua maneira estranha e vaga e deu uma dentada delicada na sanduíche com ar contrito, como que envergonhada por ser vista a comer em público. Arlene Tucker (Rosie confiara que o interesse dela se mantivesse) vasculhava a mala em busca de trocos, obviamente com a máquina de venda automática em mente, e Bev Gorda mirava o

talo de aipo que tinha na mão como se tentasse decidir se merecia a pena comer tal coisa ou não.

— Sempre tive uma visão perfeita — continuou Rosie —, portanto, isto foi uma surpresa.

A filha de Isabelle Goodrow olhava para ela com aqueles seus olhos grandes, e Rosie acabou por fazer o último comentário na direção dela, mas a rapariga tratou logo de desviar os olhos, baixando a cabeça.

Ruído inusitado, estrondoso, na verdade, de Bev Gorda a devorar o talo de aipo. Mastigava sem pressa e engolia com determinação.

— Não entendo — disse Bev, por fim.

Arlene espreitava o interior do porta-moedas.

— Quem é que tem troco de um dólar?

— A máquina dá troco — informou Lenora Snibbens, que depois bocejou ruidosamente e pestanejou.

— Devia dar, mas não está a fazê-lo.

— Há cinco minutos, deu-me — disse Lenora.

— Então, debes ter o toque de Midas. Eu não tenho. As máquinas de venda odeiam-me e eu odeio-as a elas. — Arlene deitou um olhar desconfiado à enorme engenhoca que, em silêncio, se agigantava junto à parede. — Se me ouvir falar assim, não me dará *nada*, vais ver.

— Eu tenho. — Rosie alcançou a mala que tinha pendurada nas costas da cadeira. — De quanto precisas?

— Não entendo — disse de novo Bev Gorda. — Não percebo por que razão te acontece isso com a tábua de engomar, mas os teus olhos não fazem essas acrobacias aqui no trabalho.

— Se calhar, fazem — alegou Rosie, algo corada, de olhos fixos no porta-moedas. — Mas tem qualquer coisa a ver com a distância a que as coisas estão. Ao perto, para ler e assim, não acontece nada, acho eu. Engomar é um pouco mais longe e os olhos baralham-se. Por isso, ele deu-me óculos para engomar. Não me perguntes, mais do que isto, não sei. — Rosie estendeu umas moedas a Arlene e depois levou um guardanapo de papel à testa.

— Demasiado calor para engomar — disse Bev Gorda, ligeiramente arrependida da sua malevolência, tendo conseguido, como era sua intenção, aborrecer Rosie. — Que ideia é a tua de engomar com o calor que faz? Uma imbecilidade igual à minha de comer talos de aipo.

— São muito saudáveis — respondeu Rosie.

— Fibras — disse Bev. — Santo Deus, se eu preciso de fibras. — Piscou o olho expressivamente e despejou o conteúdo do saco do almoço sobre o tampo de linóleo rachado da mesa, no preciso instante

em que Arlene Tucker deu uma palmada na máquina de venda automática:

— Raios partam, merda!

As mulheres viraram-se todas para Arlene.

— Eh — alertaram algumas, e apontaram com a cabeça para a filha de Isabelle Goodrow.

Arlene olhou para Amy e levantou a mão.

— Desculpa a minha linguagem — disse ela.

Fazia calor, e continuou a fazer. O céu manteve-se branco. O mês de julho chegou acompanhado de uma sensação de que há muito que era julho e seria sempre julho. Até o churrasco anual do Quatro de Julho que Bev Gorda costumava dar, e que Isabelle perdeu pela primeira vez em anos, careceu do habitual esplendor buliçoso; os convivas passaram a tarde toda a beber cerveja que parecia morna, apesar de estar enfiada em dois enormes bidões de gelo, e no final foram para casa com dor de cabeça. No escritório, a sensação de ressaca mantinha-se; mulheres como Rosie Tanguay, por exemplo, que tinham apenas bebido *Pepsi*, pareciam exaustas, quase enjoadas, por causa da humidade e do calor constantes.

A própria Isabelle estava aturdida. E assim continuou, à medida que os dias descolorados passavam. A mormaceira que pendia no ar parecia toldar-lhe a cabeça também; tinha a sensação de estar suspensa sobre a terra, de descrença de irreabilidade. Se, por vezes, no refeitório, parecia às mulheres, enquanto comiam prostradas as suas sanduíches, que um espasmo doloroso atravessava de súbito o rosto de Isabelle, fazendo as suas pálidas feições retesarem-se e tremelicarem («Estás bem?», quis Arlene Tucker perguntar mais do que uma vez, mas conteve-se; não era pergunta que se fizesse a Isabelle Goodrow), o que se passava era que, na realidade, mais um pormenor, mais uma das mentiras que a traiçoeira da filha lhe contara naquela primavera, se encaixara de repente no seu lugar.

Para Isabelle, era como se fizesse um *puzzle*. A sua mãe adorava fazer *puzzles*, e a infância de Isabelle incluía uma mesa de jogo no canto da sala que, com grande frequência, exibia um *puzzle* em construção. A mãe fazia-os sem pressa; às vezes, o esqueleto desorganizado de um *puzzle* andava meses na mesa, e Isabelle, que não partilhava do interesse da mãe por aquele passatempo, abeirava-se da mesa de vez em quando e segurava uma peça ou outra, uma parte do céu azul, a ponta da orelha de um cão, a pétala de um malmequer (a mãe sempre fora apreciadora de cenas pastoris), e punha-a no sítio certo.

Apesar do seu pouco entusiasmo, Isabelle ficara surpreendida com o prazer que aquilo lhe dera; interessara-a sobretudo o facto de, com frequência, o que parecia uma coisa ser, na realidade, outra. Por exemplo, a ponta da orelha do cão fora, em várias tentativas, parte da casca de uma árvore. Contudo, uma vez posta no sítio certo, numa zona completamente diferente do *puzzle* — à esquerda do focinho do cão —, uma vez naquele contexto, então era claro que tudo fazia sentido. Tornava-se evidente que não pertencia à casca da árvore, que na verdade nem sequer tinha a mesma cor.

Naquele verão, porém, a reconstrução do *puzzle* das suas memórias não concedia a Isabelle qualquer prazer, é claro. A sensação era mais de sufoco. Aqueles jantares com a filha, na cozinha, à medida que os dias se iam tornando maiores.

— Então, que há de novo? — perguntara ela, sorridente, à filha, enquanto desdobrava o guardanapo no colo.

— Nada de especial. Uns quantos de nós ficaram na escola depois das aulas, para umas explicações de matemática. — Um encolhimento de ombros. — O professor está a ensinar-nos coisas novas.

O rosto doce, os olhos luminosos.

Oh, meu Deus. Isabelle tinha vontade de chorar.

Em abono da verdade, o que Isabelle tinha para assimilar era demasiado. Não só todas as recordações daquela primavera feliz se tinham, entretanto, tornado perniciosas e traiçoeiras, conforme a mente lhe apresentava cenas do que na verdade se passara, como também parecia não haver um lugar de descanso para elas. Por exemplo, ao tratar da roupa, Isabelle poderia, ao tirar da máquina de lavar uma peça de roupa interior da filha, interrogar-se: teria aquele homem repugnante tocado naquele sutiã? E no par de cuecas cor-de-rosa que se preparava para estender? Teria apoiado a cabeça, durante um abraço, naquela blusa, tocado naqueles botões? Se tivesse havido uma maneira de saber ao certo em que peças de roupa a odiosa criatura tocara, Isabelle tê-las-ia deitado fora de imediato. Mas não havia como saber, por isso a roupa, as cuecas, continuavam na sua casa, contaminadas, no cesto da roupa e nas gavetas da cómoda; a sua casa estava invadida.

Mas estava tudo invadido, a questão era essa. O seu local de trabalho estava-o, por certo. Encontrava-se enfiada na mesma sala que a filha — e todos os minutos do dia Isabelle sentia a presença de Amy sentada no lugar de Dottie Brown —, e Avery Clark, a única parte da vida de Isabelle que parecera doce e exclusivamente sua, deixara de o ser, pois Avery, envergonhado, não se atrevia a olhar para ela.

Sabia que, ao menos, ele seria discreto. Era esse tipo de homem. E sentia-se imensamente grata que as mulheres que trabalhavam com ela, almoçavam com ela naquele momento, não estivessem ao corrente do que acontecera. Mordiscou o seu pêssego. No entanto, quando Bev Gorda, a folhear uma revista da Avon, disse: «Dois batons e um creme facial; preciso de uma caneta para isto, sempre fui uma naba a matemática», o almoço de Isabelle terminou. Não conseguiu comer mais nada. «Uma naba a matemática», foi o que bastou. Isabelle, esmurrada no estômago pela simples palavra «matemática», começou a lembrar-se da noite de inverno em que chegara a casa e a encontrara vazia, a revistara em pânico de cima a baixo, crente de que a filha tinha sido raptada, como Debby Kay Dorne. E saber, entretanto, que a filha lhe andara a mentir! (Não dissera Amy: «Uns quantos de nós ficaram depois das aulas, porque somos bons a matemática»? E Isabelle não dissera, noutra ocasião, tagarelando como uma idiota: «O meu pai era bom a matemática, talvez tenhas herdado isso dele»?) Pensar que Amy lhe mentira, não só dessa vez, mas muitas mais. Era chocante. Isabelle estava chocada. Pôs o pêssego dentro do saco do almoço e deitou o saco fora.

— Olha lá — perguntou Lenora Snibbens a Arlene, quando as mulheres olharam para o relógio e começaram, sem motivação alguma, a arrumar as suas coisas. — Como vai o filho da tua prima? O que vendia marijuana. Continua a ir falar com o padre?

— Tanto quanto sei, sim — respondeu Arlene.

Isabelle levantou-se sem fazer barulho, comprimiu-se para passar por trás da cadeira de Arlene e fez um sorriso como quem pede desculpa. Recordava-se bem demais do dia em que Arlene lhes falara do filho da sua prima. Isabelle comentara que aquelas coisas não aconteciam assim do nada. Lembrava-se da certeza com que afirmara aquilo, e a memória elevou-se dentro do seu estômago como uma onda escura e oleosa.

Depois de se sentar à secretária, compôs o cabelo, prendendo algumas madeixas que se tinham extraviado do puxo. Era verdade. Se Arlene Tucker tivesse dado uma dentada num palito de cenoura e dito: «Sabem, a minha prima de Orono tem uma filha adolescente que anda há meses e meses metida com um dos professores», Isabelle teria pensado com os seus botões: *E onde estava a mãe dessa rapariga? Como é que não se deu conta?* O mais certo era que tivessem todas pensado o mesmo. Cada uma das mulheres teria bebericado o seu refrigerante, abanado a cabeça e dito com sapiência: é claro que estas coisas não acontecem da noite para o dia. Se a mãe quisesse ter visto...

Isabelle tinha vontade de correr de volta ao refeitório e gritar: É

verdade que podemos *não* saber!

Mas quem acreditaria nela? Tornara-se desprezível, e às vezes isso deixava-a demasiado exausta. O solavanco odioso provocado por cada peça que encontrava o seu lugar no *puzzle*: que importância tinha então tudo isso? O bem-ordenado *puzzle* que era a sua vida jazia desmanchado no chão. Desejava poder bloquear a parte da sua mente onde guardava as peças referentes a Amy. Desejava parar de imaginar certas coisas. Às vezes, sentada à máquina de escrever, fechava os olhos com força e rezava.

Sentia, de uma maneira muito real (embora fosse uma sensação estranha, desconcertante, que não saberia explicar a ninguém, embora se tivesse permitido tentar), que morreria. O seu corpo, é claro, continuava imbecilmente a viver, porque ela comia (não muito) e dormia (às vezes bem, por mais estranho que pudesse parecer) e se levantava e ia para o trabalho todos os dias. A sua «vida» continuava. Mas pouca ou nenhuma ligação sentia fosse ao que fosse, exceto a náusea do pânico e do pesar. E cada vez mais se dava conta de que a causa primordial daquele «incidente» se encontrava anos e anos no passado, numa mentira no mais fundo do seu ser. O que enfrentava, na verdade, ocorria-lhe às vezes, era quase uma crise de natureza espiritual, que a apanhara totalmente desprevenida.

Sentada à secretária de Dottie Brown, Amy combatia as lágrimas a todo o instante. Era uma batalha física esgotante, como tentar não vomitar no banco traseiro de um carro, ser capaz de suprimir a náusea e depois da curva seguinte sentir mais um enjoo; ou como tentar não tossir na igreja, comprimindo a garganta para contrariar as diabólicas cócegas.

Amy levantava-se repetidas vezes para ir à casa de banho, mas sentia-se atrozmente constrangida de cada vez que deixava a sua mesa. Devia dizer a Bev Gorda que ia à casa de banho? Murmurando, levantou-se da cadeira e corou. Ao atravessar a fila de mesas, sentiu os olhares das mulheres, como se tivesse três metros de altura e andasse nua.

Uma vez no cubículo, sentou-se na sanita a chorar baixinho, receosa de que a qualquer momento entrasse alguém (o tique-tique-tique dos sapatos beges de Rosie Tanguay, o trinco do cubículo ao lado do dela, o rumorejar da saia a ser levantada, a pausa momentânea e o jato de urina). Amy assoava o nariz com força e regressava à sua mesa e, dali a uns minutos, voltava a sentir vontade de chorar, de berrar.

E a sua mão, em resultado de uma tenacidade semelhante a um reflexo, dirigia-se para o cabelo, uma e outra vez. Em cada ocasião,

era acometida pelo desconcerto de deparar com aquela coisa abrupta que terminava logo abaixo das orelhas. Era horrorosa. Confirmara-o uma vez mais na casa de banho, apesar de ter desviado os olhos do espelho o mais depressa possível. A sua vontade era esgadanhar as faces, desfigurar-se por completo. Imaginava usar uma lâmina para cortar sulcos de cima a baixo da cara, até ficar coberta de sangue e mutilada.

Mas quem fazia coisas dessas era enviado para Augusta. Para o manicómio. A mãe costumava falar de uma velhinha qualquer chamada Lillian que tinha sido mandada para o manicómio; as pessoas que lá trabalhavam não eram simpáticas, porque lhes pagavam pouco, e Isabelle dizia que, às vezes, Lillian ficava horas sentada em cima das suas fezes, porque ninguém tinha vontade de a limpar. Que ela ficava ali sentada, de olhos fixos numa parede.

— Iuu-uuu. Terra chama Amy. Iuu-uuu.

Amy olhou de imediato para Bev Gorda.

— Estás bem? — perguntou Bev. — Parece que ficaste sem bateria.

— Como é que sabemos se estamos malucos? — perguntou Amy, de supetão, inclinando-se para a frente, por cima da mesa.

— Não estás — respondeu Bev, com calma, como se a pergunta fosse de esperar —, enquanto aches que podes estar.

Amy pensou nisso conforme mordida o interior da bochecha.

— Então, as pessoas malucas acham que são normais?

— É o que se diz. — Bev Gorda estendeu um cilindro de *Life Savers* a Amy. — Só te digo — Bev suspirou e arqueou as sobrancelhas com uma espécie de cansaço enternecido e absoluto —, às vezes, também acho que estou maluca. Ou muito perto de ficar.

— Não me parece maluca — disse Amy. — Parece-me incrivelmente normal.

Bev Gorda fez um sorriso, mas foi quase um sorriso triste.

— És uma boa menina. — E depois acrescentou: — O mais certo é que sejamos todos loucos.

Amy mordeu o *Life Savers* com força, entre os molares; fez um ruído que Isabelle não suportava e, lembrando-se disso, parou e levou a mão à boca, como se pedisse desculpa. Bev Gorda, porém, não deu qualquer sinal de ter ouvido o que fosse.

— Mas, se estamos todos loucos — insistiu Amy, ainda inclinada sobre a sua mesa, a mesa de Dottie Brown —, porque é que algumas pessoas são mandadas para o manicómio e outras não?

Bev Gorda anuiu com a cabeça, como se também já tivesse pensado naquilo.

— Porque se *fazem* de loucas. — Tornou a acenar a cabeça. — Não

importa se te *sentes* louca. Desde que não te *faças* de louca. — Tamborilou a mesa com as unhas cor-de-rosa, como uma espécie de pontuação. — Não fales sozinha em público. Toma banho de vez em quando. Levanta-te de manhã e veste-te. É assim que eu vejo a coisa. Se fizeres o que se espera de ti, tudo bem. Ninguém te levará para o manicómio enquanto te portares como é de esperar.

Foi a vez de Amy anuir com a cabeça, mas lentamente. O que lhe ocorreu foi que, nos tempos seguintes, devia evitar ver o seu reflexo. Imaginou-se depois do trabalho, no parque de estacionamento, junto ao carro, à espera de que a mãe destrancasse as portas: viraria a cabeça e contemplaria o rio morto e castanho, em vez de se ver projetada no vidro do carro. E, pela manhã, levantar-se-ia e vestir-se-ia para ir trabalhar mais um dia. Faria isso todos os dias, até que passasse tempo suficiente para que as coisas fossem diferentes. Até que ela e o professor Robertson estivessem de novo juntos. Fez um sorriso tímido a Bev Gorda.

— Outra coisa — disse Bev, que já tinha devolvido a atenção à máquina de escrever, mas levantou uma das mãos, num gesto pedagógico. — Nunca deixes ficar batom nos dentes. Quando vejo uma mulher com batom nos dentes, penso sempre que provavelmente é louca. O mais certo é que não bata bem da cabeça.

Amy anuiu com uma expressão séria.

— Sabe — respondeu ela, por fim, com um suspiro —, eu não uso batom muitas vezes.

— Mas devias — disse Bev Gorda, os seus dedos com as unhas coloridas pressionando confortavelmente as teclas da máquina. — Era capaz de te ficar muito bem.

Avery Clark não gostava de ir trabalhar desde que Amy Goodrow ali estava. Era embaraçoso. Por exemplo, ainda naquela manhã ia pelo corredor para apanhar o elevador para a secção das remessas quando Amy saiu da casa de banho das senhoras e se encontraram ali os dois sozinhos, a caminhar em silêncio na direção um do outro. Podia ter sentido compaixão por ela, e, verdade fosse dita, sentira, de facto, um resqúcio disso ao vê-la corar e inclinar a cabeça (o cabelo tinha um ar estranho, pensou ele, e ela quase parecia doente), só que, quando ela se abeirara, levantando os olhos e pronunciando um «bom dia» quase mudo, viu, ou pareceu-lhe ver, um vestígio de escárnio no meio do seu desconforto, e isso enfureceu-o.

— Bom dia — respondeu ele, com segura, e, chegado ao elevador, esmurrou o botão.

Rapariga asquerosa. Porca.

Quando pensava nela, no que vira naquele dia (e esforçava-se por não pensar nisso, mas a memória assaltava-o repetidamente), sentia a mesma ira. Às vezes, quando estava com a mulher na cama, sentia aquela ira também. Sentia-se velho e que a vida lhe negara muita coisa.

Tinha pensamentos que incluíam palavras obscenas e sabia que, se fosse outro tipo de homem, teria contado aos amigos o que vira no carro estacionado no bosque. «Uma prateleira de primeira», poderia dizer. «Um belo par de mamas.» Mas não era esse tipo de homem, e não dizia aquelas coisas a ninguém.

Quando relatou o sucedido à mulher, contou o que vira com cuidado, medindo as palavras. Tinham passado o serão todo a abanar a cabeça e a discutir o pouco que sabiam acerca da vida de Isabelle. Avery Clark alertara Emma: «Pela Isabelle, não vamos contar isto a ninguém», e Emma garantira que não e comentara que era realmente uma pena.

Assim, para Amy e Isabelle, a vida mudara completamente. Quando falavam uma com a outra, as palavras pareciam blocos de madeira que atravessavam o ar. Se, por acaso, os seus olhos se cruzavam, quando se apeavam do carro ou saíam do refeitório, desviavam-nos o mais depressa que podiam. Na pequena casa, contornavam-se com prudência, como se fosse perigoso estarem próximas. Mas isso só as tornava ainda mais conscientes uma da outra, unindo-as numa perversa intimidade, sempre vigilantes, e assim aprenderam com maior precisão os sons uma da outra a mastigarem, sentiram com maior perspicácia o cheiro húmido da casa de banho depois de ser usada, e sabiam até quando a outra estava ou não a dormir pelas voltas silenciosas que davam na cama, à noite, separadas apenas pela parede de gesso cartonado.

Isabelle não sabia quanto tempo iam suportar aquilo. Era ridículo que jantassem frente a frente todas as noites, vivessem juntas, trabalhassem juntas, chegassem à igreja juntas ao domingo e se sentassem no mesmo banco, tão próximas que, quando se punham de pé para cantar os hinos, conseguiam sentir o hálito uma da outra. Ocorrera a Isabelle mandar a filha para casa de uma prima, Cindy Rae, que morava a montante, mas isso exigiria explicações e Isabelle não estava preparada para as dar e, sobretudo, não estava preparada para não ter a filha debaixo de olho.

Portanto, tinham de aguentar-se. Cada qual sentia que o seu sofrimento era maior. Na verdade, cada uma sentia às vezes que talvez sofresse mais do que qualquer pessoa, portanto, quando, uma noite, deu nas notícias que uma das meias pertencentes a Debby Kay Dorne fora encontrada num campo por um cão pastor, e que a menina fora dada oficialmente como morta, tanto Amy quanto Isabelle, sem olharem uma para a outra, vendo o noticiário em silêncio, permitiram-se o luxo de pensar que as suas respetivas situações eram, de algum modo, piores.

Amy pensou: Ao menos, a mãe da Debby amava-a. Ao menos, toda a

gente lamenta. Ao menos, a menina está morta e já não sente nada. (E *toda* a gente lamenta.)

Isabelle, que tinha idade suficiente para ser mais sensata, para saber que, na verdade, o que aquela mãe estava a sentir devia ser a pior coisa do mundo, não foi, apesar disso, capaz de se impedir de pensar: ao menos, a menina era um amor. Ao menos, a menina não andara a mentir cruelmente à mãe durante semanas e semanas.

Isabelle levantou-se e desligou o televisor.

— Vou-me deitar — disse.

Amy esticou as pernas e entrelaçou as mãos atrás da cabeça.

— Boa noite — respondeu, olhando em frente.

Deitada na cama, no meio da escuridão estival, uma escuridão tão porosa e macia que parecia palpável, Isabelle sentiu necessidade, como lhe acontecia ultimamente, de ver tudo uma vez mais na sua cabeça, como se aquele terrível e fastidioso processo de repetição fosse a única maneira de assimilar a sua situação presente, e a da filha.

No dia em que Avery Clark descobrira o professor Robertson e Amy no carro estacionado no bosque, Isabelle regressara a casa do trabalho convencida de que não era verdade. Sentia-se estranhamente lúcida, mas o corpo mostrava todos os sinais de ter dado de caras com uma crise: um formigueiro no queixo e nas pontas dos dedos, um tremor nas pernas tão pronunciado que teve dificuldade em conduzir, a respiração acelerada e superficial. Apesar disso, a sua mente dizia: Houve um engano qualquer, não é verdade.

Porém, quando entrou em casa a chamar pela filha e a encontrou sentada na beira do sofá da sala com os joelhos apertados um contra o outro, Isabelle viu na palidez do rosto de Amy, sobretudo nos lábios, absolutamente desprovidos de cor, que o que Avery tão bizarramente lhe relatara era, de facto, verdade.

Não obstante, Isabelle não entendeu de imediato. Não compreendeu logo tudo. Na sua mente, tinha acontecido uma coisa terrível a Amy *naquele dia*. Isabelle não captou todas as implicações do que teria acontecido nos dias anteriores, nem lhe ocorriam pensamentos sobre o que poderia vir a acontecer nos dias seguintes; a vertigem daquele momento era a única coisa que a assoberbava.

A luz do meio da tarde que a janela deixava entrar parecia suspensa numa sala vagamente familiar: não estavam habituadas a estar juntas àquela hora do dia, exceto aos fins de semana, e isso era muito diferente. Logo à partida, o ambiente na sala era tão opressivo como o de uma enfermaria; e as quatro da tarde havia sido desde sempre a hora mais triste do dia para Isabelle, mesmo na primavera, ou

sobretudo na primavera.

Aproximara-se lentamente de Amy e ajoelhara-se para olhar o rosto pálido da filha.

— Amy — dissera —, isto é muito sério. O que o Avery Clark acabou de me contar é muito, muito sério.

Amy olhava em frente, com um olhar vazio, ausente.

— Quando um homem leva uma rapariga para o bosque e a faz... quando a obriga a fazer certas coisas.

— Não foi assim. — Amy virou a cabeça rapidamente para a mãe e depois tornou a desviá-la.

Isabelle levantou-se.

— O Avery não ia... — Viu os olhos de Amy desviarem-se para o lado e voltarem ao seu ar vago. — Queres dizer que ele não te obrigou — disse Isabelle.

Amy não respondeu, não se mexeu.

— É isso que queres dizer?

A cara de Amy inclinou-se muito ligeiramente para cima.

— Amy, responde-me.

— Não, ele não me obrigou, mãe.

Isabelle sentou-se no braço do sofá, uma indicação de que se encontrava num verdadeiro estado de emergência, pois ela jamais se sentava nos braços de móveis.

— Amy.

Só que, passadas semanas, já não se lembrava de tudo; só conservava determinadas imagens: de se ter sentado por um momento no braço do sofá, da luz mórbida daquela tarde, da assustadora palidez de Amy, da sua expressão hermética, do ambiente de terror na sala.

Apesar disso, Isabelle experimentara uma enorme calma, ao início. Se é que podia falar-se de calma, já que tinha a boca muito seca e a perna a tremer, o que a obrigou a levantar-se do braço do sofá e a deambular pela sala. Mas alguma coisa dentro dela se expandira, logo ao início, de tal modo que, mais tarde, ao contemplar o momento, compreendeu melhor a expressão «mostrar-se à altura da ocasião», pois era certo que, no seu interior, algo se dilatara e elevara. Algo assumira o controlo, ao início, de forma espantosa e admirável, como se, ao longo de anos, se tivesse preparado para uma crise como aquela.

Por isso, havia ternura na voz com que se dirigiu a Amy, para conseguir toda a informação que pudesse, e embora os lábios de Amy se tivessem mantido muito pálidos e não olhasse diretamente para a mãe, respondeu com desdém suficiente («Não, é *claro* que não»), com

escárnio bastante para ser credível, à pergunta da mãe — formulada com especial ternura e calma — se houvera relações sexuais.

— És muito inocente — disse Isabelle, que se ajoelhou uma vez mais em frente a Amy, para tentar de novo olhar para o rosto pálido da filha. Amy virou ligeiramente a cabeça para o lado e para trás, e depois desviou-a, com a mesma expressão tácita que, em criança, fazia quando Isabelle se inclinava sobre o carrinho de bebé para lhe limpar um pedaço de comida da boca. — E alguém se pode ter aproveitado de ti — continuou Isabelle, como se falasse com uma criança —, sem que te tenhas apercebido do que estava a acontecer.

Foi nesse momento que Isabelle sentiu pela primeira vez que talvez a filha lhe tivesse escapado de alcance, que as coisas eram muito mais tenebrosas do que começara por imaginar; é que a expressão na cara de Amy, a centelha de repulsa contida perante as palavras da mãe, a expressão fugaz que Isabelle reconheceu de imediato como condescendência, foram sentidas por Isabelle como um terrível mau prenúncio. A calma que a acompanhara até ali começou a vacilar.

Levantou-se e dirigiu-se para a janela, onde se encostou à parede.

— Hoje, no carro, não foi a primeira vez que estiveste com ele — afirmou ela, e o silêncio de Amy pareceu uma admissão de que tal era verdade. — Pois não?

Amy abanou a cabeça de uma forma quase impercetível.

— Quando é que começou?

É óbvio que Isabelle estava em choque, desde o momento em que Avery Clark a chamara ao seu gabinete. Contudo, só naquele momento da conversa com Amy é que as dimensões da sala pareceram alterar-se; sentiu uma estranha incapacidade de medir distâncias, e teve de semicerrar os olhos para conseguir focar a imagem da filha.

Esta fez uma tentativa de encolher os ombros estreitos.

— Não sei.

— Não faças isso, Amy.

Amy olhou para ela de supetão e Isabelle viu medo nos olhos dela, e foi isso que a fez dar-se conta de que muito mais permanecia oculto. Uma certeza indefinível ganhou raízes na mente de Isabelle quando entreviu o vislumbre de superioridade que atravessou a expressão de Amy uns segundos antes, quando Isabelle dissera que ela era inocente.

— Quando é que isto começou? — repetiu. A sua perna direita deu um sacão brusco e incontrolável e Isabelle encostou-se ao parapeito e pressionou a perna contra o chão.

Amy fitava o tapete. Levou a mão à boca num gesto de timidez que desenvolvera em criança («Tira a mão da boca», repreendia-a Isabelle, sem tréguas) e disse:

- Começámos a ser amigos este inverno.
- Desde o *inverno*?
- Não, quero dizer...
- Queres dizer o quê?

Amy parecia incapaz de responder; ao lado da mão, os seus lábios abriram-se e fecharam-se parcialmente, de novo.

E assim prosseguiram. As tentativas de Isabelle de conseguir informação, o pânico a tomar cada vez mais conta dela... Em determinada altura, correu para Amy, sentou-se ao lado dela no sofá e, pegando-lhe nas mãos, disse:

— Amy, querida. Um homem assim... Oh, Amy. Um homem assim é uma pessoa perturbada. Meu Deus, se pensares...

Mas Amy abanava já a cabeça, afastava as mãos de entre as da mãe.

— Não é assim, mãe. Não é o que tu pensas.

A cor voltara aos seus lábios.

— Então, é como, Amy.

O facto de a filha ter afastado as mãos, quando Isabelle lhas segurara com tanto amor uns segundos antes, pareceu a Isabelle não só uma rejeição como uma profunda injustiça, e, por isso, Isabelle levantou-se e deambulou pela sala uma vez mais, e acabou sentada no cadeirão de estofado verde onde, durante mais invernos do que gostaria de se lembrar, se sentara à tarde, aos fins de semana, a ver os chapins no comedouro.

— Ele não é um homem bom, Amy — tornou ela. — Não quer saber de ti. Esses homens são assim. Ele *diz* que se importa contigo, porque quer o que quer.

Amy levantou os olhos do tapete e fixou-os, com uma expressão de alarme, na mãe.

— Ele quer-me — declarou Amy, cujos olhos se encheram de lágrimas rebeldes e infantis. — Ele gosta de mim, gosta, sim.

Isabelle fechou os olhos e murmurou:

— Oh, meu Deus, isto é revoltante. — E sentia realmente o estômago revoltado, quente, a boca saburrida, como se tivesse passado uma semana sem escovar os dentes. Quando abriu os olhos, Amy fitava uma vez mais o tapete, mas tinha a cara franzida de choro e o ranho escorria-lhe até à boca.

— Não sabes como é o mundo — disse Isabelle à filha, com ternura, quase a chorar, e inclinou-se um pouco para a frente no cadeirão verde.

— Não!

Amy pronunciou-se de repente, quase aos gritos e virando a cara molhada para a mãe.

— *Tu* é que não sabes como é o mundo! Nunca vais a lado nenhum nem falas com ninguém! Não lê nada... — Titubeou momentaneamente, mas deslocou a mão para o lado como que para se impulsionar e continuou. — Tirando a porcaria da *Reader's Digest*.

Olharam-se nos olhos, até que Amy desviou os dela.

— Nem sequer vais ao cinema — acrescentou, ainda com lágrimas de raiva na cara. — Como é que *tu* sabes como é o mundo?

O facto de Amy ter dito aquilo mudou tudo. Para Isabelle, mudou tudo. Ao recordar o episódio semanas mais tarde, na suave escuridão da noite, sentiu com a mesma intensidade a dor que lhe irradiara pelo peito, como quando ouviu a tirada da filha pela primeira vez; sentiu que cambaleava, embora estivesse imóvel, e o coração palpitava a uma velocidade absurda. Porque a humilhação havia sido terrível. Pronunciar mal o nome daquele poeta podia não ser uma falha moral, mas, ao fim e ao cabo, que importava? A verdade era que Amy acertara na *mouche*, desferira um golpe mais poderoso do que provavelmente alguma vez tencionara ou imaginara.

Isabelle, que recebera aquele murro demolidor sentada no cadeirão verde (só passado um ano voltaria a sentar-se nele), ficara em silêncio durante bastante tempo, como se, para o assimilar, o seu corpo necessitasse de permanecer imóvel, e, por fim, disse, em voz baixa:

— Não fazes ideia do que foi criar uma filha sozinha.

O que não fez, e queria tanto fazer que quase sentia os contornos das palavras já formadas na sua boca, foi gritar: *Nem sequer eras para ter nascido!*

Sempre que revia na cabeça aquela cena medonha, como acontecia naquele momento, na escuridão do seu quarto, permitia-se um momento de aprovação, porque era, de facto, muito, muito bom da sua parte não ter dito tal coisa.

Mas sofria. Sofria ao recordar tudo aquilo, e embora não recordasse tudo o que se passara naquela tarde, lembrava-se bem o suficiente daquela revoltante e crescente tomada de consciência de que vivera com uma filha que mal conhecia. Recordava que tinham ficado sentadas, em silêncio, e que depois ela, Isabelle, se levantara e abrira uma janela; o ar na rua parecera-lhe tão estagnado e quente como dentro da sala, e encostara-se ao parapeito.

— Em todo o caso, quem é esse homem horrível, esse Robertson? — disse, por fim. — De onde é que veio?

— Ele não é horrível.

Estas palavras enfureceram Isabelle.

— Para *começo* — disse à filha, num tom cortante —, o que ele fez é ilegal.

Amy revirou os olhos, como se aquilo fosse mais uma prova do quão ignorante e provinciana a mãe era.

— Não precisas de me revirar os olhos, menina — ripostou Isabelle, prestes a rebentar de raiva. — Estás à vontade para dizer a ti mesma que a tua mãe é uma atrasada mental iletrada e demasiado estúpida para saber o que seja acerca da vida real, mas ficas já sabendo que *tu* é que não sabes nada!

A discussão chegara àquele ponto terrível e insensato em que gritavam uma com a outra sobre quem era mais estúpida.

As lágrimas caíam dos olhos de Amy.

— Mãe — suplicou ela —, eu só queria dizer que não sabes nada sobre o professor Robertson. A sério que ele é boa pessoa. Ele nunca quis...

— Nunca quis o quê?

Amy mordeu a pele do polegar.

— Nunca quis o quê? *Responde-me!*

Amy garroteou o polegar com o punho cerrado e fitou o teto. Tinha um olhar angustiado.

— Fui eu que o beijei primeiro — disse ela, novamente pálida. — Ele não queria. Disse-me que não o fizéssemos outra vez, mas eu insisti.

— Quando? — Isabelle tinha o coração a mil à hora.

— O quê?

— Quando. Quando é que isso foi?

Amy encolheu os ombros, à experiência.

— Não sei.

— Sabes, sim.

— Não me lembro.

Enquanto Isabelle observava a face pálida da filha, que não olhava para ela, começava a arreigar-se a noção de que aquela rapariga vivera uma vida separada, a ideia de que a filha era totalmente diferente do que ela pensara, que a filha *nunca sequer gostara dela*. («Não lês nada, tirando a porcaria da *Reader's Digest*.»)

O que se seguiu foi algo de que Isabelle falaria apenas uma vez, anos mais tarde, numa altura em que a sua vida se tornara bastante diferente. Amy, por seu lado, havia de contar mais tarde, e já em adulta, o sucedido a várias pessoas, até finalmente se dar conta de que era uma história no meio de tantas e, em última análise, não importava a mais ninguém.

Mas era importante para elas, para Amy e Isabelle, e embora, com o passar do tempo, acabassem por esquecer umas partes e recordar outras de maneira diferente, ambas recordariam para sempre certos

aspectos daquela cena. A maneira como, por exemplo, Isabelle lançara as almofadas do sofá, gritando que o tal professor Robertson não passava de um chulo. Uma das almofadas derrubou um candeeiro, cuja lâmpada se estilhaçou no chão, e Amy gritou «Mamã!». Uma criança aterrorizada.

O grito acarretou uma recordação súbita de Amy em criança, uma menina loura, de cabelo encaracolado, sentada ao lado de Isabelle no carro, todas as manhãs, quando iam para casa de Esther Hatch. «Mamã», dissera às vezes Amy, razinza, tentando que a mãe lhe desse a mão.

A recordação era angustiosa, naquele momento, e apesar de Isabelle querer correr para junto daquela adolescente alta e pálida, em vez disso baixou a mão com força sobre as costas do sofá e magoou-se, gritando: «Merda!» Viu os ombros estreitos da filha tremerem de medo e o facto de a filha ter medo dela só a enfureceu mais; sentiu que algo muito grande fora libertado, uma coisa que remontava há gerações e que há anos tomava impulso; não sabia o que era, mas algo terrível dentro dela encontrara a liberdade.

Foi à procura do professor Robertson.

O nome dele não constava da lista telefónica, por isso, Isabelle pegara no telefone, ligara para as Informações e, com uma voz bizarramente animada, pedira o número e endereço de Thomas Robertson.

No caminho, sentiu-se estranhamente consciente do carro, do chocalhar da estrutura metálica ao subir uma colina ou ao fazer uma curva, do breve hiato temporal entre o momento em que virava o volante e o carro respondia, como se fosse um ser vivo, desorientado e velho, mas obediente. Estremecendo, ressaltando, com os pneus a chiarem ligeiramente, o carro obedecia às suas ordens.

O homem vivia no tipo de prédio que Isabelle desprezava; de construção barata e pintado de cinzento, era uma tentativa fracassada de imitar o encanto de Nova Inglaterra e incluía uma cerca branca, rígida e de plástico, sem nenhum propósito que ladeava o caminho até à porta principal. O vestíbulo cheirava a hotel e, quando bateu à porta do apartamento 2L, Isabelle ouviu o matraquear de painéis e tachos no outro lado do patamar; recordou-se de que não devia levantar a voz, custasse o que custasse.

Pelos vistos, ele esperava-a. Isabelle só se deu conta disso uns dias mais tarde, quando, ao rever a cena na cabeça, se apercebeu da complacência hostil com que ele abrira a porta; concluiu assim que Amy lhe telefonara, sem dúvida, a dizer que a mãe ia a caminho. Do

que se apercebeu, contudo, foi que havia um conluio entre aquele homem e a sua filha.

Ele era baixo e estava descalço.

— Sou a mãe da Amy Goodrow — dissera Isabelle, e, ao ouvir a sua própria voz, amarga e cortante, percebeu de imediato que tudo aquilo era um erro. — E gostaria de falar consigo. Se faz favor. — Disse-o com mais calma, tentando afetar um tom de superioridade indiferente, ridículo, na verdade, pois agonizava.

— Faça o favor de entrar.

Uma vénia muito subtil, um lento pender das pálpebras atrás dos óculos, como se troçasse dela. Mais tarde, deu-se conta de que o mais certo era que sim. Ele tinha um ar ao mesmo tempo sonâmbulo e desconfiado; e os seus pés descalços, chatos e brancos na extremidade das calças de ganga, pareceram-lhe ofensivos na sua desnudez.

Ao entrar na sala, angulosa e árida (não havia quadros nas paredes, um televisor pequeno repousava sobre uma grade de madeira), e antes de se virar para o enfrentar, Isabelle divisou a paisagem que a janela entreaberta oferecia. Era apenas uma árvore. Parte de uma árvore, um bordo que estava tão perto do edifício, que parecia que as folhas, verdes, grossas e sarapintadas pelo calor, se inclinavam para ela através da fisga na janela. Ouviu por um instante o seu gentil restolhar.

Por que motivo a visão fugaz daquela árvore sob a luz do entardecer produziu nela um sentimento de tristeza e perda tão grande, o maior que sentira em toda a vida, não compreendeu, mas, por um momento, achou que ia cair desamparada no chão. Em vez disso, virou-se para o homem e disse, em voz baixa:

— O senhor é Thomas Robertson, certo?

Ele pestanejou lentamente, sem deixar os olhos fecharem por completo.

— Sou. Não se quer sentar? — O queixo dele movia-se como o de uma marioneta, quando falava; a barba tapava-lhe a boca.

— Não. Não, obrigada. — A fadiga quase a fez sorrir. Na verdade, sentiu que os cantos da sua boca queriam curvar-se para cima e chegou a sentir, por um instante, e por mais estranho que parecesse, que operavam em conjunto, unidos por uma qualquer noção de que estavam perante uma catástrofe.

Mas logo se deu conta de que tal não era verdade, pois da parte dele não houve o menor indício de um sorriso, em resposta. Em vez disso, entreviu no olhar dele a atenção de alguém que depara com a fraqueza do seu interlocutor.

— Mas, por favor — disse Isabelle —, não se prenda por mim.

Ele sentou-se na beira do sofá de vinil cinzento e apoiou os antebraços nos joelhos, com o pescoço projetado para a frente, sem deixar de olhar para ela.

— Deixe-me que lhe diga o que eu sei acerca de determinadas leis — começou ela, e recitou, com bastante afã, o que sabia. Na altura, achara que ele tinha ficado impressionado, se bem que, mais tarde, ao recordar a cena (havia muitos pormenores que, por mais que se esforçasse, não lhe vinham à cabeça), tenha percebido que avançar daquela maneira havia sido um erro terrível, que jamais se devia ter exposto a ele assim.

Porque, no final, ele «ganhara». No final, ele conservara a sua dignidade e conseguira, de algum modo, destruir a dela. Ambos se aperceberam disso, tacitamente. E Isabelle não conseguia lembrar-se ou perceber ao certo como é que aquilo acontecera.

Dissera ao que ia de uma maneira concisa: queria-o fora da cidade.

— É claro que eu gostaria de ir à polícia — disse ela, sem se alterar —, mas a minha principal preocupação é a Amy, e não vou fazê-la passar por nada do que isso implicaria.

Ele não dissera nada. Contemplara-a com uma curiosa indiferença e, às tantas, deslizara mais para trás, na almofada do sofá de vinil, cruzando uma perna por cima do joelho da outra, audazmente à vontade.

— Fui clara? — perguntou Isabelle. — Alguma coisa que não tenha entendido?

— Entendi muito bem — respondeu ele. — Ficou tudo muito claro. — Perscrutou a sala, que cada vez mais parecia a Isabelle, tendo em conta a decoração, o domicílio temporário de um estudante universitário (uma planta-das-aranhas numa estante junto à porta com a maior parte das folhas castanhas e dobradas a meio), e depois, passando a mão lentamente pela cabeça e fazendo as ondas castanho-escuras do cabelo levantarem-se de uma maneira que fez Isabelle estremecer por dentro, disse que, se ela quisesse, podia abandonar a cidade no dia seguinte.

— Assim sem mais? — perguntou ela.

— Sim. — Levantou-se então e deu uns passos na direção da porta, como que dando a entender que a conversa estava terminada. — Não tenho motivos para ficar — acrescentou, e virou a palma de uma das mãos para cima, como se as palavras e o gesto fossem uma garantia de que dizia a verdade.

Contudo, Isabelle ouviu no comentário dele que a sua filha era descartável; e se bem que tivesse ficado profundamente ofendida caso ele tivesse tentado dizer que *gostava* de Amy, ficou ainda mais

ofendida por ele não o ter dito.

— Faz alguma ideia — disse ela, semicerrando os olhos e dando um passo para ele —, faz a mais pequena ideia do mal que provocou à minha filha?

Ele pestanejou e a seguir inclinou um pouco a cabeça para o lado.

— Desculpe?

Teria sido capaz de o agredir, de lhe arrancar o cabelo da cabeça e de o segurar nos punhos cerrados com pedacinhos de pele ainda agarrados às raízes, de lhe torcer o braço na manga de algodão até o ouvir estalar no interior da pele, teria sido capaz de o matar facilmente. Os seus olhos nublaram-se e a sala balouçou.

— Pegou numa rapariga muito, muito inocente e marcou-a para sempre. — Com horror, reparou que duas gotas de saliva lhe saíram disparadas da boca e aterraram na manga da camisa dele.

Ele olhou para o braço com uma expressão que deixava bem claro que se considerava cuspidor (o que era incrivelmente injusto, achava Isabelle, com a cabeça às voltas de cada vez que pensava naquilo).

Ele pousou uma das mãos na maçaneta da porta.

— Senhora Goodrow... — disse ele, e depois inclinou a cabeça. — É *senhora* Goodrow? Lamento, mas nunca soube bem.

Isabelle corou.

— É *senhora* Goodrow — murmurou ela, porque parecia ter perdido a voz.

— Bem, *senhora* Goodrow. Receio que tenha uma visão muito parcial da situação. A Amy pode ser menor de idade, e nesse sentido posso até respeitar a sua posição, mas temo que tenha sido um pouco ingénua em relação à índole da sua filha, invulgarmente atraente e arrebatada.

— Que quer dizer com isso? — perguntou Isabelle, com o coração a martelar-lhe o peito.

Ele fez uma pausa e passeou os olhos pela sala.

— Digamos que a Amy não precisou que eu lhe ensinasse grande coisa, *senhora* Goodrow.

— Oh — exclamou Isabelle. — Oh, você é detestável. É, de facto, um homem detestável. Vou fazer queixa de si... Você é repugnante. Tem noção disso? — Inclinou-se para a frente, escrutinando-o enquanto fazia aquela pergunta; a sua voz era rouca e tinha lágrimas nos olhos. — Um homem repugnante. Vou fazer queixa de si ao superintendente, ao diretor da escola, à polícia.

Ele mostrou-se mais do que disposto a segurar-lhe o olhar e, nos olhos castanhos, que pareciam ainda mais impenetráveis atrás das lentes dos óculos, Isabelle não viu qualquer indicação de que a ameaça

o tivesse intimidado minimamente; foi ela quem desviou os olhos primeiro — mesmo em criança, nunca aguentara mais de dois segundos em qualquer tipo de confrontação que exigisse olhar outra pessoa nos olhos, e foi nesse momento que viu os livros na estante, ao lado da moribunda planta-das-aranhas. As *Obras de Platão*, leu ela, e ao lado estava um livro de capa branca com uma marca circular de café por cima do título: *O Ser e o Nada*. Mesmo antes de desviar os olhos, viu: *Yeats: Obras Completas*.

Thomas Robertson viu-a observar os livros e, quando se entreolharam pela última vez, viu neles a sua derradeira vitória, pois naquele momento disse:

— Penso que seria melhor se não fizesse queixa de nada. Vou-me embora amanhã.

À porta, ela virou-se e disse:

— Acho-o desprezível.

Ele acenou ligeiramente com a cabeça.

— Compreendo que sim.

Fechou a porta devagar; o trinco fez clique.

No percurso para casa, ocorreu a Isabelle que não devia conduzir. Foram essas as palavras que lhe vieram à cabeça, como se as tivesse lido escritas em letras pequeninas no verso de uma caixa de comprimidos descongestionantes — «Não conduza nem manipule máquinas» —, já que parecia que a sua capacidade de avaliar distâncias, lancis, sinais de stop estava seriamente afetada. Não sentia, como lhe acontecera no percurso de ida, que tivesse controlo sobre o carro. Era como se o carro não existisse. Via unicamente a imagem de Thomas Robertson, pestanejando devagar, e o eco pungente das suas palavras: «Compreendo que sim.»

Isabelle detestava que ele fosse inteligente. Era mais esperto do que ela, e ela odiava isso. O professor Robertson era uma espécie de *hippie* inteligente, porque sem dúvida que fora *hippie* e provavelmente vivera numa comuna em determinada altura da vida, fumara marijuana e levava para a cama qualquer pessoa que lhe despertasse o interesse.

(O pior, claro, era o que ele dissera acerca de Amy, o que insinuara sobre ela.)

E tinham falado dela. Deu-se conta disso no regresso a casa, de que Amy e o professor Robertson tinham falado sobre ela durante os seus repugnantes *rendez-vous*. Ficara subentendido na maneira como ele baixara lentamente os olhos (É *senhora* Goodrow?). Que ele sabia coisas acerca dela. Mas que saberia ele? Que ela era severa? Que tinha poucas amigas? Que trabalhava na fábrica? Que dissera Iits em vez

Yeats? (Sim, o mais certo era que soubesse isso, e corou.)

Ao estacionar o carro, o que sentia era uma fúria e uma dor tão profundas que jamais teria acreditado que uma pessoa pudesse senti-las e continuar viva. Enquanto subia os degraus do alpendre interrogou-se por um instante se não ia, de facto, morrer, ali mesmo, quando abria a porta da cozinha. Talvez morrer fosse assim, os derradeiros momentos em que somos arrastados por uma onda poderosa, e já não importa, porque já não há nada que importe: tudo acabou, o fim está ali.

Só que não estava a morrer. Ao lançar as chaves para cima da mesa da cozinha, a quotidianidade da vida ressurgiu. Era um fardo seu. Sentia que não era capaz de o carregar, e a ira tomou conta dela; as suas pernas tremiam quando subiu as escadas.

Tal como Isabelle mais tarde inferira, Amy tinha telefonado ao professor Robertson, assim que a mãe saíra de casa. Assomada à janela da cozinha, certificara-se primeiro de que a mãe não voltava para trás. Não voltou, e Amy, que desatou a chorar assim que o professor Robertson atendeu o telefone, contou-lhe o que acontecera desde que a mãe chegara a casa.

— *Odeio-a* — rematou ela. — *Odeio-a tanto.* — Apertou o nariz ranhoso com os dedos.

Seguiu-se uma longa pausa do outro lado da linha e Amy, limpando o nariz novamente, perguntou:

— Ainda aí estás?

— Ainda aqui estou — respondeu o professor Robertson, e, para surpresa de Amy, calou-se em seguida.

— Que vamos fazer? — indagou Amy. — Quer dizer, que vamos dizer-lhe? — Afastou o auscultador da cara para ele não a ouvir chorar; as lágrimas corriam-lhe pela cara.

— Não lhe contes mais nada — aconselhará o professor Robertson. — Deixa o resto comigo. Eu trato disto. Quando ela voltar para casa, não lhe digas mais nada. — A voz dele, contudo, soava estranhamente inexpressiva; podia muito bem estar a falar a dormir. Até quando dissera: — Vai correr tudo bem, Amy. No fim, vai correr tudo bem.

Um novo tipo de medo tomou conta dela quando desligou. Na sua mente, vislumbrou então um mar negro e gigantesco; ela e o professor Robertson baluçavam separadamente em ondas negras, sob a noite negra.

Mas não. Quando ele dissera que ia correr tudo bem, queria dizer que a amava. E que ficaria ao lado dela. Ainda naquele dia o dissera: «Sabes que serás sempre amada, não sabes?» Ele amava-a. Ele mesmo o dissera. Devia ter contado isso à mãe, porque ela não entendia.

Amy subiu as escadas. Talvez o professor Robertson dissesse à sua mãe: «Amo a sua filha e queremos ficar juntos.» Diria ele isso a Isabelle? E que palavras, ao certo, usaria? Em qualquer caso, era

adulto e saberia o que fazer, cogitou Amy, mesmo antes de tropeçar no último degrau; achara que havia mais um degrau e teve de pousar o pé demasiado depressa. Amparou-se contra a parede e entrou no seu quarto.

Sentou-se à espera de que a mãe voltasse, no banco com saia em frente ao espelho do toucador, e ao fim de um tempo, pôs-se a pentear o cabelo e chegou a ocorrer-lhe que a mãe podia voltar com o professor Robertson. O sol vespertino, que naqueles dias de junho atravessava sempre o seu quarto por uns minutos, derramava uma bruma de luz pálida sobre o cabelo de Amy, que parecia composto de fios de ouro, como nos contos de fadas. (Foi o que pensou, ao ver-se ao espelho.) Mas sentia-se maldisposta. Como se tivesse acabado de vomitar e tivesse ainda mais para vomitar.

E era tão estranho: a escova branca que tinha na mão, um caderno da escola em cima da cama — aquelas coisas familiares pareciam pertencer a uma vida que mal conseguia já recordar. Desde que Isabelle descobrira que um homem a amava, tudo era diferente.

E amava-a, sim. Tinha dito: «Sabes que serás sempre amada, não sabes?» Sabia-o pela maneira como ele sorria sempre que ela entrava na sala depois das aulas, mas sobretudo pela maneira como lhe tocara naquele dia, no carro, pelas coisas que tinham feito. Coisas indescritivelmente íntimas. Quando as pessoas faziam aquele tipo de coisas... bem, era porque se amavam muito. Depois de uma coisa assim, tinham de ficar juntos.

O professor Robertson diria à sua mãe que as coisas eram assim mesmo, que as pessoas se apaixonavam. Talvez até dissesse a Isabelle que dali a uns anos — a mulher deixara-o, afinal de contas — gostaria de se casar com Amy. (Imaginou viver com ele, imaginou-o a esvaziar uns gavetões na cómoda dele para ela pôr a sua roupa, que no primeiro dia lhe entregaria uma toalha lavada e uma esponja e diria: «Aqui tens, Amy. São tuas.»)

A porta da cozinha bateu, as chaves do carro aterraram na mesa, e depois os passos da mãe nos degraus.

Amy pousou a escova sem fazer barulho, como se, ao segurá-la, tivesse feito uma coisa que não devia. O sol, que abandonava o quarto naquele momento, tocou uma última vez o cabelo de Amy quando ela se virou para olhar para a mãe, na soleira da porta, sem fôlego, ou assim parecia.

— Ele vai-se embora da cidade amanhã — anunciou Isabelle, com o peito a subir e a descer, ofegante. — Deviam metê-lo na cadeia.

Amy abriu a boca. Ficaram a olhar uma para a outra até que Isabelle deu meia-volta e atravessou o corredor para entrar no seu

quarto.

Baralhada, Amy olhou em redor. Devia correr escadas abaixo e sair para a estrada, porque tinha de falar com o professor Robertson. Imaginou-se aos tropeções na estrada, depois dos pinheiros e do brejo, vendo o carro dele vir na sua direção e acenando-lhe desesperadamente. Enchia-a de pânico pensar que ele se ia embora, só que ele não o faria sem ela.

— Olha para ti. — A mãe estava de novo no umbral. Segurava a tesoura da costura, com os aros pretos, junto à coxa. — Olha para ti, aí sentada dessa maneira — disse a mãe, em voz baixa, entrando no quarto. Amy pensou que a mãe queria matá-la. Pensou que a mãe se abeirava dela para a apunhalar com a tesoura, porque parecia que Isabelle perdera o juízo, se tornara uma pessoa diferente. Aproximou-se com o braço levantado e um ar ausente, pálido de ódio, e Amy levantou também o braço e baixou a cabeça («Não, mamã»), mas a mãe derrubou-lhe o braço, agarrou-lhe um punhado de cabelo: as lâminas da tesoura sibilaram, mais uma mancha de cabelo, a cabeça puxada para um lado, depois para outro. Uma avalanche de terror abateu-se sobre Amy, arrastando um torvelinho de cheiros há muito esquecidos, o sofá em casa de Esther Hatch, os percursos de carro até lá, o coração podre das maçãs e os grãos de areia, a dureza obstinada da cabeça de plástico de uma boneca, o calor mofento de um radiador, os lápis de cera derretidos.

Inclinada para a frente, meio de pé, sacudida para trás e para a frente a cada madeixa de cabelo que a mãe agarrava, o arrepelão no escalpe como se a pele estivesse a ser arrancada, Amy ouviu os seus gritos meio sussurrados: «Mãe, *não!*», «Oh, mãe, por favor», e depois um grito súbito, gutural: «Oh, *não.*» O som metálico da tesoura a cortar uma e outra vez (recordaria nitidamente aquele som, ouvi-lo-ia em sonhos, durante anos), um brilho argênteo no espelho quando as lâminas refletiram por um segundo o último raio de sol, e depois a estranha sensação de que estava desequilibrada, de que a sua cabeça pesava menos.

— Apanha isto. — A mãe recuou, ofegante. E guinchou, de repente: — *Apanha esta porcaria!*

Soluçando, Amy desceu aos tropeções as escadas e tirou um dos sacos de papel do supermercado que estavam dobrados sob o lava-louça. Regressou ao quarto (trepando as escadas de gatas, como um animal inebriado, arrastando o saco de papel, que raspava ao de leve na parede), e começou a enchê-lo de cabelo, e ao fazê-lo começou a gritar, porque apanhar as compridas madeixas encaracoladas de cabelo era como agarrar numa perna amputada com o sapato ainda

calçado — aquilo já não era ela (gritou ainda com mais força) —, o que era *ela* ainda?

Isabelle, sentada então na sua cama, do outro lado do corredor, embalando-se com um punho encostado ao estômago, repetia:

— Oh, por favor, pára com isso.

O seu quarto estava quase às escuras, pois o sol abandonara-o há algum tempo. A penumbra que, cada vez mais densa, se acumulara primeiro nos cantos e depois preencheria a divisão até esfumar os contornos dos pássaros azuis do papel de parede, trouxera uma sensação de perigo e apogeu.

Mais tarde, a vontade de Isabelle foi pegar na tesoura e cortar o seu próprio cabelo. Quis cortar a colcha sobre a qual estava sentada e todas as peças de roupa no seu roupeiro. Quis ir à casa de banho e cortar as toalhas, fazer cortes nos estofos dos móveis do piso de baixo. Queria estar morta e queria que a filha estivesse morta também, para que nenhuma delas tivesse de enfrentar a insuportável tarefa de continuarem a viver. Passou-lhe pela cabeça acender o forno e deixar o gás ligado a noite toda enquanto, no piso de cima, segurava Amy nos braços, embalando-a para que dormisse.

(Quem era Amy? Quem era a pessoa acerca da qual aquele homem, aquele desconhecido, fizera tais insinuações? Quem era a rapariga que Isabelle encontrara naquele final de tarde sentada ao espelho com as mãos no colo, afetando a pose de uma menina obediente, mas emitindo uma vivacidade, uma luminosidade, com o cabelo louro a cintilar tapando-lhe os ombros e a cara, em parte, com aquele olhar, aquela expressão de sagacidade? Quem era a sua filha? Quem havia sido ela?)

— Por favor, meu Deus — murmurou Isabelle, lamentosamente, esfregando os dedos na cara. — Oh, meu Deus, por favor.

Por favor, o quê? Odiava Deus. *Odiava-o*. Na escuridão, chegou a brandir um punho cerrado no ar, oh, estava fartinha de Deus. Andava há anos a jogar às adivinhas com ele. Isto está bem, meu Deus? Estou a agir bem? Cada decisão tomada com base no que agradaria a Deus, e veja-se onde isso a levava: a lado nenhum. Pior do que a lado nenhum.

— Odeio-te, Deus — sussurrou por entre os dentes cerrados, para a escuridão do quarto.

De manhã cedo, com o céu do outro lado da janela a clarear e os pássaros a cantar, Amy acordou onde acabara por adormecer, estendida no chão, com a mão húmida da saliva que lhe escorrera da boca. Sentou-se e começou quase de imediato a chorar, mas logo se calou, porque o que sentia era muito pior do que isso; as lágrimas, a

cara amassada pareciam-lhe coisas fúteis e insignificantes.

— Amy. — A mãe estava na soleira da porta.

Mas não entrou. Amy não olhou para a cara da mãe. Olhou apenas na direção dela tempo suficiente para ver que a mãe aparentemente passara a noite com a roupa da véspera. E pouco se ralou com isso. Pouco se ralou com as palavras que podiam estar naquele momento entaladas na garganta da mãe; eram tão fúteis como as lágrimas insignificantes que acabara de chorar. Nem ela nem a mãe podiam escapar uma à outra, e estavam ambas exaustas e fartas da vida estúpida que levavam.

Na segunda-feira, Amy começou a trabalhar na fábrica.

Era o intervalo da manhã e Arlene Tucker dizia:

— Havia uma fonte no meio do bolo.

— No da Charlene havia uma ponte — interveio outra mulher, referindo-se a uma filha cujo casamento e divórcio havia sido comentado no refeitório durante vários anos. — Na altura, eu disse-lhe: «Charlene, tens a certeza?» Mas ela estava decidida a ter a ponte.

— Este também tinha uma ponte. — Arlene anuiu com a cabeça. — E no meio da ponte estavam as figurinhas do noivo e da noiva. Ela tinha uma sombrinha e tudo. Achei bonito.

— Estamos a falar de quem? — Lenora Snibbens tirou o pó compacto da carteira e examinou uma borbulha que tinha no queixo.

— De uma prima. Uma das filhas do Danny, de Hebron.

— Tens tantas primas — comentou Lenora, e aplicou pó na ponta vermelha do nariz.

— Fazem ideia — disse Bev Gorda, ao entrar no refeitório — do cheiro *nauseabundo* do rio?

— É pavoroso — concordou Lenora, e puxou a cadeira para a frente para dar espaço a Amy Goodrow, que entrara no refeitório e olhava com expressão ausente para a máquina de venda automática.

— Parece, de facto, que este ano está pior — disse Isabelle, da extremidade oposta da mesa, onde estava sentada a mexer o café com uma palhinha de plástico. Abanou a cabeça, virada para Lenora. — Parece estar pior, sim — repetiu, e com os olhos seguiu a filha que, depois de contemplar a máquina de venda automática, saíra do refeitório.

— Oh, está insuportável. — Lenora deu um suspiro.

— Pois está. — O comentário pareceu exigir que Isabelle acenasse que sim com a cabeça quando acabara de a sacudir, e a alternância do movimento fê-la sentir-se espasmódica, transtornada. Não apreciava aquelas pausas matutinas que já não partilhava com Avery Clark, no aquário. E estava-se pouco marimbando que o rio fedesse; mal reparava nisso. No que reparava era no facto de Avery já não levantar

os olhos da secretária quando a campainha da pausa matutina se fazia ouvir pelo edifício. Reparava que ele já não cruzava o olhar com o dela quando passava pela sua mesa, e interrogava-se se as outras mulheres se apercebiam disso também.

— Nunca fez sentido para mim — disse a mãe da controversa Charlene — gastar tanto dinheiro num casamento.

— Não sei. — Com uma expressão de dúvida, Arlene Tucker encolheu os ombros. — A mim, faz sentido.

— Porquê? — A mãe de Charlene pestanejou os seus olhos quase desprovidos de pestanas, assemelhando-se a um sapo, nesse instante.

— É o dia mais importante da vida de uma rapariga — afirmou Arlene. — É por isso. — E acrescentou (desnecessariamente, concordou mais tarde a maioria das mulheres ali presentes): — É de *esperar* que dure para sempre.

— Era de *esperar* que a Charlene fosse esbofeteada pelo marido? Era de *esperar* que tolerasse tal coisa? — A pobre mãe de Charlene ficara ruborizada e pestanejava a toda a velocidade. Era óbvio que se ofendera.

— Tem calma, por favor. — Arlene Tucker mostrou-se constrangida e melindrada por se ver no papel de destinatária daquelas afirmações inflamadas.

Há algum tempo que as tensões subiam. Todas as mulheres (à exceção de Isabelle) se apercebiam disso. Era o calor, é claro, o terrível calor estagnante, pegajoso. Ainda assim, pareciam incapazes de se conterem, pois, de repente, Arlene Tucker disse:

— Bem, o *papa* diria que, aos olhos de Deus, a Charlene é casada para sempre.

— O *papa* que se lixe.

Foi espantoso. Rosie Tanguay, de volta da casa de banho, viu-se obrigada a benzer-se. Para agravar a situação, a mãe de Charlene, tendo maldito o *papa*, desatou-se a rir. Ria à gargalhada, ruborizada, e quando parecia que se ia calar, começou de novo, até as lágrimas lhe correrem pela cara e ter de assoar o nariz, e continuou a rir.

As mulheres trocaram olhares preocupados, e Lenora Snibbens disse, por fim:

— Talvez seja melhor molhar-lhe a cara com água fria.

Com um ar presumido, Rosie Tanguay pegou no seu copo de café e fez tenção de o ir encher, mas a mãe de Charlene, ofegante, levantou a mão.

— Não — disse ela, contendo-se e enxugando a cara —, estou bem.

— Não tem graça, sabes — disse Arlene Tucker, com secura.

— Oh, Arlene, cala a matraca. — Bev Gorda tamborilou a mesa com

as unhas para realçar as suas palavras e ao ver Arlene abrir a boca para se indignar, cortou-lhe a palavra: — E mantém-na calada, Arlene. Só desta vez.

Arlene levantou-se.

— Vai para o inferno — disse ela, a Bev Gorda, pelos vistos, mas os seus olhos pareceram deslocar-se para incluir a mãe de Charlene. — E bem sabes que hás de ir — acrescentou, antes de deixar o refeitório.

Bev Gorda encolheu os ombros.

— No inferno já eu estou — disse ela, e isso fez a mãe de Charlene começar a rir de novo.

Rosie Tanguay alcançou o copo de café, mas Bev Gorda abanou a cabeça; a mãe de Charlene já tinha esgotado a sua energia e, dessa feita, não riu durante muito tempo. Depois de se acalmar, abateu-se um silêncio desconfortável sobre a sala; as mulheres entreolharam-se à cautela, sem saberem muito bem que limites tinham sido traçados.

— Muito bem — disse Bev Gorda, e deu uma palmada na mesa. — Um dia feliz.

— E tu, Isabelle? — perguntou Lenora Snibbens, de repente. — Tiveste um casamento grande?

Isabelle abanou a cabeça, meio à pressa, depreciativamente.

— Pequeno. Só a família.

Levantou-se e dirigiu-se para o caixote do lixo junto à porta, fingindo que achava necessário deitar a palhinha de plástico ao lixo, mas na verdade queria perceber se Amy ouvira a conversa. Ela estava na outra ponta do escritório, junto à sua mesa, passando a mão pelo parapeito da janela.

*

Amy não acreditava que o professor Robertson se tivesse ido embora da cidade. Sabia que ele ainda andava por ali; sentia-o. Chegara à conclusão de que ele estava a fazer tempo, à espera da oportunidade certa para entrar em contacto com ela. Por isso, aguardava um sinal dele. Inclusivamente naquele momento, assomada à janela do escritório, perscrutava o parque de estacionamento, à espera talvez de o ver sentado no seu carro encarnado, de óculos de sol, de olhos no edifício na esperança de a ver.

Mas ele não estava ali.

A ventoinha soprava vento quente para a face dela. Ocorrera-lhe que ele podia telefonar-lhe para ali, ou até para casa, dizendo-lhe que, caso a mãe estivesse por perto, fizesse de conta que era o número errado. Não tendo recebido nenhuma chamada, concluiu que era óbvio que ele não podia fazê-lo. Não tinha maneira de lhe enviar uma

mensagem sem que a mãe soubesse. Teria de esperar, e ela também.

Até quando? Passava o tempo todo a imaginar o momento: o seu cabelo já teria crescido o suficiente para parecer de novo ela mesma, e ele afagá-lo-ia e diria: «Oh, pobre Amy, quanto sofreste.» Beijá-la-ia, e ela despir-se-ia e sentiria a onda cálida que advinha de ter a boca dele nas suas mamas. Ali no sufocante escritório, se fechasse os olhos, seria quase capaz de sentir aquele calor percorrer-lhe o corpo, recordando a expressão nos olhos dele quando se inclinara sobre ela naquele último dia, no carro.

A campanha retiniu pelo escritório e Amy abriu os olhos. Olhou por cima do ombro na direção do aquário e viu Avery Clark dobrado sobre a secretária; a madeixa de cabelo que ele penteara para dissimular a careca separara-se a meio e um dos lados afastara-se da cabeça.

Ele levantou a cabeça e viu-a. Por um momento, sobressaltados, trocaram um olhar, e foi Avery Clark quem desviou o olhar.

— Ora, ora — disse Bev Gorda, junto à sua cadeira. — O vento mudou.

— Como assim? — Amy sentou-se.

— Os ventos aqui — explicou Bev, que se inclinou para a frente e apontou com a cabeça para as mulheres atrás dela. — Semeiam discórdia no seio da nossa família feliz. — Bev esmurrou a mesa. — Esqueci-me do refrigerante. — Revirou os olhos, levantou-se da cadeira e dirigiu-se para o refeitório, e o seu traseiro em forma de coração balouçava para cima e para baixo, para cima e para baixo conforme avançava pelo espaço entre as mesas. Ao contemplar a sua corpulência, Amy foi tomada por uma onda de amor por ela. Era capaz de imaginar homens e crianças agarrados àquela mulher, pressionando a cabeça contra aquele volume.

E interrogou-se também onde Bev Gorda compraria a sua roupa interior. Amy nunca tinha visto nas lojas nada para alguém do tamanho de Bev Gorda. Antes, teria feito a pergunta à mãe, porque seria o tipo de coisa que Isabelle saberia. Entretanto, recusava-se até a olhar de relance para a secretária dela. Pôs-se então a teclar números na máquina de somar e a sua cabeça voltou ao professor Robertson.

«Estou a pensar em ti», disse mentalmente, e fechou os olhos com força por uns segundos, com os dedos pousados na máquina. «Estou à tua espera.»

Ele estava ali por perto. Amy era capaz de sentir isso, de sentir as deambulações dele, as suas refeições solitárias. Sabia que, à noite, ele se estendia na cama, descalçava as meias, tirava os óculos e ficava deitado às escuras a pensar nela. Isso, pelo menos, ela sabia, e, à medida que os dias passavam, parecia sabê-lo com uma maior certeza.

A pobre Isabelle, pelo contrário, não sabia nada. Não sabia sequer quem era. Não sabia como dispersar a aura de incredulidade que a rodeava dia após dia. Agarrara o cabelo de Amy e cortara-lho; sim, fizera isso.

Era como se tivesse cometido um crime, era dessa maneira que se sentia.

Ocasionalmente, liam-se histórias assim, que um cidadão comum matara alguém. Um homem normal, amável, crente em Deus, espetava de repente uma faca no peito da mulher, repetidas vezes, a faca batia em osso, o sangue esguichava, ouvia-se o som húmido da carne e tendões a rasgarem-se, a faca saía e entrava outra vez, e ele de repente ali, tudo aquilo inacreditável. Mas verdadeiro, porque acabara de o fazer.

Só que, no caso de Isabelle, o cadáver levantava-se, andava de um lado para o outro, ia para o trabalho com ela todas as manhãs, sentava-se à frente dela ao jantar todas as noites, e as manchas de sangue lá continuavam sob a forma daquele cabelo disforme, daquele rosto alterado, pálido e anguloso, do olhar aturdido, desamparado. Desfigurara a filha. E não tinha sido essa a sua *intenção* quando entrara no quarto dela, com a tesoura na mão?

Não parecia possível. Porque, quem era Isabelle Goodrow? Não era uma assassina. Não era uma daquelas mães monstruosas das quais às vezes se ouvia falar, que desfiguravam os filhos, metendo-os em água a ferver, que lhes queimavam as mãozinhas com cigarros acesos ou ferros de engomar. Apesar disso, agarrara o cabelo de Amy naquela noite, apoderara-se dos caracóis dourados da filha, tomada pelo desejo colossal de destruir.

Não se reconhecia. Não acreditava que aquela fosse Isabelle Goodrow.

Os dias quentes iam passando. Quando olhava para a filha, do outro lado do exausto escritório (Amy curvada sobre a máquina de somar, o seu pescoço magro, tão comprido, branco como papel), os olhos de Isabelle inundavam-se abruptamente de lágrimas e a sua vontade era atravessar a divisão a correr, lançar os braços ao redor do pescoço da filha, pressionar o seu rosto pálido contra o dela e dizer: «Amy, desculpa. Desculpa, Amy.»

Oh, mas Amy não permitiria tal coisa. Nem naquele momento, nem nunca. Nem pensar. No seu olhar ausente, implacável, era possível ver que a tesoura cortara algo irrevogável; o cabelo podia bem voltar a crescer, mas não aquela outra coisa, a cuja perda Amy se aferrava com unhas e dentes. «Nem penses», diziam os olhos de Amy, ausentes, sem nunca se fixarem na mãe, «esquece, para mim já não existes.»

O cabelo, na verdade, ia crescendo e, umas semanas mais tarde, já não parecia tão mau, tão revoltado como ao início. Ainda assim, precisava de ser aparado e moldado, mas Isabelle não tinha coragem de o dizer, não conseguia imaginar-se a dizer a Amy a palavra «cabelo». Foi Arlene Tucker quem o fez.

— Este calor — disse ela, no refeitório, um dia — é uma desgraça para o cabelo. Temos todas péssimo aspeto. — E, intencionalmente ou não, relanceou o olhar na direção da cabeça inclinada de Amy Goodrow, sentada do outro lado da mesa com uma sanduíche de manteiga de amendoim em frente à boca.

— Pelo amor de Deus — respondeu-lhe Bev Gorda —, fala por ti, Arlene. — Deitou um olhar fulminante a Arlene. Isabelle corou.

— Falo por mim, pelo amor de Deus — replicou Arlene, e enfiou os dedos no seu cabelo escuro, puxando por ele. — Fui pintar as raízes e a cor não saiu bem.

Era verdade, como qualquer pessoa podia constatar, se olhasse com atenção. O cocuruto da cabeça de Arlene parecia um tom escuro de laranja, ao passo que o resto se mantinha cor de chocolate.

— E a rapariga disse-me que naquela manhã fizera uma permanente que, com o calor, nem sequer pegara. A pobre da mulher ficou com o cabelo meio desgrenhado, a apontar em todas as direções...

— Li algures que abriu um salão de beleza novo em Hennecock — comentou Isabelle, ansiosa por que deixassem de falar de cabelos. — No mês de julho oferecem maquilhagens de graça. Imagino que seja para impulsionar o negócio. — E depois, ousadamente: — Às vezes penso que seria engraçado. Entrarmos uma pessoa e sairmos de lá outra.

Pareceu-lhe ver uma expressão de repugnância nos olhos baixos de Amy.

— Esse tipo de coisa nunca funciona — disse Arlene, com algum desdém. — Pintam-nos como se fôssemos um morto só para nos venderem os produtos.

— Assim sendo, pronto — disse Isabelle. — Esqueçam o que eu disse.

*

Na igreja, uma ventoinha alta soprava no meio da sala de atividades, mas parecia não surtir qualquer efeito. A sala era abafadiça e cheirava a velho, como se o calor tivesse libertado anos inteiros de transpiração até então entranhada nas tábuas do soalho, nas paredes e nos parapeitos de madeira, durante as incontáveis reuniões que ali tinham decorrido: os encontros das escuteiras, barulhentas, pré-

adolescentes, ansiosas, como a pequena Pammy Matthews, que uma vez, enquanto com as mãos levantadas juravam fidelidade a Deus e ao país, não conseguiu controlar a bexiga e um regato de chichi lhe escorrera pela perna abaixo até ao sapato encarnado; as inúmeras conversas depois da missa, quando os diáconos, nas suas calças cinzento-escuras, comiam dónutes educadamente enquanto as suas esposas cavaqueavam umas com as outras; as muitas reuniões da Sociedade Histórica (Davinia Dayble dera certa vez uma palestra sobre a primeira sanita com autoclismo de Shirley Falls que, segundo a pesquisa que ela levava a cabo, se encontrava na propriedade do ilustre juiz Crane). Dir-se-ia que todas aquelas atividades que no passado haviam decorrido na sala de atividades exalavam com o calor as suas próprias reminiscências, e o efeito era abafadiço, nostálgico, sufocante.

Isabelle avançou para o fundo da sala e sentiu o soalho ranger sob os sapatos pretos. Pegou numa cadeira metálica desdobrável e ficou parada um momento, sem saber onde pousá-la.

Algumas das mulheres já tinham chegado. Estavam junto a uma mesa com uma garrafa térmica enorme, na qual alguém escrevera «limonada» com um marcador preto, e uma coluna de copos de esferovite. Cumprimentaram Isabelle com acenos de cabeça, mas continuaram absortas na sua conversa e nenhuma disse:

— Isabelle, venha servir-se de uma bebida fresca.

Abriu a cadeira não muito longe delas, sentou-se e tratou de afetar um sorriso que esperava que passasse por simpático, embora lhe parecesse forçado e receasse fazer figura de parva.

Fora ali para mudar a sua vida. Tencionava mostrar-se aberta e amistosa, entrar no mundo social da igreja congregacional, pois ocorrera-lhe nos últimos dias, ao pensar nisso, que no passado não se esforçara o suficiente. Ter amigos significava ser-se amistoso, costumava dizer o seu pai.

Sentada na cadeira metálica, porém, com aquele sorriso animado que devia parecer ridículo com o calor que fazia, sentiu que sofria de uma incapacidade qualquer, pois se fosse capaz de deslizar naquele momento até junto de Peg Dunlap e dizer-lhe, como quem não queria a coisa, «Meu Deus, que calor, não é, Peg?», aquelas mulheres veriam que ela era tão simpática e normal como elas.

Só que não era como elas. Para começo, trabalhava na fábrica. E vivia numa pequena casa arrendada, e não tinha marido.

Cruzou os tornozelos com esmero. Tão-pouco se encaixava na fábrica, a questão era essa. Dottie Brown, Bev Gorda, Arlene Tucker, Lenora Snibbens, eram todas católicas, é claro, provenientes de

famílias franco-canadianas, e isso fazia logo toda a diferença. Não tinha nada contra elas, mas não eram pessoas com as quais quisesse conviver fora do trabalho. Comparecera todos os verões, à exceção daquele (alegara que estava doente, e era verdade: estava doente de viver), ao churrasco do Quatro de Julho em casa de Bev Gorda, e vira os homens beber cerveja, limpar a boca com as costas da mão e ouvira as piadas que contavam. «Que acontece quando viras uma loura bimba de cabeça para baixo?» Arlene Tucker podia muito bem rir e dizer ao marido: «Vá, não seas desagradável», mas ninguém parecia achar aquilo realmente desagradável, além de Isabelle. Tentava ser acomodaticia; não queria ser desmancha-prazeres, mas sinceramente não achava graça nenhuma àquilo. «Ficas com uma morena com mau hálito.» Não, não tinha graça. E havia outra piada sobre flatulência e colãs que ainda a fazia corar como quando a ouvira, tensa e ansiosa, a comer a salada de batata de Bea Brown, de pé, com o prato de papel na mão.

Tinha a certeza de que aquelas mulheres ali, Clara Wilcox, Peg Dunlap e as demais, jamais, em tempo algum, achariam graça a uma piada assim. Pensou, não pela primeira vez, que, se tivesse sido professora, como planeava, tudo seria muito diferente. Aquelas mulheres ali saberiam que ela era uma delas, telefonar-lhe-iam, convidá-la-iam para jantar, para falarem de livros.

Se bem que, naquele momento, não estivessem a falar de livros, reparou Isabelle. Falavam sobre uma pessoa, tinha a certeza disso, pela maneira como seguravam as mãos em concha junto à boca, pelo tom baixo e cúmplice das suas vozes. Peg Dunlap cruzou o olhar com o de Isabelle e parou a meio de uma frase na sua conversa com Clara Wilcox para dizer:

— Não quer uma limonada, Isabelle?

Grata, Isabelle pôs-se de pé.

— De morrer, não é? — disse ela, levando a mão à testa transpirada. — Este calor.

— Ah, sim.

Pegou num copo de esferovite e as mulheres, interrompida a sua conversa, fizeram um sorriso vago. Isabelle levou o copo aos lábios, bebericou a sua limonada e olhou para as mulheres com uma ansiedade tímida. Elas, porém, não pareceram querer incluí-la na conversa e Isabelle regressou acanhadamente à sua cadeira.

Peg Dunlap disse então qualquer coisa a Clara Wilcox, e Isabelle ouviu as palavras «logo fazer uma mamografia», e sentiu-se tão aliviada por constatar que, ao menos, não estavam a falar *dela* que quase se levantou para se juntar ao grupo e dizer-lhes que quem quer

que tivesse ido logo fazer uma mamografia não precisava de se ralar muito, porque nove em cada dez caroços eram benignos. Era, em todo o caso, o que a *Reader's Digest* dizia. (Veio-lhe de repente à cabeça a voz de Amy: «Nunca lêis nada tirando a porcaria da *Reader's Digest*.»)

Bebeu um longo trago da limonada. Talvez, se conseguisse bebê-la toda, pudesse ir de novo à mesa para buscar mais e mencionar a tal questão dos nove em dez. Ainda assim, não queria parecer açambarcadora de limonada, o termo não era assim tão grande. Enquanto cogitava naquilo, Barbara Rawley, a mulher do diácono que no outono anterior fizera aqueles comentários desagradáveis acerca das folhas que Isabelle escolhera para decorar o altar, entrou na sala e bateu as palmas.

— Muito bem, meninas, vamos lá começar.

Parecia ridículo estarem a discutir a quermesse de Natal com o calor que fazia, mas como Peg Dunlap bem recordou, a quermesse era a festa mais importante que organizavam e nunca era demasiado cedo para começarem. As mulheres concordaram com acenos de cabeça, enxugaram as testas com lenços de papel e abanaram-se com os folhetos da igreja deixados nos parapeitos das janelas no domingo anterior. Eram precisas voluntárias para a banca dos bolos e tartes, e Isabelle levantou a mão; o seu número de telefone foi adicionado a uma lista.

— Não me importo nada de fazer alguns bolos de chocolate — voluntariou-se Isabelle, com um sorriso. — Uma receita maravilhosa da minha mãe. Leva natas azedas.

Ninguém sorriu de volta. Clara Wilcox acenou vagamente a cabeça e Peg Dunlap, encarregada da lista, disse apenas:

— Isabelle Goodrow, dois bolos.

Isabelle fingiu procurar qualquer coisa dentro da carteira e, por fim, fechou-a com um estalido. Depois, depenicou uma linha da saia e abanou um pé.

— Guardanapos e pratos de papel — disse Barbara Rawley, que, com aquele calor, não parecia tão bonita como de costume e tinha umas olheiras acinzentadas. — No ano passado esquecemo-nos por completo disso.

Ela e Peg Dunlap discutiram por um momento, em voz baixa, a necessidade de subcomissões.

— Ah — disse Clara Wilcox, e estendeu a mão na direção delas. — Falei com a Emma Clark. Não pôde vir hoje, mas diz que se encarrega novamente das grinaldas.

Peg Dunlap fez que sim com a cabeça.

— Também falei com ela — disse Peg, e Isabelle, que sentira uma

certa agitação ao ouvir o nome de Emma Clark, reparou que Peg Dunlap levantou a cabeça da lista, a fitou rapidamente nos olhos (um movimento involuntário), e com a mesma rapidez desviou o olhar.

Peg Dunlap sabia. Isabelle percebeu de imediato, por aquele olhar fugaz, automático, que Peg Dunlap sabia.

*

Era de noite, quando voltou para casa. Pelos vidros abertos ouvia-se o estridular dos grilos; ao atravessar a ponte de madeira, junto ao brejo, ouviu uma rã-touro, gutural, grave. O ar noturno que entrava pelas janelas começava a parecer fresco e, ao passar por uma quinta, o cheiro de um campo segado provocou-lhe um estremecimento quase erótico para o qual contribuía uma confluência de diferentes anseios; e depois começou a chorar, as lágrimas pingavam-lhe em bica pelo queixo e deixou-as correr, conduzindo o carro sem pressa e com ambas as mãos no volante.

Ia a pensar que, afinal de contas, Avery Clark contara à mulher o que vira no bosque naquele dia, muito embora tivesse prometido a Isabelle que não contaria a ninguém. Pensou na filha e na sua mãe, que já tinha falecido, e no pai, que morrera quando ela era criança, e no amigo do pai, Jake Cunningham, que também já tinha morrido. Interrogou-se em que momento fora decidido que a sua vida ia decorrer daquela maneira.

«Belle, Belle, o milagre», costumava dizer o pai, abrindo os braços quando ela se sentava no sofá. Falava a sério: a mãe de Isabelle, tendo recebido dos médicos a notícia de que dificilmente viria a ter filhos (por motivos que Isabelle nunca soube), tivera-a a ela, operando, portanto, um milagre; ser um milagre acarretava, contudo, algumas responsabilidades e, desde cedo, carregara dentro dela uma pequena pedra, macia, escura e pesada para o tamanho que tinha. Nunca lhe dera o nome de medo, mas não era mais do que medo. Porque a felicidade dos pais, dir-se-ia, dependia dela apenas. Em resultado, pareciam demasiado vulneráveis a ela e exigiam, sem o saber, o mesmo tipo de adoração que lhe estendiam.

Isabelle tinha doze anos quando o pai morrera sentado ao volante do carro, uma manhã, enquanto lhe enchiam o depósito de gasolina. Depois disso, a mãe passara a chorar por tudo e por nada. Chorava porque a torrada se queimara e Isabelle compadecia-se dela e raspava as extremidades estorricadas com uma faca. Chorava de cada vez que o telhado metia água, e Isabelle corria pela sala a distribuir baldes, de olho na janela, na esperança de que houvesse uma aberta.

Amava a mãe. Fazia tudo por ela. As amigas de Isabelle começavam

a fumar às escondidas e iam passear de carro com os rapazes depois das aulas, mas Isabelle não. Ia para casa, para estar com a mãe. Não suportava a ideia de que a mãe estivesse triste e sozinha.

Mas estavam sozinhas, de facto, ambas; viviam como duas órfãs. Assim, naquele dia de maio, quando a magnólia florescia junto ao alpendre e as primeiras abelhas chocavam contra a porta mosquiteira, ficaram maravilhadas quando Jake Cunningham lhes apareceu à porta. O melhor amigo do pai, e não o viam desde o funeral. A mãe de Isabelle, conduzindo-o à sala, disse que ele tinha de ficar para o jantar. Sente-se, sente-se. E como estavam Evelyn e os miúdos?

Estavam todos bem. Os olhos de Jake Cunningham eram cinzentos e extremamente amáveis. E sorria para Isabelle.

Também consertou o telhado. Foi a uma serração, comprou tela asfáltica e sarrafos, trepou ao telhado e consertou-o. Mais tarde, sentou-se à mesa da cozinha enquanto Isabelle e a mãe cozinhavam. Era um homem corpulento e bem-parecido, com as mangas da camisa enroladas e os antebraços pousados na mesa. E sorria de cada vez que Isabelle olhava para ele.

Tirando isto, era só elas as duas, mãe e filha, e passavam os tranquilos serões juntas. A mãe orgulhava-se dela, tinha muito orgulho que Isabelle viesse a ser professora, que tivesse sido a melhor aluna da sua turma de liceu. Costurara-lhe um bonito vestido de linho branco para usar na cerimónia da formatura, em que iria discursar, por ter sido a melhor aluna da escola. (E no final desse dia quente de junho, chegada a casa, Isabelle vomitara e estragara o vestido para sempre.)

Conduzindo naquela noite pela Route 22, Isabelle chorava com força. Abanou a cabeça e enxugou as lágrimas com o antebraço.

O mais espantoso era que acreditara que fizera um bom trabalho com Amy. Achara realmente, verdade fosse dita, que havia sido mais forte do que a mãe. Isabelle parou o carro em frente à entrada e ficou sentada às escuras, com a testa encostada às mãos no volante, abanando-a para um lado e para o outro. E como pudera chegar a tal conclusão? Pois se no inverno passado, quando a neve derreteria no telhado e a água se infiltrara no teto do quarto de Amy, entrara em pânico e, torcendo as mãos, mandara Amy correr à cozinha para buscar a tigela amarela. Como é que na altura não percebera que a sua reação fora desproporcionada? Acaso não vira a expressão atónita de Amy?

Isabelle esfregou a cara e gemeu suavemente no escuro. Pensou no que Amy lhe lançara na cara há umas semanas: «Não sabes como é o mundo.» Era uma acusação que podia ter feito à sua própria mãe. (Salvo que não o teria feito, por causa daquela pedra macia e pesada

chamada medo.)

Mas era verdade. A sua mãe não sabia muito acerca do mundo. Nunca se sentira confortável com quase nada. Por exemplo, não dissera nada a Isabelle sobre os mistérios do corpo feminino. No dia da sua primeira menstruação, Isabelle presumiu que estava a morrer.

Por isso, fizera as coisas de maneira diferente. Comprara um folheto cor-de-rosa para Amy; dissera: «Vem falar comigo, se tiveres dúvidas.»

Isabelle saiu do carro e subiu rapidamente os degraus do alpendre. A luz da sala estava acesa. O seu coração bateu mais depressa: precisava de falar com a filha, de lhe beijar o rosto.

Mas Amy já se tinha ido deitar; não havia sinal dela no piso térreo. Isabelle subiu as escadas, dirigiu-se para o quarto de Amy e parou em frente à porta fechada. Começou novamente a chorar.

— Amy — murmurou —, estás a dormir?

Pareceu-lhe ouvir Amy virar-se na cama.

— Amy — tornou; magoava-a pensar que a filha estivesse a fingir que dormia.

Isabelle bateu ao de leve na porta e, vendo que não tinha resposta, abriu-a, e a porta deslizou por cima da alcatifa. À luz ténue do corredor, viu a filha estendida na cama com a cara voltada para a parede.

— Amy — disse ela. — Amy, preciso de falar contigo.

Da cama veio a voz tranquila de Amy.

— Mas eu não quero falar contigo. Nunca mais quero falar contigo.

Naquela noite, ocorreu todo o tipo de infelicidades em Shirley Falls. Se Isabelle Goodrow tivesse podido levantar o telhado de vários casas e espreitar as suas intimidades domésticas, teria deparado com uma variedade de infortúnios. Barbara Rawley, por exemplo, descobrira na semana anterior, no duche, um caroço no peito esquerdo, e estava naquele momento, enquanto esperava por mais novidades vindas de Boston, num estado de pânico de proporções que nunca imaginara possíveis; porque, ao terror sombrio de esperar pelo futuro (iria *morrer?*), juntava-se a tomada de consciência de que casara com o homem errado: o seu marido, deitado ao lado dela no quarto escurecido enquanto ela verbalizava os seus medos, tivera a audácia de se deixar dormir.

E o diretor da escola de Amy, Len Mandel (a quem os alunos chamavam Bexigoso, porque tinha a cara picada das bexigas), naquele momento sentado na penumbra da sala de estar da professora de Espanhol, Linda Lanier, sentia-se profundamente infeliz. A sua mãe, tendo convidado Linda para jantar umas semanas atrás, adiara a ocasião uma e outra vez. Naquela noite, o jantar tivera lugar, por fim, e não corraera bem. O vestido de Linda era demasiado cor-de-rosa e demasiado curto; a mãe não aprovara, e Len Mandel percebera isso mal Linda chegara. Entretanto, tendo ido levar Linda a casa, sabia que, por trás do seu sorriso ansioso, Linda esperava um beijo. E que, em casa, a mãe o esperava também, de olhos no relógio enquanto arrumava a cozinha, imaginando que ele sucumbira aos encantos da professora, como um colegial. Tocou no ombro de Linda e deu meia-volta, mas, no regresso a casa, não conseguiu tirar da cabeça a imagem dela à porta, com o seu vestido rosa, sorrindo carinhosamente, pese embora a decepção e a surpresa, pestanejando os olhos pequenos, com lentes de contacto.

E havia mais: do outro lado do rio, numa casa antiga e grande, nos arrabaldes de Basin, Dottie Brown fumava sentada às escuras na cozinha, ouvindo o gotejar intermitente de uma torneira avariada.

Tinha uma das mãos encostada à barriga; a incisão da histerectomia já não estava dorida, mas a pele em redor da cicatriz continuava estranhamente dormente; e conseguia sentir aquela estranheza mesmo através do algodão da camisa de noite. Os cigarros eram um consolo. Foi com surpresa que recordou essa sensação. Sete anos antes, quando deixara de fumar, não fora capaz de imaginar nenhum motivo que a levasse a recomeçar. Mas ali estava ela de cigarro na mão. A cereja sobre o bolo, pensou ela, o sal na ferida.

A um quilómetro de distância, inadvertido, o rio corria sem pressa; na superfície acastanhada e lânguida da água, galhos e pequenos paus descreviam círculos lentos. Nas zonas mais fundas, a água corria mais depressa e correntes escuras rodopiavam em silêncio à volta de rochas invisíveis. A Lua, indistinta atrás das nuvens noturnas que cobriam o céu, emitia um halo de luz difusa, e parte dela entrava pela janela do quarto onde Amy jazia, insone, na sua cama.

Nunca lhe passaria pela cabeça que ele se fosse embora. Jamais lhe passaria isso pela cabeça.

Quando Isabelle saíra para ir à reunião na igreja, Amy pegara no telefone e marcara o número do professor Robertson. Do outro lado, uma voz gravada comunicara que o número estava desligado, e quando Amy o marcou outra vez, e mais uma, aconteceu o mesmo. Por fim, procurara o número do professor de Ginástica, porque ele e o professor Robertson tinham sido mais ou menos amigos. Disse que tinha um dos livros do professor Robertson e que lho queria devolver, mas o professor de Ginástica disse que não sabia muito bem onde o professor Robertson estava. Achava que ele voltara para o Massachusetts, e Amy perguntou quando, e o professor respondeu que em junho, pouco depois do final das aulas.

Amy não podia acreditar. Não podia acreditar que ele se tivesse ido embora da cidade sem a avisar.

Dirigiu-se para a sala e depois voltou à cozinha. A seguir, subiu as escadas e meteu-se na cama vestida. Fora obra da mãe. A ideia apresentou-se-lhe com uma clareza repentina. A mãe dissera: «Ele vai-se embora da cidade amanhã. Deviam metê-lo na cadeia.» E estava a falar a sério. Como pudera Amy achar que não? Como é que Amy não percebera que a mãe era mais poderosa do que o professor Robertson?

De manhã, quando saiu da casa de banho e se cruzou com Amy no corredor, Isabelle viu no rosto da filha aquela expressão imutável de todos os dias, o véu de cólera desdenhosa que se estendia atrás dela, e deu-se conta de que não podia aludir às palavras da véspera: «Nunca mais quero falar contigo», que as coisas tinham mudado tanto que não

podia dizer: «Amy, devias pedir desculpa pela maneira como falaste comigo.»

Vestiram-se em silêncio para irem trabalhar e nenhuma tomou o pequeno-almoço.

No carro, Amy disse:

— A Stacy Burrows quer saber se posso ir a casa dela no sábado.

Estavam a chegar ao parque de estacionamento da fábrica.

— Está bem — respondeu Isabelle, sem mais. E depois, constrangida: — Quando é que o bebé nasce?

— Em breve.

Amy esperara resistência da mãe, e estava preparada para dar luta, para dizer à mãe que ia a casa de Stacy quer ela quisesse quer não.

Ao virar o carro para o lugar de estacionamento, Isabelle perguntou:

— Ela vai dar o bebé para adoção?

Amy respondeu que sim com a cabeça.

— Sim? — Isabelle desligou o motor e olhou para a filha.

Amy franziu o sobrolho.

— Então, que outra coisa havia de fazer?

Isabelle não fez nenhuma expressão; ficou sentada, imóvel, por um momento, com a mão ainda na chave enfiada na ignição.

— Nada — respondeu, por fim, com uma franqueza que surpreendeu Amy. — Pergunto-me apenas se um dia não se vai arrepender.

— Não se vai arrepender. — Amy abriu a porta do carro e apeou-se. Atravessando o parque de estacionamento ao lado da mãe, sentiu-se obrigada a acrescentar: — A assistente social disse que já tem um casal simpático em vista. Gostam da vida ao ar livre. De montanhismo.

— Montanhismo? — Isabelle olhou para Amy como se nunca tivesse ouvido aquela palavra.

— Escalar e passear por montanhas — explicou Amy, num tom irritado. Estranhamente, sentira ciúmes quando Stacy lhe contara aquilo; imaginara um homem como o professor Robertson, um casal enérgico e ativo, com o filho, que não vivia isolado como Amy e Isabelle. — Querem muito um bebé — acrescentou Amy. — Portanto, hão de ser bons.

Passou à frente da mãe para entrar na fábrica; sem esperar, entreviu o reflexo da mãe no vidro e ficou tão chocada com o aspeto dela — a cara parecia a de uma velha — que se interrogou se a mãe não estaria gravemente doente.

Naquele dia, porém, as coisas estavam alvoroçadas no escritório. O anúncio de Avery Clark de que Dottie Brown ia voltar ao trabalho

causara grande comoção. No refeitório, as mulheres discutiram o assunto em pormenor, recapitulando os relatos de Bev Gorda e de Rosie Tanguay, que naquela manhã tinham falado com Dottie Brown ao telefone. Embora Avery Clark, como toda a gente sabia, tivesse generosamente concedido a Dottie o verão inteiro para recuperar da histerectomia, ela queria voltar antes do previsto. Queria regressar ao trabalho na semana seguinte. Não queria ficar em casa sozinha enquanto o marido trabalhava. Tinha visto um óvni.

Isto causara um verdadeiro rebuliço entre as mulheres, que rapidamente se dividiram entre as que acreditavam em Dottie e as que não acreditavam. Por que motivo esta divergência de opiniões causou tal cisma ninguém parecia saber ou querer saber, mas Bev Gorda deu por si numa posição difícil. Sendo a melhor amiga de Dottie Brown há quase trinta anos, via-se obrigada a defendê-la com unhas e dentes; só que ela mesma acreditava que a história era uma invenção incompreensível.

A história era assim: Dottie Brown, farta de ver telenovelas, saía para o alpendre das traseiras para se estender na rede. A tarde ia a meio e ela levava um copo de limonada rosa, que segurava apaticamente sobre o estômago. É possível que tenha dormitado. Tinha quase a certeza de que dormitara, na verdade, considerando o calor que fazia, mas acordou com a limonada a vibrar dentro do copo e isso intrigou-a. Não entendia por que razão a limonada havia de tremelicar daquela maneira quando o copo, apoiado no seu esterno, continuava imóvel.

De repente, o copo partiu-se. Não o deixara cair, partira-se simplesmente. Perplexa, e assustada, como não podia deixar de ser, soerguera-se, e foi então que viu aquela coisa no céu. A «coisa» era grande e prateada e tinha a forma de um disco voador, e cada vez se aproximava mais, até que se agigantou sobre o quintal das traseiras. (E que fez ela durante todo esse tempo?, perguntaram algumas mulheres.) Limitou-se a observar, incapaz de se mexer, meio sentada, meio deitada na rede que o marido lhe comprara no início do verão, encharcada em limonada rosa e cacos de vidro, com o coração a bater tão depressa que tinha por certo que morreria.

Quando a nave espacial aterrou, ocupando todo o relvado das traseiras, abriu-se uma porta e uma figura cabeçuda com a pele esverdeada (sem cabelo nem roupa), emergiu e dirigiu-se para ela. Ele, ela, ou o que fosse, não falou, mas «pôs pensamentos na cabeça dela». Do género de que não estavam ali para lhe fazer mal, precisavam apenas de a estudar e tinham vindo de um planeta distante para investigar o que se passava na Terra.

Depois disso, não se lembrava de mais nada. (Ora, muito conveniente, alegaram as descrentes, que olhavam com desdém para Bev Gorda, como se fosse ela a culpada.) Quando o marido de Dottie voltou do trabalho, pelas cinco e meia, ali estava ela, ainda estendida na rede e coberta de limonada. *Mas...* O seu relógio de pulso, um bonito *Timex* que comprara nos saldos de Natal do ano anterior na Sears, parara às três e meia em ponto, mais ou menos a hora a que ela acordara e vira a limonada a tremelicar no copo.

— Talvez ela se tenha esquecido de lhe dar corda — argumentou Lenora Snibbens, em voz alta, de forma expressiva e ficando bastante a dever à amabilidade.

— É claro que ela também pensou nisso — contra-argumentou Rosie Tanguay. — Mas deu-lhe corda, mal se levantou. É um hábito que tem. Além do mais — continuou Rosie, ruborizando-se e tornando-se, fosse porque fosse, uma imediata e fervorosa defensora da causa de Dottie Brown: — O relógio deixou de trabalhar. Parou de vez.

— Oh, por amor de Deus — reagiu Lenora, que até revirou os olhos. — Nunca ouvi uma patranha tão grande.

— Isabelle, o que é que tu achas? — quis saber Rosie Tanguay.

Algo alarmada, Isabelle deu-se conta de que decorria uma espécie de sondagem; as equipas formavam-se.

— Oh, céus — gaguejou ela, numa tentativa de ganhar tempo. — Pois, bem. Tudo é possível, suponho.

— Mas *acreditas* nela? — indagou Rosie Tanguay, e Isabelle sentiu-se o alvo de todos os olhares, incluindo o de Amy, de entre todos o que mais incomodava Isabelle; detestava que a filha testemunhasse as suas hesitações.

— Que eu saiba, a Dottie não é pessoa de mentir — disse Isabelle.

— As pessoas mentem a toda a hora — salientou Arlene Tucker. — Sinceramente, Isabelle. Em que planeta é que vives?

Isabelle sentiu a cara quente; devia estar corada.

— Não acredito que as pessoas mintam o tempo todo — reagiu ela.

— Mas, se me estás a forçar a tomar uma posição — a sua voz tremia e, para dissimular esse facto, a última frase saiu-lhe mais alto do que esperava —, então, estou com a Dottie.

Era a declaração mais resoluta que fizera em muitos anos de trabalho ali no escritório, e a audácia necessária para tal era evidente no seu rosto, corado até à raiz dos cabelos.

— Agora, se me dão licença — disse ela, levantando-se —, tenho trabalho para fazer.

Receava tropeçar à saída do refeitório. No último momento, enquanto zigzagueava com sucesso entre a confusão indistinta de

mulheres e cadeiras, o seu olhar cruzou-se com o de Bev Gorda, e foi como um sobressalto no meio do caos, pois no rosto daquela mulher que conhecia há anos viu um olhar tão franco e compreensivo que, pela primeira vez em muitos anos, ocorreu a Isabelle: «Tenho uma amiga.»

Avery Clark estava mais preocupado em manter a paz no escritório do que com o facto de Shirley Falls ter sido visitada ou não por um óvni. Tendia a achar que não, se bem que o assunto começasse a causar-lhe alguma apreensão, pois em dezassete anos Dottie Brown nunca dera sinais de ser atreita a histeria. Independentemente disso, a questão era: se Dottie queria voltar ao trabalho mais cedo do que planeado, então tinha todo o direito a fazê-lo. Só que isso significava que Amy Goodrow tinha de se ir embora. Para Avery, tal constituía um alívio, verdade se diga; a presença da rapariga tinha sido um tormento constante, mas não ansiava nada por dar a notícia a Isabelle, da qual, no fundo, se apiedava, como se deu conta quando lhe pediu que fosse ao seu gabinete.

Isabelle perdera peso. Ao dar um passo ao lado para lhe franquear a entrada, Avery Clark ficou impressionado ao constatar que o braço de Isabelle parecia um palito. E quando ela se sentou à frente dele, notou que a sua tez tinha um ar manchado; os olhos pareciam desnudos, expostos, e pestanejavam como que numa confusão constrangida.

Com delicadeza, falando devagar, inclinou-se por cima da secretária e apresentou-lhe a situação que envolvia Dottie Brown e Amy.

Ela aceitou-a bem, como seria de esperar, no fundo.

— É claro — disse ela, simplesmente. — Eu compreendo. — Dir-se-ia que não tinha nada mais para dizer, e a facilidade com que o assunto ficou tratado apanhou Avery desprevenido. Mas depois Isabelle acrescentou, com amabilidade: — Agradeço o que fez pela Amy, deixando-a trabalhar aqui.

— Ora essa. — Ficou muito nervoso ao pensar que ela poderia de alguma maneira mencionar o que ele vira naquele dia.

— O dinheiro deu muito jeito — dizia Isabelle. — Os cheques foram directamente para o banco e ela poderá usar o dinheiro quando for para a universidade.

— Ótimo. Isso é bom. — Acenou a cabeça com alguma hesitação à mulher pequena e delicada que tinha à sua frente, com as mãos

pálidas entrelaçadas no colo. Parecia meio ausente, como uma bola de praia que perdera aos poucos o ar por um furo minúsculo. Abatida. Os seus olhos, pequenos, algo cintilantes, cruzaram-se com os dele, e Avery constatou que por trás da sua omnipresente amabilidade, ela não lhe prestava toda a sua atenção.

— Como é que tem aguentado este verão escaldante, Isabelle?

Ela pareceu sobressaltada pela pergunta e quando voltou a olhar para ele pestanejou duas vezes, como se tivesse saído de uma divisão escura para a claridade de um dia de sol. Ela hesitou antes de responder e, uma vez mais, ele fez figas para que ela não mencionasse o assunto de Amy.

Mas ela disse apenas:

— Estou cansada, Avery. Sinto-me muito cansada.

— É claro — apressou-se ele a responder. — Este tempo é horrível. E parece que não vai melhorar, a fazer fé no que diz a meteorologia.

— Anda toda a gente enervada — sussurrou Isabelle, quase com indiferença, e com um movimento breve da cabeça indicou que se referia às mulheres no escritório.

— Sim. — Avery suspirou pelo nariz e assentiu com um sorriso lúgubre, com o qual pretendia insinuar uma espécie de camaradagem: eram os dois pais e estavam perante uma divisão cheia de crianças impertinentes e indisciplinadas, e teriam de fazer o melhor que pudessem. — Há de passar, imagino. — Avery espalmou as mãos sobre a secretária, gesto com que dava a entender que a conversa terminara. — Mas, escute, Isabelle. Agradeço a sua cooperação. Com tudo. Agradeço muito.

Ela recebeu o agradecimento com um aceno de cabeça, levantou-se e regressou em silêncio à sua mesa no calorento escritório.

O carro cheirava mal. Estacionado o dia todo com os vidros subidos, transformava-se numa espécie de estufa fétida onde ocorrera uma implosão asquerosa de fungos ou bactérias invisíveis, e Isabelle abria sempre os quatro vidros e portas por uns minutos antes de se sentar ao volante, rotina que Amy achava profundamente embaraçosa. Não entendia por que razão a mãe não fazia como a maior parte das pessoas, que deixavam os carros destrancados, com os vidros abertos. Só que para Isabelle, que nascera e crescera num lugarejo, Shirley Falls parecia uma cidade, por isso trancava sempre o carro e todos os dias era preciso arejá-lo, e o carro assemelhava-se a uma ave mecânica pousada ali sobre o alcatrão, com as asas abertas, enquanto Isabelle o abanava em vão com a mala e Amy esperava afundada no banco da frente, com uma das mãos na testa.

Apática, naquele dia Isabelle abriu as portas de trás só por um momento e pouco depois já iam a caminho de casa.

— Não acreditas naquela história do óvni, pois não? — perguntou Amy, por fim.

Isabelle olhou para ela de relance.

— Não.

Em silêncio, passaram pelo parque de caravanas, pelo brejo e pelo trilho dos lenhadores, onde Amy tinha sido descoberta com o professor Robertson.

— Mas até pode ser verdade — disse Amy, com o cotovelo apoiado na moldura da janela, os dedos a puxarem compulsivamente o cabelo e os olhos semicerrados. Vendo que a mãe não reagia, acrescentou: — Eu acho que é verdade.

Ainda assim, Isabelle não respondeu.

— Porque não havia de ser verdade? — insistiu Amy. — Não somos o único planetazinho estúpido no universo, sabes?

Isabelle continuou a conduzir.

— Portanto, porque não havia de existir vida noutra planeta?

— Suponho que possa haver, sim — respondeu Isabelle.

— Mas é-te indiferente? Dizes isso como se nem te importasse.

Por um momento, parecia que Isabelle não se ia dar ao trabalho de responder, mas depois disse, num tom impassível:

— Tenho outras coisas em que pensar.

Amy afundou-se ainda mais no banco e revirou os olhos com aversão.

Horrível, pensou Isabelle, aturdida, é tudo horrível.

— Enfim — disse ela, e continuou a conduzir, com ambas as mãos no volante, de olhos em frente. — A Dottie Brown vai voltar ao trabalho na segunda-feira, portanto, vais ficar sem emprego.

Virou a cabeça para olhar para a filha, que parecia não ter nada a dizer em reação àquilo.

Isabelle acrescentou:

— O Avery disse-mo esta tarde. Com a Dottie de volta, não há trabalho suficiente para te manter ocupada. E também não há dinheiro suficiente para te pagar. Pelos vistos.

Amy manteve-se em silêncio e virou a cabeça para olhar pelo seu vidro aberto. Isabelle, que olhou para a filha de novo, não lhe viu a cara.

— Que vou eu fazer? — perguntou Amy, por fim.

A pergunta pareceu sincera a Isabelle, que não era capaz de adivinhar os pensamentos da filha. Temeraria ela sentir-se sozinha, entediada? (Estaria a pensar em fugir de casa?)

— Não sei.

— Talvez tenha sorte e seja raptada por um óvni — sugeriu Amy, num tom ofensivo, quando chegaram a casa.

Isabelle desligou o motor e fechou simplesmente os olhos.

— Quem sabe — disse. — Talvez sejam.

Apesar disso, havia coisas que tinham de ser ditas. Ainda que não pudesse, de imediato, decidir o que Amy faria o resto do verão, Isabelle precisava, pelo menos, de saber a que horas Amy era esperada em casa de Stacy Burrows no sábado, se jantaria lá ou não e como é que voltaria para casa.

A todas as perguntas, Amy respondeu que não sabia. Isabelle reagiu com irritação, o que, por sua vez, irritou Amy, e o resultado foi que, no final da manhã de sábado, Amy partiu de casa a pé, dizendo à mãe que telefonaria caso só voltasse depois das cinco.

— Posso levar-te lá de carro — ofereceu-se Isabelle, uma vez mais, depois de a seguir até à porta.

— Não! — gritou Amy, sem se virar.

Para chegar à cidade, tinha de passar pelo trilho dos lenhadores e, tal como de cada vez que ali passava, virou a cara. (No carro, com a mãe, fechava os olhos.) Mentalmente, contara isso ao professor Robertson. Na sua cabeça, imaginava-o a fitá-la com aqueles olhos amáveis. Mas as coisas tinham mudado um pouco desde que descobrira que o número dele estava desligado e que ele *se tinha ido embora*; tremia por dentro e não podia evitá-lo.

Foi um alívio chegar ao centro da cidade e deparar com os carros, as lojas, as pessoas nos passeios. Atravessou a Main Street e atalhou pelo parque de estacionamento do posto dos correios para chegar ao bairro onde Stacy vivia. Os nomes das ruas ali eram maravilhosos: Maple Street, Valentine Road, Harmony Drive, Appleby's Circle. Nada corriqueiro e feio, como Route 22. Também as casas eram bonitas e tinham um aspeto arranjado; algumas eram cinzentas, outras brancas e algumas castanho-avermelhadas. Tinham janelas salientes nas salas de estar e cortinas nas janelas do piso superior. Havia relvados nos quintais da frente, às vezes relvados laterais e vedações de estacas brancas.

A casa de Stacy era diferente. Fazia parte de uma urbanização nova construída junto a Oyster Point, onde as casas eram maiores do que noutras partes da cidade. A de Stacy era a maior de todas. Tinha janelas enormes e telhado de mansarda. A cintilante gravilha branca da entrada estralejou sob os ténis de Amy, que nunca ali tinha estado. Sem o admitir, Amy partilhava da aversão da mãe à arquitetura moderna; gostava de casas com um ar tradicional. E aquela, além da

inclinação estranha do telhado, tinha a porta pintada de amarelo, o que fez Amy sentir-se desconfortável; por um instante, associou o desconforto ao facto de o pai de Stacy ser psicólogo. Em todo o caso, sentia-se desconfortável: Stacy convidara-a para que vissem um filme sobre o parto que o pai dela trouxera da universidade. Amy não tinha dito isso a Isabelle.

Hesitou antes de bater à porta.

Do outro lado ouviam-se ruídos abafados e depois o som da voz de Stacy à medida que se aproximava da porta — «Lá para fora, pirralhos. Fora daqui!» — e a porta abriu-se e lá estava Stacy, ruiva e bonita e muito, muito grávida.

— Olá — exclamou Stacy, e levantou ambas as mãos como se tencionasse segurar entre elas a cara de Amy. Depois: — Caramba, que aconteceu ao teu cabelo?

Amy, atravessando o umbral da porta, olhou para o tapete de ráfia sob os pés e tentou sorrir, mas a sua boca não foi bem-sucedida no movimento e os cantos acabaram por pender para baixo.

Uma criança parcialmente escondida atrás da porta de um armário espreitava Amy, que virou as costas, limpando rapidamente o nariz com o braço.

— Fora daqui, merdinhas — ordenou Stacy.

O som de passos junto ao armário, uma lamúria.

— Mãe! — choramingou o rapaz, que saiu dali a correr. — A Stacy bateu-me e chamou-me merdinhas.

Outro rapazinho seguiu no encalço do primeiro, gritando:

— A Stacy bateu-nos!

— Baratas! — chamou-lhes Stacy. — Merdinhas, é o que vocês são. Parem de espiar os meus amigos ou, da próxima vez, mato-vos. — Pegou no braço de Amy. — Vamos.

E Amy seguiu-a escadas acima até ao quarto dela. Nunca passara pela cabeça de Amy que numa família as pessoas pudessem falar daquela maneira umas com as outras, e a sensação de estranheza desencadeada pela porta amarela aumentou quando entrou no quarto Stacy e esta fechou a porta com estrondo.

— Então, que aconteceu? — perguntou Stacy, à cautela, assim que se sentaram na cama. Era uma cama de casal, que a Amy pareceu enorme, com quatro colunas de madeira escura e lençóis floridos e revoltos.

— Quarto espetacular — comentou Amy, olhando em redor. Ao lado da cama havia uma janela que chegava quase ao chão; do outro lado via-se um aglomerado de árvores que descia a colina até Oyster Creek.

— É porreiro — disse Stacy, com indiferença.

Amy levou a mão ao cabelo e encolheu os ombros, meio envergonhada.

— Oh. Foi a minha mãe. Chateou-se comigo.

Baixou os olhos e acariciou as flores dos lençóis. Temia ter de se explicar, mas Stacy disse apenas, passado um momento:

— Os pais são detestáveis, não são?

Amy levantou a cabeça e Stacy estendeu os braços.

— Adoro-te — declarou Stacy, e Amy, demasiado envergonhada para responder, fechou os olhos por um instante e sentiu o calor e a suavidade do cabelo de Stacy.

*

O Sr. Burrows atrapalhou-se com o projetor durante bastante tempo.

— Isto vai demorar um bocadinho — disse ele à mulher, e quando franziu o sobrolho a testa encheu-se-lhe de rugas. A Sr.^a Burrows, reconhecendo vagamente que um qualquer aspeto da masculinidade dele estava ali em causa (era o tipo de pessoa que gostava de comandar as coisas), foi para a cozinha fazer pipocas e o cheiro do milho não tardou a chegar à sala, onde Amy e Stacy, também algo ansiosas, esperavam sentadas no sofá.

O sofá era de pele castanha, enorme, e se Amy se recostasse era quase como se estivesse deitada. Sentada direita, contudo, devia parecer uma imbecil que nunca tinha sido convidada para a casa de ninguém. Stacy, com a sua barriga rotunda à frente, estava de pernas cruzadas e fulminava os irmãozinhos com o olhar de cada vez que eles entravam na sala.

— Estou-vos a avisar, atrasados mentais — murmurou ela.

Foi preciso algum esforço para que tudo ficasse pronto — Stacy precisava de mais sal nas pipocas, que a Sr.^a Burrows se afadigou a ir buscar; os gémeos tiveram de ser mandados para o piso de cima; as persianas das enormes janelas foram descidas —, mas, por fim, a Sr.^a Burrows acomodou-se no sofá ao lado de Amy e o filme, a preto e branco, começou a rodar, desfocado, ao início. Uma mulher grávida entrava num hospital enquanto um narrador masculino falava sobre o milagre da vida.

Amy não gostava de pipocas. Anos antes, doente com um vírus estomacal, reparara na semelhança entre o gosto do seu vomitado e o das pipocas. Até os arrotos lhe sabiam ao mesmo. E ali estava, sentada naquele oceano de couro com uma tigela de pipocas no colo, a sentir na boca as secreções aquosas que costumavam anteceder os vômitos. Tinha as palmas suadas de pensar que podia vomitar no sofá de pele

dos Burrows.

— Tentem não sujar o sofá com manteiga — alertara-as a Sr.^a Burrows há um momento, entregando um guardanapo a cada uma.

Na tela via-se então um diagrama; uma espécie de girinos avançava na direção de um «ovo», que naquele caso era uma cara sorridente que batia sedutoramente as pestanas.

— Que tal as pipocas? — perguntou a Sr.^a Burrows.

— Estão boas. — Amy corou e enfiou a medo uma pipoca na boca.

— Mais sal?

— Não, obrigada.

Sem mexer a cabeça, Amy tentou observar a sala. O teto era tão alto que bem podia estar numa igreja, e das paredes brancas pendia uma variedade de máscaras entalhadas, algumas com uma expressão feroz e estrangeira. Surpreendeu Amy que as pessoas quisessem aquelas caras nas suas paredes.

A mulher grávida estava então deitada numa cama e a sua barriga agigantava-se impressionantemente sob o lençol; os olhos dela brilhavam de terror, pareceu a Amy, ao passo que o narrador continuava a falar num tom calmo e de entendido acerca da dilatação cervical.

Amy fechou os olhos e rezou para não vomitar. Pensou em narcisos amarelos, campos de narcisos amarelos. Céu azul, relva verde e narcisos amarelos.

— Que nojo! — exclamou Stacy. — Credo.

Amy abriu os olhos. As águas tinham rebentado. Uma cabeça escura e molhada emergia de uma abertura que Amy não imaginava que ficasse no meio das pernas da mulher. A câmara concentrou-se então na cara da grávida: deformada, transpirada, horrível; constrangia Amy muito mais ver a cara daquela mulher do que olhar para o meio das pernas dela, de onde, segundo mostrava a câmara então, emergiam ombros, um corpo, braços e pernas minúsculos, dobrados como os perus embalados que se viam no supermercado.

— Que feio — disse Stacy. — Meu Deus, que bebé tão feio.

— Todos os bebés têm aquele aspeto, no princípio — respondeu a Sr.^a Burrows, alegremente. — Têm de ser lavados. As gatas lambem os seus gatinhos. Lambem o muco e o sangue todo, chama-se as secundinas.

Uma onda de náusea elevou-se da garganta de Amy. Narcisos amarelos, pensou ela. Céu azul. Pousou a tigela de pipocas no chão, junto aos pés.

— Ainda bem que não tenho de lambar o bebé — disse Stacy, e reacomodou-se no sofá, enfiando uma das pernas sob o corpo e um

punhado de pipocas na boca.

— Diz-se que a placenta é altamente proteica... Não é assim, Gerald? — A mãe de Stacy dirigiu a pergunta ao marido, que franzira de novo o sobrolho ao projetor; o filme chegava ao fim, com o bebé nos braços da mãe.

— Proteína. Sim. Tive uma doente que fez uma sopa com a placenta, e comeu-a com o marido e os amigos... Uma espécie de comemoração, imagino. Foi como eles viram a coisa.

Amy pressionou os lábios um contra o outro.

— Que nojo — comentou Stacy. — Isso é uma merda mesmo muito nojenta. Os teus doentes são *mesmo* malucos, pai.

O Sr. Burrows tentava rebobinar o filme sem o rasgar; a película estava sempre a sair da bobina e sentia que toda a gente o observava.

— Stacy — disse ele. — Esse tipo de linguagem tem de acabar. Tens mesmo de parar com isso. E é totalmente inapropriado qualificar como «maluco» uma pessoa que sofre de uma neurose. Já falámos sobre isto.

Stacy olhou para Amy e revirou os olhos.

— Bem — dizia a Sr.^a Burrows —, foi um filme muito interessante. E *muito* útil. Assim, a Stacy já sabe o que pode esperar.

— Espero morrer — respondeu Stacy. — Viste a cara daquela mulher?

— Agradece ao teu pai pelo filme, se faz favor. Não foi fácil trazer o projetor da universidade. — A Sr.^a Burrows sorria quando se levantou. Pegou na tigela de pipocas que Amy pousara no chão e levou-a para a cozinha sem dizer nada por ainda estar cheia, e Amy, aliviada por isso, disse corajosamente:

— Obrigada por me terem convidado.

— De nada. Foi um prazer. — O Sr. Burrows, ainda de sobrolho franzido, com a cabeça inclinada sobre o projetor, respondeu sem olhar para ela. Na verdade, Amy nem sabia bem se ele tinha olhado para ela uma vez que fosse desde que chegara. Parecia-lhe um homem nervoso, com um traseiro largo e plano. Amy recordou-se então do relato que Stacy fizera acerca do «rabo branco, gordo e ridículo» do pai. Amy não sentia a falta de ter pai quando via pais assim.

— Sim, obrigada, pai. — Stacy soava abatida. — Tenho medo — confessou ela, por fim.

Amy, menos nauseada, observou a amiga.

— Vai correr tudo bem — disse para Stacy, sem grande convicção. — Imagino.

— Oh, vai correr tudo às mil maravilhas — garantiu a Sr.^a Burrows, emergindo da casa de banho. — Dão-te uma epidural, querida. Não

vais sentir nada.

— O que é isso? — Stacy parecia confusa.

— Uma injeção na coluna — respondeu o Sr. Burrows, com uma impaciência mal contida. — Acabaram de falar disso no filme.

Amy atravessou o bosque junto ao rio para regressar a casa. O calor era sufocante, húmido, como se estivesse envolta em teias de aranha, nada como o que imaginara, e o que a salvara, sentada no sofá de pele castanha de Stacy. Ali o céu não era azul, não havia erva verde nem narcisos amarelos. As agulhas dos pinheiros tinham um ar estafado, esponjoso, e o céu, o que dele conseguia vislumbrar por entre as copas das árvores, era um manto branco interminável. Sentou-se num velho muro de pedra que parecia erguer-se gradualmente entre as agulhas dos pinheiros, até desaparecer de novo, alguns metros mais à frente.

No bosque havia vários muros como aquele, compostos por pedras cobertas de musgo que se iam desunindo umas das outras e caindo, dando lugar, aqui e ali, ao tronco de uma árvore derrubado por uma tempestade e que entretanto se decompunha, coberto de gavinhas; mais à frente, tornava a vir à tona a fileira de pedras de granito que em tempos fora a raia de uma propriedade e agora era apenas o ténue vestígio de uma altura em que outras pessoas (que não eram nem Amy nem Stacy) ali tinham vivido e em que a vida teria sido tão difícil que suportar as estações do ano ou sobreviver a um parto era um triunfo por si só.

Nada disso passou pela cabeça de Amy. Quando era criança, passeava pelo bosque imaginando índios e colonos brancos que, assustados nas suas casas de madeira, fechavam as venezianas à noite; na altura, despertara-lhe a curiosidade a maneira como as mulheres viviam com as suas saias compridas, sem casas de banho nem água corrente, a maneira como coziam o pão em panelas de ferro. O assunto já não lhe interessava. Queria apenas fumar o seu cigarro para tentar livrar-se do enjoo provocado pelas pipocas, que, entretanto, se transformara num mal-estar do coração. Stacy, com a sua barriga enorme, o sofá de pele, os pais estranhos... Sentia que perdera Stacy.

E também o professor Robertson lhe parecia perdido. Isso, é claro, era o que a fazia sentir-se pior, era uma dor surda que trazia sempre consigo. Para onde fora ele?

Mais tarde, ao atravessar a Main Street, ouviu alguém chamar o seu nome. Amy não estava habituada a ouvir o seu nome em público, e uma vez que o homem que a chamou era bem-parecido, e parecia genuinamente contente por vê-la, tardou um momento a perceber que ele não a confundira com outra pessoa.

Era Paul Bellows. O antigo namorado de Stacy.

Sozinha.

Sentada num cadeirão à beira da janela da sala, Isabelle observava os pardais que pulavam e esvoaçavam junto ao comedouro com movimentos precisos, ágeis e deliberados que eram também resultado do facto de estarem sobressaltados. Portanto, deviam levar uma vida tensa, cogitou Isabelle. Apesar disso, tinham-se uns aos outros. Não ouvira dizer que os pássaros acasalavam para toda a vida? Viu um dos pardais saltar do comedouro para um ramo delgado do espruce; dali a um momento, um outro seguiu-o, e o ramo balouçou ligeiramente sob o peso de ambos. Diz-me com quem andas.

O mesmo sucedia com as pessoas... Montes de pessoas estavam juntas naquele momento. A sua própria filha tinha ido visitar a amiga grávida... (Isabelle fechou os olhos por uns segundos.) As mulheres da igreja: Barbara Rawley, Peg Dunlap. Talvez andassem naquele momento às compras. Do outro lado da cidade, na outra margem do rio, era provável que Bev Gorda estivesse sentada no alpendre de Dottie Brown, partilhando uma gargalhada às custas de Arlene Tucker. Diz-me com quem andas e dir-te-ei quem és. «Porque estou eu sozinha?»

Mas, então, e Avery Clark? Ao pensar nisso, Isabelle reacomodou-se no cadeirão e apoiou o queixo no punho fechado, como se fosse empreender uma longa contemplação. Estaria também Avery Clark sozinho naquele momento? Preferia pensar que sim, mas a verdade é que ele tinha esposa; Isabelle devia levar isso em conta. Talvez Avery andasse a jardinar nas traseiras da casa e Emma se tivesse assomado à janela para lhe dizer que o que andava a fazer não se fazia daquela maneira.

Sim, era naquilo que a mente de Isabelle se queria concentrar. Imaginou Avery no quintal das traseiras, de luvas de jardinagem e um panamá na cabeça. A mondar, porventura, a arrancar ervas daninhas do jardim ornamental (não fazia ideia se ele tinha um desses jardins), depois a juntá-las com o ancinho. Imaginou-o apoiando-se no ancinho

por um momento, para enxugar a testa... Oh, como Isabelle ansiava por pegar-lhe na mão e pressioná-la contra a sua face. Mas ele não a via, não se dava conta de que ela estava ali, e passou ao largo dela para entrar em casa, mergulhada na quietude da tarde: a pesadona mobília da sala de jantar, a escada alcatifada, o sofá apinhado de almofadas na sala de estar. Ia à cozinha servir-se de uma bebida fresca, que depois levaria para a janela, onde ficava a contemplar o jardim.

Sentada no seu cadeirão, Isabelle suspirou profundamente. Surpreendia-a, às vezes, a capacidade que tinha de ficar absorta numa coisa que não estava a acontecer. (E que estava a acontecer? Nada. Encontrava-se, há bastante tempo, sentada num cadeirão, numa casa silenciosa.) Mas, dias antes, no escritório, ele tinha sido tão amável, mostrando a sua preocupação por ela. «Como é que tem aguentado este verão escaldante, Isabelle?» Por isso, permitiu-se continuar a imaginá-lo junto ao parapeito da janela, com a sua bebida fresca, olhando a paisagem para lá do ancinho que deixara encostado ao muro do quintal, e depois abandonaria o copo no lava-louça e subiria as escadas, porque teria de tomar um duche.

As partes íntimas dele, secretas, cálidas e húmidas no cimo das suas pernas. Às vezes, imaginava Avery excitado; naquele momento, contudo, via-as num estado de tranquilidade, húmidas, quentes e pálidas, acomodadas nas cuecas. Amava-o, e comovia-a que ele carregasse aquela parte de si mesmo, privada e íntima.

Que horrível, e irónico, que houvesse alguém no mundo (ela, Isabelle Goodrow) que, se a oportunidade se apresentasse, tocaria de boa vontade e com extraordinária delicadeza e amor nas partes envelhecidas daquele homem já avançado na idade. Por certo que todos os homens ansiavam por ser tocados dessa maneira, com ternura, com amor terno, e de certeza que Emma, uma mulher fria que andava como se tudo lhe cheirasse a estragado e pouco se marimbava para a privacidade das tragédias alheias (coscuvilhando com Peg Dunlap acerca de Amy), não era uma mulher capaz de amar um homem com delicadeza e ternura.

Como ela, Isabelle, faria.

Mas a vida era assim mesmo. Vivemos anos a fio na mesma rua que um homem, trabalhamos diariamente com ele, sentamo-nos atrás dele na igreja, amamo-lo com um amor quase perfeito... e nada. Nada, nada, nada.

Viu um movimento por entre as árvores, uma pessoa que descia a rua. Isabelle viu a rapariga — era Amy — avançar lentamente com a cabeça baixa e depois subir o caminho de gravilha da entrada. Ver

Amy magoou-a. Magoou-a terrivelmente vê-la, mas porquê?

Porque parecia infeliz, com os ombros arqueados daquela maneira, o pescoço inclinado para a frente, caminhando devagar, quase a arrastar os pés. Aquela era a sua filha; e estava assim por culpa de Isabelle. Não fora uma boa mãe, e a jovem desolada que subia o caminho era a prova provada disso. Mas, depois Amy endireitou-se, lançou um olhar desconfiado na direção da casa e Isabelle viu-a transformada, viu-a como uma presença que era preciso levar em conta. Os seus membros eram compridos e equilibrados, os seios sob a *T-shirt* pareciam redondos e harmoniosos, nem pequenos nem grandes, apenas parte de uma simetria agradável; o rosto tinha um ar inteligente e perspicaz. Sentada imóvel no seu cadeirão, Isabelle sentiu-se intimidada.

E zangada. A ira sobreveio com uma arremetida. Foi o corpo da filha que a irou. Não foi o facto de ela ser descortês ou de andar a mentir-lhe há meses, nem tão-pouco odiava Amy por ter ocupado todo o espaço da sua vida. Odiava Amy, porque desfrutara dos prazeres sexuais de um homem, ao passo que ela não.

Foi horrível a maneira como lhe veio à cabeça a memória daquele dia de junho em que Avery, sem a olhar nos olhos, lhe contara que encontrara a filha dela no bosque «meio despida». E corara até à raiz dos cabelos ao acrescentar: «Por completo, da cintura para cima. Mais abaixo, não vi.» (Não era verdade: Avery Clark vira a saia amarfanhada, a extensão pálida da barriga às coxas, o tufo de cabelos; vira que, ao ser descoberta, a rapariga apressara-se a cobrir o meio das pernas, detalhes que Avery remoía com frequência e que não mencionara a Isabelle, nem sequer à sua mulher.) E depois dissera a Isabelle: «O homem aproveitava-se dela ali. Acima da cintura, quero eu dizer.»

Oh, pobre Avery! Tão corado ao balbuciar aquelas palavras.

Mas deixava Isabelle maldisposta; dava-lhe vontade de vomitar. Amy exposta daquela maneira, oferecendo os seios daquela maneira... e a *gostar* daquilo. Não que fosse melhor que ela não tivesse gostado disso, mas não era esse o caso. Isabelle tinha a certeza de que Amy participara ativamente e de bom grado, e isso dava-lhe vontade de chorar.

Não obstante o comentário de Arlene Tucker — feito vários anos atrás com grande autoridade, e Isabelle jamais o esquecera — de que as adolescentes que tinham relações sexuais não retiravam delas prazer porque eram sexualmente imaturas (onde é que Arlene Tucker tinha ido buscar aquela informação, para começo?), Isabelle sabia que não era verdade.

Sabia porque, anos atrás, as carícias de Jake Cunningham lhe tinham provocado sensações desesperadas. Sabia porque, ao longo dos anos, recordara aquelas exatas sensações, o prazer extraordinário que lhe tinham causado. Ao levantar-se do cadeirão, agitada, teve uma revelação fugaz: a de que, desde então, vivera o tempo todo a reprimir continuamente, a conter dentro de si, os arrebatamentos de desejo que sentia; de que desejara, desejara, desejara um homem, ansiara por voltar a sentir aquelas sensações desesperadas.

E havia sido Amy quem as sentira. (Para evitar cruzar-se com a filha, cujos passos se ouviam já no alpendre, Isabelle apressou-se a subir as escadas.) Amy defendera com tamanha veemência aquele homem. Ninguém defenderia uma pessoa assim, se não tivesse reagido com desespero ao toque das suas mãos. E depois as insinuações maldosas que ele fizera acerca de Amy não ser propriamente uma ignorante naquela matéria, ou lá que coisa horrível ele dissera naquele dia, no seu apartamento vazio. Insinuava o quê? Que insinuava ele? Que Amy tinha um talento natural?

Oh, Isabelle odiava-a. (Fechou a porta do quarto e sentou-se na beira da cama.) Não era justo!

Também não era justo ter de ouvir todos os dias aquela conversa do amor livre, jovens que viviam juntos sem se casarem, que mudavam de namorado quando se fartavam, aquelas raparigas *hippies* porcas, sujas, com flores no cabelo. Isabelle lera que em algumas universidades havia médicos que davam a pílula a qualquer rapariga que a quisesse tomar; todas aquelas raparigas que usavam os seus corpos jovens como se fossem meros brinquedos.

Magoava-a.

Magoava-a ver painéis publicitários, anúncios na televisão ou qualquer mensagem que usasse o poder sedutor de mulheres jovens. E parecia que todos usavam. Dir-se-ia que, independentemente do que estivesse a ser publicitado, tudo se resumia a sexo: estava ao alcance de todos.

No piso de baixo, ouviu a porta da cozinha abrir e fechar.

— Mãe?

Isabelle manteve-se onde estava, na beira da cama, a ouvir os passos de Amy pelas escadas acima.

— Mãe?

— Estou a descansar — disse Isabelle, do outro lado da porta fechada. Apercebeu-se de que Amy parou no patamar.

— Não sabia se estavas em casa ou não — disse Amy.

— Estou em casa. — No silêncio que se seguiu, Isabelle percebeu que Amy ainda ali continuava. — Divertiste-te? — perguntou Isabelle,

por fim, na privacidade do seu quarto, com a cara crispada de raiva.

— Sim.

De novo, aquele silêncio no patamar e no quarto de Isabelle; ambas suspensas, à espera. Depois, Amy atravessou o corredor e entrou no seu quarto.

Fazia um calor abrasador ali. Amy fechou a porta e ligou a ventoinha, que apontou à cama, onde se estendeu com uma perna a pender da borda e o pé apoiado no chão. De algum modo, quisera falar com a mãe. Depois da estranheza da casa de Stacy, chegar ao alpendre e ver a mãe... Fora quase um alívio chegar a casa.

Só que não. Nem pensar. A mãe continuava a ser uma pessoa detestável. Mas que esperara ela? Que a mãe a fosse receber à porta e dissesse: «Querida, amo-te, anda cá dar-me um beijo»? Essa não era a sua mãe. Mesmo quando Amy era criança e corria para ela a chorar com um joelho esfolado, Isabelle mandava-a parar de chorar. «Cerra os dentes e aguenta», dizia ela. E a conversa de estar a «descansar» não passava de uma treta, porque, ao chegar, Amy vira-a sentada à janela.

Portanto, era um disparate sentir-se contente por estar em casa. Não se sentia contente por estar em casa. Se bem que, pensar nisso a tenha lembrado de Debby Kay Dorne, a tenha feito interrogar-se de novo por que razão a menina se esfumara de casa naquele dia, por que motivo continuava desaparecida, por que não fora ainda encontrada. O jornal já pouco ou nada falava do caso. Na semana anterior, na televisão, o pivô dissera apenas: «As buscas por Debby Kay Dorne prosseguem», e mais nada. Amy virou-se de barriga para baixo. Era bastante assustador, isso sim.

E só revelava o quanto Isabelle era detestável. *Qualquer* mãe ficaria contente por ter a filha em casa, ficaria feliz por poder sentar-se à conversa com ela, em vez de se escapular escadas acima para «descansar». Mais valia ter ficado mais tempo com Paul Bellows. Ou em casa de Stacy. Exceto que em casa dela se sentira deprimida, sobretudo depois do filme, quando voltaram para o quarto de Stacy e ela lhe mostrou um livro sobre sexo que o novo namorado lhe comprara. Amy não sabia que Stacy tinha um namorado novo, um tipo chamado Joshua que ia começar o último ano do liceu e lhe oferecera aquele livro sobre sexo. Tinha vários desenhos que mostravam maneiras diferentes de fazer amor e isso fez Amy sentir saudades desesperadas do professor Robertson. O tipo do livro também tinha barba, e a mulher com quem ele fazia amor tinha o cabelo liso e comprido. Os desenhos fizeram Amy sentir-se

terrivelmente sozinha. (E sentira também uma curiosidade ansiosa, porque a coisa do professor Robertson devia ser como aquela: com a bossa na ponta e os saquinhos na outra extremidade; e os pelos.) Disse a Stacy que tinha de ir para casa antes que a mãe se zangasse, mas na verdade queria ir-se embora e fumar os seus cigarros no bosque, sentada no muro de pedra, sozinha.

E então cruzara-se com Paul Bellows, o que lhe parecera estranho, porque mal o conhecia, e ele agira como se fossem amigos. Queria saber de Stacy, é claro, visto que os pais dela o tinham impedido de lhe telefonar. Amy não mencionou o novo namorado, disse apenas que Stacy estava bem.

— Ótimo — respondeu Paul, acenando a cabeça. — Porque gosto mesmo dela, sabes?

— Pois — reagiu Amy. — Quero dizer, claro que sim.

Levou Amy a dar um passeio no seu carro novo.

— Que tal te parece? — perguntou ele, com um sorriso. Tinha os olhos grandes e brilhantes, os dentes reluzentes e com a mão enorme acariciava a alavanca das mudanças ao conduzir.

— Ah, é espetacular — respondeu Amy. — É porreiro. — Na verdade, não sabia o que devia dizer acerca de um carro novo. Era um automóvel pequeno, com ar desportivo, azul por fora e cinzento por dentro. — Gosto da cor — acrescentou ela, meio hesitante, e afagou o vinil cinzento do seu banco.

— Ronrona como um gatinho, não é? — disse Paul.

Ela respondeu que sim com a cabeça e reparou que a boca dele era como a de Stacy, com os lábios grossos projetados para fora, as faces macias iluminadas por um brilho interior sombrio, os dentes reluzentes extremamente brancos.

Paul rumou à Route 4 para lhe mostrar que o carro tinha uma grande aceleração, o que evidentemente queria dizer que andava muito depressa, pois ele apontou para o velocímetro, a mostrar que o carro ia a cem quilómetros por hora, depois a cento e vinte e depois a cento e quarenta. Aterrorizada, Amy ficou com a ideia de que era o asfalto preto que se movia do outro lado do pára-brisas, como se o carro estivesse em cima de uma passadeira rolante desgovernada.

— Sim, senhor — elogiou Paul, que sorria para o velocímetro. A agulha tremelicava então sobre o número cento e sessenta. — É uma beleza, este menino. — Desacelerou. — Alguma vez tinhas andado tão depressa?

Amy sacudiu a cabeça.

— Estavas com medo?

Amy fez então que sim.

— Eu não volto a fazê-lo. — Parecia genuinamente arrependido. — Estava-me a exhibir — admitiu ele, e as suas faces ruborizaram-se.

— Não tem importância — respondeu Amy. O alívio que sentia por irem mais devagar soltou-lhe a língua. — É um carro novo e assim. Quando tenho uma coisa nova, também gosto de, tipo, brincar com ela.

Paul olhou de relance para ela quando saiu da autoestrada para regressar à cidade.

— És catita — disse-lhe, simplesmente. — Quero comprar-te qualquer coisa.

— Oh, não te incomodes — disse ela, constrangida. — Não é preciso.

Mas Amy percebeu que ele queria mesmo presenteá-la e, dali a pouco tempo, entraram numa drogaria, onde ele lhe comprou um rímel e um brilho para os lábios. Este último era dos caros.

— Uau! — disse ela. — Obrigada.

De volta ao passeio, olhou constrangidamente em redor, pedindo a Deus que a mãe não aparecesse de repente.

— Vou daqui a pé para casa — anunciou ela. — Faz-me bem esticar as pernas.

Mas Paul parecia feliz, animado.

— Espera um bocadinho — pediu-lhe ele, e entrou na florista, que ficava ao lado da drogaria. Saiu uns minutos depois com um ramo de margaridas embrulhadas num cone de papel. — Para ti — disse ele, com um sorriso de orelha a orelha que deixava à mostra os dentes brancos. — Por teres sido tão simpática com a Stacy. E comigo. És boa pessoa, Amy.

Chegada a esse ponto, Amy sentou-se na cama e aproximou a cara transpirada da ventoinha. Era bom ouvir alguém dizer que éramos boas pessoas. Era muito bom. Não entendia por que razão tudo aquilo a entristecia, porém. Fechou os olhos, com a cara quase colada à ventoinha. O quarto estava quente e cheirava a sôtão; um ténue calafrio percorreu-lhe o couro cabeludo, húmido.

Dirigira-se para a escola e, tendo encontrado a porta das traseiras, junto ao ginásio, aberta, entrara, caminhara pelo corredor silencioso e deixara as margaridas em frente à porta da sala do professor Robertson.

Chegou o mês de agosto. A abóbada pálida do céu, cada dia mais alta, assemelhava-se a uma membrana que inchava com a sua própria exaustão.

Peg Dunlap, uma das mulheres da comissão da igreja e que

organizava a quermesse natalícia e que andava a ter um caso com o pai de Stacy, passou uma dessas tardes de calor no A&P, onde estava mais fresco e onde podia seguir a incauta Sr.^a Burrows enquanto ela empurrava o carrinho das compras corredor acima, outro corredor abaixo. De óculos escuros, Peg Dunlap espreitou sobre o monte das alfaces e viu a mulher do seu amante examinar os frascos de compotas e doces. Não saberia dizer por que razão fazer aquilo lhe causava uma animação tão grande e uma dor tão atroz.

Naquele preciso momento, no último andar de um prédio a alguns quilómetros de distância, Linda Lanier, a professora de Espanhol, estava na cama, nua, com Lenny Mandel; ambos gemiam e transpiravam a cântaros, contorcendo-se nos lençóis; as surpreendentes margaridas encontradas no corredor da escola por Lenny Mandel tremelicavam então numa jarra de vidro ao lado da cama. (A Sr.^a Mandel telefonara para a escola a pedir ao filho que, no regresso a casa, comprasse um frasco de mostarda, mas tinham-lhe dito que ele já tinha saído.)

Do outro lado do rio, no escritório da fábrica, Bev Gorda estava a braços com o estômago, com a digestão. Ultimamente, mal chegava ao trabalho, começava a ter cólicas e enchia-se de gases. Às vezes, quando atravessava cautelosamente o escritório, apertando o esfíncter como se a sua vida dependesse disso, sentia que o baixo-ventre estava prestes a explodir; ao chegar sã e salva a uma das sanitas, constatava, porém, que nada mais tinha para expelir do que uma sonora rajada de vento. Mais nadinha.

Pelo menos, sempre tinha do que falar com Dottie. Porque nem morta ia conversar sobre óvnis.

— Meu Deus — queixou-se ela, ao sentar-se à secretária —, o rebuliço que vai nas minhas tripas.

Dottie Brown levantou a cabeça, com a testa franzida.

— A sério? — perguntou, e Bev percebeu que Dottie não prestara atenção ao que ela acabara de dizer, que qualquer coisa se punha entre Dottie e o resto do mundo; essa distância cintilava nos olhos dela, que não apontavam exatamente a Bev; via-se na ligeira teatralidade com que reagi: «A sério?»

Era cansativo para Bev, como se tivesse nadado atrás de alguém, como se ela mesma tivesse de falar mais alto, mais depressa, com mais entusiasmo, para manter Dottie à tona de água. Ao mesmo tempo que datilografava, Bev observava a amiga pelo canto do olho. A expressão de Dottie era a de alguém que sofria fisicamente; foi o que ocorreu a Bev enquanto datilografava e observava. À memória de Bev veio uma imagem, a de uma tia que morrera de cancro e tinha a mesma

expressão de Dottie, como se qualquer coisa atrás dos olhos estivesse a ser repuxada, ou mordesse uma espécie de freio, ou qualquer coisa assim... Bev ficou alarmada.

— Dottie — começou. Parou de datilografar e olhou para a amiga de olhos semicerrados.

Dottie levantou a cabeça, surpreendida.

— Dottie Brown, estás bem?

O rosto de Dottie espelhou uma certa irritação.

— Porque perguntas?

— Porque pareces diferente — declarou Bev, com sinceridade. — Conheço-te há muito tempo e pareces-me diferente.

— Por amor de Deus — respondeu Dottie, num tom amável. — Se uma nave espacial tivesse aterrado no teu quintal, também parecerias diferente.

Aquilo punha-as em terreno minado; o estômago de Bev contraiu-se. Não acreditava na história do óvni que Dottie contara e achava que o mais certo era que Dottie se tivesse apercebido disso. Quando Dottie se via confrontada com uma descrente (Lenora Snibbens era a pior, e não se continha de declarar a sua incredulidade), os seus olhos enchiam-se de lágrimas indignadas e dizia em voz baixa que ninguém podia compreender nada no mundo até o ter experimentado. «Amém!», respondia Bev Gorda, para apoiar a amiga, e o assunto morria por ali.

— Quero dizer fisicamente — disse Bev, então. — Estás fisicamente bem? Ainda sangras? A costura continua dorida?

— Sensível — respondeu Dottie, e acendeu um cigarro.

— Detesto ver-te a fumar outra vez — acrescentou Bev, que aproveitou para acender um também, e Dottie limitou-se a lançar-lhe um olhar desdenhoso que dizia claramente: quem és tu para falar? — És a minha inspiração — argumentou Bev. — Sempre achei que, chegado o dia, seria capaz de deixar de fumar, porque tu também tinhas sido.

— Pois eu não sirvo de inspiração para ninguém — respondeu Dottie, que pousou o cigarro com cuidado no cinzeiro de vidro e depois levou a ponta do dedo à língua antes de folhear uma pilha de faturas. — Obrigada, mas não, obrigada.

Bev Gorda soprou o fumo e examinou as unhas.

— Como está o Wally? Está a portar-se bem em relação a tudo isto?

— Tudo isto, o quê?

— A tua histerectomia e assim. Diz que alguns homens às vezes reagem mal. Soube de um homem que chorou quando o médico lhe disse que tirara os ovários à mulher dele. Um homenzarrão, foi-se

abaixo e chorou baba e ranho. E nunca mais voltou a ir para a cama com a mulher.

— São umas crianças, todos eles. — Dottie alcançou o cigarro.

— Sim, nisso tens razão.

Devia ganhar coragem e dizer a Dottie que não estava a conseguir acreditar na história do óvni, e que se sentia mal por causa disso. Eram amigas há tempo suficiente para falarem do assunto.

— Ui — disse Bev, e inclinou-se sobre a mesa, na direção de Dottie.

— A minha tripa está de todo. — Empurrou a cadeira para trás e levantou-se. — Desculpa, vou ver se cago esta melancia.

Viu os olhos de Dottie encherem-se de lágrimas e, não fosse temer que a melancia explodisse, ter-se-ia voltado a sentar.

*

— A Stacy já teve o bebé — disse Amy.

Isabelle levantou a cara do prato e olhou para Amy, com uma expressão sincera.

— Ah, já?

Amy respondeu que sim com a cabeça.

— Ah, já? — repetiu Isabelle. — Teve o bebé?

— Sim. Já teve o bebé. A mãe dela ligou. — Amy pôs-se de pé e começou a levantar os pratos.

— Conta-me. — Isabelle, pálida e inoportuna, seguia Amy com o olhar.

— Não há nada para contar — respondeu Amy, com um ligeiro encolhimento dos seus ombros, jovens e desnudos, que brilharam quando se inclinou para a frente. — Teve o bebé. Ponto final.

Era estranho falar com a mãe como ultimamente fazia, com uma insolência, um desprezo, que não ocultava. Até àquele verão, não se teria atrevido a tal.

— Dificilmente é o ponto final — alegou Isabelle. — Longe disso.

Amy não respondeu. Detestava a maneira como a mãe fazia aquele tipo de declarações, aqueles comentários presunçosos, sabichões, que deixava suspensos no ar húmido da cozinha. «Sei uma coisa ou outra que tu não sabes», costumava dizer a mãe, quando Amy era miúda, e depois não dizia mais nada, como se, do alto da sua experiência e sabedoria, achasse que Amy não fosse digna ou merecedora de explicações.

— A Stacy costuma falar disso? — indagou Isabelle, à cautela, enquanto torcia uma parte do guardanapo de papel e olhava de soslaio para Amy, ocupada a levantar a mesa.

— Do quê?

— De dar o bebé.

Amy estacou por uns segundos, sem expressão, como que a dar voltas à cabeça para se recordar-se se Stacy lhe dissera alguma coisa a respeito disso.

— Acho que estava com medo da parte do nascimento — admitiu, empilhando os pratos dentro do lava-louça. — Nunca o disse com as letras todas, mas acho que tinha medo que doesse. A mãe dela disse-me que correu tudo bem. — Amy recordou a mulher que aparecia no filme que o pai de Stacy levava para casa, os seus gemidos de dor. — Dói muito? — perguntou Amy à mãe, com uma sinceridade inusitada, tendo virado as costas ao lava-louça.

— É incómodo, sem dúvida. — Isabelle parou de torcer o guardanapo e relanceou o olhar na direção da janela. A sua expressão, no vislumbre que Amy dela teve antes de se virar de novo, era a de alguém perturbado e extremamente vulnerável; Amy sobressaltou-se, ansiosa: a mãe esforçava-se por não chorar.

Por um momento, não se ouviu nada além do som dos pratos a serem lavados, da água a correr, do chio da torneira a ser fechada, do talher a ser largado no escorredor.

Isabelle falou. Amy, ainda ao lava-louça, percebeu pelo som da voz da mãe que ela continuava a olhar pela janela.

— Então, a Stacy nunca falou do que sentiu por ter dado o bebé para adoção?

— Não. — Amy não se virou. Enxaguou um copo e pô-lo no escorredor. — Mas eu já pensei... — acrescentou Amy, com sinceridade. — Tipo, um dia, quando ela tiver quarenta e cinco anos ou assim, pode muito bem passar por ele na rua sem saber. É muito estranho, digo eu. Mas nunca lhe perguntei o que ela achava disso.

Isabelle não disse nada.

— Acho que não devo perguntar-lhe, entendes? — Com as mãos mergulhadas na água ensaboada, Amy rodou o tronco. A mãe continuava de olhos fixos na janela, com o puxo a começar a desfazer-se e algumas madeixas de cabelo resvalando pelo pescoço comprido e branco.

— Mãe?

— Pois. Acho que fizeste bem em não perguntar. — Isabelle virou-se e fez um sorriso como quem pedia desculpa, pois tinha de facto lágrimas na cara. Enxugou-as à pressa com o guardanapo que ainda tinha nas mãos. — Fizeste muito bem — repetiu. — Não devemos fazer perguntas desnecessárias que possam magoar os outros.

Parecia em vias de recompor-se. Assoou o nariz, levantou-se da mesa e foi deitar o guardanapo no balde do lixo.

— Devias ir visitá-la — sugeriu Isabelle, e levantou o pouco que restava em cima da mesa. — Em que hospital é que ela está?

— Visitá-la ao hospital?

— Sim. Acho que sim. Sinceramente.

— Está em Arundy. Não em Hennecock.

Amy enxaguou outro copo e deu um passo ao lado para a mãe pôr mais talheres no lava-louça.

— Liga para lá e pergunta o horário das visitas — disse Isabelle, num tom diligente, enquanto limpava a bancada com uma esponja. — Eu levo-te lá. E, não te preocupes — acrescentou, como se lesse a mente da filha —, eu não entro contigo. Fico no carro à espera.

— Tens a certeza? — perguntou Amy. — Não te importas?

— Vai lá. — Isabelle apontou as escadas com a cabeça. — Vai mudar de camisa, essa já parece um pouco suja. — (Na verdade, revelava os ombros jovens e cintilantes da filha, de uma maneira que deixava Isabelle ligeiramente desconfortável.) — Eu ligo para o hospital.

Uns minutos depois, quando Amy desceu as escadas com uma blusa lavada e o cabelo penteado — crescera o suficiente para encracolar logo abaixo das orelhas —, encontrou Isabelle na cozinha a revistar os armários.

— As visitas são até às oito — disse Isabelle. — Mas tens de lhe levar qualquer coisa.

— Como o quê? — perguntou Amy. — Não sei o que lhe levar.

— Ah, aqui está. — Isabelle tirou um pequeno cesto do armário. — Vamos colher umas flores do jardim e levá-las aqui.

Trabalharam juntas por uns minutos; ou melhor, Isabelle trabalhou enquanto Amy assistia. Forrou o cesto com folha de alumínio e depois desceu os degraus das traseiras munida de uma pá de jardim, ajoelhou-se num dos canteiros, desenterrou um pequeno pé de cravos-de-defunto e de campainhas, transferiu-os para o cesto e compactou a terra em redor. Trabalhava com um certo fervor e começou a transpirar no lábio superior e no espaço sob os olhos; Amy, ao ver a cara dela, teve de desviar o olhar.

— Assim, duram mais — disse Isabelle, pondo-se de pé e enxugando a cara com as costas da mão — do que se as tivéssemos colhido.

— Além de que fica mais bonito. — Amy contemplou o cesto, impressionada.

— Fica bonito, de facto, não é?

Isabelle examinou o cesto à medida que o rodava lentamente. Voltaram a entrar em casa, e aí Isabelle encontrou uma fita branca com a qual fez um laço na pega do cesto, e depois, com a tesoura

(nem ela nem Amy se lembraram no momento de que aquela era a tesoura que cortara o cabelo de Amy), frisou as extremidades da fita, que ficaram encaracoladas por cima das flores azuis e amarelas.

O hospital era privado, e não era velho. Assemelhava-se mais a um edifício de escritórios discreto e moderno do que a um hospital. Afastado da estrada, tinha apenas dois pisos e uma série de pequenas janelas alinhadas nas paredes de betão. As portas da entrada eram de vidro escurecido e Amy, observando-as ansiosamente através do pára-brisas, achou-as intimidantes. Isabelle estacionara o carro num canto do parque.

— Que faço? — perguntou Amy, com o cesto das flores no colo. Começava a sentir a humidade do cesto na coxa. — Nunca estive num hospital.

— Dizes que vieste visitar a Stacy... qualquer coisa.

— Burrows. Eles deixam entrar crianças?

— Tu já tens dezasseis anos — fez notar Isabelle, e observou a filha, como que a calcular-lhe a idade. — Mas, se alguém perguntar, acho que podes dizer que tens dezoito. Passas por dezoito anos.

Amy olhou de relance para a mãe; não era nada habitual ouvi-la sugerir que mentisse. Começou a abrir a porta, mas hesitou.

— E se, no caso da Stacy, uma vez que teve um bebé e não devia... E se não a deixarem ter visitas?

Isabelle pestanejou.

— Isso seria errado da parte deles — respondeu ela.

— Sim, mas e se não deixarem?

— Dizes que és da família. Mas só se tiver de ser.

— Okay. — Uma vez mais, Amy hesitou. — E que vais tu fazer? Tens alguma coisa para ler?

Isabelle abanou a cabeça.

— Vai lá.

Vendo Amy atravessar o parque de estacionamento (os calções azul-marinho da Sears ficavam bem com aquela blusa branca), Isabelle reconheceu de súbito no andar da filha uma certa vacilação que já em criança era patente. Na agradável simetria das pernas que então se afastavam dela, Isabelle viu o familiar trejeito do pé direito de Amy, que se inclinava ligeiramente para dentro; esta imperfeição no andar, quase impercetível, era, como desde o início, um vestígio de timidez, como se a rapariga carregasse duas palavras delicadas, inaudíveis: «Tenho medo.» Isabelle sentiu um calafrio em resultado da estranheza de ver momentaneamente ambas as imagens ao mesmo tempo: as costas da pessoa adulta com o cesto de flores na mão e a menina de

cabelo encaracolado que subia os degraus da casa de Esther Hatch, segurando nos dedinhos a cabeça de uma boneca de plástico.

Ninguém perguntou nada a Amy. Nos corredores silenciosos, as enfermeiras pareciam indiferentes, sonolentas, e acenavam sem grande empenho a indicar o caminho.

Encontrou Stacy sozinha, recostada na cama com expressão ausente e expectante que se converteu num sorriso espantado ao ver Amy.

— Olá! — exclamou ela. — Oh, meu Deus, estás aqui.

Estendeu os braços como uma criança que pede colo e o cesto das flores quase ficou esmagado no meio das risadas nervosas, beijos e abraços, mas foi salvo no último minuto e chegou inteiro ao colo de Stacy, que o examinou com os olhos a brilhar.

— Amy, que bonito!

As duas raparigas contemplaram o pequeno jardim no colo de Stacy, o vigor dos cravos-de-defunto, a ténue reticência das campainhas, que começavam a pender.

— A minha mãe fê-lo para ti — disse Amy.

— A tua *mãe*?

Amy respondeu que sim com a cabeça.

— Isso é muito estranho.

Amy tornou a acenar com a cabeça.

— Os pais são tão estranhos. — Stacy abanou a cabeça e pousou o cesto na mesa de cabeceira. — Os meus pais foram muito queridos quando entrei em trabalho de parto, e depois esta tarde, quando comecei a entediar-me, porque os atrasados mentais destes médicos nos obrigam a ficar aqui três dias, pedi aos meus pais se podia alugar um televisor e eles recusaram.

— Porquê?

— Sabe-se lá. Olha, ligaram-me as mamas. — Stacy abriu a bata do hospital para mostrar a Amy os seios envoltos em tiras de pano branco. — Dói como a merda.

— Os teus *pais* fizeram-te isso?

— Não, as enfermeiras. Porque o leite vai subir ou lá o que é.

Amy virou-se e contemplou o quarto; achou-o quadrangular, estéril, dececionante. Sentou-se na beira de uma cadeira de vinil azul, encostada a uma parede.

— Não, não. Senta-te aqui — disse Stacy, e deu uma palmadinha no colchão, desviando em seguida as pernas.

Amy levantou-se e fez-lhe a vontade.

— Estás igual — declarou ela, observando a amiga. — Mas parece que continuas grávida. — A barriga redonda de Stacy avultava por

baixo do lençol.

— Pois é. Parece que o útero demora algum tempo a voltar ao normal ou assim. Tenho tido umas cólicas, tipo as do período, que doem como tudo. Há umas horas tive de mijar e trouxeram-me uma arrastadeira. Uma coisa ensanguentada do tamanho de uma toranja saiu de dentro de mim. Pensei que estava a morrer, mas a enfermeira diz que são as secundinas. Imagino que seja o que os gatos comem. Quer dizer, o que eu comeria, se fosse um gato.

Ficaram um momento caladas. E depois Amy disse:

— Bom, ainda bem que não és um gato.

— Podes crer. — Stacy pressionou um botão num comando que fez a cabeceira da cama elevar-se, e ficou quase sentada. — Muito melhor assim — disse ela, e chegou-se mais a Amy, que estava então sentada, ou recostada, na cama, ao lado dela.

— Deixa-me ser eu. — Amy carregou no botão e os troncos de ambas deslocaram-se para baixo. Carregou de novo e voltaram à posição inicial. — Onde estão os teus pais? — perguntou.

— Em casa, imagino. Acho que a minha mãe passou o dia todo a beber. — Stacy contemplou os pés de Amy por cima do lençol. — Foi superquerida e depois adormeceu naquela cadeira. O meu pai teve de a arrastar para casa, e ela ia aos tropeções. Acho que estava com uma grande piela.

Amy carregou no botão e os pés de ambas subiram lentamente.

— Não sabia que a tua mãe bebia. A mãe do professor Robertson bebia.

— Quem é o professor Rob... Ah, sim, aquele profe substituto. A minha mãe bebe em ocasiões especiais.

Amy fez descer os pés da cama e olhou para o teto; era feito de um material que parecia cartão e tinha buraquinhos.

— Já deram a notícia ao Paul?

— A minha mãe. Ele queria vir ao hospital, mas nós dissemos que nem pensar.

— Vi-o no outro dia — contou Amy. — Deu-me boleia no seu carro novo.

Stacy acenou a mão com enfado.

— O Paul — disse. — Não quero pensar no Paul.

— Okay. — Amy continuava de olhos pregados no teto. — Deixei de trabalhar na fábrica. O chefe é um tipo estúpido chamado Avery Clark que me odeia, e por isso disse que já não tinham dinheiro. Havia de o ver, Stacy. É o tipo mais aborrecido do mundo. Olhas para ele e percebes que o tipo só teve relações uma vez ou duas na vida, só para ter um filho.

— Pode ser que te surpreendas — alegou Stacy. — As pessoas são estranhas. As pessoas guardam todo o tipo de segredos que nem nos passam pela cabeça. O meu pai uma vez teve um doente, não foi aqui em Shirley Falls, que era um tipo supernormal, superconvencional. Acho que era dono de um banco ou assim. E ele costumava pagar a prostitutas caras para se despirem e fazerem rebolar um ovo por um corredor abaixo, em direção a ele.

Amy virou a cabeça para Stacy.

— Estranho, hã? — disse Stacy. — Nada de sexo, a única coisa que ele queria era que lhe rebolessem um ovo pelo corredor abaixo. Ouvi o meu pai contar isto à minha mãe, uma noite.

— Pensava que os psicólogos não podiam contar a ninguém o que lhes contavam a eles.

— Tretas — respondeu Stacy. — Nunca confies num psicólogo. Gosto das tuas sandálias. Sempre gostei dessas sandálias.

Olharam ambas para os pés de Amy.

— Sempre as detestei — confessou Amy. — Odeio a minha roupa toda. Como estes calções horrorosos da Sears. Só porque a minha mãe não me deixa usar calções de ganga.

— Roupa — cogitou Stacy. — Daqui a pouco tempo, já vou poder usar roupa normal.

— Detesto a minha mãe — declarou Amy, tomada de repente por uma intensa antipatia pelos calções. — Quer dizer, foi simpático da parte dela fazer-te o cesto de flores, mas é mesmo uma anormal. Detesto-a.

— Sim — concordou Stacy, com despreocupação. — Também detesto a minha mãe. — Virou a cara para Amy. — Sabes uma coisa? — sussurrou ela. — Uma das enfermeiras deixou-me pegar no bebé ao colo. Eu não devia fazê-lo, mas uma das enfermeiras da noite foi buscá-lo ao berçário esta manhã, bem cedo, e deixou-me pegar nele. — Os olhos azuis de Stacy fixaram-se nos de Amy. — É lindo — murmurou Stacy. — Quando saíres, espreita o berçário. Ele está na fila de trás, no canto direito. Foi a enfermeira que me disse. Verás logo qual é, porque tem uma cabeleira enorme, meio ruiva. — Stacy abanou a cabeça. — É mesmo muito bonito.

Regressaram a casa em silêncio.

— Ela está bem — disse Amy, quando entrara no carro, e mais nada depois disso.

Manteve a cara virada para a janela e Isabelle, que abriu a boca uma ou duas vezes para perguntar qualquer coisa, acabou por fechá-la. Anoitecera, entretanto. Passaram por casas, relvados, piscinas

elevadas entrevistas à luz brumosa de candeeiros de rua, faróis de automóveis e das janelas iluminadas das próprias casas.

Onde estaria o professor Robertson?

O carro que seguia à frente delas acendeu o pisca e desviou-se da autoestrada na saída seguinte, com a luzinha intermitente ainda acesa. Depois, por um momento, só viu passar árvores, espruces e pinheiros imersos na escuridão. Sentada em silêncio ao lado da mãe, no meio da vespertina escuridão leitosa, Amy imaginou-se nua a rebolar um ovo ao longo de um corredor assoalhado ao fundo do qual um homem de aspeto normal e fato, como um dos diáconos que passavam o cesto da coleta na missa, se encontrava agachado, com uma expressão de desejo ardente na cara. «Mais um», suplicava-lhe ele, num sussurro, «só mais um», e ela obsequiava-o; fá-lo-ia com esmero, sem pressa, deitando-lhe olhares indiferentes. O cheiro do rio entrou-lhe então no nariz; entravam em Shirley Falls.

— Vi o bebé — contou a Isabelle. — Não devia tê-lo feito, mas a Stacy disse-me onde ele estava, por isso, à saída fui lá espreitá-lo.

Não disse à mãe que ficara em frente ao vidro do berçário a murmurar uma oração, enviando àquele bebé ruivo uma bênção da qual ele jamais teria conhecimento, dizendo-lhe que o vira crescer na barriga da mãe durante a hora de almoço, no sítio habitual, no bosque, e jurando-lhe o seu amor eterno.

Isabelle não disse nada. Chegaram em silêncio a casa.

Avery Clark tirou uma semana de férias. Todos os anos, tirava uma semana em agosto e arrendava a mesma cabana nas montanhas, no lago Nattetuck, onde pescava com os filhos, nadava com Emma junto a um pequeno molhe, assava cachorros-quentes e dormia a sesta numa rede de lona estendida entre dois pinheiros-silvestres. Estes momentos felizes eram registados anualmente numa pilha de fotografias que, com um entusiasmo algo contido, Avery mostrava a Isabelle depois de as ir buscar à hora de almoço à loja do outro lado da rua.

Partia-lhe sempre o coração. De pé, junto à secretária dele, contemplando as fotografias — e segurando-as com cuidado pelas arestas para não deixar dedadas no traseiro de Emma a descer do molhe para uma canoa —, Isabelle diria: «Ah, Avery, eu acho que esta ficou muito bem... esta em que está o Avery», e sorria para um instantâneo que mostrava Avery curvado dentro de um barco a remos, com a sua cana de pesca, a tirar um peixe da água. Uma perca. Acenaria a cabeça enquanto ele contava quanto tempo tinham passado naquele dia à pesca, duas horas inteirinhas, sem que nada tivesse mordido o anzol. «Oh, imagine-se», comentaria ela.

Naquele agosto especialmente quente e horrível, com o fedor do rio estagnado e o céu descorado, a filha que mal falava com ela, e Avery idem aspas («Agente o forte, Isabelle», foi a única coisa que lhe ocorreu dizer ao ir-se embora, na sexta-feira), Isabelle interrogou-se se naquele ano ele ia mostrar-lhe fotografias do lago, quando voltasse das férias. Sabia, porque ouvira Bev perguntar-lho, que os filhos iam juntar-se a ele uma vez mais, muito embora já tivessem os dois acabado a universidade.

— Ah, sim — respondera ele. — Imagino que, um dia, tenhamos os netos lá connosco. As férias no lago Nattetuck são uma tradição familiar.

— Ah, que bom — respondera Bev, e acenara indolentemente a cabeça. Isabelle invejou-lhe a indiferença.

Para ela houvera apenas o animado: «Agente o forte, Isabelle.» Se

bem que tenha entrevisto no olhar dele a fugaz consciência de que não era uma tarefa fácil, já que, naqueles dias, o escritório era um formigueiro de questiúnculas antigas e novas com as quais se formavam e desfaziam alianças. Rosie Tanguay e Lenora Snibbens, que não se falavam há mais de um ano, porque Lenora relatara para quem a quisesse ouvir um sonho que tivera no qual Rosie fizera um *striptease* na estação dos correios (a verdadeira ofensa para Rosie não fora tanto o relato, mas a grande hilaridade exibida por Lenora), deram, no início do verão, sinais de querer fazer as pazes, tendo concordado um dia, num tom cordial, que o calor as deixava ensonadas. Com a chegada do óvni de Dottie Brown, porém, a velha animosidade ressuscitara.

E não era apenas Rosie que Lenora parecia pronta a defrontar. Fosse lá por que fosse, Lenora não tolerava nem a ideia de um óvni na cidade nem qualquer pessoa que decidisse acreditar que tal coisa podia existir. Se, no refeitório, alguma mulher calhasse a olhar em redor com um ar cansado e a dizer simplesmente: «Onde é que pus a minha *Pepsi*?», Lenora via-se na obrigação de responder sarcasticamente: «Se calhar, foi levada por um extraterrestre.»

Muito embora nem Bev Gorda nem Isabelle se sentissem inclinadas a acreditar na história de Dottie, ambas se tinham arregimentado do «lado de Dottie». E apoquentava-as que Lenora Snibbens não parasse de perturbar a calma.

— Mas ela não podia calar a boca? — murmurou Bev a Isabelle, um dia, quando iam a sair juntas do refeitório.

Num silêncio momentâneo que se abatera sobre o sufocante refeitório, Lenora dissera, sem tão-pouco levantar os olhos:

— Viste mais naves espaciais, Dottie?

Uma crueldade; não havia como negá-lo. E desnecessária. Uma coisa assim seria de esperar de Arlene, que, achavam algumas, ocultava, sob as sobranceiras desenhadas, uma veia maldosa; mas Lenora era, de um modo geral, simpática, faladora, dentuças, e a sua insistência em repisar aquele assunto constituía uma surpresa.

Dottie Brown corou, depois franziu a cara e desatou a chorar.

— Oh, vá lá, Dottie. Por amor de Deus. — Lenora tamborilou com impaciência o tampo de linóleo da mesa. O mais certo era que Lenora não esperasse aquela reação, contudo, no meio do seu desconforto, acrescentou lamentavelmente: — Vá lá, Dottie. Confessa.

Dottie empurrou a cadeira para trás e abandonou o refeitório. Havia sido nesse momento que Bev Gorda, no encalço da amiga, murmurara em voz alta a Isabelle, apontando para Lenora com a cabeça:

— Mas ela não podia calar a boca?

E era verdade. Lenora devia calar a boca. Se Dottie Brown ou, para o efeito, qualquer uma delas quisesse chegar ao trabalho e dizer que acabara de ver uma dúzia de cangurus brancos a atravessarem a ponte, era lá com elas. Podia achar-se que estavam malucas, mas uma pessoa decente manteria a boca calada.

Isabelle acomodou-se à sua mesa, no escritório.

— Concordo, Bev. Cem por cento.

Bev rumou à casa de banho para ver da amiga e Isabelle começou a datilografar uma carta, dando vários erros. Sentia uma espécie de pânico na zona do peito, como se fosse uma professora substituta cuja turma se amotinara de repente e o diretor da escola estivesse ausente. E se aquelas mulheres se passassem do juízo? (E porque não o haviam de fazer, pensou Isabelle, com a mão a tremer um pouco; estava um calor tão grande, tão grande.) E se perdessem a cabeça e Avery, à volta, encontrasse o escritório de cabeça para baixo? «Aguenta o forte, Isabelle.»

Não era responsabilidade sua, por amor de Deus! Avery era pago para manter a ordem no escritório; ela, não. Isabelle arrancou a folha da máquina de escrever e recomeçou a carta.

Entretanto, na casa de banho, o impensável acontecia: Lenora Snibbens, tendo seguido Dottie Brown com o projeto de um vago pedido de desculpas na cabeça, ficara chocada quando Dottie deu as costas ao lavatório e lhe espetou uma palmada no braço. O golpe foi bastante inaudível, pois Dottie usara o dorso da mão, mas Lenora reagira com um guincho e recuara, tendo em seguida, de repente, dado um passo em frente e cuspidado na cara de Dottie. Não foi uma grande cuspidela. Lenora ficara demasiado aturdida para juntar uma quantidade apreciável de saliva, mas o gesto foi claro, e algumas gotas voaram até às faces de Dottie que, esfregando-as de imediato e com grande vigor, soluçou:

— Porca borbulhenta e asquerosa!

Esta referência à sua desgraciosa tez fez Lenora cuspir de novo, porém, no seu afã, só conseguiu apertar ferozmente os lábios e produzir um *pft* infantil.

Bev Gorda, junto ao lavatório a testemunhar tudo aquilo com horror, interpôs-se e berrou com um tom que não usava desde a adolescência das filhas:

— Parem já as duas com isso!

Momentos depois, Bev Gorda inclinou-se sobre a secretária de Isabelle para a informar de que ia levar Dottie a casa e que ela mesma talvez já não voltasse ao escritório naquela tarde.

— Claro — respondeu Isabelle, alarmada, sem ideia do que precipitara tais medidas. — É claro, Bev.

Lenora Snibbens regressou à sua mesa e sentou-se com os olhos cheios de lágrimas, recusando-se a falar. O escritório mergulhou no silêncio. Ouvia-se apenas o zunido das ventoinhas nas janelas, se bem que até esse som parecesse abafado, como se as próprias ventoinhas se tivessem tornado cautelosas e circunspetas. Ocasionalmente, uma cadeira chiava, a gaveta de armário arquivador era fechada. Por duas vezes, Lenora assoou o nariz.

Ao levantar os olhos, Isabelle viu Bev no corredor a fazer-lhe sinais. Tirou a carteira da gaveta e dirigiu-se para o corredor, como se tencionasse simplesmente ir à casa de banho. O carro de Bev não queria pegar. Ela achava que estava relacionado com o calor, por estar o dia todo à torreira do sol no parque de estacionamento. De um modo geral, tentava estacionar na esquina, à sombra de uma árvore, mas naquele dia o lugar estava ocupado. Nada daquilo importaria, disse ela a Isabelle (e com uma das suas mãos roliças limpou o bigode transpirado), não fosse ter Dottie ali no carro, a precisar de ir para casa. Na sua opinião, Dottie estava a ter um esgotamento, mas a única coisa a fazer de momento era levá-la para casa. Quando dissera a Dottie que ligaria para o trabalho de Wally...

Isabelle levantou a mão.

— Anda — decidiu ela. — Eu levo-vos.

O calor fazia o asfalto reverberar quando saíram do parque de estacionamento. Dottie ia sentada ao lado de Isabelle, dócil e inexpressiva. Bev Gorda seguia no banco de trás, com as pernas esticadas e a mão de fora do vidro a segurar um cigarro. Isabelle conduzia constrangida, como se todos os aspetos da sua condução estivessem a ser julgados. Vieram-lhe à memória as poucas ocasiões, na infância de Amy, em que se oferecera para ser a motorista por ocasião de alguma excursão escolar; tão inibida que se sentira atrás do volante, a conduzir uma carrinha cheia de miúdos cansados e truculentos.

— Agredi-a — disse Dottie, apática, com a cara meio virada para Isabelle.

— Hã? — Isabelle acionou o pisca. O carro atrás seguia demasiado colado ao seu e Isabelle detestava isso.

— Agredi a Lenora. Na casa de banho. A Bev contou-te?

— Não. Céus. — Isabelle olhou pelo espelho retrovisor; Bev cruzou o olhar com ela e fez uma expressão lacónica de derrota. — A sério? Agrediste-a? — Isabelle rodou a cabeça para Dottie, que anuiu.

— Dei-lhe uma palmada no braço. — Dottie imitou o gesto no seu próprio braço e depois revistou a mala em busca de um cigarro.

— Pois. — Isabelle refletiu no assunto enquanto virava à direita num sinal de stop. — Uma pessoa, às vezes, chega ao seu limite — disse, com generosidade e inesperadamente.

— E, em resposta, a Lenora cuspiu-lhe — revelou Bev Gorda, desde o banco traseiro, como que encorajada pela atitude tolerante de Isabelle.

— Oh, meu Deus.

— Não podemos censurá-la — argumentou Dottie, às tantas. — Eu bati-lhe.

— Mas é diferente — contra-argumentou Isabelle, ainda nervosa em relação à sua condução, sobretudo porque a ideia de mulheres adultas a agredirem-se e a cuspirem-se a deixara algo trémula. («Santo Deus», pensou.) — Agredir alguém parece-me ligeiramente diferente. É claro que não está bem — tratou Isabelle de acrescentar, e a imagem de conduzir crianças veio-lhe de novo à mente quando virou para a estrada que as levaria a casa de Dottie. — Mas ao menos... — hesitou, em busca das palavras. — Ao menos é asseado. Já *cuspir*. Santo Deus.

— A Dottie chamou-lhe borbulhenta e asquerosa — relatou Bev, no banco traseiro, e Dottie, sem olhar para Isabelle, acenou que sim sorumbaticamente com a cabeça, a confirmá-lo.

— «Porca borbulhenta e asquerosa» — citou Dottie, como que para que constasse. Deu uma passa longa no cigarro.

— Oh, meu Deus — comentou Isabelle. — Caramba. — Avançava com cuidado pela apertada estrada rural. — Caramba — repetiu.

— Na próxima, à esquerda — indicou Dottie.

O caminho era comprido e sinuoso, descendo até ao rio. Era um lugar bonito, com os campos ao redor e as pequenas matas de bordos junto à casa, que, segundo Isabelle ouvira dizer, era uma herança de família. Dottie não poderia dar-se ao luxo de comprar uma casa assim. Ao parar junto à entrada, Isabelle reparou que a casa precisava de obras. De um dos lados, a balaustrada do alpendre estava a cair, e a tinta cinzenta começara a pelar muito antes daquele verão. Estes detalhes perturbaram Isabelle, como perturbou a presença de uma carrinha enferrujada que, rodeada de mato na zona traseira da casa, parecia imobilizada há anos.

— Vamos só ficar sentadas um momento — disse Dottie, que lançou um olhar tímido e suplicante a Isabelle.

— Claro — respondeu Isabelle. Desligou o motor.

Ficaram sentadas em silêncio, naquele calor tórrido e incolor. O rosto de Dottie começou a perlar-se de suor, e Isabelle, olhando para

ela à cautela, disse, de repente:

— Emagreceste, Dottie.

Reconhecia o seu próprio corpo, ao dizer aquilo, a maneira como o braço parecia quase não encher a manga da blusa; Isabelle apercebera-se recentemente do mesmo, ao ver-se refletida na montra do A&P.

Indiferente, Dottie concordou com um aceno de cabeça.

— Pensava que as pessoas ganhavam peso depois de uma histerectomia — referiu Bev, dos confins do banco traseiro. — Quando foi esterilizada, a *Chippie* inchou como uma bola.

Dottie apoiou a cabeça no encosto do banco, como se estivesse na cadeira do dentista.

— Fui esterilizada — disse ela. — Oh, meu Deus. — Começou a embalar a cabeça para um lado e para o outro.

— Oh, Dottie. Desculpa. — Bev lançou o cigarro pela janela e inclinou-se para tocar no ombro da amiga. — Merda, os disparates que as pessoas dizem. — E, depois, a Isabelle: — Desculpa o palavrão.

Isabelle sacudiu a cabeça e franziu ligeiramente os lábios, como quem dizia: «Essa agora, Bev... Por amor de Deus, usa as palavras que quiseses.» (Se bem que, na verdade, por algum motivo, não apreciasse nem um pouco a palavra «merda».)

Mas Dottie chorava.

— Não tem importância, a sério — disse ela, com as lágrimas a correrem junto à cana do nariz. — A sério que não me ofendo.

— Oh, bolas, estava capaz de me esbofetear — lamentou-se Bev, genuinamente aborrecida por ter usado a palavra «esterilizar»; encheu-se de suor na cara e no pescoço e encostou-se no banco, afastando a blusa do corpo. — Dottie Brown, tu precisavas daquela operação. Não podias viver o resto da vida a sangrar daquela maneira todos os meses. O quisto que tinhas era do tamanho de uma meloa.

Dottie continuava a abanar a cabeça contra o assento.

— Não é isso — disse ela. — É mais do que isso.

Bev e Isabelle entreolharam-se, depois contemplaram a paisagem, examinaram as unhas e, por fim, deitaram novo olhar a Dottie; esperaram pacientemente. Bev, já a suar em bica, não se atrevia a abrir a porta do carro, não se atrevia a interferir com o que fosse que Dottie pudesse ter para dizer, mas sentia as pernas encharcadas dentro das calças e suspeitava que, quando se apeasse do carro, ia parecer que fizera chichi nas cuecas.

— Pode ter sido um sonho — disse Dottie, finalmente. — Não sei se o vi. Tinha acabado de ler que perto de Hennecock uma pessoa vira um óvni, e depois deixei-me dormir. Na cama de rede, naquele dia. Pode ter sido um sonho.

Bev inclinou-se de novo para a frente.

— Não faz mal — disse ela. — Os sonhos às vezes parecem muito reais. — Foi um alívio enorme ouvir Dottie fazer aquela confissão, mas Isabelle, que do banco do condutor conseguia ver melhor a cara de Dottie, teve um mau pressentimento.

— Está tudo bem — afirmou Bev Gorda, com sinceridade, sem parar de dar palmadinhas no ombro da amiga.

Dottie fechou os olhos. Isabelle achou-lhe as pálpebras demasiado desnudas, como se aqueles véus delicados fossem uma parte íntima do rosto de Dottie.

— Nada está bem — disse ela.

— Vai passar — garantiu Bev. — Toda a gente anda rabugenta por causa do calor. Mais umas semanas e já ninguém se lembra do assunto. Elas logo encontrarão outra coisa de que falar, lá no escritório...

Isabelle levantou a mão e abanou a cabeça para calar Bev. Dottie continuava de olhos fechados; embalava o corpo lentamente, para um lado e para o outro. Isabelle trocou um olhar alarmado com Bev; depois inclinou-se e pousou a mão no pulso magro de Dottie.

— Dottie, que foi? — indagou Isabelle, num sussurro.

Dottie abriu os olhos e olhou para Isabelle. Abriu a boca e tornou a fechá-la; tinha duas gotas brancas e pastosas de saliva nos lábios. Uma vez mais, Dottie abriu a boca e, uma vez mais, fechou-a, e abanou a cabeça de novo. Isabelle fez deslizar a mão lentamente pelo braço de Dottie, para cima e para baixo.

— Está tudo bem, Dottie — sussurrou Isabelle. — Não estás sozinha. Estamos aqui contigo. — Disse-o porque aquele era o seu maior receio, o de se ver sozinha na dor; no entanto, não saberia dizer o que a levava a dizer aquilo, por que motivo depois de anos de uma relação cortês, mas distante, com Dottie, sucumbira agora a semelhante intimidade, acariciando o braço daquela pobre mulher dentro de um carro que era um verdadeiro forno durante uma tarde de expediente. Mas as palavras parecem ter surtido um qualquer efeito; um nó desfez-se e Dottie desatou a chorar baixinho e, assentiu com a cabeça, em vez de a sacudir. Passado um momento, enxugou as faces com a mão, como uma criança.

— Alguma de vocês tem um papel? — pediu ela. — Papel e caneta?

Bev e Isabelle revistaram de imediato as malas e, dali a pouco, Dottie segurava na mão húmida uma esferográfica, um envelope velho e um lenço de papel.

Enquanto Dottie escrevia, Isabelle trocou um olhar furtivo com Bev, que acenou ligeiramente a cabeça para indicar que aquilo era bom;

aquela angústia terrível, aquelas dores de parto, iam finalmente dar à luz... o quê?

Dottie parou de escrever, acendeu um cigarro e estendeu o envelope a Isabelle, que não queria usurpar o lugar de Bev como «verdadeira» amiga e, por isso, o segurou de maneira que Bev conseguisse ler também. Foi uma leitura rápida.

Bev ficou aturdida e gelada, apesar de transpirada da cabeça aos pés. Isabelle, com o coração a bater muito depressa, dobrou o envelope em dois, e depois outra vez, como que para ocultar as palavras ofensivas. Bev desmanchou-se em lágrimas.

— Odeio-o — disse ela, baixinho. — Desculpa, Dottie, mas odeio-o.

Dottie rodou o tronco para olhar para Bev.

— Desculpa — repetiu Bev, ao ver que Dottie olhava para ela. — É teu marido e conheço-o há anos, e tu és a minha melhor amiga, e por isso não tenho o direito de o dizer, não é assunto meu, mas vou dizê-lo outra vez. Odeio-o.

— Não faz mal — respondeu Dottie. — Eu também. — Virou-se de novo para a frente. — Só que não.

Isabelle manteve-se em silêncio, de olhos fixos no tabliê, no botão do rádio. Sabia que Dottie tinha três filhos. Deviam ter vinte e poucos anos e já não moravam em casa dos pais. Um deles, recordou então, fora viver para Boston e planeava casar-se. Através do pára-brisas, Isabelle contemplou a casa à sua frente e imaginou Dottie, anos atrás, uma jovem mãe, uma casa buliçosa e barulhenta, as manhãs de Natal com eles os cinco (não, seis, pelo menos, porque Bea Brown estaria muitas vezes presente), e Dottie sempre de um lado para o outro, com tanto que fazer.

— É a tua vida inteira — disse Isabelle a Dottie.

Dottie olhou-a com tristeza e nos seus olhos azuis e húmidos parecia brilhar uma lucidez extraordinária.

— Pois é — confirmou ela.

— E enquanto estavas no hospital — referiu Bev, aturdida, em voz baixa. — Oh, Dottie. Que horror.

— Sim. — A voz de Dottie soava vaga e transcendental; se bem que talvez fosse por fadiga.

Bev sentia-se maldisposta.

— Vamos para dentro — decidiu ela, e abriu a porta. (Finalmente.)

— Aqui sentadas com este calor, ainda morremos. — Falava a sério; estava muito consciente de determinados factos relacionados com a sua saúde: era gorda e fumava; não fazia exercício; já não era propriamente jovem e acabara de sofrer um choque sob aquele calor terrível. Não seria uma grande surpresa para o universo se tombasse

para o lado e morresse naquele momento, e se isso acontecesse, pensou com amargura, apeando-se com esforço e vendo pontinhos negros à frente dos olhos (tinha mesmo as calças molhadas) culparia Wally Brown inteiramente e sem margem para dúvida.

Oh, sentia-se mal.

— Não me importo de morrer — afirmou Dottie, com o mesmo tom transcendental, ainda sentada no carro.

— Eu sei. — Bev abriu a porta a Dottie e agarrou-lhe o braço. — Mas mais tarde podes importar-te. E além disso... — Bev começou a chorar outra vez ao aperceber-se da leveza do corpo de Dottie, da magreza surpreendente do seu braço, ao ver os olhos azuis raiados de sangue daquela mulher que conhecia há tanto tempo, e, de repente, foi a morte de Dottie que lhe pareceu real e iminente e possível, não a sua. — Eu morreria de saudades tuas — completou Bev. — A vida sem ti seria uma merda, Dottie Brown.

Isabelle sentia-se constrangida. Não fazia ideia se devia entrar também ou se, como era mais provável, Bev tomaria conta da situação a partir daquele momento. No entanto, parecia-lhe indelicado ir-se simplesmente embora depois de ter testemunhado uma coisa tão pessoal.

— Isabelle — disse Dottie, já fora do carro, de pé ao lado de Bev Gorda e inclinada na direção do vidro aberto de Isabelle —, entra. Tinha gosto que entrasses.

A voz de Bev sobrepôs-se à de Dottie.

— Sim, Isabelle. Entra também, com certeza.

A cozinha desconcertou-a; as primeiras reações de Isabelle foram de perplexidade. Por um lado, a divisão era encantadora: por cima do lava-louça a janela ampla mostrava campos pálidos, à distância, e, mais perto, uma fila de gerânios no parapeito da janela. A coleção de canecas pintadas à mão disposta numa prateleira, bem como a cadeira de balouço junto a uma estante atravancada sobre a qual pendiam as gavinhas compridas de um filodendro tinham um ar familiar e acolhedor. O gato cinzento que dormia na cadeira de balouço encaixava-se na perfeição naquele quadro, porém, Isabelle não pôde deixar de se sentir incomodada. É que a divisão cheirava-lhe a gato e, de facto, lá estava a caixa de areia, na qual, com uma rápida vista de olhos, identificou montinhos castanhos sobre a espécie de gravilha; como podia alguém *viver* com uma coisa assim na cozinha? Quase tão inquietante foi ver que havia buracos no estuque das paredes. E o papel de parede estava rasgado em alguns sítios. Por certo que estavam a renovar a cozinha, pensou Isabelle, olhando discretamente em redor, se bem que nem Dottie nem Bev tivessem mencionado isso.

Dottie dirigira-se de imediato para a cadeira de balouço, correria com o gato e sentara-se com uma espécie de finalidade, acendendo de imediato um cigarro e lançando o fósforo para um dos vasos de gerânios.

— Há chá gelado no frigorífico — murmurou ela, e fechou os olhos quando soprou o fumo.

Bev Gorda, que ali estava claramente em casa (e Isabelle invejou isso, uma amizade tão íntima que nos permitia andar pela cozinha de outrem como se fosse a nossa), serviu um copo de chá gelado e estendeu-o a Dottie.

— Bebe — ordenou. — Bebe líquidos, Dot. Mantém-te hidratada.

Dottie abriu os olhos e aceitou o copo com lassidão.

— Ele diz-me que pense em todas as coisas boas que passámos juntos. — Dottie parecia confundida. — Mas ele não entende. Agora não há coisas boas. Não há *boas memórias*.

— É claro — disse Bev, e entregou um copo de chá gelado a Isabelle, interrompendo-se momentaneamente para advertir Isabelle, com uma breve expressão autoritária, de que também devia beber fluidos. — Está-se mesmo a ver. É claro. Típico de um homem, não entender. Uns atrasados mentais, é o que eles são.

Isabelle sorveu o seu chá. (Precisava de açúcar, mas jamais se atreveria a pedir.) Ao fim de um momento, disse:

— Entendo que isso destrua as tuas memórias todas.

E entendia, de facto. Sem esforço nenhum. Deus era testemunha de que sabia o que era ter a vida toda virada de pernas para o ar, tal como acontecia com a de Dottie naquele momento, praticamente à frente dos seus olhos. Era a isso que Isabelle se referia, na verdade, quando, no carro, dissera a Dottie: «É a tua vida inteira.» E por isso os olhos azuis de Dottie haviam cintilado com tamanha lucidez por um momento, por ser verdade. Uma vida inteira com aquele homem, cada ano um novo tijolo... para construir o quê?

— Deves estar arrasada — murmurou Isabelle, e Dottie olhou para ela com uma gratidão sincera, mas Isabelle pensava já noutra coisa, imaginava algo que nunca lhe ocorrera, na verdade: uma mulher, uma mãe, numa cozinha, na Califórnia, num dia quente de verão, planeando o fim de semana, talvez, a fazer um bolo para o marido, vivendo a vida normal que há anos vivia, e então o telefone tocava e toda a sua vida desmoronava.

Isabelle levou a mão à boca, a cara encheu-se-lhe de suor, e o mesmo aconteceu às axilas. Contemplou Dottie, atordoada na cadeira de balouço, e teve a nítida sensação de presenciar um desastre, uma casa em ruínas, como que sacudida por um tremor de terra.

Mas não se tratava de um tremor de terra, não era nenhum «ato divino». Não, não se podia culpar Deus por aquelas coisas. Eram as pessoas, as pessoas comuns, que faziam aquilo umas às outras. As pessoas estragavam a vida aos outros. As pessoas decidiam simplesmente que queriam uma coisa e pronto, ficavam com ela, como a tal Althea que trabalhava na Pneus Acme quisera Wally Brown e, pronto, deitara-lhe a mão.

Isabelle descruzou as pernas tão depressa que a cadeira ao seu lado quase tombou, e teve de se inclinar para a agarrar, amparando-a com ambas as mãos e lançando a ambas as mulheres um olhar com o qual lhes pedia desculpa. Althea tinha vinte e oito anos, recordou Isabelle, era uma mulher adulta, com idade suficiente para saber os danos que as suas ações podiam causar. Não faria isso diferença?

— O Wally e eu éramos amigos — dizia Dottie, perplexa. — Eu disse-lhe isso. Disse: Wally, sei que tivemos as nossas diferenças ao longo dos anos, mas sempre achei que éramos amigos.

— E que disse ele? — quis saber Bev. Bebia uma cerveja, diretamente da lata. Inclinou a cabeça para trás, deu mais um trago e pousou a lata na mesa, virando-a lentamente com a mão.

— Ele disse que eu tinha razão, que *éramos* amigos. — Nesse momento, Dottie lançou um olhar suplicante a Isabelle e a Bev. — Mas os amigos não fazem estas coisas uns aos outros.

— Pois não — disse Bev.

— Pois não — repetiu Isabelle, em voz mais baixa.

— Portanto, não éramos amigos.

— Não sei — respondeu Isabelle. — Já não sei nada.

— Eu também já não sei nada — confirmou Dottie.

Pois então são ambas umas palermas, teve Bev vontade de dizer. Porque não há aqui mistério nenhum. Alguns homens, e algumas mulheres (e imaginou Althea com um ar macilento, alta), são simplesmente uns pedaços de merda. Bev não disse isso; acabou a cerveja e acendeu um cigarro.

Ainda fazia calor, e nada tinha cor, ou, pelo menos, não tinha a cor que devia ter. A virgáurea que crescia na beira das estradas tinha um ar sujo e pendido, as flores, em vez de douradas, eram de um laranja esmaecido e baço. As margaridas-amarelas que sarapintavam os campos pareciam acometidas por um mal qualquer que impedira as pétalas de crescerem como habitualmente ou, em alguns casos, de abrirem sequer, deixando apenas um olho castanho no cimo de um caule peludo. As bancas que vendiam legumes na beira da estrada competiam umas com as outras anunciando: «Temos milho!!!» em letreiros pintados à mão, mas as maçarocas empilhadas nos cestos tinham o tamanho de cabeças de alho, e os clientes que, esperançosos, paravam para as comprar, acariciavam as maçarocas mirradas, preocupados. Havia qualquer coisa vagamente obscena e inquietante na incapacidade daquelas maçarocas, embrulhadas nas suas folhas verde-pálidas, de se desenvolverem. As pessoas compravam-nas ou não; as mulheres dos agricultores comentavam ou não; a vida ia continuar ou não; por aquela altura, as pessoas já estavam fartas daquilo. Fartas e cheias de calor.

Mas às vezes, com os vidros todos abertos, era possível sentir a brisa nos bancos da frente do carro novo de Paul Bellows, que acelerava por estradas secundárias e estreitas, flanqueadas de ambos os lados por espruces e pinheiros; então, o aroma fresco, húmido e acre a terra e a agulhas de pinheiro fazia Amy estremecer por dentro. Era no professor Robertson que pensava, é claro.

Mas o que a impressionava em Paul era a liberdade que ele a fazia sentir, a maneira como conduzia, sem fazer planos. E era amável com ela.

— Gostas de dónutes? — perguntou-lhe ele, um dia.

— Adoro dónutes — respondeu Amy.

Os sorrisos dele pareciam genuínos, quase infantis, e sempre um pouco a destempo, como que um segundo desfasados. O mesmo se podia dizer de quase todas as suas reações — um pequeno hiato, uma

pausa minúscula — e era isso que impedia a intimidade. O que havia entre eles era um acordo, o reconhecimento tácito de que cada um tinha outra pessoa em mente.

Numa loja de dónutes, junto à rotunda nos arrabaldes da cidade, Paul fumava *Marlboros*, bebia café e, com o seu sorriso caloroso e desfasado, observava Amy terminar o seu segundo dónute. Como os *Marlboros* eram demasiado fortes para ela (estremecia quando inalava), ele comprou-lhe um maço dos que ela costumava fumar no bosque com Stacy, e disse que ela podia guardá-lo no porta-luvas, porque Amy receava que a mãe lhos encontrasse em casa.

— Eu pago-to — disse ela.

— Não te preocupes com isso.

Paul tocou-lhe ao de leve nas costas quando atravessaram o parque de estacionamento.

Assim que se sentara, enfiou a chave na ignição e, inclinando-se para a frente, tirou uma caixa de debaixo do banco, uma daquelas caixas de charutos com uma tampa articulada.

— Olha para isto — disse, e Amy inclinou-se para ele. Era uma coleção de moedas estrangeiras e joias, mas o que lhe chamou a atenção em especial foi um par de brincos de mulher com pendentes de ouro, pérolas e pedras verde-pálidas engastadas, e no fundo do pendente, a rematar, uma pedrinha encarnada, de maneira que os brincos mais pareciam um par de requintados pontos de exclamação.

— Esses são lindíssimos — disse Amy, e tirou-os da caixa para os observar melhor.

— Quere-los? — perguntou Paul. — Fica com eles.

Amy abanou a cabeça e devolveu os brincos à caixa.

— Onde é que arranjaste tudo isso?

Pela falta de resposta e pelo sorriso acanhado, fitando a caixa, Amy supôs que era tudo roubado.

— Sabes alguma coisa sobre moedas antigas? — indagou ele, e mostrou-lhe uma delas. — Ou lá o que isto é.

Ela pegou na moeda para não ser indelicada e observou-a de um lado e de outro.

— Não, não sei nada sobre este tipo de coisas.

Ele pegou outra vez na moeda, olhou-a com indiferença e pô-la na caixa.

— Estava a pensar vendê-las, mas quem é que compra estas merdas?

— Só se as lewares a Boston — sugeriu Amy. — Talvez haja lá algum sítio.

Paul contemplou a caixa pousada no colo. Tinha um ar fatigado, como se o conteúdo da caixa fosse pesado.

— Tens a certeza de que não queres estes brincos? — tornou ele. — Iam-te ficar bem.

Uma vez mais, Amy abanou a cabeça.

— Não tenho furos nas orelhas — explicou ela. — Esses são para orelhas furadas.

— Ah, sim. — Desviou os olhos dos brincos para o lóbulo da orelha de Amy e inclinou-se para a frente para ver melhor. — Porque não? Tens medo que doa? — A pergunta era sincera, desprovida de crítica.

— A minha mãe não me deixa.

— Ah.

Paul guardou a caixa debaixo do banco e ligou o carro. A seguir pressionou o isqueiro e sacou de um dos seus *Marlboros*, por isso Amy abriu o porta-luvas e tirou um cigarro do maço que ele lhe comprara. Ficaram sentados com os cigarros na mão à espera de que o isqueiro saltasse. Amy estava encantada com aquilo, com o facto de poder fumar um cigarro quando lhe desse na gana.

Ele acendeu-lhe o cigarro primeiro, como sempre, e depois arrancou do parque de estacionamento, segurando o cigarro no meio dos lábios. Na autoestrada, pisou o acelerador.

— A minha mãe acha que quem faz furos nas orelhas dali a pouco está a fazer furos no nariz também — explicou Amy, quase aos gritos, para se ouvir por cima da deslocação do vento. — Ou coisa assim... sei lá. — Deu uma passa no cigarro, exalou e o fumo saiu a voar da sua boca. — É uma parva — concluiu. — A tua mãe é uma parva?

Paul encolheu os ombros.

— Não. — Apoiou o cotovelo na moldura da janela, com o cigarro preso entre o polegar e o indicador. — Mas dá-me com os nervos, isso é certo.

Amy segurou o cigarro como Paul e também apoiou o cotovelo como ele.

Durante um longo momento, não falaram, até que Paul disse:

— A Stacy tem as orelhas furadas.

Quando ele a beijou, Amy não lamentou o facto. Paul fora levá-la a casa e estacionara em frente à porta, e quando se inclinara para ela (com aquele sorriso amável e desfasado nos lábios grossos), Amy estava consciente de que beijara o professor Robertson naquele mesmo lugar. Sentiu-se orgulhosa, como quando, em miúda, nos escuteiros, ganhava medalhas: era uma espécie de alívio por ter conseguido mais uma, mas à mistura com ansiedade. Era então uma jovem desejada pelos homens. Não só um homem, mas *outro* também, e a prova disso era os lábios de Paul Bellows colados aos dela. E outra prova era o facto de saber o que devia fazer; não hesitou quando fechou os olhos e

aceitou a língua dele. Um par de veteranos, os dois.

Mas foi diferente. A boca de Paul era mais carnuda, mais suave do que a do professor Robertson. E o beijo não tinha a mesma urgência exploratória, o mesmo desespero; foi muito mais tranquilo, uma amistosa «troca de saliva». Estas palavras passaram-lhe pela cabeça enquanto o beijava e interrogou-se onde ouvira aquela expressão. No corredor da escola, provavelmente, e a seguir imaginou o corredor da escola, a fila bege e metálica de cacifos; ocorreu-lhe que era curioso pensar numa fila de cacifos enquanto beijava uma pessoa. (Naquele momento, virou a cabeça obsequiosamente quando Paul virou a dele.) E pensou de novo naquelas palavras, «troca de saliva», e viu-se na cadeira do dentista, com a boca cheia de cuspo, à espera de que o dentista usasse aquela mangueirinha de aspiração. (A língua de Paul regressou à boca dele e, dali a um instante, encostaram-se nos respetivos bancos.)

— De certeza que não queres aqueles brincos? — perguntou ele. — Um dia podes furar as orelhas.

— *Okay.*

Sentia-se culpada por ter pensado no dentista enquanto o beijava.

À noite, sentou-se no sofá a ver televisão, à espera de que o serão passasse. Pensara que beijar outra pessoa seria como beijar o professor Robertson. Que sentiria o mesmo. Acreditara que o contacto entre línguas, dentes e bocas a faria sentir-se novamente estonteada e maravilhosa. Que, embora o professor Robertson não estivesse ali, seria divertido curtir com outra pessoa.

Olhou pela janela. Escurecia e as imagens bruxuleantes na televisão refletiam-se no vidro da janela.

— Sinceramente — disse Isabelle, sentada no cadeirão e ocupada com um novelo de lã —, nunca tinha visto as coisas no trabalho tão complicadas.

Amy lançou-lhe um olhar incrédulo, mas começou a pensar no escritório. Tinha saudades de Bev Gorda. Sentia saudades da maneira brincalhona e indolente como as mulheres conversavam no escritório.

— Complicadas? — perguntou Amy, num tom áspero.

Na televisão, começou outro programa; Isabelle deixava-a ver cada vez mais televisão. Quando o noticiário terminava, em vez de desligar o televisor, como era seu costume, ficava a ver o que se seguia. Amy sentava-se habitualmente numa das pontas do sofá, onde se encontrava então, com as pernas por baixo do corpo e um ar carrancudo na cara. («Tira os pés de cima do sofá, por favor», diria Isabelle, e Amy desviava os pés uns centímetros.)

Isabelle tricotava uma mantinha e, com os óculos de leitura na ponta do nariz, parava de vez em quando para ler as instruções na revista que tinha na mesinha ao seu lado. De pernas cruzadas, balouçava o pé sem parar e ia olhando de soslaio para a televisão.

Amy não suportava aquilo: os óculos ridículos, o pé a balouçar, o desdém fingido com que a mãe olhava para a televisão.

— Muito complicadas — respondeu então Isabelle. — A Dottie Brown e a Lenora Snibbens travaram-se de razões na casa de banho, imagina.

Amy agarrou os pés e olhou, espantada, para a mãe.

— Mas andaram à bulha?

Isabelle puxou pelo fio.

— Sim.

— Estás a gozar! — exclamou Amy.

— Não estou, não.

— Bateram-se na casa de banho?

— Isso mesmo.

— Tipo puxaram o cabelo uma à outra e assim?

Isabelle franziu a testa.

— Por amor de Deus, Amy, não.

— Então, foi o quê? Conta-me.

— Foi muito desagradável, e pronto.

— Oh, vá lá, mãe. — Pensou em cada uma das mulheres do escritório. — Não estou a ver a Lenora esmurrar ninguém — disse, dali a um instante.

— Ninguém *esmurrou* ninguém — respondeu Isabelle. — A Dottie sentiu-se insultada pela Lenora. E a Lenora tinha sido muito inconveniente com a conversa do óvni, há que dizê-lo. Por isso, na casa de banho das senhoras, a Dottie terá perdido a paciência e deu uma palmada no braço da Lenora.

— Uma palmada? — Amy estava desiludida.

— E depois a Lenora cuspiu-lhe.

— A sério?

Isabelle arqueou uma sobrancelha.

— Foi o que me contaram. Eu não vi.

Amy pensou nisso.

— É muito estranho — concluiu — uma mulher andar a dar palmadas a outra no trabalho. Sabes o que eu acho?

— O que achas? — Isabelle soava cansada e Amy sentiu-se ofendida pelo tom de fastio da filha.

— Nada — respondeu Amy.

A chuva começou durante a noite. De mansinho, um chuvisco que, ao princípio, parecia que não caía do céu, mas se manifestava apenas na escuridão. De saída do bar de um hotel na Mill Road, um homem sacudiu a mão à frente da cara umas quantas vezes, como se tivesse deparado com uma teia de aranha. De madrugada, contudo, a chuva tamborilava gentil e perseverantemente as folhas dos bordos, das bétulas e dos carvalhos, e os idosos, os ansiosos e as pessoas que costumavam acordar por volta das três da manhã e aguardar insones o nascer da aurora, começaram por perguntar-se que som era aquele; soerguendo-se no cotovelo, encostando-se à cabeceira da cama, percebiam, ah, é chuva, claro, e voltavam a deitar-se, expectantes e satisfeitos, ou temerosos, dependendo se gostavam ou não de tempestades, e aquela prometia ser formidável, das grandes, acompanhada de trovoadas, uma catarse climática depois de um verão tão embrutecedor e húmido como aquele. O céu rachar-se-ia e separar-se-ia e estrondos atroadores deslocariam grandes massas de ar como se o próprio universo estivesse a braços com um enorme terramoto.

Mas, em vez disso, a chuva limitou-se a continuar a cair, repenicando com perseverança sobre telhados, automóveis, passeios e asfalto, e as pessoas que tinham acordado a meio da noite voltaram a adormecer e dormiram profundamente, pois o céu não clareou como era costume; permaneceu sombrio como depois do lusco-fusco. De manhã havia poças sob os tubos de descarga das caleiras e os caminhos de gravilha estavam quase submersos. A chuva, escura, cerrada, matraqueava as balaustradas e os degraus dos alpendres. As pessoas tomaram o pequeno-almoço à luz de um candeeiro ou das lâmpadas fluorescentes da cozinha. Para alguns, a manhã evocou uma qualquer altura em que tinham madrugado para empreender uma viagem; no ar pairava a mesma atmosfera expectante, ainda que não fossem a lado nenhum naquela manhã escura de agosto, apenas trabalhar.

Isabelle, contando-se entre os que tinham acordado a meio da noite, caíra depois num sono profundo e reparador. Então na cozinha, de olhos postos nos vidros molhados e escurecidos, sentia-se catarrosa e embotada, como se tivesse tomado soporíferos cujo efeito ainda não passara. Sentou-se com os dedos em redor da caneca de café, pensando no estranho facto de ter dormido tão profundamente, não obstante se ter deitado com a cabeça cheia de pensamentos perturbadores. Na estranheza de ter estado sentada no carro esaldante com Dottie e Bev, e depois na cozinha de Dottie: que estranho tudo aquilo havia sido. Estranho pensar em Avery Clark a acordar naquele momento numa cabana no lago Nattetuck. Estranho,

sem dúvida, pensar que tanto a sua mãe como o pai estavam mortos, que talvez aquela chuva estivesse a cair torrencialmente nas suas campas, a duas horas de distância dali; que a pequena granja onde fora criada pertencia há vários anos a outra família.

Estranho pensar que a sua filha dormia então no piso de cima, que o seu corpo crescido jazia esparramado sobre o lençol, quando, no decorrer de tantas, tantas manhãs (ou assim lhe parecera), a pequena Amy acordara primeiro e atravessara o corredor com as suas calças de pijama com pés e o elástico da cintura molhado porque a fralda vazara; mantinha-se pacientemente de pé, tão pequena que a cabeça ficava ao nível da trave da cama, à espera que Isabelle abrisse os olhos. Tão estranho, não ser bonita e ter uma filha bonita.

Isabelle bebeu o café depressa. Precisava de acordar e de ir para o trabalho. Ao levar a caneca para o lava-louça, viu os troncos escuros e cintilantes dos pinheiros do outro lado da janela e pressentiu um anseio que abria caminho por entre a «estranheza» anómala que tomara conta dela desde que se levantara.

Que seria, interrogou-se. Depositou a caneca no lava-louça e apertou o cinto do roupão de banho. Não era que estivesse desejosa de ir trabalhar (porque havia de estar, quando toda a gente estava a perder o juízo e Avery continuava ausente?), mas notava uma certa («avidez» era demasiado forte) vontade de tomar banho, vestir-se e sair de casa, como se outro lugar onde pertencesse aguardasse a sua chegada.

E não havia como negá-lo: Bev e Dottie eram suas amigas. Sempre que Dottie passava pela secretária de Isabelle, inclinava-se e tocava-lhe ao de leve no braço. Ao almoço, Bev Gorda guardou um lugar para Isabelle no refeitório, e indicou com o queixo que ela devia sentar-se naquela cadeira; uma vez sentada, com Dottie do outro lado, Isabelle viu-se perante um impressionante sortido de alimentos.

— Tenho de vos engordar às duas — murmurou Bev Gorda. — Então, é como se estivéssemos num piquenique.

Na mesa havia ovos cozidos, *pickles*, palitos de cenoura, frango frito, dois pacotinhos de bolachas e três *brownies* num saco de papel castanho.

Isabelle olhou para a comida e depois para Bev Gorda.

— *Comam* — ordenou Bev.

Isabelle comeu uma coxa e um *pickle*. Dottie mirou um dos ovos cozidos e disse que talvez fosse capaz de comê-lo.

— Era bom que conseguisses — disse Bev Gorda, e começou a descascá-lo por ela.

— Sim — concordou Isabelle, enquanto limpava a gordura do frango dos lábios. — Os ovos são uma ótima fonte de proteína. Põe-lhe um bocadinho de sal, Dottie, e em três dentadas fica despachado.

A meio, porém, Dottie começou a entrar em pânico, e Isabelle apercebeu-se disso; sabia a rapidez com que um estômago se enchia, a determinação com que o gorgomilo se fechava, e ao ver Dottie contemplar com horror o ovo meio comido que tinha na mão — os dentes marcados na gema amarelo-esverdeada —, Isabelle deu-lhe uma palmadinha na mão com o palito de cenoura e disse baixinho:

— Come antes isto.

O palito de cenoura desceu, e Isabelle, de olho nela, passou-lhe outro, e esse desceu igualmente. Bev Gorda observava com agrado e quando, mais tarde, Dottie comeu uma bolacha de chocolate e comentou que o chocolate lhe dava sempre vontade de beber leite, Isabelle e Bev trocaram um olhar e Bev dirigiu-se para uma das máquinas de venda automática e carregou no botão do pacote de leite. Dottie conseguiu beber metade antes de ficar cheia, e Isabelle, que comera uma das bolachas de chocolate de Bev e também tinha vontade de beber leite, bebeu o resto num copo de papel, apesar da sua aversão a partilhar bebidas daquela maneira.

Bev estava encantada.

— Hei de manter-vos vivas, par de escanzeladas, nem que seja a minha morte — declarou ela, e acendeu um cigarro, inalando com satisfação, e isso fez as três mulheres rirem.

— Qual é a piada? — perguntou Arlene Tucker, do outro lado do refeitório.

— Não é piada nenhuma — respondeu Bev, e uma última gargalhada agitou o seu peito avantajado, do qual sacudiu umas migalhas de *brownie*.

— A vida — explicou Dottie Brown, que acendeu também um cigarro —, a piada é a vida. — E riram outra vez, se bem que não tão ruidosamente como antes.

(Em casa, enquanto a chuva batia sem cessar contra as janelas, Amy assistia, com um olhar apagado, aos concursos que passavam na televisão.)

A um quilómetro e meio dali, Emma Clark falava ao telefone no vestíbulo e, com a outra mão, indicava a Avery que levasse o saco de lona com a roupa suja para a cave; teve de estalar os dedos e apontar para se fazer entender.

— É claro que não querem saber — disse Emma ao telefone, e acenou que sim com a cabeça para indicar ao marido que a mala

castanha podia ir para o piso de cima. — Eles só querem saber do dinheiro — continuou, e depois fez uma careta, porque do outro lado da linha estava Carolyn Errin, a mulher do dentista, que, na opinião de Emma, também só queria saber de dinheiro. Aparentemente, Carolyn Errin não se ofendera com o comentário de Emma acerca de companhias de seguro, pois concordava já, na sua voz irritada e forte, que os brincos tinham um valor inestimável, porque o pai lhos dera um dia antes de morrer, e quem é que podia pôr um preço nisso («Ninguém», disse Emma Clark, que estava com uma dor de cabeça, e detestava regressar de férias num dia de chuva), e a companhia de seguros lhe dizia agora que aqueles objetos não estavam cobertos, quando os brincos tinham sido roubados em março.

— Oh, que incompetência — comentou Emma, e sentou-se na cadeira preta ao lado do telefone pensando que Avery, tal como ela, estava abatido por causa da namorada que John levava à cabana. Chamava-se Maureen, tinha olhos castanhos, era magra e inteligente, e estava a meio de um curso de Medicina. Tudo muito impressionante, mas alguma coisa não batia certo.

— Não podemos acreditar em tudo o que as companhias de seguro nos dizem — recomendou Emma à mulher do dentista —, mas ligo-te mais tarde. O Avery está a desfazer as malas e eu tenho de supervisionar.

Mas Carolyn Errin tinha mais uma perguntinha, antes de desligar: Como corra a visita da nova namorada de John?

— Muito bem — respondeu Emma, levantando-se e inclinando a cabeça na direção do telefone como quem se preparava para desligar. — Uma rapariga encantadora. Estuda Medicina, sabes?

Ora, então, se casassem, teriam um belo rendimento, não era?

— Estou certa de que ainda falta muito para isso — disse Emma. — Adeus, adeus.

Não tinha minimamente a certeza de que faltasse muito para tal. E Maureen não era, nem de longe, o que tinha em mente para o filho. Emma abriu a porta do roupeiro e pendurou uma camisa. Seria de esperar que uma mulher que fazia um curso de Medicina quisesse ser pediatra ou obstetra e ajudar bebés a nascer. Maureen, no entanto, planeava ser gastroenterologista. Emma sentou-se na cama. Esse tipo de médicos passava o dia a olhar para os traseiros das pessoas. E não olhavam para eles apenas, pensou Emma, e empurrou a mala para o lado.

— Diz-me uma coisa, Avery — começou ela, quando o marido entrou no quarto —, como homem.

Ele olhou para ela, à cautela.

— Irias a uma gastroenterologista? Se precisasses, obviamente.

— Oh, meu Deus — disse ele, com um ar ligeiramente embaraçado, e sentou-se ao lado dela.

Emma suspirou, e ficaram a ver a chuva escorrer pelas janelas à sua frente.

— Como é que *alguém* quer ser esse tipo de médico? — perguntou Emma, e percebeu que ambos tinham sido invadidos por uma sensação de frio, uma inquietude, e que o futuro parecia, de algum modo, ter sido abalado por aquela Maureen, magra e vigorosa.

Mas depois Avery disse que talvez houvesse uma lata de guisado que pudessem aquecer para o jantar, porque com a chuva era aborrecido terem de ir ao supermercado. E que estavam a fazer uma tempestade num copo de água por causa de Maureen; era boa rapariga. Além do mais, podia dar-se o caso de John não vir a casar-se com ela.

Emma levantou-se.

— Oh, vai casar com ela, sim — declarou. — Espera e verás.

Não acrescentou que os filhos deles seriam criados por uma empregada doméstica e se tornariam pessoas ansiosas, ou que o próprio John seria negligenciado com o passar dos anos. Não, não ia dizer nem mais uma palavra. Avery podia muito bem esperar, e logo veria.

Do outro lado da cidade, Barbara Rawley, a mulher do diácono, estava sentada na cama. A chuva batia sem cessar contra as vidraças da janela. Da sala de estar, no piso de baixo, chegava-lhe o ruído da televisão e o alarido do filho, Flip, que assistia a um jogo de basebol.

O que não conseguia ultrapassar era o facto de a mama ter desaparecido. Pura e simplesmente. Já ali não estava.

Ouviu o marido falar com Flip, o chiar do apoio de pés do cadeirão reclinável. A única coisa que importava era aquilo: a felicidade da sua família.

E contudo. A mama desaparecera. Parecia não conseguir aceitar que assim era, acreditar que acontecera de verdade. Abriu o roupão lentamente e olhou. Olhou e olhou. A mama desaparecera.

No seu lugar estava uma linha comprida, encarnada e elevada. A mama esfumara-se, pura e simplesmente.

*

Pela manhã, a chuva amainou um pouco, mas não parou. Os condutores atravessavam o rio com os limpa-pára-brisas a chiar

ritmicamente, esborratando e limpando o vidro, para um lado e para o outro; os barrotes da ponte ribombavam sob os pneus e, debaixo da ponte, o rio castanho serpeava por entre as rochas, veloz e implacável, como se os dias de chuva lhe tivessem devolvido uma arrogância há muito esquecida.

O céu, cinza-plúmbeo desde a aurora, ensombrou-se mais, e a chuva, que continuava sem dar tréguas, caía então com mais força. Quem atravessava o último tramo da ponte, rumo à Mill Road, ficava com a sensação de que o mundo estava submerso; os automóveis que avançavam pelas estradas e viravam para os parques de estacionamento assemelhavam-se a peixes vagarosos; as sarjetas entupidas formavam charcos na estrada e os camionistas levantavam cortinas de água ao atravessá-los. No parque de estacionamento da fábrica, os funcionários entravam a correr, com chapéus de plástico ou guarda-chuvas e os ombros curvados.

No escritório, as luzes acesas emprestavam um tom amarelado ao velho soalho e, como a chuva não permitia que se abrissem as janelas, a divisão tinha um ar invernal, o que não deixava de ser estranho depois de um verão que parecera não ter fim e que, na verdade, ainda não terminara.

Avery Clark não mostrou a Isabelle nenhuma fotografia da semana passada no lago Nattetuck. Nem partilhou qualquer relato das férias de família, exceto para admitir, com alguma indiferença, que também por lá chovera.

— Oh, que pena — comentou Isabelle, da porta do aquário.

— E por aqui, correu tudo bem? — indagou Avery. Procurava qualquer coisa numa das gavetas da secretária. Lançou um olhar rápido a Isabelle. — Não houve problemas, espero.

— Pois... não — respondeu sem pressa, e atravessou o umbral.

Preparava-se para lhe contar, em sussurros, que ocorrera um problema com Lenora, quando viu, ou melhor, pressentiu, que ele não estava interessado. Mais do que não estar interessado, não queria saber.

— Ótimo. Fico satisfeito. — Acertou as extremidades de uns papéis, batendo com eles na secretária e olhou de relance para a agenda. — Tenho a certeza que, com esta aberta no calor, toda a gente se sente melhor.

— Ah, julgo que sim. Em geral, sim.

Pela parede de vidro do gabinete de Avery, Isabelle viu Dottie Brown sentada à sua mesa. Não estava ocupada a trabalhar nem a conversar e, ignorando que estava a ser observada, o seu rosto tinha um ar frágil, desamparado, como o de uma criança que ficou aturdida

para sempre, e Isabelle sentiu um calafrio percorrer-lhe as costas.

Chuviscou durante mais dois dias e, depois, o céu clareou de repente ao mesmo tempo que a noite caía, descobrindo por um momento uma faixa luminosa junto ao horizonte, onde o Sol se pusera sem que ninguém visse. Nessa noite, as estrelas encheram a abóbada celeste, todas elas: a Cintura de Oríon, a Ursa Maior e Menor, o borrão difuso da Via Láctea, estavam todos ali, a sua tranquilizadora presença contra o vasto oceano do céu silencioso.

Ao início da manhã, uma delicada tira de nuvens pendia no céu como o vidrado fino de uma tigela de cerâmica azul. As rolas arrulhavam, despercebidas sob a luz diáfana; os cardeais e os tordos-eremitas saltitavam de árvore em árvore, pipilando. A mulher do leiteiro, a Sr.^a Edna Thompson, deteve-se nos degraus das traseiras e comentou, para ninguém em especial: «Os trinados que estes pássaros fazem», e dir-se-ia que a sua cavaqueira matutina era mais notória sob aquele ar brando e surpreendente.

Ainda assim, ao cabo de um verão de queixas constantes, estranhamente as pessoas mal comentaram aquela mudança repentina do tempo. Talvez fosse porque as coisas pareciam ter voltado ao normal; é que, ao cabo de uma semana e meia de chuva, relvados que tinham um ar murcho e acastanhado recuperaram o verdor, e até a casca das bétulas parecia fresca, tenra e limpa, e as folhas pendiam ao sol, retemperadas.

À tarde, podiam ver-se mãe sentadas nos degraus da porta enquanto os filhos corriam de calções pelos passeios. Os maridos regressavam novamente do trabalho com vontade de fazer grelhados, e faziam-nos, e depois sentavam-se nos alpendres até ao serão. Em resumo, as tradições estivais estavam de volta e emprestaram aos dias que se seguiram o conforto dos aromas conhecidos a terra barrenta e a carne grelhada, bem como a nostalgia esperançosa que o cheiro a relva acabada de cortar transmitia.

Barbara Rawley, à porta da cozinha a inspirar aquele frescor enquanto o marido devolvia o cortador de relva à garagem, pensou em

todas as mulheres corajosas que, em partes distintas daquele vasto país, enfrentavam os dias com uma prótese gelatinosa dentro do sutiã, e acreditou que quiçá também ela pudesse aceitar viver dessa maneira.

Descendo a Main Street no seu carro, rumo ao apartamento onde Linda Lanier continuava a acolhê-lo com tanta generosidade, Lenny Mandel sentia-se capaz de acreditar na bondade e na decência e anteviu um futuro em que, grisalho e dono de uma presença imponente, deambulava pelos corredores da escola que, sob a sua direção cuidada e dedicada, faria grandes progressos.

Foi o ar, na verdade, o ar nítido e luminoso que, ao entardecer, refrescava como no outono, trazendo consigo os antigos anseios e as novas oportunidades que o outono pressagia. Foi isto, de mão dada com a confiança que a amizade cada vez mais chegada com Dottie Brown e Bev Gorda lhe dava que inspirou em Isabelle a ideia de convidar Avery Clark e Emma a tomarem um café em sua casa, uma noite.

Ocorreu-lhe certa vez, depois do jantar, enquanto lavava a louça, ao reparar, com surpresa e satisfação, como a cozinha ficava bonita com os gerânios no parapeito e o canteiro de cravos-de-defunto que se via pela janela e refletia os últimos raios de sol; e mal a ideia tomou forma, cresceu, tornou-se preeminente e expulsou todos os outros pensamentos da sua cabeça. O que queria, na realidade, era «ficar bem vista» uma vez mais aos olhos de Avery Clark, razão pela qual a ideia lhe ocorrera ao constatar o quanto a sua cozinha era encantadora; desejava abrir-se mais, a si mesma, à sua vida (à sua casa, inclusivamente), ao escrutínio dele, dizer: «Avery, vês como não há aqui qualquer mácula? Repara como, apesar de tudo, superei os meus problemas.» Tinha, contudo, de abordar a questão com realismo: era aceitável convidar os Clarks para sua casa? Às vezes, parecia-lhe que sim; eram seus vizinhos, frequentavam a mesma igreja; seria tão-só um gesto amistoso. Perfeitamente correto.

Outras vezes, parecia-lhe ridículo. (Era ridículo convidarmos o nosso chefe para nossa casa?) Pensou telefonar à prima, Cindy Rae, que morava a duas horas dali, mas, para lhe expor a situação com honestidade teria de incluir a história sórdida que envolvia Avery e Amy — e o subsequente mexerico de Emma —, e é claro que não queria fazê-lo. Não, estava por sua conta. Tinha de tomar a decisão por si mesma e, sentada à máquina de escrever, no escritório, ganhava coragem, perdia-a, voltava a reuni-la e acobardava-se de novo.

Uma tarde, contudo, ao sair da casa de banho, e achando-se inesperadamente sozinha no corredor com Avery Clark, curvado sobre

o bebedouro, Isabelle disse, em voz baixa:

— Avery, gostaria de convidá-lo, a si e à Emma, para irem a minha casa uma noite, tomarem um café.

Avery endireitou-se e fitou-a. Tinha uns pingos de água ainda suspensos dos lábios, compridos e meio retorcidos.

— Foi só uma ideia — atalhou Isabelle, hesitando. — Pensei que... — E levantou a mão como que para impedir o pensamento, ou a conversa, de ir mais longe.

— Oh, não, não. Não. — Com um gesto rápido, nervoso, Avery usou as costas da mão para limpar a boca. — É muito hospitaleiro da tua parte. — Fez que sim com a cabeça, tão obviamente apanhado desprevenido que Isabelle, para seu horror, sentiu-se corar. — Uma ideia muito atenciosa. Vejamos. Que noite tinha em mente?

— Sábado. Se estiverem livres. Por volta das sete horas. Nada muito elaborado, é claro.

— Sete horas — repetiu Avery. — Parece-me bem. Deixe-me só confirmar com a Emma, claro, mas parece-me muito bem. — Acenaram que sim com a cabeça, em demasia, até Avery se afastar. — Muito obrigado — acrescentou ele.

E pronto.

O resto do dia, Isabelle mal se atreveu a levantar a cara da máquina de escrever.

Do outro lado do rio, em Oyster Point, a escola aperaltava-se para o novo ano letivo; o chão estava encerado e polido, o soalho do ginásio, cor de mel, cintilava; na casa de banho, os grafitos tinham sido limpos, as paredes pintadas e a torneira que pingava no lavabo das raparigas no primeiro andar havia sido consertada. O armário ao lado da sala dos professores fora recheado de caixas de toalhetes de papel, de papel higiénico, de apagadores e giz. A enfermeira da escola, a Sr.^a Eldridge, passara pelo seu gabinete para verificar as provisões e elaborar uma lista do que tinha de requisitar: álcool, ligaduras, tintura de iodo; pôs uma planta no parapeito da janela.

Havia em tudo aquilo uma amenidade: sem a confusão de um corpo estudantil alvoroçado, o edifício parecia cumprir o seu objetivo de ser um benevolente estabelecimento de ensino liderado por adultos capazes. O diretor, Bexigoso Mandel, trabalhava com afinco para resolver os percalços de última hora que iam surgindo nos horários e, segundo a sua secretária comentou com uma funcionária do refeitório, estava mais simpático do que nunca.

O contínuo, um homem chamado Ed Gaines, que trabalhava há vinte e oito anos para o sistema de ensino de Shirley Falls, saiu pela

porta norte para fumar um cigarro e viu uma rapariga passar devagar em frente à escola. Virava a cabeça com frequência para contemplar as janelas de uma sala no rés do chão. Ed Gaines reconheceu-a de imediato, embora ela estivesse diferente. Era a rapariga que vira muitas vezes sair da escola com Robertson. (O contínuo soprou o fumo, sacudindo a cabeça e a cinza do cigarro.) Ao longo dos anos, vira muita coisa naquela escola, mas mantinha para si as suas opiniões. Era um homem taciturno e solitário que preferia pensar o melhor dos demais, se bem que, talvez por causa disso, a sua presença passasse muitas vezes despercebida. Os professores, por algum motivo, mais do que os alunos, tendiam a ignorá-lo e, conseqüentemente, acabava por ser testemunha de comentários surpreendentes e lascivos deles. Também vira coisas: o professor de Biologia, um homem corpulento e casado, de cinquenta anos, com óculos de fundo de garrafa que lhe aumentavam e distorciam as pupilas, levantara a saia de lã da bibliotecária bem acima do traseiro, ao fim da tarde, na escada; vários degraus abaixo deles, Ed Gaines batera com a vassoura e afugentara-os como se fossem passarinhos. (Teve a delicadeza de fingir que não os vira porem-se em fuga.)

Sim, com o passar dos anos chegara a uma conclusão: o comportamento dos seres humanos era uma coisa curiosa. Ed Gaines não se recordava de alguma vez ter visto aquele professor de Biologia rir, por exemplo, e o facto de a bibliotecária, uma mulher afável com quatro filhos, permitir, ou desejar sequer, que aquele homem em especial lhe acariciasse a ampla rabadilha era, para Ed Gaines, uma coisa curiosa. Os gostos não se explicavam, costumava dizer a irmã dele, e não havia como negar que ela tinha razão.

A rapariga vira-o. Pendeu a cabeça, envergonhada por ter sido surpreendida. Ed Gaines achava-a tímida; notava-se na maneira como caminhava, com os pés para dentro, as pernas compridas e magrinhas, e os pés descalços. Ela voltou a olhar, como Ed esperava, e dessa vez ele acenou-lhe amistosamente.

Amy levantou a mão à cautela, em jeito de resposta, e depois, sem que nada o fizesse prever, atravessou o relvado na direção dele.

— Então, que tal vai isso? — perguntou Ed Gaines, antes ainda de ela se aproximar.

Ela fez um sorriso meio apagado, quase parecia desculpar-se; de perto, parecia muito diferente da rapariga que ele recordava.

— Cortaste o cabelo — comentou ele, e ao ver que ela quase se retraía, acrescentou: — Fica-te bem, pareces uma senhora.

O sorriso dela cresceu e a sua atitude relaxou-se; baixou o olhar. Os miúdos só querem ser bem tratados, pensou Ed.

— Sabe para onde foi o professor Robertson?

Ed Gaines respondeu que sim com a cabeça, largou o cigarro no degrau de cimento e esmagou-o sob a bota de trabalho.

— Julgo que voltou para o Massachusetts. — Pontapeou a beata esmagada do cigarro, que aterrou na relva, a meio metro dele. — Esteve cá a semana passada, para levar algumas coisas que aí deixara.

— A semana passada?

O ar dela pô-lo em guarda.

— Acho que foi a semana passada que o vi por aqui. Só tinha contrato de um ano, sabes, por causa de a professora Dayble ter partido a anca.

— Pois, claro — murmurou a rapariga, de olhos postos no chão, e deu meia-volta.

— Ou foi a cabeça? Rachou a cabeça primeiro e depois partiu a anca. — Ed Gaines abanou a cabeça, como se aquilo fosse ainda um mistério para ele.

— Mas eu pensava que ele já se tinha ido embora. Ele esteve cá a *semana* passada? — A rapariga tinha-se virado novamente para ele. Os seus olhos grandes pareciam ligeiramente orlados de vermelho.

Aquela notícia não lhe caíra bem, talvez devesse retratar-se. Só que não era do feitio de Ed Gaines mentir, por isso disse com amabilidade:

— Pergunta na secretaria, pode ser que te deem a morada dele, para lhe mandares uma carta.

Ela abanou a cabeça, de novo a olhar para o chão.

— Não tem mal. Bem — despediu-se ela, e acenou sem grande empenho —, até outro dia.

— Até outro dia. Aproveita bem os últimos dias de verão. — Ficou a vê-la afastar-se.

Isabelle continuava com dúvidas, como não podia deixar de ser. Mas imaginou-se à conversa com a prima Cindy Rae, e Cindy dizia-lhe que convidar os Clarks era uma excelente ideia, que Isabelle havia sido sempre demasiado tímida e que a amabilidade e a boa vizinhança cativavam sempre as pessoas; em abono da verdade, e talvez Isabelle não se desse conta disso, a timidez era muitas vezes tomada por antipatia, e talvez as mulheres que frequentavam a igreja, incluindo Emma Clark, achassem há anos que era Isabelle quem as desprezava, e não o contrário.

Estes conselhos imaginários encorajaram Isabelle, que, de resto, concordava com eles. Ainda assim, esperara que Emma Clark lhe telefonasse a agradecer de viva voz o convite que Avery lhe transmitira.

Não importava.

Avery, ao menos isso, voltara quase a ser a mesma pessoa de sempre, cumprimentando-a todas as manhãs com um aceno animado, embora andasse atarefado a pôr em dia o trabalho que se acumulara durante as férias e não tivesse tempo para grandes conversas. Mas não fazia mal; depois da sua reação de surpresa junto ao bebedouro naquele dia, nada fazia pensar que Isabelle metera os pés pelas mãos ao convidá-lo para sua casa.

Os preparativos ocupavam-lhe a cabeça. Não contou nem a Dottie nem a Bev que ia receber Avery Clark naquele fim de semana, receando que vissem naquilo algum snobismo. Além do mais, parecia-lhe incorreto antecipar um acontecimento feliz quando Dottie continuava a braços com a sua recente tragédia; magra como um palito, fumava desalmadamente sob o olhar atento de Bev, que lhe levava fruta e *brownies*. Isabelle, crente de que devia contribuir para aquela camaradagem com o mesmo tipo de vigilância, sentia-se culpada, como se estivesse a mentir, pois, verdade fosse dita, era terrível ter de presenciar o sofrimento de Dottie, ter de pensar nesse sofrimento; bem melhor era contemplar a possibilidade de Avery voltar a gostar dela, e como, ao mesmo tempo, trocava olhares de aprovação com Bev Gorda porque Dottie comera um pêssigo sem a isso ser obrigada, perguntou-se se, em vez de um bolo de chocolate para os Clarks, não devia antes fazer pêssigo melba. Ou ambas as coisas. Não, ambas seria excessivo, mas talvez uma salada de fruta para acompanhar o bolo.

— Apetecia-me estrafegar o marido dela — murmurava Bev, de olho em Dottie que, de saída do refeitório, se vira forçada a parar e ouvir a mais recente prédica de Arlene, fosse lá acerca do que fosse (Dottie acenava, cooperante, a cabeça), e Isabelle, ainda às voltas se devia servir fruta aos Clarks, fazia também que sim com a cabeça a Bev, sentindo uma vez mais que mentia. Não obstante, há muito tempo que Isabelle vivia com este sentimento e suas variantes e espantar-se-ia caso alguém a descrevesse como «dissimulada»; via-se antes como «discreta».

Na sexta-feira à tarde, à hora de sair do escritório, Isabelle viu que Avery estava ao telefone. Queria falar com ele, mas tendo já esgotado todos os pretextos para empatar o tempo — endireitara todos os papéis em cima da mesa, afadigara-se com a tampa plástica da máquina de escrever — assomara-se finalmente à porta do aquário e perguntara, em voz baixa:

— Então, estamos combinados, Avery?

Ele respondeu que sim com a cabeça e afastou o auscultador da

cara.

— Combinados — confirmou, e fechou o punho com o polegar espetado.

Isabelle esperou pelo final do jantar para dizer a Amy:

— O Avery Clark e a Emma vêm cá amanhã tomar um café.

Amy, que passara a refeição quase toda em silêncio, levantou a cabeça, surpreendida e disse:

— Aqui? Vêm *aqui a casa*?

— Sim — respondeu Isabelle, incomodada com o grau de surpresa de Amy —, e depois de os cumprimentares com educação, podes ir para o teu quarto ler.

— Esquece — reagiu Amy, num tom categórico, enquanto empurrava a cadeira para trás. — Nem sequer quero olhar para eles.

— Amy Goodrow, vais fazer o que eu te digo! — ralhou Isabelle.

Algum tempo depois, ao pôr os pratos no lava-louça, Amy, mais conciliadora, disse:

— Combinei encontrar-me com a Stacy na biblioteca, amanhã. Ela quer saber se posso jantar com ela, e talvez passar lá a noite. Como estás ocupada, acho que é isso que vou fazer. — Virou as costas ao lava-louça. — Se não te importares.

O paradeiro de Amy era uma preocupação diária para Isabelle, desde que ela deixara de trabalhar na fábrica. A verdade, no entanto, era que Amy não tinha muito onde ir, além da biblioteca e da casa de Stacy, e Isabelle não queria negar-lhe isso. Fizera alguns telefonemas discretos durante o verão, para a escola e para um determinado complexo de apartamentos e estava suficientemente convencida de que o professor Robertson desaparecera. Essa era, obviamente, a sua maior preocupação. Mas não deixava de ralar-se, como acontecia com qualquer mãe, sempre que Amy não estava em casa. No entanto, o verão ia quase no fim, e Amy em breve regressaria à escola.

— Logo se vê — disse Isabelle a Amy. — Se a Stacy te convidou para jantar, então, sim, acho que podes ir. Penso que não tem problema.

Isabelle dormiu mal nessa noite, e tal facto envergonhou-a. Duvidava que Barbara Rawley (ainda era capaz de a ver no corredor do A&P com o frasco de azeitonas na mão: «E que planearam vocês as duas para esta noite?») passasse mal as noites na véspera das suas festas. Isabelle teria de arranjar um tempinho a meio da tarde para descansar. Lera certa vez numa revista que, quando se tinha convidados, era sempre bom reservar algum tempo depois do banho para uma sesta.

Mas primeiro fez o bolo, na esperança de que o cheiro se mantivesse na casa ao longo do dia, para que, quando os Clarks entrassem, a casa parecesse ainda mais acolhedora.

Depois, limpou o pó. Espanejou a mobília toda, incluindo as pernas da mesa e das cadeiras. Limpou os caixilhos das janelas, os quebra-luzes, as lâmpadas, os rodapés, o corrimão da escada. Lavou as janelas, o chão (a determinada altura, Amy saiu de casa, dizendo que ligaria quando soubesse se ia dormir em casa de Stacy), aspirou os tapetes e passou um tempo desmesurado a esfregar o lavatório da minúscula casa de banho que havia ao lado da cozinha, porque essa seria a que Emma Clark usaria, caso precisasse. «Ah, com certeza», diria Isabelle, «é já aí. É muito pequenina, infelizmente.» Pausa. «Mas está limpa.» Esta última frase seria dita com um certo regozijo, e Emma, mostrando-se mais amistosa do que Isabelle alguma vez a achara capaz, responderia: «É o que importa, não é?» E ao entrar na casa de banho veria o quê? Isabelle abrira e fechara a porta várias vezes, fazendo de conta que nunca vira a sua casa de banho, para perceber se a impressão que esta causava era boa ou má.

Não conseguiu decidir-se. Não obstante, dir-se-ia que a casa de banho precisava de qualquer coisa. E percebeu então: é claro, precisava de flores.

Junto à florista, Isabelle passou por Amy, descalça numa cabina telefónica, a fumar um cigarro. Isabelle não a viu. Caso isso tivesse acontecido, caso tivesse levantado os olhos só um pouco, ou não estivesse tão entusiasmada e absorta na vaga sensação de embaraço que comprar flores (algo que nunca fazia) para embelezar a casa para os convidados daquela noite lhe provocava, as coisas ter-se-iam passado de outra maneira; pois é difícil imaginar que descobrir a filha descalça, com os lábios pintados de roxo e um cigarro na mão manchado com a mesma cor — e Amy não estava na biblioteca, afinal de contas, nem na companhia de Stacy — não tivesse precipitado uma cena em resultado da qual Amy se veria de regresso a casa, prudentemente confinada no quarto.

Mas as coisas não se passaram desse modo. Isabelle entrou na florista e uma campainha tilintou nas suas costas quando a porta se fechou, e uns segundos depois Amy emergiu da cabina com os olhos semicerrados, lançou o cigarro ao chão e avançou passeio acima, na direção contrária, rumo ao apartamento de Paul Bellows, com as sandálias a chinelar, presas somente pelas tiras de couro por cima dos dedos, pois não aguentava nada nos pés a menos que fosse estritamente necessário.

Antes de fazer aquele telefonema, Amy tivera um estranho acesso de ansiedade: não tinha nada para fazer naquele dia. Nada de nada. Sabia que Stacy tinha ido de férias com os pais para uma quinta, algures, durante duas semanas, e quando dissera à mãe que ia passar o dia, e porventura a noite, com Stacy, mentira, porque não queria assistir aos preparativos ansiosos da mãe e, menos ainda, estar presente quando Avery Clark chegasse com a mulher, com aquele seu ar esquisito e ridículo.

Assim, Amy saíra de casa com umas quantas moedas no bolso e sem planos. Depois de chegar à cidade, de comprar um maço de cigarros e roubar um batom roxo (nunca tinha roubado nada e pareceu-lhe extraordinariamente fácil), começara a ter sérias dúvidas acerca de como iria passar aquele dia. E não sabia o que pensar do facto de o professor Robertson ter estado tão recentemente na cidade, segundo o que o contínuo da escola lhe dissera. Decerto que lhe telefonaria, se assim fosse; tinha a certeza disso. O que significava (e era horrível pensar nisso) que o telefone tocara na bancada da cozinha enquanto ela estava na loja de dónutes com Paul Bellows, a fumar os seus cigarros. Ou, ignorando, é claro, que Dottie Brown vira um óvni e regressara ao trabalho mais cedo do que o previsto, tentara entrar em contacto com ela na fábrica. Se bem que isso lhe parecesse arriscado e improvável.

Amy não remoeu muito a ideia de que o professor Robertson regressara à cidade e *não* tentara encontrá-la. Em vez disso, convenceu-se ainda mais de que aquele homem que a amava («Sabes que serás sempre amada, não sabes?»), cuja boca tocara os seus seios inexplorados com uma ternura tão amorosa e intensa, contemplara o seu tronco nu com tamanha *seriedade*, voltara, não para esvaziar o seu cacifo (o que não fazia sentido, já o teria feito antes), mas para *a encontrar*. Amy, que pensava constantemente nele e que presumia que ele pensava nela a toda a hora, acreditava que o professor Robertson fora à escola na esperança de a encontrar por ali, do mesmo modo que ela se sentira impelida a passar em frente à escola desde que deixara de trabalhar na fábrica, como quem volta uma e outra vez ao lugar de uma antiga paixão.

Tinha lá passado pouco antes, por exemplo, depois de comprar os cigarros e roubar o batom; passara à cautela pelo edifício de tijolo, pois não queria ser de novo surpreendida pelo simpático contínuo, o Sr. Gaines. Mas era sábado e o Sr. Gaines não estava a trabalhar. Ninguém estaria a trabalhar, pensou Amy, enquanto subia o relvado que conduzia à porta principal da escola, mas viu Bexigoso Mandel no parque de estacionamento, por isso escondeu-se atrás de um arbusto e

dali contemplou a janela da sala do professor Robertson... e não viu ninguém.

Por fim, regressou à cidade e atravessou a ponte para Basin. Nos passeios de Oyster Point achava-se exposta e, por instinto, sentia que os passeios maltratados e alcatroados de Basin lhe proporcionavam um maior anonimato, além da possibilidade de se cruzar com Paul Bellows, que talvez estivesse livre para a passear de carro. Não conseguia, porém, livrar-se da sensação de que, se deambulasse tempo suficiente pelas ruas secundárias, o professor Robertson acabaria por encontrá-la. Pelas quatro da tarde, porém, estava cansada e com fome, por isso entrou numa cabina telefónica e ligou a Paul Bellows.

Foi uma decisão acertada. Paul preparava-se para sair, tinha de ir a Hennecock para falar com um tipo qualquer por causa do seguro do carro, e não se importava nada que ela lhe fizesse companhia.

— Estou com fome — confessou ela, e pressionou os dedos contra o vidro da cabina. A espiral de fumo azulado que se elevava do cigarro que segurava nos dedos meteu-se-lhe nos olhos e obrigou-a a virar a cara, razão pela qual não viu a mãe passar —, mas não tenho muito dinheiro.

— Sem problema — respondeu Paul. — Paramos num sítio qualquer.

Ao desligar, ocorreu a Amy que talvez Stacy se tivesse precipitado ao dar com os pés a Paul.

Isabelle resolvera ir à florista meio cavernosa que havia na Main Street de Basin, e não à loja mais espaçosa e vistosa de Oyster Point, para evitar cruzar-se com Emma Clark. Morria de medo de ser vista nos seus preparativos. Era Emma, afinal de contas, quem ela queria conquistar. Seria Emma quem diria (se tudo corresse bem, Deus permitisse) no regresso a casa, naquela noite: «Realmente, Avery, é uma pena que, em todos estes anos, nunca tenhamos prestado mais atenção à Isabelle.» E seria Emma quem pegaria no telefone no dia seguinte e diria às amigas que tinham julgado mal Isabelle Goodrow; que, depois de ter passado um serão encantador em casa dela, se dera conta de que Isabelle era na verdade uma mulher simpatiquíssima, que transformara a casa dos Cranes num verdadeiro lar e...

E o quê? Isabelle dormira mal e sentia-se cansada. Estava a dar demasiada importância a tudo aquilo, pensou, enquanto cumprimentava o idoso que geria a lúgubre florista e constatava que havia ali muito pouca variedade (flores de *plástico*, por amor de Deus); mais valia colher umas quantas flores do seu próprio quintal. Junto à caixa registadora, porém, avistou uma grande quantidade de tulipas

amarelas, algo surpreendente, no final do verão. Isabelle apontou para elas; sim, queria seis. Eram caríssimas. Manteve-se em silêncio enquanto o homem as embrulhava com grande afã em duas folhas de papel estampado, e levou-as com cuidado na dobra do braço até ao carro, como se segurasse um bebé recém-nascido envolto numa manta.

Mas que boa decisão! Quando acabou de as compor, tendo tirado do armário toda a sorte de jarras que tinha, de estanho, de vidro lapidado, de porcelana, as tulipas enchiam o olho. Três delas coroavam a mesa da cozinha, havia mais duas na cornija da lareira da sala, e, no armário da pequena casa de banho de serviço, numa esguia jarra de estanho, Isabelle pusera a última tulipa amarela.

O telefone tocou. Encheu-se de medo de que fosse Avery a dizer que Emma não se sentia bem. Pareceu-lhe insuportável.

Mas era Amy.

— Olá, mãe — disse ela, e rebentou um balão de pastilha elástica.

— Por favor, Amy. — Isabelle fechou os olhos e pressionou a cana do nariz com um dedo. — Se tens mesmo de mascar pastilha, ao menos fá-lo com a boca *fechada*.

— Desculpa.

A buzina de um carro.

— Onde estás? — perguntou Isabelle.

— À porta da biblioteca. Com a Stacy. Até que horas é que os Clarks vão ficar em nossa casa?

— Bem, não sei. Dez horas, talvez? É difícil prever. — Também Isabelle se perguntara até que horas eles ficariam. Até que horas ficavam as pessoas quando iam a casa de outra tomar um café? Se fossem embora antes das nove, a noite podia considerar-se um fracasso, por certo.

— Seja como for — continuou Amy —, fico em casa da Stacy esta noite. Se calhar vamos ver um filme.

— Que filme.

— Não sei bem. Um filme para crianças em Hennecock, acho eu, por causa dos irmãos dela.

— Mas Amy, não levaste nada contigo. Nem camisa de dormir, nem roupa interior. E a escova dos dentes?

— Não morro por causa disso, mãe — disse Amy, obviamente irritada. — Caramba. Olha, ligo-te de manhã.

— Sim, faz isso, por favor. — Isabelle rodou a cabeça para admirar as tulipas em cima da mesa. Com o calor da cozinha, tinham aberto mais um pouco. — E, por favor, Amy, não rebentes balões em frente aos pais da Stacy.

Desligou com uma sensação de inquietude. Arqueou as sobrancelhas

quando deitou numa taça o açúcar em pó para a cobertura do bolo. Ia demorar a confiar de novo em Amy. Era o que acontecia quando se mentia a alguém, perdia-se a confiança na pessoa. Amy sabia-o, e por isso estava irritada. Em todo o caso, com franqueza, seria um alívio não a ter ali quando os Clarks aparecessem.

Num *diner* em Hennecock, Paul Bellows comeu uma pratada de amêijoas fritas e disse que só esperava que não lhe dessem a volta à barriga, mais tarde.

— Não seria a primeira vez — rematou ele.

Amy recostou-se enquanto a empregada lhe servia água. Terminara o seu cachorro-quente e deslizava a ponta do indicador pelo prato. Com um gesto, Paul ofereceu-lhe o resto das suas amêijoas, mas ela abanou a cabeça.

— Importas-te que fume enquanto comes? — perguntou ela.

Passara a tarde toda a fumar e os cigarros já nem lhe sabiam bem, mas sentia-se obrigada a continuar.

— Não.

Paul inclinou o frasco de *ketchup* por cima do prato, deu-lhe uma palmada com força e, quando um pedaço caiu na beira do prato, lambeu a boca do frasco e fechou-o.

No balcão, a caixa registadora tilintou. As cafeteiras soltavam vapor e os pratos de uma mesa que estava a ser levantada tilintaram. Paul comia as suas amêijoas, afogando cada uma no monte de *ketchup* antes de as meter na boca, e mastigava com os lábios sujos de *ketchup*. Fez uma pausa para beber a sua coca-cola, os cubos de gelo tiniram quando inclinou o copo, e voltou às amêijoas. Amy observava, quase hipnotizada, a maneira aplicada e indiferente como ele comia. Esticou o braço, roubou-lhe uma amêijoia e afundou-a no *ketchup* como ele fazia.

— Teria casado com ela, sabes?

Amy achou a amêijoia mole e desagradável sob o polme da fritura.

— Os pais dela acham que sou bronco.

Amy cuspiu para o guardanapo.

— Os pais dela são um bocado esquisitos — comentou Amy, e enfiou o guardanapo debaixo da beira do prato.

— O pai dela é um merdas e a mãe é só despistada e estranha. — Paul acabou de comer e tirou um cigarro do seu maço. — Que queres

fazer?

— Passear de carro, talvez.

Paul concordou com um aceno de cabeça. Amy achou-o ansioso e triste.

Depois de tomar banho e de aplicar o pó de talco, Isabelle estendeu-se na cama, de olhos fechados. Do outro lado da janela, os pássaros cantavam. Abriu os olhos e fechou-os de novo, lembrando-se da dificuldade que Amy tinha, quando era criança, de adormecer na hora da sesta. Isabelle levava-a ali para o quarto e deitava-se com ela. «A mamã também vai dormir», dizia ela, mas Amy nunca se deixara enganar. Quando Isabelle abria os olhos, Amy estava deitada, muito quieta, a olhá-la fixamente. «Fecha os olhos», pedia Isabelle, e Amy obedecia sempre, e as pálpebras macias tremiam-lhe com o esforço que fazia. Dali a pouco tempo, estavam novamente abertas, mãe e filha surpreendidas a olharem uma para a outra no silêncio do quarto.

*

No último andar de um edifício de apartamentos na Main Street, Lenny Mandel despia-se uma vez mais. Não tencionara ir ali naquele dia; era sábado e a mãe contava que ele a ajudasse com a reunião do clube de brídege daquela noite. Tinha ido à escola pôr umas coisas em dia e passara ali só para um olá rápido. Contudo, quando Linda se inclinara para o frigorífico, a visão das suas coxas, pálidas e nuas sob o vestido de algodão encarnado que se levantara por cima da sua anca fê-lo gemer interiormente; vendo a expressão na cara dele quando se virara, Linda fez um sorriso tímido e foi ao seu encontro.

A necessidade constante que sentia de se introduzir nela — o pénis, os dedos, a língua, fosse o que fosse — era desconcertante. (Teria enfiado os dedos pela garganta dela abaixo, se o pudesse fazer sem a magoar.) Então, com os olhos fechados, fazendo deslizar a cara pelo seu tronco abaixo, ansiava abrir-lhe a pele, meter todo o seu corpo lá dentro e fazer assim amor com ela, de dentro para fora, em vez de fora para dentro. Não era normal, pensou, desejar tanto uma pessoa; o seu mundo parecia-lhe sombrio e tresloucado, e vivia constantemente num frenesim.

Mudaram-se para a cama e Linda abriu as pernas de par em par: quanta generosidade. Lenny contemplou aquele presente magnífico sobre os lençóis floridos; queria rachá-la em dois, abri-la ao meio como uma pinça de lagosta.

Depois, pediu desculpa. Como sempre. Ela abanou a cabeça,

compreensiva.

— És simplesmente um homem muito fioso, Lenny — disse ela.

Ele interrogou-se por que motivo isso já não o deixava feliz e, visto isso, continuava a ansiar por tudo aquilo.

*

Ao mesmo tempo que Lenny Mandel abotoava as calças e Isabelle Goodrow descia as escadas para jantar qualquer coisa leve e não estar estonteada ou com uma dor de cabeça quando os Clarks chegassem, Dottie Brown, do outro lado do rio, seguia de divisão em divisão o marido, que metia coisas num saco de viagem. No corredor, ele deteve-se e olhou para ela, com um músculo a tremer na face.

— Se preferires, eu fico e vou só amanhã de manhã — disse ele.

Ainda havia bastante luz no céu, mas o dia começava a chegar ao fim. Passeavam há algum tempo em silêncio, ouvindo a música do rádio em altos brados, quando Paul esticou o braço para o desligar e, no silêncio inusitado que se seguiu, disse:

— Irrita-me que os pais dela achem que sou um bronco qualquer.

Amy rodou a cabeça e olhou para ele.

— O meu tio é capaz de me fazer sócio do negócio dele, um dia — disse, e deu uma passa longa no cigarro. Olhou para Amy, que anuiu com a cabeça. — Que se lixe. — Paul lançou o cigarro pela janela.

A estrada em que seguiam era de terra batida, com um bosque de um dos lados e campos do outro.

— Onde estamos? — perguntou Amy.

— Estava a pensar no mesmo. — Paul olhou por cima do ombro de Amy, que olhava pelo vidro aberto do seu lado. — Isto deve pertencer a uma das quintas por que passámos. Mas não parece cultivado.

— Eles alternam os campos — disse Amy. — Porque a terra se cansa. É por isso que precisam de tantos hectares. Metade da terra fica em pousio de xis em xis anos.

Paul sorriu para ela.

— És boa aluna?

— Safo-me. Não sou brilhante.

— Eu não me saí mal — revelou Paul. — Nunca chumbei a nada.

O caminho tornou-se mais estreito. De vez em quando, um ramo riscava o carro ou uma pedra batia contra o fundo. Paul avançou mais devagar e, às tantas, parou.

— Tenho de arranjar um sítio para dar meia-volta. Este meu menino não é nenhum jipe, sabes?

Amy fez que sim com a cabeça, que inclinou para fora do carro.

— Não podes recuar?

Paul virou-se para olhar pelo vidro de trás.

— Parece que é o que terei de fazer — disse ele, num tom enfadado. — Bolas, estamos no meio do nada. — Virou-se para a frente, desligou o motor e olhou para ela, com a cabeça pendida para um lado. — Queres-me dar um beijinho, Amy?

Amy inclinou-se para Paul, compadecendo-se dele, sentindo que partilhavam uma qualquer desolação sombria; pensou em João e Maria, dois miúdos perdidos na floresta.

Foi a respiração dele que a alertou, assim como a maneira como se pôs a girar a cabeça e a deslocar a boca para a frente e para trás sobre a dela. Amy não queria ser mal-educada.

Ele afastou a cabeça e fez o seu costumeiro sorriso desfasado. Inclinou a cabeça e olhou para a mão de Amy.

— Então, Ame — disse ele —, queres...

O coração de Amy palpitou mais depressa. O ar que entrava pelo vidro aberto tinha um cheiro húmido, outonal. Sentia-se responsável; fora ela quem quisera dar um passeio de carro, quisera matar o tempo até os Clarks se irem embora; depois voltaria para casa e diria à mãe que afinal não ficara em casa de Stacy. Ou talvez Paul tivesse um sofá onde ela pudesse dormir; não pensara muito bem em tudo aquilo, na verdade. Mas agora ele queria... fazer coisas... e Amy achava que talvez o tivesse estado a usar. Era até provável que o carro tivesse riscos por culpa dela.

— Ah — respondeu ela, balbuciante —, sabes, bem. Gosto de ti e isso, mas é estranho, porque...

— Não é estranho — alegou ele, e rasgou o sorriso —, é muito natural, na verdade. — Inclinou-se para a frente e começou a beijá-la de novo.

Amy afastou a cara.

— Sabes — tornou ela. — É que não me ia sentir bem. Quer dizer, tu entendes, sou amiga da Stacy e assim. Que merda, desculpa lá.

— Não tem problema. Ei, não te preocupes com isso. — Afagou-lhe o rosto e afundou os dedos no cabelo dela. — És boa pessoa, Amy. — Exalou ruidosamente e arqueou as sobranceiras. — Estava mortinho por... Teria sido bom, mas não tem importância. — Virou-se e abriu a porta do seu lado. — Tenho mesmo de ir mijar. A propósito — acrescentou, tendo-se apeado e voltado a inclinar para dentro do carro —, não costumavas ter o cabelo comprido?

Amy respondeu que sim com a cabeça.

— Bem me pareceu. Não demoro. Tenho de arranjar um sítio para

mijar. — Avançou pelo trilho. — Não fujas — gritou ele a Amy.

Ela ficou a vê-lo avançar pelo meio da vegetação, segurar ramos, baixar a cabeça. Acendeu um cigarro, interrogando-se onde estaria o professor Robertson, e o desejo que sentia por ele retumbou no seu interior como se ela fosse, da cabeça aos pés, nada mais do que um estômago vazio. Fechou os olhos, recostou a cabeça e pensou nos seus seios nu naquele dia, no carro, nas pernas desnudas, na sensação de ser tocada pelos dedos lentos dele. Por certo que ele pensaria no mesmo. Tinha a certeza de que sim. Sabia que ele voltara em busca dela.

— Amy!

Abriu os olhos e olhou na direção do bosque. O lusco-fusco instalara-se naqueles poucos minutos e o ar refrescara e exalava cheiros outonais.

— Ei, Amy!

Ela saiu à pressa do carro e um caule de virgáurea ficou preso na porta quando a fechou.

— Amy!

Paul emergiu da vegetação com a cara a reluzir de suor.

— Caramba, Amy. — Agarrou-a pelo pulso e Amy reparou que o braço bronzeado de Paul tinha pequenos arranhões. — Tens de ver isto. Caramba.

— O quê? — perguntou ela, e seguiu-o. As silvas arranhavam-lhe as pernas e um ramo de pinheiro bateu-lhe na cara.

— Caramba — repetiu Paul, e inclinou-se para a frente. Com os ténis esmagou duas flores que tinham irrompido por entre as agulhas dos pinheiros. — Encontrei um carro... Anda cá ver.

Apontou. Tinham chegado a uma clareira e havia um pequeno carro azul parado na orla de um campo mais à frente. Paul pegou-lhe novamente no braço e puxou-a na direção do carro.

— Achei que fosse um carro abandonado, estás a ver, e que talvez pudesse vender os pneus ou outras peças, por isso abri a bagageira e nem vais acreditar, merda.

Amy imaginou que ele tinha encontrado dinheiro, talvez uma mala com dinheiro.

Tinham quase chegado ao carro quando lhe chegou ao nariz um cheiro a qualquer coisa estragada, como se tivesse passado por um caixote de lixo que estivera dias ao sol.

— Que fedor — comentou ela, e fez uma careta a Paul.

A transpiração fazia-lhe a cara reluzir. Abriu a bagageira.

— Não vais acreditar, Amy. Olha.

Isabelle tinha acabado de tratar da fruta. Os pratos estavam a postos, tal como as chávenas. A leiteira de porcelana *Belleek*, que pertencera à sua mãe, e que Isabelle adorava (presenteou-a então com um sorriso íntimo, como se o brilho delicado da leiteira fosse um sussurro da mãe, a desejar-lhe boa sorte), repousava, obsequiosa, junto ao açucareiro, numa salva de prata. O bolo ocupava o centro da mesa, com a fruta ao lado, e as tulipas por perto.

Encantador. Simplesmente encantador.

Os Clarks chegariam a qualquer momento. As pessoas de Oyster Point não chegavam atrasadas. Às sete e cinco, Isabelle encheu a jarrinha. Comprara natas frescas para o chá, ou para o café, se preferissem. Planeava oferecer ambas as coisas.

Às sete e um quarto doía-lhe a cabeça. Tomou duas aspirinas e encostou-se ao lava-louça a mordiscar uma bolacha de água e sal. Depois, foi para a sala de estar e sentou-se na beira do sofá a folhear uma revista. Por duas vezes, pareceu-lhe ouvir um carro no caminho de gravilha e levantou-se para espreitar dissimuladamente pela janela da cozinha; não queria ser apanhada de atalaia. De ambas as vezes, não era ninguém.

Começava a escurecer. Acendeu outro candeeiro na sala. Pensou: vou lá acima acender a luz da minha mesa de cabeceira e quando descer eles chegarão.

Não chegaram. Ao descer as escadas, enquanto deambulava pela sala e pela cozinha, sentia que a casa a observava como uma criança bem-comportada que espera com ansiedade o começo de um qualquer espetáculo. Às oito menos um quarto, Isabelle lavou as mãos, secou-as cuidadosamente e marcou o número da casa de Avery Clark. Tocou quatro vezes e Isabelle sentiu refletido nas pernas o alívio que experimentou: estavam, sem dúvida, a caminho.

— Estou? — disse Avery. Em pano de fundo ouvia-se o som inconfundível de pessoas a conversarem.

— Ah — reagiu Isabelle. — Sim, olá. É a Isabelle.

— Isabelle, olá — cumprimentou Avery.

— Era para saber se surgiu algum problema. — Isabelle contemplou a cozinha, as chávenas prontas, o tabuleiro composto, as tulipas que se agigantavam atrás da taça de fruta.

— Um problema? — disse Avery.

— Talvez eu me tenha confundido. — Isabelle fechou os olhos com força. — Pensei que o Avery e a Emma vinham cá...

— Esta noite? — estranhou Avery. — Oh, meu Deus, era esta noite?

— Eu achava que sim — disse Isabelle, como quem se desculpava.

— Se calhar, baralhei-me.

— Oh, meu Deus — exclamou Avery —, a culpa é minha. Esqueci-me por completo. Temos uns amigos cá em casa, esta noite.

Isabelle abriu os olhos.

— Bem, fica para outro dia — disse ela. — Não tem nenhuma importância.

— Peço desculpa — respondeu Avery. — Caramba, peço imensa desculpa. Tem sido tanta coisa. Reuniões da igreja e assim.

— Não tem nenhuma importância — repetiu Isabelle, que não tinha ouvido falar de nenhum encontro ou reunião da igreja. — A sério. Não tem qualquer problema. Combinamos para outra altura.

— Outra altura. Com certeza — concordou Avery. — E lamento muito, Isabelle.

— Não faz mal — disse ela. — Não pense mais nisso. Não era nada de especial, nenhum grande evento. — Tentou produzir um som parecido com uma gargalhada, mas estava aturdida. — Boa noite.

Enquanto guardava as chávenas, os pratos e os talheres, sentia que a visão fora afetada pela humidade que lhe cobria a cara.

As tulipas troçavam dela.

Tudo troçava dela; o bolo, pesado, redondo, parecia afundado, a taça de fruta contemplava-a com uma superioridade desdenhosa. Pegou num saco de papel das compras e despejou dentro dele o bolo, cuja cobertura deixou um rasto na lateral, e a salada de fruta. Num repente, torceu as tulipas — ouviu os caules estalarem — e despedaçou os cubos de açúcar, porque os comprara de propósito para a ocasião.

Tinha de arrumar tudo, de tirar tudo da vista. Verteu as natas pelo ralo do lava-louça e lavou a leiteira e o açucareiro. Enxugava a leiteira, com gestos atabalhoados e acelerados, quando ouviu um carro parar em frente ao alpendre, momentaneamente iluminado pelos faróis.

— Oh, *não!* — exclamou em voz alta, crente de que Emma e Avery, envergonhados, tinham decidido ir, afinal de contas, e ela acabara de deitar tudo ao lixo. Como ia explicar isso? Como podia dizer-lhes: «Oh, lamento. Acabei de deitar o bolo ao lixo»?

Ouviu bater duas portas de carro, uma a seguir a outra, e percebeu de imediato que não era Emma Clark, que jamais bateria com uma porta daquela maneira. Depois, o coração de Isabelle bateu ainda com mais força, vendo naquilo a materialização de um pesadelo: ia ser atacada na própria casa, às escuras, sem nenhum vizinho por perto.

Correu a entalar as costas de uma cadeira sob a maçaneta da porta e com o cotovelo fez a leiteira *Belleek* cair ao chão, onde se estilhaçou com um estrépito fugaz e sóbrio. No chão de linóleo, os cacos

assemelhavam-se a conchas partidas.

Uma pancada forte na porta fez a cortina que a tapava abanar, e Isabelle disse, em voz alta, estridente:

— Quem é? Vão-se embora! Vou chamar a polícia!

— Somos a polícia, minha senhora — respondeu, do lado de fora da porta, uma voz grave e segura que soava ao mesmo tempo competente e ligeiramente entediada. — A polícia estadual, minha senhora. Procuramos uma rapariga chamada Amy Goodrow.

*

Para Amy, o que sucedeu naquele final de tarde permaneceu durante muito tempo uma aglomeração sombria de imagens e sensações dispersas: o sabor acre e salgado na sua boca, por exemplo, do qual não se conseguia livrar; nem quando, já no beco por trás da lavandaria automática, inclinara a cabeça para a frente e cuspira, juntara mais saliva e cuspira novamente. Não, a salinidade peculiar do que, depois de esvaziar o conteúdo da boca para uma mancheia de papel higiénico na minúscula casa de banho de Paul, lhe parecera uma espécie de pus globular, entranhara-se nas fendas mais recuadas e nas membranas macias da sua boca. Não esperava aquilo, aquilo em especial, e mais tarde, nas traseiras da lavandaria, depois de cuspir, enquanto fumava um cigarro, não conseguia livrar-se daquele sabor ou da maneira como, na sua mente, ele se misturava com a imagem (grande parte dela esquecida de imediato, à exceção da meia, dos dentes e de um brinco de ouro) de uma pequena pessoa morta na bagageira de um carro; só que já não era uma pessoa, e Amy nem se teria logo apercebido do que era se Paul não tivesse apontado para a fileira de dentes; e depois a estranheza que se seguiu, a silenciosa escalada de... de quê?

Ao subir as escadas para o apartamento de Paul, vendo à frente a barriga das pernas das calças de ganga dele, sabia que ia pedir-lhe dinheiro, porque se dera conta de que tinha de fazer uma coisa e, para isso, precisava de dinheiro. E Paul ter-lho-ia dado, de qualquer maneira, tinha quase a certeza disso, mas estava desesperada pelo dinheiro, e ele, no meio daquela estranha agitação que o acometera, estava desesperado por ela (não por *ela* propriamente, Amy sabia disso, mas pela sua boca, pelas suas mãos), e como podia negar-se e depois pedir-lhe dinheiro?

Às escuras, ele abriu a braguilha e segurou-lhe a cabeça e Amy gostou de sentir as mãos grandes dele de cada um dos lados da cabeça, porém, quando a puxara contra ele, lhe pressionara a cara e a boca contra o baixo-ventre, apercebera-se do cheiro a falta de limpeza, um

odor acre, fétido, transpirado. Tinha a certeza de sentir o ténue e enjoativo aroma da última cagada dele — restos, talvez, da última vez que se limpara — e foi isso que a fez ter vontade de chorar, o facto de ter a cara pressionada contra a parte dele que ia à casa de banho, e a dureza da coisa que tinha na boca; não sabia bem o que tinha de fazer.

Mas foi como se Paul não se conseguisse controlar, como se tivesse de ser, e ela, estando ali, ajudava-o. Ele mostrou-se simpático, e até pediu desculpa, no final. Mas depois pôs-se a dizer que, se encontramos um cadáver, temos de chamar a polícia e que ia ligar à polícia.

Mas ela só queria dinheiro. Ele deu-lho e ela foi-se embora.

Dirigira-se para a lavandaria automática porque lá havia uma máquina que dava trocos; jamais recordaria se vira lá outras pessoas; lembrava-se apenas de estar em frente à máquina, metendo notas com mãos trémulas numa pequena fita rolante que fez um gemido e depois hesitou, cuspiu a nota, voltou a puxá-la e finalmente deu as moedas. E depois lembrava-se de estar no beco a cuspir para tentar livrar-se daquele gosto que lhe ficara na boca.

Em seguida, encetara a longa e desesperada caminhada até ao instituto politécnico, cuja biblioteca estava aberta ao sábado à noite, e ela tinha de lá ir, e um carro parara ao lado dela a oferecer-lhe boleia; no interior escurecido do carro, vira a cara de um homem mais velho e forte que não sorriu. Não, respondeu-lhe Amy, e abanou a cabeça, não, obrigada; apesar disso, ele não arrancou; continuou a passo de caracol ao lado dela. «Não, obrigada!», gritara Amy e, por um momento fugaz, ao desatar a correr, vira na cara umbrosa do homem que o seu grito o deixara nervoso; ele acelerara e afastara-se.

Na biblioteca silenciosa, de tetos altos, sentiu que as pessoas a observavam. As caras mudas que se agigantavam sobre as mesas de madeira olhavam-na com atenção, e as suas expressões eram a crista de uma onda de desaprovação tácita; pendeu a cabeça.

Com o mesmo ar de alerta, o homem atrás balcão alertara-a de que a biblioteca ia fechar dali a pouco. Porém, ajudara-a com uma cortesia que Amy recordaria durante anos, e quando lhe entregara um atlas gigantesco e a ajudara a encontrar numa das páginas um mapa do Massachusetts, ela agradecera-lhe três vezes seguidas. Precisava de papel e caneta; esta tomada súbita de consciência trouxe-lhe lágrimas aos olhos e o homem do balcão ajudou-a outra vez.

Finalmente, estava na cabina telefónica da cave. Era mais um armário, na verdade, com coisas feias escritas nas paredes. «Chupa-me a pixa», era uma dessas coisas, e isso fê-la desatar a chorar, sentada no

armário telefónico de madeira envernizada a que a luz dava um tom dourado, segurando a lista de todas as cidades do Massachusetts que começavam por pê, porque ele era de uma cidade que começava por pê, lembrava-se disso, e ligou para as informações.

Para quantos números ligou a perguntar pelo professor Robertson? Talvez cinco? Mais do que isso. Dez? Então, a voz de uma idosa, o «estou» atirado com sete pedras na mão, ou assim pareceu a Amy, exausta, quase tresloucada.

— Gostaria de falar com Thomas Robertson — disse Amy. — É da casa dele? — E ao ver que a mulher não respondia, naquele silêncio fugaz, Amy percebeu que o tinha encontrado. — Por favor — pediu. — É muito importante.

— Quem fala?

— É uma amiga. É muito importante. — Amy fechou os olhos; seria aquela a mãe alcoólica?

— Espere um momento.

Um ruído abafado, sussurros, depois a presença de alguém que se acercava do telefone, o murmúrio de uma voz masculina muito grave; um som que Amy reconheceu. Lágrimas de alívio correram-lhe pela cara e encostou a testa à parede de madeira do armário telefónico; finalmente, finalmente, finalmente, encontrara-o.

Alguém pegou no auscultador:

— Estou?

— Ah, professor Robertson. Sou eu. É a Amy Goodrow.

Uma pausa.

— Lamento — disse o professor Robertson, na sua maravilhosa voz grave —, receio que se tenha enganado no número.

— Não, não enganei. Sou eu, é a Amy. De Shirley Falls. *O senhor* sabe.

— Receio que não — disse o professor Robertson, sem pressa. — Marcou o número errado, é engano. — Hesitou antes de acrescentar com firmeza e num tom ligeiramente diferente, quase com um sotaque sulista: — Não sei quem você é. E não volte a telefonar-me para aqui.

À meia-noite, a casa estava em silêncio. Sobre a mesa da cozinha, um pequeno candeeiro iluminava a entrada da casa, mas a sala estava às escuras, assim como a sala de jantar, e as escadas a mesma coisa, à exceção da franja de luz que incidia no patamar. A luz, débil o suficiente para tingir de verde-escuro a escuridão em redor, provinha do quarto de Isabelle, onde uma toalha estendida por cima do abajur atenuava a luminosidade. Sob as pregas de um cobertor fino estava Amy, estendida de barriga para cima como um banhista ao sol, dormindo profundamente. À luz esbatida, o seu rosto não denotava nem tranquilidade nem angústia, uma consequência, talvez, do sedativo que lhe corria então no sangue. Não obstante, com os lábios entreabertos e o nariz ligeiramente inclinado para cima, tinha uma expressão de delicada franqueza.

Aos olhos de Isabelle, a rapariga parecia separada. Foi a palavra que lhe veio à cabeça quando se inclinou para puxar o cobertor e compor a maneira como cobria o braço e o pescoço de Amy. Separada dela, de Isabelle. Separada de toda a gente. Sentada na cadeira que levava para a beira da cama, Isabelle examinava as diferentes sombras e contornos daquele rosto; em determinada altura, nos últimos anos, as feições de Amy tinham adquirido os traços definitivos. E quem se tornara ela?

Uma pessoa separada, pensou de novo Isabelle, e afastou-lhe da cara um caracol de cabelo transviado. Alguém que não podia sequer herdar a leiteira de porcelana *Belleek* da avó; e nesse momento Isabelle encostou-se ao espaldar com lágrimas nos olhos, desencadeadas pela recordação da leiteira estilhada que tanto lhe fazia lembrar a mãe: tão delicada, tão pouco prática, tão encantadora. E já não existia. Que aquela perda coincidissem com o facto de Avery Clark se ter esquecido de ir a sua casa produzira em Isabelle uma dor tão grande que não a tinha assimilado por completo; as palavras dele, «Esqueci-me por completo, Isabelle», eram holofotes cruéis que cingiam a circunferência da sua mente.

Mas no centro estava Amy. Essa desconhecida que estivera no

bosque com Paul Qualquer Coisa (o estômago de Isabelle fez uma tentativa de se revirar, embora tenha acreditado em Amy quando ela dissera que não havia nada entre eles: «Nada, nada, nada») e deparara com um cadáver na bagageira de um carro abandonado; oh, que horror, uma rapariga encontrar o corpo de outra rapariga! A pobrezinha entrara em casa aterrorizada, com a cara manchada pelas lágrimas e os olhos estranhamente sumidos; dir-se-ia que espreitava do fundo de uma caverna. Estava irreconhecível, na verdade, olhando fixamente para os polícias como se estes ali estivessem para a levar presa, quando pretendiam tão-só confirmar a história de Paul, para lhe perguntarem, com toda a amabilidade que outros pormenores poderia acrescentar. Mais tarde, Amy afundara a cara nas fendas do sofá, lembrando a Isabelle um cão assustado numa tempestade, um medo puro. Os sons horríveis, guturais que haviam emergido da sua garganta. «Não pode ser verdade», não parava ela de gritar para o sofá. «Não, não acredito, não acredito.»

Os polícias, sobretudo o mais velho, tinham sido muito amáveis. Foi o mais velho que sugeriu a Isabelle ligar a um médico, caso Amy não se acalmasse. O médico também tinha sido amável e ligara para a única farmácia aberta ao sábado à noite — em Hennecock, a meia hora de distância — e passara a receita. Na farmácia, com o braço em redor de Amy, aninhada nela, Isabelle explicara: «A minha filha sofreu um choque», e o farmacêutico, cansado, com um olhar amável, limitara-se a fazer que sim com a cabeça, e a sua atitude não denotara qualquer juízo de valor. Quatro anos mais tarde, quando voltou a cruzar-se com o farmacêutico, Isabelle não se recordava minimamente dele (se bem que ele se lembrasse dela, da feminidade comovente daquela pequena mulher que estreitava com um braço a filha, alta e assustada); para Isabelle, o mundo naquela noite era disforme e espiralante.

O telefone tocou.

— Isabelle? — Uma voz de mulher, conhecida. — Isabelle, é a Bev. Desculpa, se te acordei.

— Ah, sim — respondeu Isabelle, meio ofegante, pois descera as escadas a correr. — Sim, olá. Não, não me acordaste.

— Isabelle, temos aqui um problema. — Bev Gorda falava baixinho. — Estou em casa da Dottie. O Wally foi-se juntar com a namorada... saiu de casa.

— Oh, meu Deus — murmurou Isabelle, e avançou para as escadas, a ver se o telefone acordara Amy.

— A Dottie não queria estar sozinha, por isso vim para cá. Mas estar nesta casa também é demais para ela. Eu levava-a para minha casa,

mas a Roxanne tem duas amigas a dormir lá em esta noite, na sala, e isso é última coisa de que a Dottie precisa.

— Foi viver com a namorada? — Foi a única coisa que ocorreu dizer a Isabelle.

— É um parvo — disse Bev Gorda. — A fazer figura de parvo. — Seguiu-se uma pausa. — A Dottie está a passar por um mau bocado, Isabelle. Não quer ficar aqui esta noite.

Não ocorrera a Isabelle que Bev lhe estava a fazer um pedido. Ao ouvir o telefone, convencera-se de que era de novo qualquer coisa relacionada com Amy. Imaginou então, por um instante, Dottie Brown sentada na cadeira de balouço, na cozinha, de olhar vazio e com um cigarro entre os dedos.

— Bev, importas-te de esperar só um minuto? É só um minuto. Não desligues. — Pousou o auscultador na bancada da cozinha e subiu as escadas. Amy continuava a dormir, na mesma posição. Isabelle inclinou-se para a frente e semicerrou os olhos para observar o peito da filha, que subia e descia. Voltou à cozinha.

— Bev?

— Sim.

— Queres trazer a Dottie para passar a noite aqui?

Parecia estapafúrdio, na verdade. Logo naquela noite, quando tinha a mente tão ofuscada pelos holofotes da voz de Avery Clark: «Esqueci-me por completo, Isabelle.»

E com Amy naquele estado...

— Não te importas, Isabelle? Eu ficava também, se não houver problema... A Dottie sentir-se-ia mais à vontade. E vocês também, provavelmente. Basta um sofá para nós as duas. Sei que não tens muito espaço de sobra.

— Claro — respondeu Isabelle. — Venham.

*

E tão estranho que foi tudo, depois. Tão inusitado estarem as três, adultas, sentadas na sala com o colchão da cama de Amy no meio do chão, com lençóis, cobertor e almofada. E também o sofá tinha lençóis, cobertor e almofada. Ao início, a situação prometia ser embaraçosa: qual criança atordoada, Dottie atravessou a cozinha guiada por Isabelle, que lhe apertava a mão e murmurava condolências como se alguém tivesse morrido. Bev Gorda seguira-as, segurando uma carteira castanha e grande e com a pele das faces murchas e caídas com as de um cão cansado, e por fim sentaram-se as três na sala de estar, duvidosas, inseguras. Mas Isabelle disse:

— A Amy encontrou um cadáver esta noite. Está lá em cima, a

dormir na minha cama.

Isso pareceu quebrar o gelo.

— Valha-nos Deus — disse Bev Gorda. — Que conversa é essa?

Isabelle contou-lhes. É claro que se lembravam da menina, Debby Kay Dorne, obviamente que sim. De ver a fotografia dela na televisão e no jornal.

— Tão bonita — disse Bev, e abanou a cabeça, o que fez as suas bochechas pesadas parecerem ainda mais abatidas.

— Um anjinho — acrescentou Dottie. E os olhos encheram-se-lhe de novo de lágrimas.

— Mas que história é essa de a Amy a ter encontrado? — perguntou Bev, que abriu a carteira e de lá tirou prosaicamente um rolo de papel higiénico e o entregou a Dottie. — Como assim, *encontrou-a*?

— Estava a passear de carro com um amigo. Queres um lenço de papel, Dottie? — Isabelle quis-se levantar, mas Bev fez-lhe sinal que se sentasse.

— Já gastámos todos os lenços de papel que havia na cidade, certo, Dottie? Continua.

— Andava a passear com o amigo. A amiga da Amy, a Stacy, teve um bebé há pouco tempo, não sei se sabem. Dottie, deixa-me ir buscar-te uns lenços de papel, são menos agressivos para o nariz.

Dottie tinha o nariz tão vermelho que quase parecia em carne viva.

Mas Dottie abanou a cabeça.

— Não me importa que me caia o nariz, deixa lá. Chega à parte do cadáver, por favor.

— Sim — reforçou Bev Gorda.

Assim, Isabelle repetiu o que se sabia acerca daquela noite (deixando de fora a parte sobre Avery e Emma Clark), e terminou com a amabilidade do médico e a viagem até à farmácia para ir comprar os calmantes.

— A Amy estava quase histérica — explicou ela. — Caso contrário, acho que dar calmantes a uma criança...

Bev interrompeu-a.

— Isabelle. A Amy encontrou uma criança assassinada. Suponho que se há uma boa altura para tomar um comprimido, o que sucedeu à Amy se qualifica como uma dessas alturas.

— Pois, sim — concordou Isabelle. — Foi o que pensei também.

— Posso tomar um, Isabelle? — perguntou Dottie, meio estendida no sofá. — Dás-me um desses calmantes? Só para eu conseguir dormir?

— Ah, boa ideia — concordou Bev. — Isabelle, podes dispensar um desses comprimidos?

— Com certeza — disse Isabelle, e levantou-se, foi à cozinha e voltou com o frasco dos comprimidos, que tinha um autocolante a citar uma lei federal que proibia o consumo por outras pessoas que não a mencionada na embalagem. — Não vais fazer uma má reação a isto, pois não? — perguntou. — Sei que as pessoas alérgicas à penicilina têm de usar uma chapinha ao pescoço.

— Isto não é penicilina. É *Valium*. — Bev tirara o frasco da mão de Isabelle e lera o rótulo. — Ninguém te vai levar presa por dares um *Valium* a uma amiga.

Isabelle voltou com um copo de água e Dottie tomou o comprimido. A seguir, Dottie pegou na mão de Isabelle e, com os seus olhos azuis orlados de vermelho, olhou-a, emocionada.

— Obrigada — disse Dottie. — Por me deixares ficar aqui esta noite. Por não me fazeres perguntas.

— Ora essa — murmurou Isabelle.

Mas disse-o à pressa, afastou-se com demasiada rapidez, e um manto de embaraço desceu sobre elas. Isabelle sentou-se no seu cadeirão. Ficaram as três em silêncio. Isabelle olhava para Dottie deitada no sofá e tapada com o cobertor, mas via-se obrigada a desviar o olhar quase de seguida, assombrada com a enorme facilidade com que uma vida podia ser danificada, destruída. A vida, delicada como um tecido, podia ser rasgada pelos golpes caprichosos de um momento aleatório e egoísta. Uma festa na oficina Pneus Acme, uns quantos uísques, um deslize, e a vida de Wally Brown mudara, assim como a de Dottie, e talvez até a dos seus filhos, já maiores de idade. Uma tesourada, outra. E tudo desfeito.

Isabelle disse:

— Dottie, tenho de te contar uma coisa.

Ambas as mulheres rodaram a cabeça e olharam para Isabelle, expectantes e cautelosas.

Isabelle tinha vontade de chorar, como uma pessoa doente tem vontade de chorar, frustrada e cansada por não se sentir bem há tanto tempo.

— A Amy — começou Isabelle. Mas não, não era assim. Delineou o braço do cadeirão com o indicador. Dottie fitava então o colo; Bev continuava a olhar para Isabelle.

— Quando engravidei da Amy, tinha dezassete anos — disse Isabelle, por fim. — Não era casada.

Dottie parou de olhar para o colo e olhou para ela.

— Nunca fui casada. Para começo. — Isabelle fez uma pausa. Olhou sem expressão para as mãos, que não parava de fechar e abrir, e disse então, bem alto: — Ele era um homem casado, Dottie. Um homem

casado, pai de três filhos. — Isabelle olhou com seriedade para a amiga, cujo rosto pálido e fatigado revelava surpresa. — Adorava poder dizer-te que era inocente, que não sabia como eram as coisas. Julgo que, de certo modo, era inocente. Não tinha experiência, nunca estivera com ninguém. Mas sabia o que estávamos a fazer. E sabia que não estava certo. Sabia disso, Dottie. — Isabelle olhou para o chão. — E, mesmo assim, fui em frente e fi-lo, porque queria.

Durante um longo momento, ninguém disse nada, e depois Isabelle acrescentou, como se lhe tivesse acabado de ocorrer:

— Era o melhor amigo do meu pai.

Bev Gorda inspirou ruidosamente e recostou-se na cadeira, como se precisasse de distribuir melhor o seu peso para assimilar aquilo.

— Grande amigo — comentou.

E foi nesse momento que Dottie se inclinou para a frente e disse baixinho:

— Isabelle, eu odeio a Althea Tyson. Não te odeio a ti. Se é disso que tens medo.

Até certo ponto, era isso que temia. Mas não só. Desde o dia em que levara Dottie a casa e se sentara na sua cozinha que ela, Isabelle Goodrow, receava ter causado aquele mesmo sofrimento a outra pessoa.

E jamais lhe tinha ocorrido tal coisa.

Ao longo dos anos, nunca dedicara muitos pensamentos a Evelyn Cunningham, ou pensamentos compassivos, pelo menos. Tal pareceu espantoso a Isabelle, inacreditável. Como pudera viver tanto tempo sem reconhecer o efeito que as suas ações teriam provocado — provocaram sem dúvida — na vida de Evelyn Cunningham? Como é que, ano após ano, Evelyn Cunningham permanecera tão irreal para Isabelle como a imagem de uma pessoa numa revista?

É que Evelyn Cunningham era uma pessoa real, de carne e osso, que presumivelmente se levantara a meio da noite para cuidar de um filho doente, carregara a máquina de lavar com a roupa suja do marido, fizera almoços, jantares, lavara louça, e tivera de imaginar (a meio da noite, sem dúvida) o marido a baixar as calças e a trepar para cima de Isabelle Goodrow no meio de um batatal. E o mais certo era que tivesse vivido anos com aqueles pensamentos. O marido morrera, os filhos tinham crescido e ela soubera todo o tempo que outra mulher estava a criar uma filha do homem que ela, Evelyn Cunningham, amara e com o qual vivera dia após dia, durante anos. Como teria sido?

— Conta-nos mais — pediu Dottie.

Mas Isabelle não queria. Que palavras usaria? Olhou para Dottie e

depois para Bev e ambas, para sua grande surpresa, a olhavam de volta com amabilidade.

— A Amy sabe? — perguntou Bev, quando parecia que, afinal de contas, Isabelle não ia continuar. — A Amy sabe alguma coisa disso? — Bev arqueou as sobrancelhas e coçou a cabeça com um dedo roliço antes de se compor de novo na cadeira.

Isabelle sacudiu a cabeça. Era como se uma doença qualquer a tivesse arrasado, como se, se a casa pegasse fogo naquele momento, não fosse capaz de se mexer. Doíam-lhe as omoplatas, e a dor estendia-se pelos braços, até aos pulsos e aos nós dos dedos, esticados sobre o colo.

— Se pudesse explicar... — titubeou, e as duas mulheres acenaram que sim com a cabeça.

Os seus pais eram boas pessoas, disse, por fim, como se falasse das profundezas daquela doença que lhe secava a boca e lha deixava seca, desagradável, irreconhecível. Não era uma daquelas pessoas que se queixavam da infância. Queria mesmo realçar isso, disse, de repente, pestanejando para conter as lágrimas. («Está tudo bem», disse Bev Gorda, com amabilidade, «continua.»)

Os pais eram trabalhadores, iam à igreja todos os domingos e ensinaram-na a distinguir o certo do errado. A mãe era tímida e não tinham muitos amigos, mas havia alguns, é claro (Bev ia acenando a cabeça, para a encorajar), como os Cunninghams, por exemplo. Tal como ela dissera, Jake Cunningham era o melhor amigo do seu pai. Tinham crescido juntos, dois rapazes na cidade de West Minot. Jake casou-se com uma mulher chamada Evelyn, que trabalhava num hospital da cidade. Não era enfermeira... e daí, talvez fosse; Isabelle não sabia muito bem, apenas que ela trabalhara no hospital por um tempo, depois de casada, e que acabara por abandonar o trabalho e tivera três filhos, uns a seguir aos outros. Isabelle tinha cerca de dez anos, mais coisa menos coisa, e os Cunninghams apareciam às vezes, ao fim de semana, à tarde, vinham de West Minot de carro, com os filhos todos a reboque. Isabelle interrogou-se então se a mãe sentira inveja daquilo, porque nunca conseguira ter mais filhos; mas não sabia, e na altura não pensara nisso.

Os Cunninghams tinham-se mudado para a Califórnia. Jake juntara-se a uma empresa que consertava telhados, e pelos vistos corria bem. Isabelle, na verdade, não se lembrava. No Natal, recebiam postais.

Então, quando Isabelle tinha doze anos, o seu pai morrera («não me digas», murmurou Bev, «não fazia ideia»), sentado no carro, numa bomba de gasolina, enquanto lhe enchiam o depósito. («Lamento muito», disse Dottie, e assoou o nariz.) Sim, fora difícil. Quando somos

crianças, não pensamos que certa coisa é terrível, enfrentamo-la como ela é, mas ficamos em choque, ao início; o funeral foi bonito, jamais se esqueceria disso. Com muita gente. Jake Cunningham viera da Califórnia — Evelyn tivera de ficar a tomar conta dos filhos — e as pessoas foram muito amáveis com Isabelle. Sentiu-se especial, no dia do funeral. E tocaram «Uma Poderosa Fortaleza É o Nosso Deus», que continuava a ser o hino preferido de Isabelle, a letra reconfortava-a... mas já estava a divagar; não era no pai que planeava deter-se.

E então. Respirou fundo. Então. Depois do funeral é que a coisa se complicara. Uns meses mais tarde, as pessoas pararam de telefonar, deixaram de se interessar. («Sim», disse Bev, com um aceno de cabeça, «é sempre assim, não é?») Ela cuidava da mãe e a mãe cuidava dela. Mas não saíam muito; iam à igreja, é claro, e os primos viviam mais acima, na mesma estrada. Isabelle estudava com afinco e tinha boas notas. Queria ser professora. Do primeiro ano, por ser quando as crianças aprendiam a ler, e um bom professor fazia toda a diferença, claro. A mãe orgulhava-se dela. Oh, ela e a mãe amavam-se muito, disse Isabelle, levantando ligeiramente o tom de voz, pestanejando; porém, na verdade, em abono da triste verdade, na sua memória aqueles anos alongavam-se como uma monótona tarde de domingo, e ela não sabia porquê, porque daria tudo para estar novamente com a mãe. Não seria nem um pouco entediante.

Naquela noite partira a leiteira *Belleek* da sua mãe, derrubara-a sem querer de cima da bancada da cozinha. («O quê, querida?», Bev Gorda inclinou-se para a frente. «Partiste o quê, querida?») Fora sempre como ter um pedaço da mãe guardado no armário da cozinha, e agora desaparecera. (As lágrimas corriam pelas faces de Isabelle.) Acreditara sempre que, um dia, Amy a teria na sua própria casa, mas agora já não existia. («É melhor partilhares o papel higiênico», disse Bev, e esticou o braço na direção de Dottie, que obedeceu e desenrolou uma tira comprida para a dar a Isabelle.)

Bem, seja como for. Isabelle assoou o nariz com força e enxugou as lágrimas. Então, conseguiu boas notas e foi a melhor aluna da sua classe e oradora da cerimónia de final do liceu, e a mãe ficou orgulhosa. («Não era para menos», comentou Dottie, com generosidade, e passou outra tira de papel para o caso de ser necessária.) A classe daquele ano era composta apenas por trinta e três pessoas, contudo; era uma escola pequena. («Não importa», disse Bev, com firmeza. «Toda a gente sabe que és inteligente. É motivo para se ficar orgulhoso.»)

A sua mãe gostava de costurar e fizera-lhe um bonito vestido de linho branco para a cerimónia de formatura. Só que já se estava a

adiantar à história; porque, seis semanas antes, num bonito dia de maio (a magnólia à frente da casa já estava em flor, lembrava-se disso, e as abelhas chocavam contra a porta mosquiteira do alpendre), Jake Cunningham apareceu do nada. Uma viagem de negócios levava-o para aquela zona e lembrara-se de passar por ali para as visitar, e, oh, elas ficaram muito felizes por vê-lo. Entre, entre, convidara a mãe. Como estão a Evelyn e os meninos? Bem, todos bem. Os olhos de Jake Cunningham eram cinzentos e extremamente bondosos. Sorria de cada vez que olhava para Isabelle. E consertou o telhado. Foi a uma loja, comprou os materiais e subiu ao telhado para o reparar. Era maravilhoso ter um homem em casa.

Enquanto elas tratavam do jantar, ele sentou-se na cozinha, com os braços, grandes e cobertos de pelos louros e encaracolados, em cima da mesa, e Isabelle, a transferir pãezinhos do forno para um cesto, estava feliz. Até àquele dia, não se dera conta do quanto havia sido infeliz, e naquele momento não estava infeliz, e os olhos de Jake pareceram-lhe algo tristes, mas tão, tão amáveis. E ainda sorria sempre que ela olhava para ele.

A mãe, cansada depois de tanta emoção e entusiasmo, foi-se deitar mais cedo. Isabelle e Jake ficaram na sala de estar. Jamais esqueceria aqueles momentos. Naquela altura do ano, os dias estavam a crescer e o lusco-fusco instalara-se quando a mãe se fora deitar. «Acendam a luz», dissera a mãe inocentemente ao dirigir-se para o quarto.

Mas não acenderam. Ficaram sentados no sofá, de frente um para o outro, conversando em voz baixa, sorrindo, olhando para o colo e para a janela à medida que a penumbra suave e primaveril enchia a sala. Jake vestia uma camisa de riscas... um pormenor que pouco importava, quiçá, mas que não esquecera. Fosse como fosse, era noite de lua cheia e o céu noturno, visto através da janela aberta da sala, tinha um brilho maravilhoso e difuso.

Então.

Foram dar um passeio. Atravessaram os batatais ali em redor, e cheirava a terra húmida, a estufa. A lua cheia pendia sobre o horizonte, como se pesasse demasiado para se elevar no céu.

Oxalá pudesse dizer que não sabia... mas não podia dizê-lo. Sabia que estava errado. E não se importava sequer, o problema era esse. Quer dizer, importava-se, mas, ao mesmo tempo, não se importava. Porque estava tão feliz! O custo dessa felicidade não a ralava! Nunca tinha sido tão feliz.

Na noite seguinte, foram dar outro passeio. E, no final, ele beijou-a na testa e disse-lhe que ninguém podia ficar a saber daquilo. Ela amava-o. Oh, como o amava! Queria dizer-lhe o quanto o amava, e

pensou fazê-lo na manhã seguinte, mas quando acordou ele já tinha partido.

(O papel higiênico passou de mão em mão; as três mulheres assoaram os narizes.)

Não contou o sucedido a ninguém. A quem iria contar? E depois veio o dia em que tinha de fazer o seu discurso, na cerimónia de formatura do liceu, no meio do relvado da escola, num dia quente de junho, com o vestido de linho branco que a mãe lhe fizera. Ao chegar a casa, vomitou e sujou o vestido todo, estragou-o para sempre. A mãe culpou os nervos e não se aborreceu por causa do vestido. Era muito amável, a mãe. (Bev passou mais um pedaço de papel higiênico a Isabelle.)

Só que tornou a vomitar no dia seguinte e no dia depois desse e, por fim, confessou à mãe o infeliz sucedido, e choraram ambas, de mãos dadas na sala de estar. Na tarde do dia seguinte, foram ambas falar com o pastor. Sentada no sofá de xadrez, Isabelle reparou que o tapete cinzento que o sol iluminava estava extraordinariamente sujo... Não é curiosa, a maneira como nos lembramos de certas coisas? No meio de tudo o que se passava, interrogou-se por que motivo ninguém aspirara o tapete do pastor. Este caminhava de um lado para o outro com as mãos nas algibeiras das calças de anarruga. Os caminhos de Deus são misteriosos, disse ele, e a Sua vontade seria feita.

A mãe encarregou-se da bebé, para Isabelle poder frequentar a escola do magistério primário, em Gorham. E também isso tinha sido estranho, porque, depois das aulas, quando alguma das colegas lhe perguntava se queria ir tomar um café, ela dizia sempre que tinha de se apressar para chegar a casa. Ninguém na escola sabia que ela tinha uma bebé. («O Jake Cunningham alguma vez chegou a saber?», perguntou Bev. «Isso», disse Dottie, entretanto sentada no sofá, «o Jake Cunningham veio a saber?»)

Soube. A mãe telefonara-lhe para a Califórnia. Evelyn atendeu o telefone. Imagine-se Evelyn naquele dia.

Jamais lhe passara pela cabeça, a questão era essa. Mas imagine-se, estarmos na cozinha a pensar no que havemos de fazer para o jantar, abrimos o congelador e o telefone toca. Num minuto, o nosso mundo está de pé, no minuto seguinte está em ruínas. («Mas que disse esse tal Jake?», quis Bev saber. «O que teve o pulha a dizer?»)

Lamentou o sucedido. Oh, claro que lamentava muito. E, se alguma vez precisássemos de dinheiro, só tínhamos de pedir. Mas é óbvio que não queríamos o dinheiro dele. («É claro que não», disse Dottie, que, entretanto, parecia desperta e lúcida, como se o calmante a tivesse reanimado, em vez de a sedar. «Tretas», contradisse Bev. «Eu tirava-

lhe até ao último cêntimo.»)

Não, a responsabilidade era dela, de Isabelle. E da sua mãe, o que não parecia justo. Tudo aquilo era muito injusto para com a mãe, que nada fizera para o merecer. («Pois, a vida é injusta», observou Dottie.) Mas em janeiro a mãe morreu. Foi-se deitar uma noite, maldisposta, um pouco enjoada, dissera ela, e morrera durante a noite, de ataque cardíaco. Isabelle convencera-se de que fora o *stress* que a matara. («Há pessoas com mais ralações que vivem até aos cem», garantiu-lhe Bev Gorda.)

E, por isso, ela abandonara a escola. Entrou em pânico, foi o que aconteceu. Tinha uma bebé a seu cargo e queria muito arranjar um marido. Não havia maridos disponíveis na pequena cidade onde vivia, portanto, vendeu a casa da mãe e mudou-se para Shirley Falls. Até o pastor lhe dissera que não o fizesse. Porém, ela acreditara que teria mais hipóteses de encontrar um marido em Shirley Falls.

Foi um erro, porém. Nervosa, comprou uma aliança na Woolworth's; fizera-o sem pensar, mas depois acabara por usá-la durante quase um ano, e quando alguém perguntava, dizia que era viúva. (Dottie e Bev anuíram com a cabeça. Lembravam-se disso.) Fora um grande erro mentir daquela maneira, mas, assim que nos enleamos numa mentira, é difícil sairmos dela, ainda que queiramos. (Dottie voltou a acenar que sim com a cabeça, rapidamente.) Em criança, sempre acreditara que se casaria e teria uma família. Às vezes, ainda lhe parecia estranho pensar que as coisas não se tinham passado dessa maneira.

Mas pronto, era isso.

Aquela era a sua história.

Ficaram as três sentadas em silêncio, pensativas, trocando acenos de cabeça quase impercetíveis quando se entreolhavam. À distância, ouviram um carro passar na Route 22.

— O Jake morreu pouco antes de eu me ter mudado para Shirley Falls — acrescentou Isabelle, uma espécie de reflexão posterior.

— Não de outro ataque cardíaco, espero — disse Bev Gorda.

Isabelle respondeu que sim com a cabeça.

— Num campo de golfe.

— Pelo amor de Deus, Isabelle — comentou Dottie. — Não conheces ninguém que tenha sido atropelado? Que tenha bebido veneno? Que caísse de um barco e se afogasse?

Olharam umas para as outras; Bev arregalou os olhos.

— Mas nunca pensei na Evelyn — continuou Isabelle, ao fim de um momento. — Nunca pensei nela, na realidade. — Olhou para Dottie como quem pedia desculpa.

— Bem — disse Bev Gorda, e acendeu o cigarro por que ansiava —, agora tens é de pensar na Amy.

Isabelle acabou por ser a única pessoa naquela noite que não tomou *Valium*. À última hora, Bev decidiu que tinham acontecido demasiadas coisas naquela noite e que, com a cabeça às voltas, não ia conseguir adormecer, sobretudo naquela sala minúscula, por isso, quando Isabelle lhes deu as boas-noites, corada porque ambas as mulheres se tinham inclinado para lhe dar um beijo, e deixou o frasco dos comprimidos ao lado do sofá onde Dottie estava sentada, Bev tomou um. Depois, crente de que ela e Dottie ainda iam comentar — em sussurros, é claro — o que Isabelle acabara de lhes contar, Bev saiu da casa de banho e deparou com Dottie a dormir tão profundamente que parecia que tinha levado uma pancada na cabeça. Adormecera sentada, na verdade, e nem abrira os olhos quando Bev a aconchegara no sofá, compondo-lhe a almofada debaixo da cabeça e tapando-a com o cobertor.

Bev estendeu-se no colchão que Isabelle trouxera do quarto de Amy e pusera no meio da sala e achou-se surpreendentemente confortável. Uns minutos depois, começou a sentir o efeito do *Valium*; ainda bem que não tinha aquele tipo de coisa sempre à mão. Além do mais, provocavam obstipação. Quem teria imaginado que Isabelle Goodrow... A vida era curiosa. E Wally Brown, depois de tantos anos. Que figura de idiota.

No piso de cima, Isabelle estava deitada ao lado de Amy, acordada, a ouvi-la respirar. O cheiro a cigarros que vinha da sala recordava-lhe, com alguma nostalgia, os jantares da igreja a que ia com os pais, em criança, e em que, depois de comerem nas mesas articuladas, os homens se reuniam e fumavam os seus cigarros enquanto falavam de colheitas e tratores, e as mulheres serviam café em samovares prateados e dispunham bolos e bolachas. Depois do funeral do pai, aquelas mesmas mulheres tinham-lhes levado guisados a casa. Amável da parte delas, pensou Isabelle então. Parecia-lhe (Que ruído era aquele? Bev Gorda a rressonar, mais nada) que a amabilidade era um dos maiores dons divinos: o facto de as pessoas, muitas, albergarem dentro delas a capacidade de serem amáveis para com os demais era, de facto, obra de Deus. Que amáveis haviam sido aquelas duas mulheres que dormiam no piso de baixo! Que amáveis se haviam mostrado os polícias, ao início da noite, o médico ao telefone, o farmacêutico silencioso (recordava apenas um homem corpulento de bata branca). Sim, que amáveis eram capazes de ser as pessoas.

Não se permitiria pensar em Avery e na mulher dele, Emma;

naquele momento, não conseguia suportar a aspereza dolorosa desses pensamentos. Pensaria antes nas suas amigas na sala, no facto de, a determinada altura naquela noite, terem *chorado com ela* quando lhes falara do seu amor por Jake Cunningham. Isabelle não esquecia isso. Tinham chorado com ela. Tinham ouvido o relato de uma vida de falsidade, de outras vidas que as suas ações tinham prejudicado, e no final de tudo ainda lhe haviam dado um beijo terno e amável de boas-noites.

Não merecia nada daquilo. Durante anos, afinal de contas, guardara distância delas, achando-se melhor, crente, na verdade, de que devia dar-se com mulheres como Barbara Rawley, Peg Dunlap e Emma Clark. *Quem é que eu achava que era?*, perguntou a si mesma, atónita. *Quem?*

Dormiu um sono leve, mas tranquilo, como se não estivesse deitada numa cama, mas em ar quente, como se, por meio de uma invulgar osmose, tivesse assimilado os restos do *Valium* que corriam nos corpos das mulheres que dormiam sob o seu teto. Algumas vezes, durante a noite, Amy estremeceu, deu um pontapé ou um grito, e Isabelle despertou com a sensação de que não estava a dormir. «Estou aqui», dizia, de cada vez, tocando no braço da filha. «Estou aqui ao pé de ti, Amy. Está tudo bem.»

Abriu os olhos em determinada altura e já era de dia, a luz da aurora entrava de mansinho pelo quarto. Amy, deitada de lado, fitava-a com os seus olhos grandes, lúcidos, e uma expressão impossível de decifrar. E foi como quando ela era criança e Isabelle se deitava naquela cama com ela, para as sextas, e a tentava adormecer. Só que, entretanto, o corpo de Amy era mais comprido que o de Isabelle, e tinha pontos negros no nariz e no queixo, assim como uma borbulha sobre uma maçã do rosto. Apesar disso, os seus olhos espelhavam o mesmo enigma que Isabelle neles vira quando a filha tinha menos de dois anos. «Amy», quis Isabelle dizer, «Amy, quem és tu?» Em vez disso, disse, baixinho:

— Dorme.

E Amy fez isso mesmo. Fechando os olhos, entreabriu os lábios e adormeceu novamente.

A sala parecia vandalizada. Havia um colchão no chão meio tapado com um lençol, um torvelinho de lençóis e cobertores pendia do sofá como uma cascata, as almofadas estavam espalhadas, o quebra-luz entortado, e em cima do televisor, o cinzeiro parecia prestes a cair e tinha já derramado cinza para a alcatifa. Havia uma ponte de papel higiénico entre a ponta do sofá e a mesinha de centro, onde um copo

meio cheio de água manchava o verniz.

Na casa de banho ao pé da cozinha, ouviu-se o autoclismo e Bev Gorda a cantar: «És os dónutes de ontem, amor, e eu vou seguir em frenteeeee...» A porta abriu-se e Bev cumprimentou Isabelle apontando para a desarrumação à frente delas.

— Grande festa, ontem à noite.

Isabelle concordou com um aceno de cabeça e tirou um maço de cigarros do cadeirão para se poder sentar.

— Desculpa a desarrumação — disse Dottie, sentada no canto do sofá com os joelhos encolhidos e o queixo apoiado neles e, na mão, um cigarro cujo fumo se dispersava numa neblina cinzenta ao abeirar-se do teto.

— E a Amy? Está bem? — Bev Gorda pegou no rolo do papel higiénico, enrolou-o e pousou-o na mesinha de centro.

— Dormiu. — Isabelle anuiu com a cabeça. — É capaz de descer daqui a pouco. Julgo que teve uns pesadelos.

— Claro. E tu, Dottie, sonhaste?

Com um ar cansado, Dottie abanou a cabeça.

— Mas tudo é um pesadelo. Parece tudo um pesadelo.

Bev sentou-se no sofá e pegou na mão de Dottie.

— Um dia de cada vez, Dottie.

— A minha prima Cindy Rae — disse Isabelle, sentada no cadeirão — costumava dizer que a única maneira de comer um elefante é dando uma dentada de cada vez.

Bev acendeu um cigarro, usando o de Dottie.

— Gosto disso. Uma dentada de cada vez.

Isabelle estava com uma dor de cabeça. O que a resguardara de Avery Clark durante a noite, fosse lá o que fosse, desaparecera. Avery materializara-se uma vez mais: um homem real que vivia mais abaixo na estrada, um homem que, com a sua mulher, se esquecera do convite que ela lhe fizera. Imaginou a cara dele no escritório, deslocando-se de um lado para o outro e sentiu um desejo abismal; também o odiava, deu-se conta, ao imaginar a sua boca torta, a sua delgadeza e altura («raios partam», pensou de repente). Magoava.

Amy surgiu na soleira da porta, de cabeça pendida, contemplando a divisão com um assombro hesitante.

Bev Gorda não se conteve.

— Amy Goodrow, chega aqui para esta velha gorda te dar um abraço.

Mas Amy limitou-se a olhar para ela; a sua expressão não mudou.

— Vá — ordenou Bev. — Faz isso por mim. Aposto que não acreditas, mas tive saudades tuas. — Abriu os braços, agitou as mãos e

virou-se para Dottie em busca de confirmação. — Não é verdade, Dot? Não te digo todos os dias: é bom ter-te de volta, Dottie, mas a Amy Goodrow era um amor?

— É verdade — confirmou Dottie.

Amy sorriu, então; foi um sorriso tímido, constrangido.

— Vá lá.

E Amy abeirou-se dela e inclinou-se acanhadamente enquanto Bev a apertava com força entre os seus braços grandes e macios. Isabelle, a observar a cena do cadeirão, encolheu-se por dentro, em parte por causa da inépcia da sua filha, mas, sobretudo, porque sabia que Amy estava com um hálito péssimo naquela manhã; sentira-o quando estava deitada ao lado dela: era uma mistura invulgar, poderosa e acre de medos noturnos.

— Obrigada — disse Bev, e largou Amy. — As minhas filhas acham que já são grandes demais para abraços — (era mentira) — e não vou ter netos tão cedo. Credo, espero bem que seja só daqui a muitos anos. Preocupo-me com a Roxie, que ela se case com o primeiro tolo que lhe apareça à frente.

— Não — disse Dottie. — A Roxanne tem juízo. — Afastou o cobertor para que Amy se pudesse sentar no sofá. — Aposto que te estás a perguntar por que raio tens a casa cheia esta manhã — acrescentou, e olhou para Amy como se lhe pedisse desculpa. — Ando com uns problemas em casa e a tua mãe teve a amabilidade de nos deixar fazer aqui uma festa de pijama, ontem à noite.

Amy fez que sim com a cabeça. Quando acordara naquela manhã, pela segunda vez, a mãe contara-lhe, em sussurros, os problemas de Dottie e, apesar da sua angústia, Amy sentiu-se reconfortada por saber que não era a única pessoa no mundo cujo coração tinha sido amachucado, partido, despedaçado.

— A tua mãe foi muito amável — concordou Bev, e levantou uma almofada do chão.

— Não — contradisse Isabelle. — Na verdade, vocês as duas é que foram muito amáveis comigo.

Sim, houvera amabilidade naquela divisão de mulheres náufragas, e havia ainda, mas perduravam segredos com que cada uma teria de lidar sozinha. Para Amy, eram as palavras inimagináveis do professor Robertson: «Não sei quem você é.» Para Isabelle, era a queda de Avery Clark de um pedestal que ninguém, incluindo o próprio, sabia que ele ocupava. E nem mesmo Dottie confessara a Bev todos os detalhes da sua dor (imaginava vezes sem conta a vagina de Althea a ser acariciada; um túnel escuro e húmido que conduzia às suas entranhas, em vez de uma coisa seca, cortada e, entretanto, cosida no topo, que

era o que Dottie tinha); e a própria Bev Gorda albergava sob um manto de terror preocupações que não era capaz de verbalizar.

Mas que haviam de fazer? Seguir em frente, e pronto. As pessoas seguiam em frente; há milhares de anos que assim era. Aceitavam a amabilidade que lhes era oferecida, deixavam-na entranhar-se, e carregavam as restantes feridas, sabendo que, com o tempo, poderiam tornar-se quase suportáveis. Dottie, Bev e Isabelle sabiam disso, cada uma à sua maneira, mas Amy era demasiado jovem. Não sabia ainda o que podia e não podia suportar, e, como uma criança atordoada, aferrava-se em silêncio às três figuras maternas naquela divisão.

— Destruímos-te a sala — disse Bev Gorda a Isabelle. — Mais vale fazermos panquecas e destruímos-te também a cozinha.

— Ora, destruam à vontade — respondeu Isabelle. — Não tem importância.

E não tinha. Naquela manhã, deitada ao lado de Amy, à luz do sol radiante que entrava pelas físgas do estore, Isabelle sentira que algo dentro dela começara a mover-se, a ceder; era uma espécie de desistência, de entrega ou... o que era aquilo, ao certo? Para começo, contara a Amy a situação de Dottie com uma franqueza inusitada; em vez de contornar o assunto, mencionando «problemas pessoais», falara abertamente de Wally Brown e de Althea Tyson. (Também lhe devia ter dito que fosse lavar os dentes, mas não disse.) Acordara com uma estranha sensação de liberdade, que começara com a decisão de que naquele dia não faria a cama, nem iria à missa. E no dia seguinte também não iria trabalhar. Telefonaria a Avery Clark e dir-lhe-ia que Amy não estava bem e que precisava de tirar uma semana de férias. A fábrica devia-lhe vários dias de férias, portanto, isso não era um problema. E se Avery não acreditasse nela e pensasse que ela não ia trabalhar porque estava envergonhada por ele se ter esquecido do combinado? Ou achasse que ela estava zangada?

Não importava. Não importava o que ele pensava.

E também não importava que a casa estivesse toda desarrumada, que houvesse uma marca de água na mesinha de centro. Não, não tinha importância.

— Eu devia ir à missa — disse Dottie a Amy, que não fazia ideia do que devia dizer e que, por isso, se limitou a sorrir para Dottie, um sorriso acanhado, desde a outra ponta do sofá.

— Imagino que Deus preferisse ver-te comer uma panqueca — gritou Bev Gorda da cozinha, e Isabelle sentiu um desejo súbito e intenso de ser católica.

Se fosse católica, podia ajoelhar-se e baixar a cabeça dentro de uma igreja com vitrais, à luz de feixes de luz dourada. Sim, sim, ajoelhar-

se-ia e abriria os braços, abarcando Amy, Dottie e Bev. «Por favor, meu Deus», pediria. (E pediria *o quê?*) Pediria: «Oh, por favor, meu Deus. Ajuda-nos a ser misericordiosos conosco mesmos.»

— Gosto delas fininhas e tostadas — disse Bev Gorda. — Há que espalmá-las com a espátula.

Com o cheiro a café e a panquecas queimadas, a manhã tomou forma e seguiu em frente para dar lugar a um novo dia, não obstante a presença tácita da morte: o espectro do cadáver de uma rapariga na bagageira de um carro, uma casa vazia à espera que Dottie Brown desse início à sua repentina e impura espécie de viuvez, a mesma viuvez que, intimamente, aguardava Isabelle, pois como seria a sua vida agora que Avery Clark deixara de ser o centro dela? E Amy, sentada na ponta do sofá, incapaz de comer a panqueca que Bev lhe dera.

Isabelle observou o ar espantado da filha, a incoerência no seu rosto lustroso, e interrogou-se uma vez mais o que andara Amy a fazer pelo bosque com um rapaz qualquer, quantas facetas tinha a dor que ela carregava, e compreendeu que só com o tempo teria resposta às suas perguntas, se é que alguma vez teria.

Uma dentada de cada vez.

Sim, levaria o seu tempo, é claro. Assim era com tudo. No alpendre, acenou adeus a Bev e Dottie, metidas no carro, de partida. Levaria tempo a recompor-se, e à sua vida, sem Avery Clark. Sentia já a tentação de um hábito com anos e anos: que vestiria no dia seguinte, para ir trabalhar? Mas não. Não voltaria ao trabalho, pelo menos por um tempo. Não. Ele esquecera-se de ir a casa dela para tomar um café. Significara pouco, ou nada, para ele, afinal de contas.

Mas persistiam aquelas ondas intermitentes de liberdade, de serenidade e lucidez. E havia Amy, o desejo de manter Amy a seu lado, de cuidar dela. Por exemplo, Amy precisava de um banho.

— E que tal um banho? — sugeriu Isabelle, e Amy encolheu os ombros, mas depois abanou a cabeça. Um banho para quê? — Está bem — disse Isabelle. — Então, daqui a pouco. Um banho vai-te fazer bem. — Abriu a porta das traseiras e a da cozinha para arejar a casa, e depois sentou-se no sofá, ao lado de Amy. — Hoje não vamos à igreja.

Amy concordou com um aceno de cabeça.

Nas árvores das traseiras ouviam-se os pássaros.

Lá fora: um dia ameno, quase outonal. Suave, a luz do Sol que entrava pelas janelas da igreja congregacional e tombava sobre o tapete vermelho-escuro e as costas dos bancos, pintados de branco. Soprava uma brisa leve que estremecia as folhas dos olmos, cujas

sombras dançavam na parede interior e no altar da igreja. A congregação levantou-se e cantou em uníssono «Louvado seja Deus, fonte de todas as bênçãos», ao som do órgão no varandim do coro. «Louvado seja por todas as criaturas.» Os auxiliares, com os seus fatos cinzentos e sapatos pesados, pousaram os cestos da coleta sobre a mesa, perto do altar, e, tocando nas gravatas, sérios e constrangidos (Avery Clark era um deles), regressaram em silêncio aos seus lugares. «Louvado seja o Pai, o Filho e o Espírito Santo. Aaaa-mém.» A congregação sentou-se, um ou outro joelho embateu nas costas do banco da frente, um hinário caiu ao chão com um baque surdo, uma carteira foi aberta e fechada, alguém assoou o nariz discretamente. (Emma Clark, furiosa com o marido, fingia ouvir a leitura das Escrituras, mas na verdade interrogava-se se Isabelle Goodrow estava sentada algures atrás deles, suportando a afronta com justificada superioridade.)

Jarras com crisântemos brancos e cor de vinho ladeavam os degraus do altar. A túnica negra do pastor mexeu-se quando ele elevou a mão por cima do púlpito para virar a página da Bíblia aberta à sua frente. «E Jesus ergueu-se e disse-lhes: Quem de vós estiver sem pecado...» Do fundo da igreja veio o aroma ténue a sumo de uva, pois era domingo de comunhão e, ao lado das travessas de prata com quadradinhos de pão, estavam as bandejas redondas com os copinhos de sumo. (As pálpebras de Timmy Thompson penderam, até que o estômago da sua mulher roncou alto o suficiente para o despertar.)

O órgão voltou a soar, o pastor recuou com a cabeça pendida e, por cima dele, a diretora do coro, Miriam Langley, igualmente de túnica preta, levantou-se, virou-se para a congregação com a pasta negra da partitura na mão e o rosto pequeno e vulgar, imbuído de uma agonia piedosa, balouçou ligeiramente o corpo e começou o seu solo. (Peg Dunlap, sentada ao lado do marido, imaginou a cara de Gerald Burrows entre as suas pernas, sentiu o calor correspondente e fixou os olhos numa jarra de crisântemos brancos.)

O sol bruxuleou em cima do púlpito, o ruído do trânsito na Main Street fazia-se ouvir abafado pelos améns balouçantes e alongados do solo de Miriam Langley, o tossicar persistente de alguém que acabou por desembrulhar um rebuçado e, por fim, o órgão fez-se ouvir, jubiloso, como se o organista se alegrasse que o solo de Miriam Langley tivesse terminado. O pastor avançou novamente para o púlpito, preparando-se para o seu sermão («Descascar Uma Uva Amarga», era o título que estava no programa), e a congregação compôs-se nos bancos, um suspiro aqui e outro ali, em preparação para o que a esperava.

Um bebê que chorava foi levado pelo pai, que não lamentou que o sermão decorresse enquanto estava sentado no carro, no parque de estacionamento banhado pelo sol; Clara Wilcox, que fora à missa da manhã, levantava a louça na sala de atividades e, constrangida, evitava olhar para Barbara Rawley, que metia uma bolacha atrás de outra na boca. O sol entrou pela janela e fez o jarro térmico do café cintilar antes de ser levado e guardado na sala das traseiras.

Na igreja, o pastor concluiu o seu sermão (mais curto do que o habitual, porque faltava a comunhão), os auxiliares levantaram-se outra vez, desta feita para passarem as bandejas da comunhão; o pastor virou de novo as páginas da Bíblia que tinha no púlpito: «Que todo aquele que coma do meu corpo se lembre de Mim...» Havia ainda mais um hino para cantar e os fiéis puseram-se de pé com algum alívio, porque o final estava já à vista, e, então, o pastor levantou a mão para benzer a sua amada congregação (solene, na sua túnica preta, com os olhos fechados, abençoando-os a todos, ou assim parecia a quem espreitava): «Que as palavras das nossas bocas e os sentimentos dos nossos corações sejam sempre bem-vindos aos teus olhos, Senhor», e nesse preciso momento Isabelle Goodrow, na sua minúscula sala de estar, que ainda cheirava a tabaco, contava a Amy o fim da história de Jake e Evelyn Cunningham e das três crianças que eles tinham educado na Califórnia, e concluiu dizendo que não procedera bem ao não contar a Amy tudo aquilo há muito tempo.

Amy observara o rosto da mãe com atenção, observara o sofá com atenção, a janela, a cadeira e, no longo silêncio que se seguira, os seus olhos haviam deambulado pela divisão antes de se centrarem uma vez mais em Isabelle.

— Mãe — dissera, por fim, e os seus olhos, arregalados, a boca, entreaberta, assim como a expressão, espelhavam uma profunda compreensão. — Mãe, eu tenho *família*, algures.

Na terça-feira a seguir ao Dia do Trabalhador, estava fresco, quase frio, na verdade. No escritório, as mulheres trabalhavam em silêncio e com afinco e iam puxando pelas abas dos casacos de malha. No refeitório, tomavam o seu café ou chá e iam arrumando o que sobrara do almoço. Lenora Snibbens, com ar desenvolvido e maduro na sua camisola de gola alta azul-marinho, perguntou a Rosie Tanguay que especiarias usava no seu guisado de carne de vaca.

— Sal e pimenta — respondeu Rosie. — Mais nada a não ser sal e pimenta.

Lenora acenou que sim com a cabeça, mas, na verdade, tanto lhe dava; a pergunta servira apenas para marcar o fim de uma contenda. Todas o entenderam dessa maneira, e todas, de resto, ansiavam por um clima de paz no escritório, e Dottie Brown fizera saber discretamente na semana anterior que, depois de vinte e oito anos de casamento, o marido a deixara por uma mulher mais nova, e que não pretendia discutir mais o assunto. As mulheres mostraram-se respeitosas. Quem quis comentar o assunto fê-lo à noite, pelo telefone; durante o dia, trabalhavam em silêncio. A desventura de Dottie fê-las dar graças pelas bênçãos que as suas vidas continham.

A mesa de Isabelle Goodrow mantinha-se arrumada e intocada, com a cadeira no devido lugar. Tirara uns dias de férias, era tudo o que se sabia. E quando alguém mencionava que um par de adolescentes encontrara o corpo daquela menina, Debby Kay Dorne, em Hennecock, na bagageira de um carro, Dottie Brown e Bev Gorda tinham o cuidado de não olharem uma para a outra.

— Oxalá encontrem o culpado e o metam na prisão — disse Rosie Tanguay, sacudindo a cabeça.

— Era pendurá-lo pelas unhas dos pés — acrescentou Arlene Tucker.

— Não conseguirão encontrar impressões digitais? — perguntou Rosie, enquanto puxava pelo cordelinho da saqueta do seu chá. — Ou investigar a matrícula do carro?

— As impressões digitais não duram tantos meses — referiu Bev Gorda. — E menos ainda expostas aos elementos. O carro pertence ao agricultor que há anos é dono daqueles campos. O Elvin Merrick. Tem sempre uns carros velhos espalhados aqui e ali. Diz-se que uma parte das terras dele é praticamente uma lixeira.

— Recebeu uma multa por causa disso. Não viram no jornal?

Bev respondeu que sim com um aceno de cabeça.

— Mas hão de encontrar o culpado — asseverou ela. — Hoje em dia, é possível analisar fibras e compará-las com um tapete noutra parte do país.

— É espantoso o que já se consegue fazer, hoje em dia — concordou Dottie Brown.

(Se bem que, na verdade, aquele caso nunca viesse a ser resolvido; nunca se descobriu quem matou Debby Kay Dorne.)

— Lembram-se de quando o Timmy Thompson encontrou um cadáver no celeiro? — perguntou Arlene Tucker. — Deve ter sido há uns vinte anos, pelo menos.

Algumas delas lembravam-se, a maioria não; mas todas se recordavam do dia em que o banco tinha sido assaltado, faria sete, não, oito anos, em novembro. Patty Valentine fora atada, amordaçada e enfiada dentro da caixa-forte; só foi libertada várias horas mais tarde. Depois disso, Patty saiu do banco e passou a ser catequista. Todos os anos dizia ao grupo de crianças de sete anos que tinha sido atada sob a ameaça de uma arma apontada à sua cara, e que rezara dentro da caixa-forte, e que tinham sido as suas orações que a haviam tirado dali. As crianças eram então incentivadas a desenhar umas mãos a rezarem. Um ano, uma menina do grupo teve pesadelos à noite e o pai queixou-se ao reverendo Barnes e o reverendo falou com Patty e, no decorrer da conversa, Patty enervou-se e mandou o reverendo Barnes «levar no c...», e deixou de dar a catequese.

— Custa a crer nessa parte da história — argumentou Rosie Tanguay. — Ninguém fala dessa maneira com um pastor.

— Oh, mas a Patty está maluca — disse Arlene, cuja informação em primeira mão viria da mãe da menina que tivera os pesadelos, que era sua amiga.

— A mulher do reverendo também não está boa da cabeça — comentou alguém, e as outras concordaram. — Todos os anos, é a mesma coisa com a coleta de roupa. As senhoras ricas de Oyster Point doam roupa à igreja episcopal e uns dias depois vemos a senhora Barnes a passear-se por aí com as melhores peças.

Lenora Snibbens fez que sim com a cabeça.

— Com o que lhe servir, imagino.

Toda a gente sabia daquilo e não era assunto de grande interesse; os vaivéns da igreja episcopal pareciam não fazer muito eco no escritório, nem em Shirley Falls, de um modo geral; os católicos e os congregacionistas representavam a maioria na cidade. (Vinte anos mais tarde, a filha do reverendo Barnes viria a acusá-lo de na infância lhe ter feito coisas inenarráveis, dando origem a muita intriga, à perda subsequente de vários congregantes e à reforma antecipada do reverendo.) Fosse como fosse, ninguém se importou muito quando a campanha tocou a indicar que estava na hora de voltarem aos postos de trabalho.

No canto mais afastado, Bev Gorda e Dottie trabalhavam tranquilamente, Bev sempre de olho na amiga, pronta a sussurrar uma palavra de apoio quando a via querer lacrimejar.

— Força, Dot — disse ela, naquele momento. — Vai melhorar. Dá tempo ao tempo. O tempo tudo cura.

Dottie sorriu.

— É a única maneira de comer um elefante — respondeu Dottie. — Mas este está-me cá a dar uma indigestão, que nem te conto.

— Não é para menos. — Bev acenou compassivamente a cabeça. — Vamos telefonar à Isabelle. A ver o que ela anda a fazer.

Só que Isabelle não estava em casa. Levara Amy a aparar o cabelo.

— Só assim as pontas — dizia Isabelle à mulher do Salão de Beleza Ansonia — para lhe dar mais forma.

A mulher anuiu com a cabeça e conduziu Amy às tinas para lhe lavar o cabelo; Isabelle ficou sentada na receção, a folhear uma revista que encontrou. Dali a dois dias, Amy voltaria às aulas; depois do corte de cabelo, iam comprar roupa nova. Entretanto, com uma revista no colo, Isabelle contemplava os transeuntes do outro lado do vidro. Parecia-lhe estranho estar ali, sendo dia de trabalho; era sempre uma surpresa constatar que, fora do escritório, a vida seguia, agitada: pessoas a caminho do banco, agasalhando-se melhor nos casacos, pois o dia estava frio; duas mães empurravam os carrinhos de bebé pelo passeio; um homem parara para levar a mão à algibeira, da qual tirara um papel, que observara, antes de recomeçar a andar. Para onde se encaminhavam aquelas pessoas? Como eram as suas vidas?

Amy, com uma capa de plástico pelos ombros, olhava para o espelho enquanto a mulher lhe aparava o cabelo. Molhado, parecia escuro e curto, mas, quando o secador começou a funcionar, Isabelle viu o cabelo de Amy começar a entufar-se ao nível dos lóbulos das orelhas, e os diferentes tons de louro e dourado reapareceram. Ficou contente ao ver um esgar de agrado no rosto da filha. O novo corte fazia-a parecer mais adulta; era assombroso constatar que o ar de

rapariguinha desaparecera. A cabeleireira, agradada com o resultado, disse:

— Vamos só pôr um bocadinho de maquilhagem.

— Vá, força — incentivou Isabelle, da sua cadeira, ao ver a reticência de Amy, e sabendo que esta derivava de ela achar que a mãe reprovava.

Isabelle sorriu e encorajou-a com um aceno de cabeça, e depois voltou a olhar pela janela. Terrível, pensar que era uma mãe reprovadora. Terrível, imaginar... Há quanto tempo se sentiria Amy reprimida, assustada? Desde sempre? Seria por isso que tinha sempre aquele ar receoso e andava com a cabeça baixa? Isabelle estava perplexa. Era horrível pensar que podíamos prejudicar uma criança sem nos darmos conta disso, achando, pelo contrário, que estávamos a ser cuidadosos, conscienciosos. Mas era uma sensação terrível. Mais terrível do que Avery Clark se ter esquecido de ir a sua casa. Saber que a sua filha crescera com medo, assustada. Só que era um disparate, estava tudo ao contrário, pensou Isabelle, olhando de novo para a filha, porque «eu é que vivia com medo de ti».

Oh, que tristeza. Não estava certo. Também a sua mãe vivera assustada. (O pé de Isabelle abanava freneticamente, pontapés minúsculos.) Nem todo o amor do mundo podia impedir a terrível verdade: passamos quem somos aos nossos filhos.

Isabelle devolveu a revista ao suporte. *Cara Evelyn*, escreveu mentalmente. *Passaram-se muitos anos e espero que esta carta a encontre de boa saúde. Desculpe intrometer-me uma vez mais na sua vida...*

Levantou a cabeça, assombrada com a jovem que tinha diante de si, alta, desconhecida, pestanejando lentamente, uma, duas vezes.

— Okay, mãe — disse Amy. — Estou pronta.

Caminharam passeio abaixo, constrangidas, inseguras. O vento fresco vindo do rio enfunou a saia de Isabelle por um momento quando estavam em frente à montra de uma sapataria.

— São um bocado caros — disse Amy, quando a mãe apontou um par.

— Não faz mal — respondeu Isabelle. — Experimenta-os, pelo menos.

A loja era alcatifada, e estava vazia e silenciosa como uma igreja. O lojista fez uma pequena vénia e foi procurar o número de Amy.

— Mas achas que ela lhes falou de mim? — perguntou Amy, num sussurro, sentada ao lado de Isabelle. — Bem sei que não tens como saber, mas *achas* que o terá feito?

Então, era isso que lhe ocupava os pensamentos: os filhos de Jake Cunningham.

— Não sei, querida. — Isabelle achou que também devia segredar. — Eu era uma criança a última vez que vi a Evelyn. Não sei o suficiente acerca dela para imaginar o que faria. Não sei nada de nada sobre ela, na verdade.

— Mas escreves-lhe?

— Sim, em breve. — E quando o lojista voltou: — Esta noite.

O homem ajoelhou-se à frente de Amy e calçou-lhe os sapatos; e depois, quando ele pegou na caixa e a levou para a caixa registadora, Amy disse:

— O nome da rapariga era Callie?

— Sim, diminutivo de Catherine, imagino.

— Callie Cunningham — disse Amy, enquanto passava os dedos pelo seu novo corte de cabelo. — Ena, soa mesmo bem.

Isabelle reescreveu a carta muitas vezes naquela noite, e pô-la no correio no dia seguinte. Depois, só restava esperar. Era terrível esperar por uma carta; dia após dia, a manhã nascia esperançosa e a tarde redundava em desilusão, um golpe infligido sempre à mesma hora. A caixa de correio aberta por Amy, de regresso da escola, revelava um escasso conteúdo: uma conta ou duas, um lembrete do dentista de que Isabelle precisava de uma destartarização. Que aborrecido era o mundo quando tudo o que nos oferecia era a hipótese de ganhar um conjunto de malas, se entrássemos num concurso. E quão estranha resultava aquela rejeição, uma simples vacuidade, a chegada repetida de um silêncio, de um «nada» rodeado de especulação. Talvez Evelyn Cunningham já nem sequer vivesse naquela morada. (Mas a carta seria devolvida, já que o endereço de Isabelle estava no remetente.) Talvez a carta se tivesse perdido num posto de correios ou na rua, ou estivesse a cobrir-se de pó debaixo de uma escada, na Califórnia.

Ao fim de um tempo, deixaram de falar do assunto.

Choveu muito naquele outono. Eram chuvadas rigorosas, abundantes e constantes, como que determinadas a compensar o longo interlúdio daquele verão escaldante. O rio parecia de novo imenso, revoltoso, ribombante sob as lajes de granito, as suas águas escuras e lodosas precipitando-se sob a ponte. Era tentador parar e observá-lo, e às vezes, pela manhã, depois de uma chuvada copiosa, podia ver-se um transeunte ou outro inclinado sobre a balaustrada, concentrado na água, como que hipnotizado pelo poder daquele rio.

Isabelle, que atravessava a ponte no seu carro, a caminho do trabalho, perguntava-se se a pessoa tencionava saltar. Embora soubesse que era improvável (desde que vivia em Shirley Falls, só uma pessoa saltara da ponte, um pobre bêbado, a meio da noite), ficava a

olhar pelo espelho retrovisor, pois ainda não se libertara do hábito de esperar uma tragédia, e jamais libertaria, por completo. Não, Isabelle continuava a ser Isabelle.

Contudo, estava diferente, é claro. Tinha de estar. Havia então pessoas em Shirley Falls — Bev, Dottie, Amy — que sabiam que nunca tinha sido casada, que engravidara aos dezassete anos do melhor amigo do pai. Era como despir uma peça de roupa interior manchada que andara anos colada à sua pele; sentia-se exposta, mas limpa. Tanto Dottie como Bev, e Amy também, tinham prometido não contar a ninguém, mas Isabelle respondera apenas: «Isso é com vocês.» Não queria que carregassem o fardo de um segredo, se bem que não pudesse deixar de se interrogar a quem o contariam, caso pretendessem fazê-lo. Ainda assim, depois de anos albergando aquela vergonha, era espantoso o pouco que se ralava que outras pessoas soubessem. Em parte, porque nem Dottie nem Bev, e Amy a mesma coisa, a tinham julgado como ela antecipara, mas sobretudo porque tinha outras coisas em que pensar.

Como em Amy. Sofria pela filha. Era doloroso, terrível, por vezes, ver aquela ansiedade muda no olhar de Amy. Tendo passado o longo e escaldante verão a assimilar a traição da filha, Isabelle entrara nos dias mais curtos de outono com a angustiante sensação de que a filha escapara por uma unha negra a um perigo muito grave, de que a vítima da traição não tinha sido ela, Isabelle, mas antes Amy. A recordação da tarde em que lhe cortara o cabelo acometia-a com um desânimo cada vez maior; não podia voltar atrás na sua ação e era a crueza desse facto o que mais a incomodava. «Os nossos atos têm consequências», era um pensamento que ocorria muitas vezes a Isabelle, como se só então, mulher já feita, se tivesse apercebido disso.

Noutras ocasiões, porém, quando a expressão de Amy revelava tranquilidade, quando o seu olhar era confiante e o novo corte de cabelo lhe dava um ar adulto, Isabelle tinha um vislumbre de quem Amy poderia vir a tornar-se, de quem talvez fosse já, e era animador e tranquilizador.

E depois havia Avery Clark, e é claro que a situação era estranha. Não voltara a mencionar o convite esquecido e Isabelle não fazia ideia se ele pensava no assunto. No entanto, no final de setembro, quando ele voltara ao trabalho depois de uma grande constipação, Isabelle levou-lhe um cesto de laranjas.

— Ena — comentou Avery, quando ela pousou o cesto na secretária dele. — São magníficas.

Tinha o nariz a pelar e muito vermelho.

— Achei que uma boa dose de vitamina C vinha a calhar — disse

Isabelle.

— Bem visto — respondeu ele.

Isabelle não percebeu se o presente o deixou constrangido ou não, mas pareceu-lhe um gesto necessário. Para ela, significava, de certo modo, o compor de uma situação, como se ter podido oferecer-lhe aquelas laranjas representasse pôr uma pedra no assunto.

— E gosto da cor delas — acrescentou ela, porque era verdade. Adorara o tom garrido e a pele firme daqueles pequenos globos.

— É verdade — confirmou Avery. — Muito amável. Obrigado, Isabelle.

Quem era aquele homem, afinal de contas? Uma silhueta alta que remexia em papéis em frente à sua secretária. Os olhos dele, quando os contemplava, pareciam-lhe apenas aquosos, pequenos, velhos. Quando tentava imaginar o que ele jantava, que tipo de roupa interior vestia... Já não era capaz de fazê-lo. Mas às vezes, à noite, no escuro, ainda ansiava por ele, ao recordá-lo como havia sido para ela: importante, amável, alguém que podia amar.

Quisera amar alguém, portanto era como se na sua vida faltasse algo central, e sabia que se, de repente, Avery lhe desse trela, se inclinasse e lhe sussurrasse ao ouvido palavras afetuosas há muito reprimidas e a fitasse com aqueles olhos cheios de desejo, reagiria de imediato. Mas é claro que Avery Clark não lhe deu esperanças, e o ambiente entre os dois no escritório, e na igreja, manteve-se insípido, monótono, entorpecido.

Por uma ou duas vezes, estranhamente, sentara-se à máquina de escrever com uma sensação de liberdade: não havia outra maneira mais simples de o dizer. Era como a seguir a uma trovoadas, em que o ar parece ter-se livrado de uma dor de cabeça. Tal sentimento, tal claridade apanhou-a de surpresa. Que diferente era não encarar a vida como opressiva! Não reacear cruzar-se com Barbara Rawley na loja de ferragens. («Olá, Barbara», cumprimentara-a, passando por ela com descontração.) Não sentir que cada pequena coisa era um fardo. A begónia na sua mesa, no escritório, por exemplo. Em vez de a encarar como uma coisa que secaria e morreria sem os seus cuidados, via-a, entretanto, como algo bonito, uma plantinha com rebentos. E o seu amor por Dottie e Bev, em conjunto com um afeto terno pelas demais mulheres, enchia o escritório de calor humano; já não era um lugar estéril.

Isabelle deixaria o escritório. Apercebia-se disso naqueles momentos de claridade, compreendia que o seu afeto por aquelas mulheres provinha em parte de uma distância crescente.

Não sabia ainda o que faria, nem quando abandonaria o escritório

onde se sentara durante quinze anos. Sabia que teria de partir antes que a rotina tornasse a conferir significado à sua mesa, ao trabalho, ao refeitório, a Avery Clark. Um dia teria de levantar-se e sair dali, tinha noção disso, contudo, entretanto, ao levantar-se e dirigir-se para o aquário de Avery com uma carta para ele assinar, sentiu as pernas dentro dos colãs, a inclinação confortável dos sapatos pretos ao pisarem o chão de madeira, a sensação plácida e simples de que tudo estava como devia ser.

E depois a sensação desvanecia-se e voltava a preocupar-se com Amy e a perguntar-se por que motivo Evelyn Cunningham nunca respondera à sua carta, e tornava a ansiar por Avery Clark. E, às vezes, nessas alturas, pensava em rezar, porque não rezava há muito tempo, desde o início daquele verão quente, quando chegava do trabalho e se estendia na cama para rezar pelo amor e orientação divinos. Já não era capaz de o fazer. E mesmo na altura parecera-lhe falso, forçado, mas não soubera que mais fazer. Portanto, não fazia nada. Não era que tivesse desistido de Deus (não, não) ou que achasse que Deus desistira dela (não...), o que se passava era que tomara consciência de uma ignorância vasta e fundamental, um desconcerto que convivia no seu interior com os restantes sentimentos; e aceitava isso.

Na escola, o novo corte de cabelo de Amy, assim como um novo vigor na sua expressão, a determinação com que se deslocava pelos corredores, despertaram um interesse e atenção que a surpreenderam. Foi convidada para uma festa e Isabelle deixou-a ir. («As festas são uma seca», alertou Stacy, enquanto fumava um cigarro no lugar do costume, atrás da escola. «Acho que não vou. O Josh e eu provavelmente vamos para casa dele nessa noite.» E que queria aquilo dizer, perguntou-se Amy, lembrando-se do livro sobre sexo que Josh comprara a Stacy no verão anterior. Que fazíamos quando íamos para casa do nosso namorado?)

A festa, que decorreu na casa de um rapaz cujos pais tinham ido passar o fim de semana a Boston, horrorizou-a. Havia pessoas esparramadas em sofás, nas camas e no chão a beber cerveja com expressões irónicas, quase enfastiadas. Com uma garrafa de cerveja que alguém lhe dera, deambulava à cautela pelas divisões, cheias de fumo de cigarro, fingindo que procurava uma casa de banho. O que mais a surpreendera fora as pessoas a curtirem, o facto de muitas delas não estarem a fazê-lo com os namorados com que as via na escola, mas com gente ao calhas. Ao sair pela porta das traseiras, deparara com Sally Pringle, a filha do diácono, aos beijos de língua com o borbulhento do Alan Stewart; Sally tinha uma garrafa de bebida

assomando-se do bolso do blusão de pele. E na orla do relvado viu outros casais, alguns deitados, e os rapazes mexiam-se em cima das raparigas como o professor Robertson fazia com ela no bosque. Mas ele amava-a! Aquelas pessoas amavam-se? Alan Stewart pressionava então Sally Pringle contra a parede lateral da casa e ela tinha a perna levantada e enroscada na cintura dele; não, não podia ser amor, aquelas apalpadelas desesperadas ali à vista de toda a gente.

De volta à cozinha, Amy deu com Karen Keane a abotoar a blusa com o cabelo despenteado e as faces vermelhas, e Karen disse-lhe com uma risadinha deliciada:

— Adivinha quem acabou de fazer sexo oral três vezes.

Amy ligou a Paul Bellows e ele apareceu de imediato e levou-a a casa.

Ah, Shirley Falls... A noite caía mais cedo, outra estação chegava ao fim, mais um verão que ficava para trás; nada durava para sempre, nada. Pobre Peg Dunlap, corria pelo passeio para se ir encontrar com o amante, corria, corria, pensando na filha bem-constituída de dez anos que desistira dos escuteiros, porque não tinha amigos, e no filho de nove anos, que tinha amigos, mas que tivera negativa em todos os testes de Matemática, e no marido, que dizia que não havia problema nenhum com isso, que eram miúdos normais. A correr, a correr, como se pressionar a sua nudez contra a carne de outrem fosse o único consolo que lhe restava. Mas porque tem o amor de ser tão difícil?, perguntava-se Peg Dunlap, enquanto corria rua abaixo.

E o amor era difícil. Barbara Rawley acreditava no marido quando ele dizia que a cicatriz que começava na axila dela e se estendia até ao esterno não o incomodava; mas então, porque já não se sentia confortável ao lado dele, na cama? O que importava era a vida, e o amor. Porém, sentia-se zangada e tinha vergonha de se sentir assim. O seu próprio corpo repugnava-a, sempre que se despia; não era a mesma de antes.

E por que razão o amor de Bexigoso Mandel por Linda Lanier tinha de ser uma agonia? Porque também amava a mãe, e esta não amava Linda. (Mas Linda, paciente, amorosa, aguentaria isso e, ao longo dos trinta anos que se seguiriam, acolhê-lo-ia, no seu coração e na sua cama, abdicaria dos filhos que sempre sonhara ter, para envelhecer ao lado daquele homem, e cuidaria dele maternalmente quando, já idoso, ficou por fim órfão de mãe.)

Quase todos faziam o melhor que podiam. É justo dizê-lo? Quase todos faziam o melhor que podiam, os residentes de Shirley Falls. «Não tenho arrependimentos», ouvia-se alguém dizer, às vezes, num

costumeiro encontro social — um aniversário ou a festa de alguém da fábrica que iria para a reforma —, mas quem é que não tinha arrependimentos? Dottie Brown tinha-os, certamente, sobretudo quando, à noite, na cama, recordava momentos em que o marido precisara de amor e ela não lho dera. E o mesmo se passava com Wally, deitado ao lado de Althea Tyson, na sua caravana branca, receando adormecer, por causa dos sonhos que, às vezes, o perseguiram.

Também Isabelle Goodrow, que, não obstante os momentos de esperança e de certeza de que tudo correria bem, observava o rosto ansioso da filha e compreendia que lhe falhara de inúmeras maneiras; e, a caminho do pequeno cemitério de Hennecock em busca de uma sepultura, sabia que levava flores não só à criança assassinada, mas, de algum modo também, à sua própria filha, e à mãe de Debby Kay Dorne, que também viveria, supunha Isabelle, uma vida de arrependimentos íntimos e arrasadores.

Então, nos finais de outubro, chegou uma carta. Era sábado e Isabelle, acabada de regressar do A&P, leu-a de imediato na cozinha, ainda de casaco vestido. Amy manteve-se sentada, de olhos fechados, até a mãe dizer:

— Amy, a tua irmã quer-te conhecer.

Evelyn Cunningham pedia desculpa por não ter respondido mais cedo à carta de Isabelle. Estivera internada no hospital, por causa de uma pleurisia, e só recentemente a carta lhe chegara às mãos. Esperava que Isabelle não se tivesse sentido «desprezada» por causa do atraso. Lendo aquilo outra vez, por cima do ombro de Amy, sentiu os olhos encherem-se de lágrimas ante aquela franqueza (na opinião dela, imerecida). Os três filhos do casal Cunningham, entretanto crescidos, é claro, sabiam desde há uns anos da existência «da bebé». Ansiavam por conhecer a irmã mais nova; sobretudo Catherine, a mais velha. Era casada e vivia em Stockbridge, no Massachusetts, e acabara de ter um bebé. Os rapazes continuavam na Califórnia. («Já não lhe chamam Callie?», perguntou Amy. «Suponho que não», respondeu Isabelle, e continuaram a ler.) No último fim de semana de outubro, a família ia reunir-se em Stockbridge para o batizado do bebé de Catherine, e Evelyn gostaria de saber se Isabelle se importava de levar Amy lá para uma visita nesse fim de semana. Sabia que era um convite em cima da hora e terminava a carta com um pedido de desculpas: ao longo dos anos, pensara muitas vezes em Isabelle e «na bebé», mas durante algum tempo sentira-se em carne viva. Pedia desculpa. O tempo tudo muda, escrevia ela. Eram águas passadas. Por

isso, ela e os filhos desejavam dar as boas-vindas a Isabelle e «à filha de Jake». Esperava que Isabelle aceitasse o convite de se deslocar a Stockbridge e, se assim fosse, em breve poderiam encontrar-se-iam todos. Incluía o número de telefone de Catherine.

— Porreiro — disse Stacy. — Mas é capaz de ser uma seca. A família costuma ser uma seca.

Amy fumava o seu cigarro. Não contara a Stacy que aquelas pessoas eram mais do que familiares, que eram irmãos e irmãs. Não sabia porque não contara isso a Stacy, mas a verdade era que não o fizera e, entretanto, parecia-lhe descabido contar. Tinha dito apenas que naquele fim de semana iam visitar uns parentes perdidos do lado do seu pai. E acrescentou:

— Acho que a minha mãe está com medo que não gostem dela.

— Porque não haviam de gostar? — Stacy não estava muito interessada, mas era compreensível.

Amy encolheu os ombros.

— A minha mãe é um bocado tímida.

E o assunto ficou por ali.

Fumaram em silêncio; estava um dia nublado e frio de outono. A maioria das folhas encarnadas tinha já caído e jazia espalhada pelo chão, cobrindo pedras e fetos. Algumas árvores estavam totalmente despidas, e os seus ramos castanhos cheios de galhos finos destacavam-se contra o céu, mas outras tinham ainda folhas amarelas que restolhavam com as ocasionais brisas outonais.

Nunca falavam do bebé que Amy vira no berçário do hospital naquele verão. Nem tão-pouco de Paul Bellows, ou do cadáver de Debby Kay Dorne. Entre as duas raparigas manteve-se um profundo afeto, uma familiaridade que lhes permitia longos momentos de silêncio, mas a infelicidade urgente de Stacy desaparecera e, com frequência, quando fumavam ali no bosque, os seus pensamentos pareciam estar noutra parte. O mesmo se passava com os de Amy. Como que para compensar esse facto, tocavam-se amiúde, às vezes acariciando a mão uma à outra, encostando os ombros quando se sentavam no tronco, e, quando a campainha da escola tocava, arrumavam os cigarros e faziam uma breve pausa para se beijarem na face.

(«Caramba», murmurava Bev Gorda a Isabelle, no corredor da fábrica, «espero que faças boa viagem até lá.»)

Era o último dia do horário de verão. Na cidade, aqui e ali, havia

luzes acesas em várias cozinhas. Emma Clark tinha ido buscar uma chávena de café enquanto Avery lia o jornal na cama. Ned Rawley, tendo-se levantado para fazer chichi uns minutos antes, esticava então o braço por cima da sua mulher, Barbara. Do outro lado do rio, Dottie Brown dormia, tranquilizada pela perspectiva de ir passar o dia seguinte às compras com Bev; não tinha de estar sozinha. Isabelle Goodrow, sentada à mesa da cozinha, ouvia os ruídos de Amy a tomar duche no piso de cima e observava a luz que tocava as folhas amarelas do *ginkgo* do outro lado da janela (uma folha caiu, depois outra e mais uma), sabendo que quando voltassem a árvore estaria totalmente despida, porque os *ginkgos* perdiam as folhas todas quase de uma só vez.

Durante o resto da vida, recordaria aquele dia como se recordam os últimos momentos passados com uma pessoa amada, pois, de certo modo, no mais íntimo do seu ser, aquele parecia ter sido o dia em que Amy havia sido «sua» pela última vez. Na sua memória, as folhas seriam para sempre douradas, e a autoestrada estaria ladeada de árvores de folha dourada, banhadas pelo sol matutino e outonal.

Pararam no caminho para ir à casa de banho e o ar cortante e frio rodeou-as enquanto avançavam lado a lado, em silêncio; entraram à vez na casa de banho imunda, cada qual montando guarda à porta azul. Ao atravessarem o parque de estacionamento, Isabelle perguntou: «Tens fome, Amy? Queres comer alguma coisa?», e Amy limitou-se a abanar a cabeça, incapaz de falar, em virtude de uma compaixão repentina e silenciosa pela mãe. Na memória de Isabelle, contudo, para o resto da vida, aquela sacudidela indiferente da cabeça seria a prova de que tinha já perdido a filha; já então as suas mais básicas tentativas de cuidar dela como mãe (que mais elementar havia do que alimentar um filho?) estavam a ser descartadas; a filha sentia-se já entregue, ansiosa por ganhar asas.

Mais perto de Stockbridge, Amy disse que se sentia maldisposta e que talvez devessem parar e comer qualquer coisa. E foi num restaurante da cadeia Howard Johnson que um homem, em frente à caixa registadora, a pagar, olhou de relance para Amy e continuou a observá-la enquanto recebia o troco. Amy reparou nisso e viu-o sair do restaurante e virar a cabeça para olhar de novo para ela. Os seus olhares cruzaram-se através do vidro e, nessa fração de segundo, a vida de Amy Goodrow mudou novamente, pois apercebera-se de que os homens, os homens mais velhos, a achavam atraente, como aquele desconhecido, cujo cabelo começava a encanecer. Foi ali, num Howard Johnson na Route 93, que o desejo voltou a despontar nela, em conjunto com a noção de que era desejável, e a consciência, ainda

não totalmente formada, porém, de que o professor Robertson podia ser (era, na verdade) substituível, em última análise. Amy pensou nos seus seios, metidos no sutiã da Sears, sob a camisola de gola alta, os seios que oferecera e que voltaria a oferecer a homens cujos olhos se toldavam de desejo. Tal poder provocou-lhe um estremecimento, ali sentada em frente a Isabelle, que olhava para o menu e dizia: «Querida, talvez precisas de um ovo mexido.»

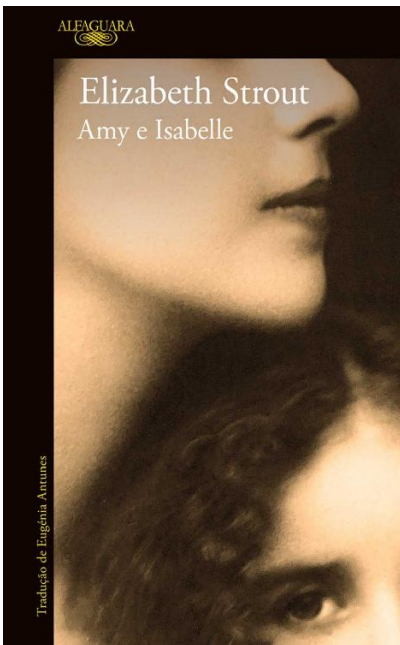
De volta ao carro, Amy e Isabelle olharam uma para a outra. Amy arqueou ambas as sobrancelhas e inspirou com força, como quem dizia: «*Okay*, vamos lá», e por um momento, mantiveram-se unidas, como se tivessem ambas concordado partir num foguetão e estivesse na altura da contagem decrescente. Durante anos, Isabelle recordaria aquele momento e desejaria ter-se pronunciado, ter dito à filha que a amava e que a amaria para sempre, porque, ao voltar à autoestrada, pareceu cada vez mais claro a Isabelle que era Amy que ia no foguetão e que partia para sempre, que Isabelle só estava ali naquele momento para pilotar a nave, para entregar a rapariga aos seus, aos irmãos e à família que era dela, e não de Isabelle.

Seguiram viagem, sem falar.

Sim, Isabelle recordar-se-ia daquela viagem, das folhas amarelas, do tom dourado do outono. Muito depois de Avery Clark ter morrido de ataque cardíaco, sentado à sua secretária no aquário, muito depois de Barbara Rawley ter sido presa por roubar cosméticos no valor de catorze dólares numa drogaria, anos depois de Wally Brown ter voltado a viver com Dottie, quando a própria Isabelle estava já casada há um tempo com o farmacêutico amável, lembrar-se-ia daquela viagem com Amy. Marcou para ela o final dos dias intermináveis da infância solitária de Amy, e dos dias intermináveis daquele verão terrível. Tudo o que em tempos havia sido interminável terminava por fim, e Isabelle, em diferentes lugares e diferentes momentos dos anos vindouros, encontrar-se-ia às vezes em silêncio e escutando dentro de si uma palavra que se repetia: «Amy». «Amy, Amy», chamava o seu coração. Aquela era a sua prece. «Amy», pensaria ela, «Amy», recordando o ar dourado e frio daquele dia.

Sobre este livro

Antes de Olive Kitteridge e de Lucy Barton, houve Amy — uma mãe distante — e houve Isabelle — uma filha insegura. Neste romance, Elizabeth Strout mergulha nos desafiantes laços e nós que compõem a relação complexa e melindrosa entre mães e filhas.



«Durante anos, fora esse o seu segredo: queria ter uma mãe diferente. Queria uma mãe bonita, que cumprimentasse as pessoas de modo caloroso. Queria uma mãe que se assemelhasse às mães nos anúncios de televisão. [...] não queria aquela mãe ali encurralada no bosque, naquela casa pequena.»

Isabelle Goodrow vive na pequena cidade de Shirley Falls com Amy, a

filha adolescente. Destaca-se das outras mulheres da comunidade pela maneira de agir e vestir, dando grande importância às aparências e à aprovação social. Contudo, atrás da fachada de decoro, a sua vida amorosa guarda um segredo inconfessável.

Amy, por seu lado, é uma rapariga tímida, com poucos amigos, encerrada numa casa claustrofóbica. Tem com a mãe uma relação tensa, minada pelas coisas não ditas e pelas incompreensões mútuas. Com a adolescência — e a chegada de um novo professor — vem o despertar para os prazeres da paixão e o mergulho numa relação proibida. Depois de um instante fatídico, nada será como antes, e o mundo de Amy e de Isabelle entram em rota de colisão.

Da autoria de uma das mais fulgurantes romancistas da atualidade, já distinguida com o Prémio Pulitzer, Amy e Isabelle é uma reflexão cristalina sobre família, desejo e traição, sobre a morte da ilusão e o medo de amar.

«Um daqueles livros raros e revigorantes, que partem de um mundo aparentemente familiar e o dissecam com implacável intimidade, revelando afinal um lugar estranho e inquietante.»

The New York Times Book Review

Sobre a autora

Elizabeth Strout nasceu em 1956 em Portland, nos Estados Unidos da América, e é uma das romancistas americanas mais aclamadas da atualidade. Além do sucesso mundial que obteve com o romance *Olive Kitteridge*, que lhe valeu o Prémio Pulitzer, recebeu ainda o Los Angeles Times Art Seidenbaum Award e o Chicago Tribune Heartland Prize pelo seu romance de estreia, *Amy e Isabelle*. Foi também finalista dos prémios PEN/Faulkner Award, Orange Prize e International Dublin Literary Award, no Reino Unido.

Na Alfaguara, além de *Amy e Isabelle*, estão publicados outros seis romances de Elizabeth Strout, em torno de duas personagens centrais da sua obra.

A escritora Lucy Barton é a protagonista de *O meu nome é Lucy Barton* (finalista do Booker Prize), *Tudo é possível* (vencedor do Story Prize), *Oh, William!* e *Lucy à beira-mar*, todos eles aclamados pela crítica. A personagem mais célebre da autora está no centro do romance homónimo, *Olive Kitteridge* — vencedor dos prémios Pulitzer, Llibreter, Bancarella y Mondello e adaptado a uma aclamada série de televisão — e de *A segunda vida de Olive Kitteridge*.

A escritora vive entre Nova Iorque e Portland.